

Universidade Federal de Uberlândia

Gabriela Almeida Diniz

Sexualidade na internet: a publicação em *blogs* de professores/as de  
Ciências e Biologia

Uberlândia - MG  
2015

Gabriela Almeida Diniz

Sexualidade na internet: a publicação em *blogs* de professores/as de  
Ciências e Biologia

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal de Uberlândia,  
linha de pesquisa Educação em Ciências  
e Matemática, como exigência parcial  
para obtenção do título de Mestra em  
Educação

Área de concentração: Educação em  
Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva

Uberlândia – MG  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

D585s      Diniz, Gabriela Almeida, 1988-  
2015      Sexualidade na internet: a publicação em blogs de professores/as de  
ciências e biologia / Gabriela Almeida Diniz. - 2015.  
215 f. : il.

Orientador: Elenita Pinheiro de Queiroz Silva.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Educação.  
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Blogs - Teses. 3. Sexo - Teses. 4. Educação -  
Biologia - Teses. I. Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz, 1965-. II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Educação. III. Título.

---

CDU: 37

Sexualidade na internet: a publicação em *blogs* de professores/as de  
Ciências e Biologia

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal de Uberlândia,  
linha de pesquisa Educação em Ciências  
e Matemática, como exigência parcial  
para obtenção do título de Mestra em  
Educação

Uberlândia, 08 de maio de 2015

---

Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (Orientadora)

---

Profa. Dra. Graça Aparecida Cicillini (UFU)

---

Profa. Dra. Raquel Pereira Quadrado (FURG)



*Aos que se arriscam a se aventurar junto a mim pelas viagens desta vida.*

## AGRADECIMENTOS

Junto as crianças (re)começo a sentir o mundo, junto aos velhos/as (re)construo caminhos, junto aos jovens (com)partilho sentimentos, pensamentos. A todos/as que vivem junto comigo a simplicidade da vida, e, o constante (re)criar de nós mesmo, minhas palavras de Gratidão:

Agradeço primeiramente aos meus familiares próximos por serem sempre meu porto mais seguro, sigo segura por sentir que a força da nossa família é da escala do infinito. Agradeço a vocês por todos os momentos compartilhados no emaranhado de nosso cotidiano e, sobretudo, por cada gesto que me instiga a acreditar em mim. Sou grata:

-À vocês meus Pais: Neide e Omar pelo amor dedicado a “miúda”.

-À vocês meus Irmãos: Laura e Alexandre por sempre lembrarem de mim e dividirem os bons e maus momentos comigo.

-Aos meus amados sobrinhos: Álvaro e Lucas por trazerem o encanto do novo e aceitarem essa Tia destrambelhada que tanto os ama.

-Aos meus Cunhados: Thiago e Jéssica por contribuir com a nossa família com alegria e paciência.

-Aos meus Avós paternos: Mirza e Julmar por estarem sempre presentes, com dedicação, carinho, humildade e ensinando que todos somos diferentes e iguais.

-Aos meus/minhas Tios/as: Regina, Jorge, Miriam, Mirzinha e Virginia por contribuírem sempre com a educação e o fortalecimento de nossa família.

-Aos meus/minhas Primos/as: Fernando, Andrea, Eduardo, Bruna, Daniela e Amanda pelas brincadeiras, sorrisos, brigas e choros de nossas infâncias, pelas baladas de nossa juventude e por sempre estarem dispostas a uma conversa sincera e amorosa.

-Aos meus Avós maternos: Neuza e Antenor (in memoriam)

-E aos demais familiares que, nos encontros ocasionais me fazem perceber que o sentimento de família pode superar as distâncias e as saudades.

Agradeço as pessoas que compartilharam comigo os corredores, as salas de aula e os espaços da Universidade. Procurei neste espaço a atmosfera que me encantou quando era criança e brincava nas aulas e laboratórios que meus pais trabalhavam. Hoje, posso dizer que achei aquele encanto na beleza do saber inesperado que aconteceu cada vez que nos reunimos. Por isso sou grata aos momentos compartilhados com:

-À professora e minha orientadora Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva por ter me ensinado a aceitar. Aceitar um trabalho conjunto com todos suas dificuldades e maravilhas e a aceitar um outro tempo, um tempo que escapa a rigidez dos calendários ou dos relógios. Agradeço também pelo carinho demonstrado durante esta etapa da minha vida. A gostosa sensação de estar perto de você será sempre recordada (voltará a passar pelo coração), quando eu colocar na boca algo que me faça lembrar as deliciosas refeições compartilhadas ou quando perceber gestos gentis que me fazem sentir parte de uma família. Agradeço por ter acreditado em mim e, em nosso trabalho conjunto. Agradeço por ter me instigado a pensar que nossos corpos acontecem para além da

linguagem, mas quando as palavras nos atravessam dizemos inevitavelmente em comunhão.

-As professoras que contribuíram com a etapa de qualificação: Dra. Graça Aparecida Cicillini e Dra. Mirna Tonus. Agradeço pela valiosa atenção dedicada a este trabalho de pesquisa

-A professora Raquel Quadrado por ter aceitado contribuir com a pesquisa participando da banca examinadora.

-Os/as colegas do GPECS pelas importantes trocas teóricas, pelas aventuras nas escolas de educação básica e pelo respeito e companheirismo na luta. Para citar alguns: Sandro Prado Santos (meu primeiro e eterno orientador, sou eternamente grata por ter me mostrado esse caminho a alguns anos atrás), Bill Robson, Fátima Dezopa, Patrícia Lemos, Gabriela Moraes, Bárbara Gaia, Thiago Crepaldi, Lauana Araújo, Jovania Teixeira e Jacqueline Gonçalves.

-As/os professoras/es, alunos/as e técnicos do PPGED/UFU pelo companheirismo e contribuição na minha formação acadêmica. Para citar alguns: Prof. Dr. Armino Quillici Neto, Prof. Dra. Selva Guimarães Fonseca, Prof. Dr. Narciso Telles, James Mendonça e Fabíola Fonseca, Dalila Ferreira. Na oportunidade também agradeço a todos os/as Professores/as que participaram da minha formação e da minha experiência na Educação.

-Os/as colegas que compartilhei refeições no Restaurante Universitário. Vocês fizeram alegres os momentos das minhas refeições, momentos importantes de escape da solidão.

Agradeço aquelas pessoas que posso chamar de Amigos/as, pois cruzaram meu caminho, e, por escolha permaneceram nele. A vocês sou grata por sentir a liberdade de ser e compartilhar o simples prazer de (con)viver, e, desejo a vocês o eterno gozo da vida. Gratidão:

- À Barbara Jahn, pelos longos anos de companheirismo e pelas importantes contribuições neste trabalho. À Clarice Bertoni, Carolina Bernardes e Marcella Freitas pela amizade sincera.

-À minha “família” Angoleira, construída no prazer em jogar/lutar/dançar e dialogar através da Capoeira Angola: Fernanda Arantes, Saturnino Militão, Paola Fonsêca, Juliana Maltos, Felipe Potiguá, Marco Nagoa, Eduardo Prado, Lucas Goulart e Thaísea Mazza. A vocês agradeço profundamente pela transformação que ocorreu na minha vida através dos ensinamentos da Capoeira que nos atravessam. Nas nossas rodas a roda da minha vida se transforma. Desejo que continuemos sempre a nossa vadiação. Os louvo: “Iê viva meus Mestres, Iê vive minhas Mestras, Iê aos quem me ensinam...”.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que viabilizou, por meio de bolsa, minha total dedicação no desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço, por fim, a todos/as que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, pois mesmo sendo invisíveis neste momento, carrego em mim a gratidão de cada gesto, olhar e palavra amorosa que tanto me ajudou. Minha mais sincera Gratidão.

*"Assovia o vento dentro de mim. Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo dono de minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a contra - vento, e sou o vento que bate em minha cara"*

## RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, na Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática. A pergunta que movimentou a pesquisa foi: quais discursos sobre sexualidade atravessam as publicações de *blogs* de professores/as das Ciências Biológicas? Para tanto, o objetivo geral traçado foi o de analisar os discursos sobre sexualidade constitutivos das publicações de *blogs* de professores/as de Ciências Biológicas, e os objetivos específicos foram: levantar *blogs* de professores/as da área de Ciências Biológicas com publicações sobre sexualidade; verificar as formas pelas quais os/as autores/as dos *blogs* selecionados apresentam publicações relacionadas à sexualidade; e levantar os discursos sobre sexualidade que atravessam as publicações. A investigação, de caráter qualitativo, tomou os *blogs* dos/as professores/as de Ciências e Biologia como campo investigativo, observando a constituição e identificação acerca do modo como a sexualidade é apresentada, e analisando os enunciados das publicações. Na investigação, foram utilizados aspectos metodológicos da análise cultural e da análise de discurso foucaultiana. A partir do levantamento realizado nos *blogs*, analisou-se o discurso da didatização das sexualidades, o discurso científico em diálogo com o discurso midiático, o discurso da saúde/doença e da (a)normalidade e o discurso da linearidade sexo-gênero-sexualidade. A análise permitiu aproximações das estratégias contemporâneas utilizadas para colocar em ação o dispositivo da sexualidade em espaços midiáticos como os *blogs* em diálogo com novas formas de subjetivação, de ser e estar de homens e mulheres.

Palavras-chave: *Blogs*. Sexualidade. Biologia.

## ABSTRACT

This work was developed within the Graduate Program in Education of the Federal University of Uberlândia - UFU, in the research area Education in Science and Mathematics. The question that motivated the research was: Which discourse about sexuality are in the publications of Biological Science teacher's blogs? Therefore, this study aimed: to locate teacher's blogs the area of Biological Sciences containing publications about sexuality; to verify the ways the authors of the selected blogs present publications related to sexuality; and to survey the discourses about sexuality crossing publications. The qualitative type research, considered the Science and Biology teacher's blogs as an investigative field, observing the constitution and identification of how sexuality is presented, and analyzing the wording of statements. In the investigation, we used methodological aspects of cultural analysis and Foucault's discourse analysis. From the blog survey several aspects were analysed: (i) the discourse of didactization of sexualitiy, (ii) the scientific discourse in dialogue with the media discourse, (iii) the discourse of health / disease and (ab)normality and (iv) the discourse of sex-gender-sexuality linearity. The analysis allowed approximations of contemporary strategies used to put into action the sexuality device in media spaces such as blogs in dialogue with new forms of subjectivity, of being of men and women.

Keywords: Blogs. Sexuality. Biology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1:	Marcas das interfaces de <i>blogs</i> .....	P.73
FIGURA 2:	Página de acesso ao <i>blog</i> “Simbiótica” .....	P.74
FIGURA 3:	Link “Quem somos” no <i>blog</i> “Simbiótica”.....	P.75
FIGURA 4:	Página Inicial do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.93
FIGURA 5:	Página Inicial do <i>Blog</i> “Biologia Total” .....	P.95
FIGURA 6:	Organização do conteúdo do <i>blog</i> “Tudo de Bio” .....	P.97
FIGURA 7:	Página Inicial do <i>Blog</i> “Planeta Bio” .....	P.98
FIGURA 8:	Extrato da Página Inicial do <i>blog</i> “Fabiano Biologia”.....	P.98
FIGURA 9:	Publicação Fala Sério ou Com certeza do <i>blog</i> : “Dicas de Ciências”. P.108	
FIGURA 10:	Publicação “Educação Sexual – Para Professores”, <i>blog</i> : “Dicas Ciências” .....	P.110
FIGURA 11:	Publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos” do <i>blog</i> “Diário de Biologia.....	P.112
FIGURA 11a:	Imagens da publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos” do <i>blog</i> “Diário de Biologia” .....	P.114
FIGURA 11b:	Enquete da publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.115
FIGURA 11c:	Resultado da enquete na publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos” do <i>blog</i> “Diário de Biologia.....	P.116
FIGURA 12:	Publicação “Qual é o sexo do seu cérebro?”, <i>blog</i> : Dicas de Ciências	P.119
FIGURA 13:	Publicação “A Base Científica da Traição: Ciência pode explicar por que homens e mulheres traem” do <i>blog</i> “Tudo de Bio” .....	P.120
FIGURA 14:	Publicação “A Ciência do Beijo” do <i>blog</i> “Biologia Total”.....	P.121
FIGURA 15:	Publicação Por que os homens traem? O efeito Coolidge explica” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.123
FIGURA 16:	Publicação “Sete coisas para você ser mais feliz” do <i>blog</i> “Biologia total” .....	P.126
FIGURA 17:	Publicação “Hepatite B pode ser sexualmente transmissível mesmo para pessoas vacinadas” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.130

FIGURA 18:	Publicação “Diminuindo Riscos: Gel pode reduzir contaminação por HIV em 54%, diz teste” do <i>blog</i> “Tudo de Bio”.....	P.132
FIGURA 19:	Publicação “Banana X Aids: Proteína da banana pode prevenir transmissão sexual da aids” do <i>blog</i> “Tudo de Bio”.....	P.133
FIGURA 20:	Publicação “Proveta e Saúde” do <i>blog</i> “Tudo de Bio”.....	P.135
FIGURA 21:	Publicação “Mãe fumantes afetam o DNA de seus bebês” do <i>blog</i> “Eu quero Bio”.....	P.137
FIGURA 22:	Publicação “Desligando’ o cromossomo que causa Trissomia do 21” do <i>blog</i> “Dicas de Ciências”.....	P.138
FIGURA 23:	Publicação “MRKH: Mulheres que não possuem abertura vaginal” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.140
FIGURA 24:	Publicação “Síndrome rara faz com que mulheres tenham centenas de orgasmos por dia” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.141
FIGURA 25:	Publicação “Este Homem que ficou grávido por três vezes e se prepara para gerar o quarto filho” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.143
FIGURA 26:	Publicação “Homem casado sente dores no estômago, vai ao médico e que descobre... que é mulher” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.144
FIGURA 27:	Publicação “Entenda como ocorre Cirurgia de troca de sexo” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.146
FIGURA 27a:	Esquema utilizado na publicação “Entenda como ocorre Cirurgia de troca de sexo” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.147
FIGURA 28:	Publicação “Como seriam os relacionamentos humanos se nós usássemos rituais de acasalamento dos animais?”, do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.150
FIGURA 28a:	Imagem intitulada “Bonobo” da publicação “Como seriam os relacionamentos humanos se nós usássemos rituais de acasalamento dos animais?” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.151
FIGURA 29:	Publicação “Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas” do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.152
FIGURA 29a:	Figura 32a – Imagem ilustrativa da publicação “Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas”, do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.153
FIGURA 29b:	Imagem ilustrativa da publicação “Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas”, do <i>blog</i> “Diário de Biologia”.....	P.154



FIGURA 29c Imagem ilustrativa da publicação “Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas”, do *blog* “Diário de P.155 Biologia.....

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1:	<i>Websites</i> relacionados à Sexualidade indicados pelos livros de Biologia aprovados pelo PNLD/2012.....	P.70
GRÁFICO 2:	<i>Blogs</i> com publicações sobre Sexualidade.....	P.78
GRÁFICO 3:	Classificação da autoria dos <i>blogs</i> .....	P.87
GRÁFICO 4:	Perfil de gênero da autoria dos <i>blogs</i> .....	P.88

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Repercussão das publicações sobre sexualidade.....	P.90
--------------------------------------------------------------	------

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1:	Terminologias referentes à etnografia nos meios digitais.....	P.66
-----------	---------------------------------------------------------------	------

## LISTA DE ESQUEMA

ESQUEMA 1: Passos dados na delimitação no universo de <i>blogs</i> investigados na pesquisa.....	P.76
ESQUEMA 2: Organização do conteúdo do blog “Diário de Biologia” .....	P.94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBC	Conteúdo Básico Comum - Minas Gerais
CG	Comitê Gestor da Internet no Brasil
DPNs	Domínios de Primeiro Nível
DSTs	Doenças sexualmente transmissíveis
FACED/UFU	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia
FACIP /UFU	Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
GPECS	Grupo de Pesquisa e Estudo Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação
IEMG	Instituto Mineiro de Educação de Minas Gerais
LD	Livro Didático
MEC	Ministério da Educação - Brasil
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPGED/UFU	Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia
SRE	Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
URL	Uniform Resource Locator
WWW	World Wide Web

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	P. 19
1 A SEXUALIDADE, O DISCURSO E A INTERNET.....	P. 19
1.1 As produções acerca da temática corpo, sexualidade, ambientes virtuais e educação em Ciências e Biologia.....	P. 29
1.1.1 Trabalhos localizados no GT-23 da ANPED.....	P. 29
1.1.2 Trabalhos localizados no PPGED/UFU.....	P. 37
1.1.3 Trabalhos localizados no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).....	P. 42
1.2 O conhecimento sobre a sexualidade dentro e fora da escola .....	P. 47
2 CULTURA E INTERNET: CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	P. 63
2.1 Valores, Sentidos e Significados e as opções metodológicas.....	P. 63
2.2 O universo observado: como chegamos aos blogs? .....	P. 69
2.3 Processo de reconhecimento dos <i>blogs</i> .....	P. 78
2.4 Os <i>blogs</i> e seus/as usuários/as.....	P. 83
2.4.1 Informações preliminares.....	P. 83
2.4.2. Os <i>blogs</i> de professores/as de Biologia, campo de nossa pesquisa.....	P. 85
2.4.3. A função comunicativa dos <i>blogs</i> .....	P. 89
3 <i>BLOGS</i> ? A SEXUALIDADE ESTÁ NAS REDES.....	P. 93
3.1 A localização do tema sexualidade nos <i>blogs</i> .....	P. 93
3.2 O dito e o não dito sobre sexualidade nas publicações dos <i>blogs</i> .....	P. 100
3.2.1 A didatização das sexualidades.....	P. 100
3.2.2 Diálogo entre o discurso científico e o discurso da mídia como estratégia contemporânea da sexualidade .....	P. 117
3.2.3. O binarismo saúde/doença, a produção da sexualidade e do corpo (a)normal.....	P. 128
3.2.4. A estratégia “sexo-gênero-sexualidade/ “viagem planejada” .....	P. 152
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	P. 158
REFERÊNCIAS.....	P. 164
ANEXOS.....	P. 172

## INTRODUÇÃO

A sexualidade tem sido parte integrante do currículo da escola. Tem sido, também, um dispositivo na construção dos/as sujeitos/as, por meio de enunciados do campo de conhecimento biológico, dentre outros que pensam e fazem pensar o corpo humano e seu sexo, auxiliando na produção de sentidos e significados, discursos e sujeitos.

A ideia da sexualidade como dispositivo está presente na obra *História da sexualidade I - a vontade de saber*, do filósofo francês Michel Foucault (2014). O autor expõe:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2014, p. 115).

Foucault defende que a preocupação com o sexo se ampliou ao longo do XIX, e podemos afirmar que, até o presente momento, várias são as estratégias de atuação sobre o corpo de homens, mulheres e crianças: “De fato, trata-se, antes, da própria produção da sexualidade” (FOUCAULT, 2014, p.115). O filósofo apresenta-nos ainda o dispositivo de aliança (sistema de matrimônio, de parentesco, de transmissão de nomes e bens), que “[...] perdeu importância à medida que os processos econômicos e as estruturas políticas passaram a não mais encontrar nele instrumento adequado ou um suporte suficiente”, e a instalação de um novo dispositivo que se superpõe ao de aliança, inventado pelas sociedades modernas: o dispositivo de sexualidade. Este

[...] funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder; [...] engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle; [...] se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal – corpo que produz e consome. [...] tem, como razão de ser, não o reproduzir mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 2014, p.116).

A noção de dispositivo, que trabalharemos em outro momento neste texto, diz respeito a uma rede de relações multilinear que pode ser instaurada entre elementos heterogêneos. O dispositivo estabelece a “natureza dos nexos entre esses elementos” (CASTRO, 2009, p.123), tem uma função estratégica respondente a uma urgência histórica e participa da produção de sujeitos.

Sobre dispositivo, Castro (2009, p. 124) aponta:



1) O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. 2) O dispositivo estabelece a natureza do nexo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. 3) Trata-se de uma formação que, em um momento dado, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim, uma função estratégica. 4) Além da estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo se define por sua gênese.

Compreendendo dispositivo como rede de relações entre elementos heterogêneos, Foucault tomou a sexualidade como um dispositivo. Nessa percepção, encontramos o discurso sobre o sexo, enunciados de diversos campos do saber, como a Medicina, a Biologia, elementos de proposições morais que nos dizem sobre o sexo, sobre o certo ou errado, o dito e o não dito.

Para Foucault (2014), ao dizer sobre o sexo, a sexualidade é colocada em ação enquanto dispositivo produzido na relação poder-saber entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos, criando, então, redes de relações de elementos heterogêneos, como os discursos que atuam sobre os corpos, as instituições e as proposições morais. Ele aponta que, há quase 150 anos, esse complexo dispositivo foi instaurado para produzir verdades sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a História, pois veicula a velha injunção da confissão aos métodos da escuta clínica. Neste processo, os discursos são elementos centrais, instaurando-se, sobretudo, no século XX, quando o sexo se tornou objeto de estudo das Ciências, a “*scientia sexualis*” (FOUCAULT, 2014, p.77).

Nos discursos das disciplinas escolares, em seus currículos, o sexo e a sexualidade sempre estiveram presentes. Se direcionarmos o olhar para o currículo da área de Educação em Ciências<sup>1</sup>, um dos temas essenciais é o corpo humano, e, ao estudá-lo em sua fragmentação, um dos sistemas que têm destaque, ocupando aulas, unidades letivas e capítulos de livros didáticos, é exatamente o que hoje se denomina sistema genital. Ao se tratar do sistema genital, fala-se da reprodução humana, tema tradicionalmente associado (por vezes identificado) à sexualidade. Ao se abordar a reprodução, fala-se do sexo, e, assim, o dispositivo da sexualidade é posto em prática por professores/as de Ciências/Biologia na instituição escolar.

As pesquisas de Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (2010, 2012) fazem pensar sobre como os currículos integram a relação de poder-saber que produzem o discurso da sexualidade, no caso das Ciências e Biologia na escola. Em seu trabalho de doutorado, a autora problematizou a proposta da temática sexualidade e cultura presente no Currículo

---

<sup>1</sup>No campo disciplinar, na escola, a Educação em Ciências diz respeito às disciplinas Ciências, no Ensino Fundamental, e Biologia, Física e Química, no Ensino Médio.

Básico Comum (CBC) do estado de Minas Gerais. Com a análise de entrevistas realizadas com professores/as de Ciências Biológicas, e através de sua experiência como professora de Biologia, Silva (2010, p. 152) aponta que “[...] o que se espera do/a professor/a de Biologia, em regra geral, é que seja o profissional da escola ‘encarregado’ de esclarecer, explicar tal temática”.

Instigadas pelas pesquisas de Silva (2010) e pelos saberes apontados por Foucault (2014), direcionamos o nosso olhar para pensar a sexualidade e a educação em Biologia na contemporaneidade. Com o apoio de Paula Sibilia (2012), Marisa Vorraber Costa (2006) e Rosa Maria Bueno Fischer (2006), entre outros/as, fomos conduzidas a pensar que, em nosso tempo, os espaços educativos estão para além das instituições escolares, pois “[...] atravessam suas paredes e chegam às redes virtuais” em espaços criados por professores/as, como os *blogs* (SIBILIA, 2012, p. 172). Espaços de discursos que, “[...] com seus saberes históricos dos mais diferenciados campos”, “[...] produzem delicados processos de subjetivação, sobre os quais ainda pouco sabemos” (FISCHER, 2006, p. 75). Assim, a pesquisa sobre tais espaços pode contribuir com a produção de saber sobre a sexualidade e a Educação em Ciências.

Destacamos que os/as autores/as supracitados/as, assim como Tomaz Tadeu da Silva (2011), Guacira Lopes Louro (1997), Dagmar Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012), Edvaldo Souza Couto (2012), favoreceram a reflexão acerca dos discursos sobre a sexualidade das/nas escolas, agora nas redes, uma vez que são autoras e autores que problematizam o tempo e a sociedade contemporânea, suas instituições e os dispositivos de atuação sobre os sujeitos e seus corpos.

Diante do exposto, a questão que emergiu como orientadora para nossa investigação de mestrado foi: quais discursos sobre sexualidade atravessam as publicações de *blogs* de professores/as das Ciências Biológicas?

Decorrente da questão, o objetivo geral traçado foi o de analisar os discursos sobre sexualidade constitutivos das publicações de *blogs* de professores/as de Ciências Biológicas, e os objetivos específicos foram: levantar *blogs* de professores/as da área de Ciências Biológicas com publicações sobre sexualidade; verificar as formas pelas quais os/as autores/as dos *blogs* selecionados apresentam publicações relacionadas à sexualidade; e levantar os discursos sobre sexualidade que atravessam as publicações. Para elucidar como chegamos ao questionamento e aos objetivos que nortearam esta investigação, apresentamos a seguir nosso envolvimento pessoal com a temática e os caminhos que nos conduziram à constituição da pesquisa. Para tanto, conforme organizamos, no bloco seguinte a escrita será em primeira pessoa.

## **Envolvimento pessoal com o tema e projeto de pesquisa**

Pensando no envolvimento pessoal com a temática da sexualidade, remeto-me a minha história de vida, iniciando com meu nome. Quando me apresento a alguém, muitas vezes escuto um trecho da música “Modinha para Gabriela”, de Dorival Caymmi (1975): “Eu nasci assim, eu cresci assim, eu vou ser sempre assim, Gabriela, sempre Gabriela. Quem me batizou, quem me nomeou, pouco me importou, é assim que eu sou, Gabriela, sempre Gabriela”.

Pensar em meu nome, em quem me batizou, em quem me nomeou, duvidar de que nasci assim, de que cresci assim e de que serei sempre assim, tudo isso me fez começar a entender o meu interesse em estudar e investigar as questões relativas à sexualidade. Meu nome seria Gabriel, se a expectativa de minha mãe de seu terceiro filho ser um menino fosse concretizada. No entanto, nasci com dois cromossomos X<sup>2</sup>, o que foi decisivo para ela acrescentar o “A” em meu nome.

Essa história me foi contada inúmeras vezes por meus pais, tios/as e avós que saudavam a vinda da menina, Gabriela, coisa que para eles/as foi diferente, uma vez que na família já havia o Gabriel, meu primo que nascera dois meses antes de mim. Ao ouvir repetidamente essa história, algumas questões me foram surgindo. Dentre elas, a percepção do modo como fui me tornando Gabriela, menina, branca, filha e neta de educadores/as, pertencente a uma determinada classe social. Tal percepção surgiu, primeiramente, de forma aleatória. Depois, com as leituras e o amadurecimento, percebi que a história do meu nome dizia respeito à marcação da sexualidade e do gênero. Minha história, articulada às leituras que passei a realizar, levou-me a pensar sobre a sexualidade e a linguagem, o modo como as palavras, os nomes constituem os sujeitos social, econômica e culturalmente. E em como, pela linguagem, as distinções sociais, econômicas e culturais são naturalizadas; como se fossem dadas pela natureza e nosso papel fosse apenas aceitá-las.

Pensar de modo sistemático sobre a linguagem e a sexualidade foi experiência desencadeada por autores/as que encontrei ao longo de meus estudos, como Guacira Lopes Louro (1997, p. 65), por exemplo, que, em um de seus textos, afirma:

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo

---

<sup>2</sup>Esclareço que a base genética define o sexo biológico na espécie humana. O macho é o que nasce com cromossomos sexuais XY, e a fêmea, com os cromossomos sexuais XX.

mais eficaz e persistente –tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito “natural”.

Essa naturalização pelas e das palavras, distinguindo meninos e meninas, citada por Louro (1997), possibilitou-me refletir sobre frases que escutava no cotidiano, como “*isso não é coisa de menina*”, ou relatos de situações de violência acarretada por homens sobre as mulheres. E, também, a utilização das diferenças biológicas, como o cromossomos XX e os cromossomos XY, ferramentas da ciência que têm sido utilizadas para marcar, respectivamente, o corpo da mulher e do homem.

Assim, começo a entender a existência de discursos e práticas que utilizam conceitos criados no campo de conhecimento das Ciências Biológicas. Tais conceitos ultrapassam as fronteiras da Biologia e permeiam (são apropriados por) outros espaços sociais, são amalgamados a outros conhecimentos na construção da “verdade” sobre o gênero e sobre o sexo, participando do jogo da naturalização das distinções entre homens e mulheres.

As inquietações acerca do meu nome, somadas a outras, como aquelas associadas à minha trajetória como aluna da educação básica<sup>3</sup>, cada qual com suas especificidades, estão situadas em um conjunto de práticas educativas que distinguem meninas de meninos, pobres de ricos, brancos de negros. Práticas que participam do mecanismo de naturalização acerca dos corpos, dos gêneros, da sexualidade, enfim, dos modos como, no espaço social e cultural, os sujeitos são constituídos e se constituem.

Pensando nas práticas constituintes do espaço escolar, Louro (1997, p. 64) afirma que:

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores.

As práticas do espaço escolar que são constituídas pelas diferenças de gênero sexualidade e etnia – e que ao mesmo tempo as produzem, como aponta a autora – despertaram minha atenção. Assim, a educação e, particularmente, o interesse pelas práticas escolares sobre os corpos, fizeram-me optar por um curso superior de licenciatura.

---

<sup>3</sup>Nasci na cidade de Ituiutaba - MG, porém, com poucos meses, minha família mudou-se para a cidade de Campinas-SP, onde iniciei meus estudos na Escola de Primeiro Grau “Curumim”. Aos cinco anos, retornei à cidade de Ituiutaba, continuando os estudos na escola da minha avó: Escola Infantil e de Ensino Fundamental I “Raio de Sol”. Após o término do Ensino Fundamental I, passei a estudar no Colégio “Anglo”, no entanto, quando finalizei a 5ª série (atual 6º ano) do Ensino Fundamental, minha família teve a oportunidade de se mudar para Portugal, onde pude fazer a 6ª série (em Portugal, corresponde a 7º ano). Retornei para Ituiutaba e ao Colégio “Anglo”, onde fiz apenas a 7ª série (8º ano), pois no ano seguinte minha família mudou-se novamente, agora para a cidade de Belo Horizonte – MG. Nesta cidade, fiz a 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental II e o 1º ano do Ensino Médio na Escola “Pitágoras – Timbiras”. Transferi-me para o Colégio “Marista – Dom Silvério” no 2º ano do Ensino Médio e concluí meus estudos no Instituto Mineiro de Educação de Minas Gerais (IEMG).

Graduei-me em Ciências Biológicas, assim como minha mãe. Realizei o meu curso na Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP/UFU). Ao longo do curso superior, mesmo compreendendo e admirando as disciplinas ditas tradicionais, não me satisfiz com os saberes despertados pela Microbiologia, Genética, Bioquímica e Ecologia, com as quais realizei estágios e trabalhos de pesquisa. Devido a isso, comecei a procurar, dentro do curso, outras áreas e temas, e cheguei à disciplina “Educação, Saúde e Sexualidade”<sup>4</sup>. Nela, encontrei a temática que possibilitaria a procura da articulação entre o conhecimento biológico, a educação escolar, os corpos, o sexo e a sexualidade.

As leituras que realizei ao longo da disciplina possibilitaram-me a compreensão de que as Ciências Biológicas, ao dizerem sobre os corpos, seus órgãos genitais, seus estados de saúde e de doença, seus prazeres, suas possibilidades de ação, colocam o sexo em discurso e acionam o dispositivo da sexualidade. Afinal, este é o correlato de práticas discursivas desenvolvidas lentamente ao longo da história, e a Biologia, enquanto disciplina escolar, constrói e divulga certos saberes, de modo que: “[...] os saberes que a Biologia escolar apropria e apresenta na escola fazem parte tanto das produções subjetivas quanto são componentes das diferenças culturais, comportamentais e históricas” (SILVA, 2010, p. 34).

Na condição de estudante de graduação e docente de uma escola pública em Ituiutaba – MG, comecei a investigar as possibilidades de realização de trabalho a sexualidade, como, por exemplo, as imagens presentes nos LDs dos anos finais do Ensino Fundamental, mais utilizados pelos/as professores/as de Ciências Naturais na cidade e região, no ano de 2011. Realizei, então, um estudo que resultou no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)<sup>5</sup>.

Para o TCC, fiz leituras de textos do campo dos estudos de gênero, corpo, sexualidade e educação de autores e de autoras diversos/as, dentre eles/as: Michel Foucault (1992), Joan Scott (1995), Guacira Lopes Louro (1997), Dagmar Meyer (2008) e Deborah Britzman (1996). Somaram-se a esse conjunto os textos de autoras que discutem as relações de gênero e o ensino de Ciências, como Daniela Auad (2006) e Cláudia Cristine Moro (2001); textos do campo dos Estudos Culturais, tais como os de Stuart Hall (2000), Tomaz Tadeu da Silva (2000) e, ainda, autores/as que discutem os Estudos Culturais da Ciência, como Maria Lúcia Castagna Wortmann e Alfredo Veiga-Neto (2007).

---

<sup>4</sup>Ministrada pelo professor Me. Sandro Prado Santos, no ano de 2010, no curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP/UFU).

<sup>5</sup>O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado sob a orientação do Prof. Me. Sandro Prado Santos, no ano de 2011, na Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia. A questão norteadora do trabalho foi: que representações imagéticas, relacionadas aos diferentes gêneros, estão contidas nos Livros Didáticos de Ciências?

O TCC na graduação também me conduziu ao estudo e contato com os documentos oficiais da área de educação e do ensino de Ciências, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998), o Currículo Básico Comum – CBC (MINAS GERAIS, 2008) e o Guia de Livros Didáticos do Programa Nacional do Livro Didático de Ciências PNLD – Ciências (BRASIL, 2011). Incluíram-se, aí, as leituras das obras didáticas.

A partir do TCC e da experiência como docente na área das Ciências Biológicas e como analista pedagógica<sup>6</sup>, fui conduzida à continuidade dos estudos sobre a temática da sexualidade em LDs. Assim, elaborei uma proposta de projeto para submissão ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU), na linha de Educação em Ciências e Matemática, no ano de 2013, cujo título foi “Livro didático de Ciências Naturais: um olhar com os óculos das relações de gênero<sup>7</sup>”.

### **Do projeto apresentado na seleção ao projeto de pesquisa definitivo**

Como estudante do Programa, comecei a participar do grupo de pesquisa liderado por minha orientadora. Tive acesso às pesquisas por ela coordenadas, que investigavam a articulação entre conhecimentos biológicos, cultura e sexualidade em LDs aprovados pelo PNLD – Biologia/2012<sup>8</sup>, no Brasil e em manuais escolares portugueses de Biologia<sup>9</sup>. Dessa maneira, inseri-me no Grupo de Pesquisa e Estudo Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação (GPECS) e passei a integrar a equipe das pesquisas. O contato com os estudos e as pesquisas do grupo serviu de guia à reorientação do meu projeto inicial.

Com a participação nas pesquisas mais amplas, e considerando que a escola e a sala de aula são atravessadas por artefatos culturais, por outros espaços e dispositivos pedagógicos, a questão condutora deste trabalho vincula-se à produção de professores/as de Biologia, sujeitos de discursos sobre sexualidade, em outras instâncias para além do LD – neste caso, os *blogs*.

<sup>6</sup>Atuei no cargo de analista pedagógica de Ciências na Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba ao longo de 18 meses. Esse cargo fez parte do Programa de Intervenção Pedagógica da Secretaria de Educação de Minas Gerais e teve como objetivos implementar o Currículo Básico Comum (CBC) e realizar intervenções pedagógicas nas escolas da rede estadual, a fim de elevar os índices de educação do estado de Minas Gerais.

<sup>7</sup>Tal projeto foi aprovado para o ingresso no PPGED. Para a orientação, foi indicada pelo programa a professora Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, em função de seu campo de atuação na pesquisa. Assim, ingressei no mestrado acadêmico em Educação da UFU em abril de 2013.

<sup>8</sup>Os títulos das pesquisas são “Conhecimento biológico e culturas: uma análise das propostas metodológicas presentes nos livros didáticos de biologia selecionados no PNLD/2012”, cuja duração foi 2011-2013, e “Conhecimento Biológico, Cultura e Sexualidade: análise das propostas metodológicas em livros didáticos brasileiros e portugueses de Biologia”, com duração entre 2012 e 2014.

<sup>9</sup>Em Portugal, o termo “Manuais Escolares” corresponde à terminologia Livro Didático no Brasil.

A questão e objetivos de pesquisa emergiram da leitura e análise dos LDs de Biologia aprovados pelo PNLD – Biologia/2012 destinados ao/a professor/a, denominados Manual do Professor, no contexto das pesquisas desenvolvidas pelo GPECS. Na leitura e análise dos LDs, verificamos a indicação de textos complementares aos textos dos/as alunos/as<sup>10</sup>, relacionados à sexualidade. Aqueles textos, indicados no Manual do Professor, assim como os destinados aos/as alunos/as, são geralmente centrados na visão biomédica e em discussões anatômicas e fisiológicas. Nos manuais que analisamos, encontramos indicações de materiais complementares disponíveis em ambientes virtuais (portais da *Web*, sites governamentais e não governamentais, *blogs*, dentre outros).

Desse modo, através das indicações de *links* da *Web* dispostos nos Manuais dos Professores de Biologia, e por caminhos percorridos na internet, chegamos aos *blogs* de professores/as da área das Ciências Biológicas. A compreensão dos *blogs* como espaços educativos na sociedade contemporânea é possível, apesar de, à primeira vista, não serem considerados locais tradicionais de produção de conhecimentos escolares<sup>11</sup>.

Passamos a pensar os *blogs* como locais culturais, portanto, como locais de circulação e construção de conhecimentos, inclusive escolares, a partir do nosso diálogo com o campo dos Estudos Culturais. Assim, nos aproximamos de Leandro Belinaso Guimarães (2009) e Wortmann (2008), que afirmam a centralidade da cultura nos processos de construção e produção do conhecimento científico, afastando-nos da ideia de produção e circulação de conhecimentos vinculadas somente às instituições escolares de ensino. Eles destacam que o conhecimento biológico não se reduz à escola, à sala de aula e seus artefatos, como o LD, mas circula e é produzido por diversas instâncias educativas.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, Guimarães (2009, p. 35) aponta que “[...] um filme (bem como todo e qualquer artefato cultural), ao falar sobre biologia, estaria

---

<sup>10</sup>O PNLD destina LDs para alunos/as e para professores/as. Os livros dos/as professores/as (Manual do Professor) se diferenciam do livro do/a aluno/a, por trazer orientações ao/a professor/a além dos exercícios resolvidos, assim como esclarece o Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2012: “O manual do professor não poderá ser apenas cópia do livro do aluno com os exercícios resolvidos. É necessário que ofereça orientação teórico-metodológica e de articulação dos conteúdos do livro entre si e com outras áreas do conhecimento; ofereça, também, discussão sobre a proposta de avaliação da aprendizagem, leituras e informações adicionais ao livro do aluno, bibliografia, bem como sugestões de leituras que contribuam para a formação e atualização dos professores por possuírem um texto complementar ao texto do/a aluno/a, que orientará o professor/a, e assim será chamado de Manual do Professor” (BRASIL, 2009, p. 2).

<sup>11</sup>Compreendemos conhecimento escolar através dos apontamentos de Lopes (1999, p. 24): “[...] trata-se de um conhecimento selecionado a partir de uma cultura social mais ampla, que passa por um processo de transposição didática, ao mesmo tempo que é disciplinarizado e constitui-se no embate com os demais saberes sociais, diferenciando-se dos mesmos. O conhecimento escolar define-se em relação aos demais saberes sociais, seja o conhecimento científico, o conhecimento cotidiano ou os saberes populares.”

implicado na instituição, na produção discursiva dessa mesma biologia que estaria sendo narrada”. O autor considera que a Biologia é apropriada por diversos artefatos culturais.

Tomamos a noção de artefato cultural do campo teórico dos Estudos Culturais, como resultado de processos de construção cultural; uma invenção que se fabrica na correlação de múltiplos fatores sociais. Desse modo, interessou-nos entender as diferentes formas pelas quais os artefatos culturais, ou seja, “[...] as inúmeras práticas e instâncias sociais estão implicadas na produção discursiva da Biologia” (GUIMARÃES, 2009, p. 36).

Os *blogs*, pensados como espaços socioculturais, possibilitam a circulação de enunciados, produzem discursos que participam de processos educativos. Assim, podem ser pensados como artefatos culturais, carregados de inquietações, de sentidos e significados, com suas possibilidades de interação interpessoal e interação com os saberes. Um espaço de produção material atuante nos processos de subjetivação para pessoas que nele circulam, como, por exemplo, os/as professores/as na sociedade contemporânea.

Marilda Ionta (2010, p. 2), ao problematizar o *blog*, afirma que “[...] não devemos realizar uma conceptualização radical para este espaço, pois corremos o risco de enquadrar um objeto que em si é flexível, nômade, mutante e possui entradas múltiplas”. Ela sugere que podemos percebê-lo como dispositivo econômico, de lazer, de práticas sociais, como espaço de narrativa ligado à cultura digital, de interação social, de militância política, como um espaço que regula condutas e sentimentos.

Os *blogs* podem ser tomados como espaços possíveis para uma rede de relações entre elementos heterogêneos, pois apresentam materiais e enunciados diversos. Possuem proposições morais que regulamentam condutas, são constituídos de arquitetura própria e podem atuar no processo de subjetivação dos sujeitos. São espaços discursivos que compõem os processos de subjetivação na sociedade contemporânea.

Agamben (2009, p. 29) afirma que um dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve numa relação de poder; como tal, “[...] resulta do cruzamento de relações de poder e relações de saber.”. Pensar os *blogs* como dispositivo é, conseqüentemente, pensar nas relações de poder e saber que estas estão presentes neles e nos sujeitos na sociedade contemporânea.

A utilização de espaços como os *blogs* por professores/as responde às metamorfoses socioculturais ocorridas na metade do século XX, advindas do uso dos meios de comunicação como televisão, rádio e internet. Para Sibilia (2012, p. 51), “[...] o uso da parafernália informática e das telecomunicações, constitui as estratégias que os sujeitos contemporâneos



põem em jogo para se manter à altura das novas coações socioculturais, gerando maneiras inéditas de ser e estar no mundo.”.

Por isso, a reflexão sobre a educação escolar e as tecnologias eletrônicas e digitais, em espaços como a internet e os *blogs*, que fazem parte da cultura, agem e provocam efeitos sobre pessoas, é algo a ser considerado na investigação e entendimento acerca dos processos educativos. Trata-se de uma possibilidade de pensar a educação, as relações de poder e de saber que atuam e fazem parte dos novos modos de ser e estar no mundo.

Analisar as publicações sobre sexualidade nesses espaços é um recorte das possibilidades de discussão sobre o fazer de professores/as das Ciências Biológicas. Em razão disso, este trabalho volta-se para os discursos sobre sexualidade presentes em *blogs* de autoria de professores/as da área das Ciências Biológicas.

Salientamos que o presente texto de dissertação é o resultado do trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática, cujo percurso é parte do processo de formação como pesquisador/a, e está assim estruturado:

**Introdução**, que apresenta nossa inserção na temática, o problema e os objetivos de pesquisa no diálogo com pesquisadores/as e estudiosos/as da área.

**Capítulo 1**, que expõe os conceitos e as referências tomados acerca da sexualidade, do conhecimento escolar e dos *blogs*, indicando, portanto, os/as pesquisadores/as e estudiosos/as do campo dos estudos de corpo, sexualidade, gênero e educação utilizados por nós.

**Capítulo 2**, em que nos debruçamos sobre a descrição dos caminhos metodológicos, processos de análise utilizados na composição da pesquisa e, ainda, apresentamos informações sobre *blogs*, a caracterização geral dos sete (07) *blogs* analisados e a função comunicativa destes.

**Capítulo 3**, no qual expomos as análises que realizamos das publicações sobre sexualidade presentes nos *blogs* dos/as professores/as de Ciências Biológicas selecionado para a investigação.

Além desses capítulos, o/a leitor/a encontrará nossas **considerações finais, referências e anexos**.

Desse modo, convidamos todos/as a iniciar a leitura deste texto e se aventurar por entre seus dizeres.

## **1 A SEXUALIDADE, O DISCURSO E A INTERNET**

### **1.1 As produções acerca da temática corpo, sexualidade, ambientes virtuais e Educação em Ciências e Biologia**

No presente capítulo, apresentamos o levantamento de pesquisas na área de Educação em diálogo com as temáticas da sexualidade, da Educação em Ciências e dos ambientes virtuais. Sua realização teve como um dos motivos centrais: identificar nesses trabalhos as noções de sexualidade, os referenciais teóricos e as metodologias empregadas.

O levantamento foi realizado utilizando as palavras-chave “sexualidade, Biologia, internet” nas seguintes fontes: Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), trabalhos originados do GPECS e anais do Grupo de Trabalho (GT) de número 23 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED): “Gênero, sexualidade e educação”. Ao todo, destacamos dezesseis (16) publicações: cinco (05) teses de doutorado, três (03) dissertações de mestrado, seis (06) artigos e dois (02) capítulos de livros.

O levantamento é detalhado a seguir, sendo apresentado de acordo com a base de dados onde suas informações foram localizadas.

#### **1.1.1 Trabalhos localizados no GT-23 da ANPED**

Dentre os cento e vinte e seis (126) artigos publicados nos anais deste GT, de 2003 até 2013, foram selecionados aqueles que possuem aproximações com os objetivos desta pesquisa.

O GT- 23 completou, no ano de 2013, 10 anos de sua existência, constituindo-se num território de múltiplos olhares sobre os temas que circundam gênero, sexualidade e Educação, mostrando como concepções e perspectivas teóricas vêm se transformando nos últimos anos. Ribeiro e Xavier Filha (2013, p. 11) destacam:

Olhando as publicações do GT observamos recorrências, dissonâncias, proximidades, distanciamentos de temas, abordagens metodológicas e teorizações diversas, revelando um campo de conhecimento com encaminhamentos teórico-metodológicos plurais.

No levantamento, interessaram-nos os trabalhos que dialogam com a temática da sexualidade em articulação com a Educação em Ciências, ou que dialogam com discursos e narrativas de sexualidade que se utilizam das linguagens midiáticas, como a internet. Encontramos, então, 06 (seis) artigos: “A apropriação de novas tecnologias por docente: questões de gênero”, de Adla Betsaida Martins Teixeira, apresentado no ano de 2005; “Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores”, de Mirian Pacheco Silva (2007); “Narrativas de vivências juvenis: as jovens mulheres no centro da cena”, de Sueli Salva (2008); “Juventude ciborgue: transgredindo fronteiras de gênero”, de Shirlei Rezende Sales (2009); “Corpo e Sexualidade no ensino de ciências: experiências de sala de aula” de Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (2012); e, por fim, “Sexualidades juvenis e diagnóstico soropositivo: a AIDS como processo de (des)aprendizagens”, de Jeane Félix (2013).

Em seu trabalho, Teixeira discute, apoiada nas ideias de Stephen Ball, entre outros/as, como as novas tecnologias estão sendo apropriadas pelos docentes nas escolas e como as questões de gênero permeiam essa adoção. O problema da pesquisa surgiu através de informações encontradas pela autora naquele momento, que indicavam diferenças significativas nas formas de apropriação de novas tecnologias por professores e professoras. Assim, formularam-se as seguintes questões de pesquisa: “As mulheres optam em não conhecer ou são excluídas do conhecimento tecnológico? Se alguma opção foi feita, então quais opções lhes foram ofertadas?” (TEIXEIRA, 2005, p. 2).

Na pesquisa, foi adotada a metodologia de caráter qualitativo, via triangulação de dados obtidos em entrevistas semi-estruturadas, observações e questionários. A coleta de dados durou aproximadamente dez meses (entre os anos de 2002 e 2004), em duas escolas onde a experiência de uso de computadores no ensino já se fazia presente há pelo menos um ano. As entrevistas foram realizadas com docentes que desenvolviam suas aulas utilizando recursos dos laboratórios de informática, com os/as “professores/as multiplicadores/as”(coordenadores/as de laboratórios) e com diretores/as em escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte, Ensino Fundamental.

As informações levantadas apontam o ambiente doméstico (privado) como o *locus* onde essas professoras aprenderam a utilizar recursos computacionais, ou seja, em casa, em geral sob a orientação e auxílio de filhos/as e maridos. Diferentemente, “[...] os professores diziam-se autodidatas, ‘formaram’sozinhos, movidos pela curiosidade, aprendendo em feiras de informática ou em ‘trocas’de informações com amigos.” (TEIXEIRA, 2005, p. 6).

Nesse sentido, a autora defende que:

A tecnologia, que é um tipo de “linguagem”, é também utilizada de forma diferente por homens e mulheres. Não há dúvidas de que as ferramentas digitais são novas formas de ler, escrever, pensar e agir. (...) As inovações tecnológicas não são neutras, mas corroboram com uma lógica patriarcal. (...) O maior controle dos homens sobre a tecnologia e sua maior adesão à visão do mundo tecnológico têm impactos nesta “linguagem e na comunicação verbal e cria uma situação onde mulheres são ‘silenciadas’”. A menor aceitação do uso de recursos de informática no trabalho comparada à dos professores parece estar relacionada a esta não neutralidade da linguagem computacional (TEIXEIRA, 2005, p. 6).

A autora apresenta discussões sobre a relação de homens e mulheres e a assimilação da tecnologia, tomando-a como uma nova linguagem, não neutra. Dessa maneira, aponta que a apropriação de novas tecnologias por docentes demanda uma melhor compreensão “[...] dos mitos, concepções, estórias, histórias, símbolos, crenças divididas, enfim um entendimento das negociações entre homens e mulheres e a tecnologia” (TEIXEIRA, 2005, p. 10).

As reflexões de Teixeira (2005) favorecem a discussão acerca das diferenças de gênero na apropriação das novas tecnologias. Além disso, tornam possível o questionamento a respeito de como feminilidades ou masculinidades, as múltiplas formas de sexualidade, interagem com a linguagem tecnológica hoje, e de como essa linguagem continua corroborando certo tipo de sociedade que posiciona homens e mulheres de modos particulares.

Em 2007, foi apresentada a pesquisa de Mirian Pacheco Silva: “Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores”. O trabalho objetivou discutir e analisar como a sexualidade marca as relações pessoais e como ela interfere no currículo de formação de professores/as. Na compreensão da sexualidade, a autora dialogou com Michel Foucault e Guacira Lopes Louro, entre outros/as, propondo os seguintes questionamentos: “Como episódios relacionados com sexualidade permeiam ou permearam a atividade docente? Qual é a noção de currículo sustentada pelas escolas na contemporaneidade? E qual é a noção de sexualidade sustentada nos currículos?” (SILVA, 2007, p.1).

Para responder suas questões, Silva utilizou seis mônadas das entrevistas com três professores/as, todos/as com formação na área de Ciências. Por mônada, a autora compreende, com ajuda de Maria Carolina Bovério Galzerani, “[...] miniaturas de significados, ou seja, ‘são centelhas de sentidos com a força de um relâmpago’ que foram produzidas a partir da narrativa das professoras entrevistadas.” (SILVA, 2007, p. 2). O currículo é discutido a partir da experiência desses/as professores/as, por pensar na história como um tempo narrado, um tempo constituído de fragmentos, sendo que o que lhe interessa são as experiências.

A autora justifica da seguinte maneira sua escolha por investigar apenas os/as professores/as que atuam na área de Ciências:

Não por acreditarmos que essas pessoas são as mais indicadas para trabalhar com sexualidade, mas sim, pela constatação de que são esses os professores mais cobrados e/ou procurados pelos alunos e também pelos próprios colegas conforme nos conta a professora Rebeca na mônada 1 (SILVA, 2007, p. 2).

Através das narrativas dos/as professores/as entrevistados/as, discute-se o que é ser professor/a e a noção de currículo, debatendo-se tanto a formação do/a professor/a como o currículo presente nas escolas. A compreensão de currículo apontada no trabalho é de “[...] conjunto de práticas discursivas que produzem sujeitos, produzem instituições e instituintes” (SILVA, 2007, p. 10), tendo como suporte teórico Alice Casimiro Lopes e Tomaz Tadeu da Silva, entre outros/as.

A partir dessa compreensão, a autora questiona quem é o/a professor/a presente no currículo de formação de professores/as, levando em consideração que ser professor/a

Vai além do exercício profissional meramente racional de práticas pedagógicas no contexto da escola, ser professor é carregar consigo currículos, como práticas, experiências e discursos que disciplinam, normatizam e produzem sujeitos fabricados para estar dentro do padrão (SILVA, 2007, p. 10).

Quanto ao sujeito presente no currículo de formação de professores, a autora defende que se trata de

[...] um sujeito que não é pessoa, pois deve silenciar as suas experiências. Um sujeito que não é pessoa, pois suas experiências não interessam naquele tempo e lugar chamado escola. Suas experiências devem ser secretas, escondidas, guardadas, omitidas, mesmo que dolorosas, não devem ser reveladas, mas sim silenciadas. Exceto as experiências consideradas comuns, pertencentes à matriz discursiva padronizadora. Há histórias que podem ser ditas nos corredores e nas salas de aula sem causar qualquer estranhamento. Histórias de professores e professoras heterossexuais, casado(a)s, pais e mães de família. Não são sujeitos sexuados, são modelos, padrões, quase corpos vazios. Em si carregam apenas o intelecto (SILVA, 2007, p. 14).

Para Silva (2007), as experiências de sexualidades, consideradas desviantes da norma heterossexual de professoras e professoras, são as silenciadas no espaço escolar, em regra geral. Este aspecto direciona o nosso olhar para as relações de poder em torno dos/as professores/as, sendo a sexualidade um dos pontos que interessam a tais relações.

As discussões apresentadas por Silva (2007) consideram as narrativas das professoras e o currículo, e levam a própria autora a pensar o currículo de formação de professores como uma brecha, como um espaço possível de atuação:

Podemos pensar em romper com um único modo de olhar, podemos pensar que a narrativa que construímos sobre currículo é histórica e socialmente condicionada, e sendo assim, o currículo pode ser pensado como uma amálgama de saberes, como constituído também por experiências e subjetividades que não podem ser descoladas da constituição do professor (SILVA, 2007, p. 15).

A autora propõe a ideia de currículo como um amálgama de saberes constituído por experiências e subjetividades, sendo sua narrativa histórica socialmente condicionada, ou seja, fabricada num determinado tempo histórico e numa determinada sociedade. Portanto, faz-se necessário olhar para tais fatores contextuais para refletirmos sobre o conceito de currículo, assim como os relacionados a ele, como o conceito de professor/a.

Assim como o texto de Teixeira (2005), as provocações de Silva (2007) levam-nos a questionamentos sobre o ser professor/a e suas experiências, sobre como os currículos apagam as pessoas, seus valores, sentimentos, seres de sentidos e de experiência e, afirmamos, de sexualidade. Tais questionamentos nos direcionam, também, à problematização do currículo e seus espaços diversos, como o espaço virtual, as redes, intrincado com a cultura.

Em 2009, Shirlei Rezende Sales apresentou o trabalho intitulado “Juventude ciborgue: transgredindo fronteiras de gênero”, resultante de sua tese de doutorado: “orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil”(UFMG-2010). Da tese, também foi produzido o capítulo “Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação”, publicado no livro “Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação”, organizado por Dagmar Meyer e Marluce Paraíso, publicado em 2012 pela editora Mazza Edições.

Em seu estudo, Sales objetivou analisar o processo de produção de subjetividades juvenis na interface entre discurso do currículo escolar e do Orkut. Suas questões de investigação foram: “Que relações de poder estão expressas nos textos de ambos os artefatos culturais?”, “Como os discursos do Orkut atravessam o currículo escolar e vice-versa?” (SALES, 2010, p. 26). Para respondê-las, a autora examinou o currículo de uma escola pública de Ensino Médio, bem como publicações postadas nas comunidades e perfis das/os alunas/os dessa escola, no Orkut.

Parte do referido trabalho, publicado nos anais da ANPED, apresenta discussões sobre os processos de subjetivação presentes no currículo do Orkut, sobre a cultura e a cibercultura, permeadas pela noção de conhecimento. A perspectiva metodológica adotada pela autora vinculou-se à etnografia virtual, e ela articula os conceitos de processos de subjetivação, currículo, cultura, cibercultura e conhecimento na análise que realiza dos discursos presentes no currículo da escola e das publicações no *site* Orkut. Tal empreitada é muito próxima da

pretendida em nosso estudo, ressaltando apenas que analisamos as publicações sobre sexualidade de professores/as de Ciências Biológicas em *blogs* de suas autorias.

Sales justifica a pesquisa sobre os processos de produção de subjetividade afirmando que esta é fabricada discursivamente, por meio de inúmeros procedimentos e técnicas, utilizando autores/as como, por exemplo, Michel Foucault. Ela aponta que se torna importante estudar tais processos “[...] para a compreensão da juventude contemporânea, para o entendimento de suas formas de viver, seus modos de colocar-se nas mais diversificadas situações, bem como os múltiplos sentidos produzidos para suas experiências.” (SALES, 2010, p. 30).

Segundo a autora, a juventude contemporânea está permeada por um novo estado de cultura<sup>12</sup>, atravessado pelo uso das novas tecnologias e pela cibercultura – na qual existem “[...] diferentes formas de se divertir, de fazer rir, de se relacionar, de se comunicar, de viver, de falar de si e do/a outro/a, de exercer poder e de resistir. Surgem formas variadas de se autoconhecer, de se governar, de dominar e de se produzir” (SALES, 2010, p. 34).

Nessa perspectiva, Sales, faz uso dos conceitos artefato cultural e currículo cultural. Em diálogo com obras de Tomaz Tadeu da Silva, Marluce Alves Paraíso e outros/as, pontua que a ideia de currículo cultural provém do entendimento de que as instituições e instâncias culturais também têm um currículo, e de que este “[...] revela um apagamento das fronteiras entre as diferentes instituições sociais como a educação e a mídia, por exemplo” (p. 41). No currículo cultural, parte de uma pedagogia cultural, estariam “[...] artefatos culturais, como a televisão, o cinema, a música, que nos ensinam comportamentos, hábitos, valores e atitudes” (SALES, 2010, p.43).

Na definição de cibercultura, a autora, em concordância com Pierre Levy, destaca que se refere ao “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaco” (SALES, 2010, p.34).

Em suas considerações finais, a pesquisadora pontua que os discursos sobre o currículo escolar e o Orkut se cruzam e, nesse atravessamento, participam da constituição das subjetividades juvenis generificadas, que às vezes reafirmam posturas e condutas já amplamente divulgadas em diferentes espaços sociais. No entanto, as condutas juvenis demandadas na interface entre currículo escolar e Orkut, no processo de produção da

---

<sup>12</sup> Sales (2010) utiliza-se ainda de autores como Homi Bhabha, Stuart Hall e Guacira Lopes Louro para a discussão do conceito de cultura.

juventude ciborgue, muitas vezes transgridem as fronteiras de gênero culturalmente produzidas.

Elenita Pinheiro de Queiroz Silva apresentou, em 2012, o texto “Corpo e Sexualidade no Ensino de Ciências: experiências de sala de aula”. O artigo parte da questão de investigação acerca do que professoras e professores de Ciências do Ensino Fundamental apontam como problemas sobre sexualidade no espaço escolar. A autora inclui discussões sobre o corpo e como este é abordado tradicionalmente nas aulas de Ciências e Biologia, e afirma que este é atrelado aos discursos “[...] da Anatomia, da Fisiologia e da Medicina, de modo que o corpo que aparece, por meio dos textos desta disciplina, é fragmentado e biomedicalizado” (SILVA, 2012, p. 1). Assim, questiona se haveria outra maneira de abordar o corpo no texto das Ciências na escola.

A autora fez uso das obras de Michel Foucault e Gilles Deleuze, entre outros/as, destacando que “[...] a abordagem hegemônica do corpo nas salas de aulas, respectivamente, opera pela disciplina e normalização dos corpos/da sexualidade, ou ela codifica e reterritorializa o corpo/a sexualidade.”(SILVA, 2012, p. 1). No trabalho de investigação do qual o artigo emerge, a pesquisadora indica que realizou grupos focais e aplicou questionários a professoras e professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental que atuavam com a disciplina Ciências com o objetivo de levantar o que eles/as apontavam como problema quando se referiam à sexualidade no espaço escolar.

Para Silva (2012, p. 3), “[...] os discursos processados no espaço da disciplina Ciências são explicações geradas não somente neste campo disciplinar, mas também em outros espaços, são textos culturais, marcados pela invenção do campo disciplinar das Ciências Biológicas”. Articulando essa ideia com sua questão investigativa, a autora mostra que, pelos textos das Ciências, “[...] o corpo e a sexualidade organizados, encarcerados no organismo biológico, produzem efeitos nos sujeitos, sendo esta uma possibilidade de leitura ou de (re)leitura do discurso biológico.” (SILVA, 2012, p. 6).

(Re)lendo os textos apresentados nos LD de Ciências/Biologia e ouvindo os/as professores/as de Ciências do Ensino Fundamental, a autora problematiza a disseminação de uma abordagem em que a expressão da sexualidade se acentua na apresentação da organização biológica do corpo humano, pois

Focar na dimensão biológica no debate sobre a sexualidade, como o fazem inúmeros trabalhos, termina por deixar de debater sobre o modo como o discurso biológico opera com a sexualidade, como dispositivo de poder, e, dessa forma, opera-se o apagamento da vida, pois codificam e reterritorializam os corpos e as sexualidades (SILVA, 2012, p. 5).



Em suas considerações finais, a autora apresenta questões que nos ajudam a problematizar os textos da disciplina Ciências que abordam a sexualidade e o corpo. Para Silva, eles

Podem ser pensados nos fluxos de multiplicidades que se conjugam a corporeidade e a sexualidade, a cultura, nos processos de constituição do devir ser humano como “ser de palavra”, sob o signo da diferença que constituem as pessoas no devir-homens, devir-mulheres plurais, de modo que seja possível enfrentar e desorganizar as invenções de nós mesmos e do outro, dos discursos biológico-culturais que marcam e engendram a sociedade disciplinar a sociedade do controle (SILVA, 2012, p.15).

Trilharemos atentas aos aspectos percebidos por Silva (2012) acerca dos textos das disciplinas Ciências e Biologia, pois nos parece interessante pensá-los em suas multiplicidades como uma estratégia para enfrentar as invenções de nós mesmas e dos/as outros/as. Tal percepção auxilia-nos nas problematizações dos textos de Ciências e Biologia, quando trata os aspectos da sexualidade por professores/as em espaços culturais e educativos distantes da escola formal.

Em 2013, Jeane Félix apresentou parte de seu trabalho de doutorado, intitulado “Quer teclar? Aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais”. O artigo, disponibilizado nos anais da ANPED e cujo título é “Sexualidades juvenis e diagnóstico soropositivo: a aids como processo de (des)aprendizagens”, teve por objetivo refletir sobre “[...] como a sexualidade de jovens que vivem com HIV/aids é atravessada pela soropositividade e de que forma a revelação do diagnóstico se configura como processo de aprendizagem para esses/as jovens” (FÉLIX, 2013, p. 3).

Os conceitos sobre sexualidade, utilizados pela pesquisadora, se aproximam da perspectiva foucaultiana. Os procedimentos metodológicos realizados foram as entrevistas *online*, com 16 jovens que viviam com HIV/aids, entre 18 e 31 anos, moradores/as de diversas regiões do país.

Félix (2013, p. 4) afirma que usar internet como objeto, local e instrumento de pesquisa tem sido cada vez mais comum, porém “[...] como se trata de algo de certo modo recente a utilização da internet em pesquisas traz muitas potencialidades, mas também vários desafios, limites, além de nos colocar diante de questões éticas específicas”. Outra preocupação da autora ao utilizar essa fonte diz respeito a como ter *certeza* de que os/as jovens entrevistados/as estavam falando a *verdade*, pois na internet não há como ter garantias.

Em razão disso, a autora argumenta que, na perspectiva teórica adotada, “[...] não há verdade absolutas e únicas: as verdades são sempre produzidas nas relações de poder entre as

peessoas, são sempre circunscritas e históricas”(FÉLIX, 2013, p. 7). Citando Michel Foucault (2010), afirma:

Não interessa se algo é verdadeiro ou falso e, sim, conhecer sobre os modos pelos quais as coisas vão se produzindo e sendo produzidas como verdade, os efeitos decorrentes dessas verdades, as relações de poder-saber que possibilitam que certas verdades sejam proferidas (FÉLIX, 2013, p. 8).

Para a autora, mais do que a comprovação de tais verdades, interessa “[...] compreender os mecanismos de subjetivação e as relações de poder que lhes permitiram dizer o que foi dito e do modo como foi dito.” (FÉLIX, 2013, p. 50). Ela ainda esclarece que “[...] também a noção de espaço e tempo é outra, e as relações interpessoais ocorrem de modo outro” (FÉLIX, 2013, p.12).

Os trabalhos destacados – 04 deles apresentam claramente o uso das obras de Foucault e Louro – mostram-nos quais são as discussões e concepções de autores/as que participam e apresentam trabalhos no GT-23 da ANPED a respeito de gêneros, corpos, sexualidade, tecnologia e educação. São estudos que trazem contribuições concernentes a cultura, linguagem, currículo e relações de poder-saber, atreladas aos debates sobre sexualidade, gênero e corpo.

### **1.1.2 Trabalhos localizados no PPGED/UFU**

Além dos trabalhos encontrados no GT-23 da ANPED, levantamos os trabalhos originados do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, e, neste, os trabalhos vinculados ao Grupo de Estudo Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação (GPECS), liderado pela orientadora do presente trabalho. Devido à aproximação com a temática proposta, pois seguem a trilha investigativa sobre corpo, sexualidade e Educação em Ciências, os estudos do GPECS também constituíram o banco de referências bibliográficas da nossa pesquisa.

No PPGED/UFU, ao longo de seus 25 anos de existência, foram defendidas onze (11) dissertações de mestrado e três (03) teses de doutorado cuja temática envolvia a discussão de corpo, sexualidade e Educação. Dentre tais trabalhos, destacamos uma dissertação de mestrado, de autoria de Welson Barbosa Santos, intitulada “A Educação Sexual no Contexto do Ensino de Biologia: um estudo sobre as concepções de Professores/as do ensino médio em escolas de Uberaba-MG”, defendida em 2010, que teve a educação sexual como foco e professores/as de Biologia como sujeitos investigados/as, e a tese de doutorado – de autoria

da orientadora da presente pesquisa –, defendida em 2010, intitulada “A invenção do corpo e seus abalos: diálogos como o Ensino de Biologia”, que articula expressamente os discursos de corpo com o ensino de Biologia, tendo como sujeitos professores/as de Biologia da rede pública estadual da cidade de Uberlândia.

Silva propõe discutir os abalos provocados pela noção de corpo veiculada na disciplina Biologia, no Ensino Médio, e a maneira pela qual os/as professores/as e alunos/as, e as propostas curriculares (âmbito nacional e Estado de Minas Gerais) que orientam o Ensino Médio, abordam o tema corpo humano. Para tal, utilizou-se de entrevista, grupo focal e análises dos textos e documentos curriculares, traçando “[...] quatro pontos de possibilidades que apresentam os fluxos entre a rede de invenções sobre o corpo na Ciência Biológica e na disciplina Biologia, no contexto da sociedade capitalista” (SILVA, 2010, p. 59): o avesso do corpo; o binômio saúde e doença; a maquinação do corpo: do corpo máquina ao corpo *cyborg*; a relação interno/externo na constituição do corpo; e Sexualidade, sentimentos, emoções: o fora da Biologia.

No ponto sobre “A maquinação do corpo”, a autora afirma, entre outras colocações, que:

Os textos didáticos apresentam, as questões de biotecnologia como texto complementar, chamam a atenção para a discussão, mas o fazem voltados para a utilidade, benefício ou malefício que a produção biotecnológica tem gerado para a saúde e/ou para o ambiente, não tomando, portanto, a discussão do corpo e daquilo que se tem inventado sobre o corpo humano (SILVA, 2010, p. 136).

Interessa-nos tal discussão por olharmos a produção da sexualidade em espaços virtuais, ou seja, num espaço educativo e cultural que utiliza as novas tecnologias para divulgar conhecimento, o que permite a experiência de um (outro) corpo, de outras possibilidades de sexualidade.

Sobre a “Sexualidade, sentimentos, emoções: o fora da Biologia”, Silva nos faz pensar sobre como a instituição escolar e os programas a ela associados investem na separação entre a vida e o que ela pode, pois, ao analisar os documentos curriculares e a fala dos/as professores/as, a autora percebe que:

De todos os lados, a sugestão é para que as supostas questões da vida cotidiana sejam consideradas pela escola e no ato de ensinar. Essa recomendação sugere a existência da dissociação entre a ação da escola, das disciplinas com a vida. O documento reconhece a dissociação uma vez que continua indicando que se tome a partir da vida cotidiana (dos saberes que alunos e alunas possuem) propor planos, metodologias (SILVA, 2010, p. 156).

Trilhamos, então, instigadas pela afirmação de Silva (2010) ao chamar a atenção sobre a dissociação entre a ação da escola, das disciplinas com a vida, questionando se tais ações ocorrem quando tratados os aspectos da sexualidade por professores/as mesmo em espaços culturais e educativos distantes da escola formal.

O trabalho de Santos (2010) investigou a compreensão de professores/as de Biologia a respeito das possibilidades e/ou dificuldades que enfrentam no desenvolvimento da educação sexual. Utilizando-se do grupo focal com seis professores/as de Biologia do Ensino Médio da cidade de Uberaba-MG e apresentando uma discussão de sexualidade fundamentada em Louro, Weeks e outros/as, o autor conclui que “[...] a formação inicial, frágil e restrita à abordagem biológica, tem sido incapaz de atender as necessidades do/a educador/a quando chamada a discutir questões sexuais com adolescentes no nosso tempo” (SANTOS, 2010, p. 87).

Por outro lado, Santos afirma a importância das práticas pedagógicas na escola que abordem a questão da sexualidade, uma vez que seu estudo demonstra que tais práticas são “[...] o caminho a ser tomado e capaz de promover a compreensão e o respeito à pessoa humana na sua diversidade” (SANTOS, 2010, p.88).

Além dos trabalhos de Santos (2010) e Silva (2010), foram defendidos, no interior do PPGED/UFU, outros trabalhos de pesquisa, os quais apresentamos a seguir com o intuito de reconhecer as pesquisas desenvolvidas no interior do Programa de Pós-Graduação da UFU que envolvem a discussão de corpo, sexualidade e Educação:

- “Professoras Trans Brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar”, de Neil Franco Pereira de Almeida (2014)<sup>13</sup>.

- “Imagens da diferença: artes visuais e diversidade sexual na escola”, de Alexandre Adalberto Pereira (2013)<sup>14</sup>.

- “Representações sobre Sexualidade de Alunos/as do Ensino Médio Participantes do Programa Educacional de Atenção ao Jovem – PEAS JUVENTUDE”, de Fernanda Fernandes dos Santos Rodrigues (2012)<sup>15</sup>.

- “A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero”, de Neil Franco Pereira de Almeida (2009)<sup>16</sup>.

- “Investigando a sexualidade de professoras: suas histórias, saberes e práticas”, de Daniela Mota Fernandes (2008)<sup>17</sup>.

<sup>13</sup>Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>14</sup>Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>15</sup>Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>16</sup>Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

- “Influências dos bloqueios corporais na aprendizagem da criança”, de Ana Paula Romero Bacri (2005)<sup>18</sup>.

- “No Jogo das Diferenças: Nuanças de Gênero e a Prática Docente na Educação Infantil e Ensino Fundamental”, de Marta Regina Alves Pereira (2004)<sup>19</sup>.

- “Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina (Colégio N. S. das Dores – Uberaba-MG 1940-1960)”, de Geovana Ferreira Melo Moura (2002)<sup>20</sup>.

- “Meninas e Meninos na Educação Infantil: uma aquarela de possibilidades”, de Flávia do Bonsucesso Teixeira (2000)<sup>21</sup>.

Entre as contribuições do GPECS, destacamos as dissertações de mestrado de Fátima Lúcia Dezopa Parreira: “Diálogos sobre sexualidade: aproximações e distanciamentos nos discursos de licenciandos/as de Ciências Biológicas bolsistas do PIBID/UFU” (UFU-2014); e a de Patrícia Lemos Campos: “Caderneta de Saúde do(a) adolescente: uma contribuição na educação para a sexualidade?” (UFU-2014).

O objetivo de Parreira foi apresentar as aproximações e distanciamentos entre os discursos sobre sexualidade de um grupo de licenciandos/as de Ciências Biológicas, bem como as possíveis articulações que estes/as fazem entre tais discursos e sua futura atuação docente, tendo os seguintes questionamentos centrais: “Que discursos os/as licenciandos/as do curso Ciências Biológicas atuantes no PIBID/UFU, subprojeto Biologia do *Campus* Umuarama e do *Campus* Pontal, apresentam sobre sexualidade?” E, ainda: “Os/as licenciandos/as articulam seus discursos com sua futura atuação como professores/as na educação básica?” (PARREIRA, 2014, p. 12). Para responder a esses questionamentos, a autora se utilizou das ferramentas metodológicas de aplicação de questionário, realização de entrevistas e de dois grupos focais.

Na busca por compreender como se constituem os saberes dos/as licenciandos/as, Parreira investiga locais onde estes/as abordam a sexualidade:

Ao indicarem a rede mundial de computadores (Internet) como a principal fonte de dados sobre sexualidade, os/as licenciandos/as marcam o tempo em que estes/as jovens se encontram, o tempo da ampliação de redes de comunicação e informação. Esta oferece inúmeras possibilidades de informação, uma vez que permite o acesso a publicações variadas, de natureza científica ou não (PARREIRA, 2014, p. 100).

---

<sup>17</sup> Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>18</sup> Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>19</sup> Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>20</sup> Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>21</sup> Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

Assim, a autora afirma que a internet foi a principal fonte de informação sobre sexualidade apontada pelos/as participantes de sua pesquisa. Essa informação, cabe ressaltar, aponta-nos o espaço virtual como meio de acesso pelos/as jovens estudantes em formação, futuros/as professores/as, a textos referentes à sexualidade.

Após a análise dos questionários e grupos focais utilizados como fontes de investigação, a autora considera que os/as licenciandos/as trazem em seus discursos a percepção de que a sexualidade deve ser compreendida para além da Biologia. No entanto, conclui que eles/as “[...] não conseguem romper com a trama do discurso hegemônico e seu lugar de fala está fortemente embasado no seu processo de formação acadêmica, ou seja, na dimensão biológica da sexualidade.” (PARREIRA, 2014, p. 116). E, quanto a articular seus discursos com a futura atuação docente, por um lado “[...] os/as licenciandos/as não escapam da dimensão biológica da sexualidade, e, por outro, parecem não perceber o enredamento de onde estão inseridos” (PARREIRA, 2014, p. 147).

Patrícia Lemos Campos (2014) buscou identificar a forma pela qual a Caderneta de Saúde do/a Adolescente, no contexto do Programa Saúde na Escola, contribui na educação para a sexualidade. Para isso, trilhou com as seguintes perguntas:

O que pensam crianças/adolescentes a respeito da Caderneta de Saúde do/a Adolescente distribuída nas escolas participantes do Programa Saúde na Escola – PSE? Qual o efeito das informações da caderneta na vida das crianças/adolescentes? O que alunos/crianças/adolescentes do ensino fundamental de escola pública municipal que participam do Programa PSE, apresentam sobre sexualidade? (CAMPOS, 2014, p. 22).

A autora fez uso da análise documental, de questionários, entrevistas e grupos focais, com estudantes e professores/as de Ciências de duas escolas públicas da rede municipal da cidade de Uberlândia. Na pesquisa, com caráter qualitativo e emprego da análise de discurso para o tratamento das informações, é considerado que

A caderneta tem como foco a promoção de saúde e a sexualidade nesse material é tratada, mais detidamente, sob a ótica biomédica que prioriza a prevenção e os cuidados; do ponto de vista heteronormativo e, em muitos momentos, sexista. [...] em seus enunciados e imagens são veiculados discursos de autocuidado e de identidade de gênero que enquadram, disciplinam, regulam e interditam os corpos e comportamentos dos sujeitos (CAMPOS, 2014, p. 170).

As discussões apresentadas pela autora são um alerta acerca do conteúdo sobre sexualidade apresentado em materiais pedagógicos distribuídos em programas estatais como o Programa Saúde na Escola. Materiais que enquadram, regulamentam e disciplinam corpos, sexualidades e gêneros.

Assim, destacamos que as pesquisas vinculadas ao GPECS são parte das contribuições para o presente trabalho. O estudo coletivo, as pesquisas mais amplas do grupo e as discussões no dia-a-dia, em ambientes virtuais, sobre os temas que nos inquietam, certamente nos fazem amadurecer, refletir e caminhar.

### **1.1.3 Trabalhos localizados no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**

Em levantamento realizado no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), destacamos os seguintes trabalhos: a dissertação de mestrado de Elisandra Carneiro de Freitas: “Portal do professor: a organização das aulas de biologia no espaço da aula” (UFG-2011); a tese de doutorado de Luiz Felipe Zago: “Os meninos – corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet” (UFRGS-2013); a tese de Raquel Pereira Quadrado: “Práticas Bioascéticas Contemporâneas: notas sobre os corpos masculinos nas comunidades que discutem cirurgia plástica na rede social Orkut” (FURG-2012); e a de Suzana da Conceição de Barros: “Sexting na Adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia” (FURG-2014).

A dissertação de Elisandra Carneiro de Freitas discorre sobre os aspectos tecnológicos na educação e a relação dos sujeitos nestes espaços. A autora argumenta que cada vez mais “[...] os ambientes virtuais de aprendizagem se tornam uma alternativa para o enriquecimento das atividades de aprendizagem” e apresentam duas características que podem ser exploradas: “a interação e a colaboração” (FREITAS, 2011, p. 77).

Para discutir os ambientes virtuais de aprendizagem, formação docente e a relação com o ensino de Biologia, Freitas tem como referências José André Lorenzetti e Demétrio Delizoicov, José Manuel Moran, Marilda Aparecida Behrens, Moacir Gadotti, entre outros/as. Na etapa de elaboração conceitual, ela aponta que “[...] não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a Educação como um todo. Mas, a maneira como esta tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação, transformando-a em conhecimento.” (FREITAS, 2011, p. 75).

A análise do Portal do Professor e as aulas de Biologia publicadas no Espaço da Aula pautou-se na perspectiva da análise de conteúdo com base em Laurence Bardin. Foram analisadas 72 aulas, o que correspondeu a “[...] vinte por cento (20%) do total de aulas disponíveis no Espaço da Aula no mês de outubro de 2010.” (FREITAS, 2011, p. 88). O objetivo da pesquisa foi:

Compreender o Portal enquanto uma ferramenta de apoio à prática pedagógica e, mais especificamente, entender o que as políticas públicas prevêm para as aulas de Biologia e como os professores dessa disciplina organizam o processo de ensino aprendizagem (FREITAS, 2011, p. 182).

Em suas conclusões, a autora observa alguns pontos de não diálogo “[...] entre a proposta pedagógica do Portal e o planejamento do processo de ensino aprendizagem postado nas aulas dos professores” (FREITAS, 2011, p. 134). Verificou, também, que “[...] poucas são as regiões do Brasil que têm contribuído com as aulas de Biologia no Portal”, mas que cabe aos professores conhecer a ferramenta e utilizá-la de forma mais pertinente, pois “[...] o Portal possibilita um espaço de diálogo, que pode se tornar mais democrático, quando os professores realmente usarem esta possibilidade” (FREITAS, 2011, p. 136).

A tese de Luiz Felipe Zago (2013), por sua vez, discute: “Como os corpos, gêneros e as sexualidades de homens gays constituem os usos que esses indivíduos vêm fazendo do site de relacionamento Manhunt”, apresentando questões metodológicas e éticas acerca do uso do espaço virtual. O autor utilizou-se do *site* de relacionamento Manhunt para compreender a produção de corpos e sexualidade na internet. A fim de desenvolver uma “[...] participação observante” (ZAGO, 2013, p. 45), inscreveu-se com um perfil intitulado “PesquisadordeHomens”.

No trabalho, encontramos uma discussão sobre metodologias empregadas em ambientes virtuais, como a etnografia. Ao explicar a metodologia adotada, o autor afirma que, ao visitar o *site* diariamente e constituir uma espécie de diário de campo (anotação das observações do site visitado: estrutura, estética e propaganda), aplica a pesquisa etnográfica em ambientes virtuais e se aproxima da figura de um pesquisador-turista:

Um turista difere do etnógrafo, porque o modo de experimentar do(a) turista é primariamente visual, e ter estado lá requer apenas ter estado presente, caminhando num território, deixando-se surpreender pelo o que se encontra na trajetória e colecionando as curiosidades que vê no caminho (ZAGO, 2013, p. 54).

A metodologia empregada constituiu-se, além da participação observante do *site*, de entrevistas *online* e *off-line* com os usuários do *site* e da análise do discurso. Após percorrer essa proposta metodológica, o autor tece questões sobre a utilização do *site* Manhunt como espaço de produção de subjetividades de homens gays.

Na discussão de como esse espaço virtual produz subjetividades, Zago se apoia em autores/as como Judith Butler, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Dagmar Meyer, entre outros/as, discorrendo sobre a coerência que liga os termos sexo-gênero-sexualidade:



“Coerência que é produto do funcionamento do dispositivo da sexualidade”( ZAGO, 2013, p. 295).

O estudo aponta que a pesquisa em *sites* de relacionamento, assim como em outras mídias sociais, pode contribuir para o entendimento do sistema sexo-gênero-sexualidade em espaços contemporâneos de produção dos sujeitos e de suas subjetividades.

Já a tese de Raquel Pereira Quadrado, “Práticas Bioascéticas Contemporâneas: notas sobre os corpos masculinos nas comunidades que discutem cirurgia plástica na rede social Orkut” (FURG-2012), situa-se no campo dos Estudos Culturais e possui referenciais teóricos na discussão de gênero e sexualidade, como Michel Foucault, Louro e Meyer, entre outros/as. As abordagens desses/as autores/as permeiam as análises que Quadrado (2012) realiza dos discursos presentes em comunidades do Orkut sobre cirurgias plásticas, discursos que atuam sobre os corpos de homens.

O suporte de sua análise situou-se na ideia de discurso em Michel Foucault, e a noção de endereçamento em Ellsworth. Segundo a autora (QUADRADO, 2012, p. 80): “A noção de endereçamento diz respeito à relação entre o texto de um filme ou, nesta pesquisa, de uma comunidade do Orkut e o seu/sua espectador/a ou usuário/a participante”. Assim,

O modo de endereçamento, nesse contexto, refere-se a algo que está no texto da comunidade e que produz efeitos nos/as seus/suas potenciais usuários/as participantes, atuando como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual (QUADRADO, 2012, p. 80).

As considerações de Quadrado fazem-nos refletir sobre os processos de endereçamento presentes nas mídias sociais, que atuam sobre os sujeitos, levando-os a ter ações determinadas nesses espaços. Nessa perspectiva, a autora afirma que os modos de endereçamento das comunidades do Orkut “[...] interpelam os homens, convocando-os e ‘autorizando-os’ à participação” – no entanto, com mecanismos que demarcam “[...] quem está habilitado a falar e de que lugar se fala” (QUADRADO, 2012, p. 81). Sendo assim, as comunidades do Orkut

Posicionam os sujeitos participantes dentro de uma rede discursiva em que se articulam enunciações, como a da ciência enquanto um campo de saber historicamente constituído como masculino e produtor de verdades sobre os corpos e sobre os sujeitos (QUADRADO, 2012, p. 82).

As considerações acima sinalizam para os processos de endereçamento presentes nas mídias, na internet, e para como tais endereçamentos posicionam os sujeitos atuantes nessas mídias de determinada maneira, tornando-os sujeitos autorizados a falar, por exemplo, sobre sexualidade.

Nas considerações finais, com as quais nos aliamos, a pesquisadora considera que:

O *Orkut*, enquanto lugar que possibilita aprendizagem, entretenimento e comunicação, ensina sobre os corpos, as cirurgias plásticas e os gêneros. As postagens compartilhadas nas comunidades constituem práticas de subjetivação que produzem efeitos nos corpos e nos sujeitos que nelas interagem, posicionando-os (QUADRADO, 2012, p. 89).

Por último, a tese de Suzana da Conceição de Barros, “Sexting na Adolescência: análise de enunciações produzidas pela mídia” (2014), que discute e problematiza a prática do *sexting* veiculada em publicações localizadas na internet. Para a autora (BARROS, 2014, p. 22): “O termo *sexting* surge nos Estados Unidos da América, através da combinação de duas palavras: sexo (*sex*) e mensagem (*texting*).”. Basicamente,

O *sexting* pode ser entendido como o compartilhamento e postagem de: mensagens eróticas, fotos de corpos nus e seminus com poses sensuais, vídeos que mostram relações sexuais, por meio de diversas tecnologias, tais como: *smartphone*, *iphone*, *tablets*, computadores, entre outros, e em sites de redes sociais (*Facebook*, *Twitter* etc.). (BARROS, 2014, p. 22).

Com base em autores/as como Foucault, Zygmunt Bauman, Lévy e Sibília, entre outros/as, Barros (2014, p. 144) afirma que “[...] o *sexting* vem produzindo efeitos nos modos de viver a sexualidade, tornando-a algo a ser visibilizado e escancarado no âmbito público, produzindo, dessa forma, uma (re)atualização no dispositivo da sexualidade.”.

Para investigar o *sexting*, Barros, em diálogo com Suely Fragoço; Raquel Recuero; Adriana Amaral, utilizando a internet como instrumento de pesquisa, apropria-se das noções de discurso, enunciado e dispositivo para analisar 48 artefatos culturais, publicados de 2008 a 2012, que “[...] relatam casos sobre sexting e discutem esta prática” (BARROS, 2014, p. 150). Em suas considerações, trata de como a prática do *sexting* torna a sexualidade uma prática integrante de nossa sociedade, destacando as instituições sociais. Sobre a escola, afirma:

É entendida como instância disciplinadora, que deve estar envolvida na regulação, normatização e governo dos corpos. Por isso, quando práticas subversivas, como o *sexting*, são realizadas em seu interior e/ou envolvem seus sujeitos, as escolas são vistas como culpadas por não terem cumprido a sua “função” (BARROS, 2014, p. 173).

A pesquisa de Barros incita reflexões sobre as práticas contemporâneas de sexualidade como o *sexting*. Aponta-nos o *sexting* como parte dos novos modos de viver o corpo e a sexualidade, naquilo que ela, com seus/as autores/as, denomina *sociedade do espetáculo*.

O levantamento das pesquisas na área de Educação em diálogo com as temáticas da sexualidade, a Educação em Ciências e ambientes virtuais permite-nos a afirmação de que seu crescimento nos últimos anos, sobretudo na última década, decorre da necessidade de

compreender as manifestações culturais que estão em funcionamento. É o caso dos trabalhos de Sales (2009, 2010, 2012), Quadrado (2012), Zago (2013) e Barros (2014). Na relação entre Educação e Biologia, há estudos com *sites* governamentais como o Portal do Professor, a exemplo da pesquisa de Freitas (2011).

A não localização de pesquisas em *blogs* de professores/as articulando Educação em Biologia, sexualidade e discurso, alerta-nos para como esse espaço educacional pode apresentar possibilidades novas de pesquisas nessa área do conhecimento.

As metodologias empregadas e referenciais de análises nos estudos destacados foram diversas. Existe, porém, a presença marcante estudos de natureza qualitativa (integralmente), e a perspectiva da análise de discurso de inspiração foucaultiana tem predominância. Também predomina a perspectiva da etnografia em ambiente virtual, nas pesquisas que tiveram como fonte e *locus* espaços como a internet. A maioria dos trabalhos baseia-se em teóricos como Foucault, Deleuze, Butler, Louro e Meyer, entre outros/as.

Ao discutirem Educação, muitas pesquisas se centram nas questões culturais, aproximando-se dos Estudos Culturais através de teóricos como Hall, Silva, Wortmman, Costa e Veiga-Neto. No campo de investigação da internet, a maioria dos trabalhos destacados possui referenciais teóricos que se alinham a Bauman, Lévy, Sibília, Fragoso; Recuero; Amaral.

Por fim, os estudos que destacamos fazem-nos atentar para a centralidade de conceitos presentes nos diversos campos de articulação (sexualidade-educação-internet). Apresentam e problematizam conceitos como sexualidade, sexo, gênero, dispositivo, corpo, regulamentação, normatização, relações de poder, relações de saber, processos de subjetivação, educação para a sexualidade, cultura, linguagem, currículo cultural, pedagogia cultural, artefato cultural, ciberespaço, cibercultura, processos de endereçamento, sociedade da informação, sociedade disciplinar e sociedade do controle, sociedade do espetáculo – que revelam forte presença dos discursos do campo dos Estudos Culturais, da comunicação e novas tecnologias e aqueles que são reconhecidos como do campo pós-estruturalista.

## 1.2 O conhecimento sobre a sexualidade dentro e fora da escola

Ao considerarmos nossa pergunta de pesquisa – Que discursos sobre sexualidade atravessam as publicações de *blogs* de professores/as de Biologia? –, pensamos nos discursos<sup>22</sup> sobre sexualidade em meio aos processos culturais e educativos presentes em nossa vida, em nossa sociedade e nos espaços onde vivemos, como, por exemplo, o espaço virtual e sua cultura: a cibercultura. Assim, problematizamos o ambiente virtual e a cibercultura e seus processos educativos, pois a educação é compreendida por nós, conforme afirma Meyer (2012, p. 50), “[...] como um conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura”.

Refletir sobre os processos educativos como processos culturais aproxima-nos do diálogo com os Estudos Culturais (EC)<sup>23</sup>, um campo de teorização e investigação construído por pesquisadores/as centrados/as na análise da cultura, compreendendo-a, conforme aponta Silva (2011, p.133), “[...] como forma global de vida ou como experiência vivida de um grupo social”.

Para os ECs, afirma Wortmann (2008, p. 1) a cultura

[...] tem a ver com práticas sociais, tradições linguísticas, processos de constituição de identidades e comunidades, solidariedades e, ainda, com estruturas e campos de produção e de intercâmbio de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo.

A compreensão da cultura como práticas sociais, como campo de produção e intercâmbio de significados, distancia-se da compreensão de cultura como algo presente apenas nas “grandes obras de arte”. O heterogêneo campo teórico e de investigação dos ECs compõe-se ao redor do entendimento de que “[...] não há diferença qualitativa entre as ‘grandes obras de arte’ e qualquer outra forma de sobrevivência dos grupamentos humanos” (SILVA, 2011, p. 131).

Os/as investigadores/as dos ECs ainda concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social, onde se define, pelos jogos de poder, não apenas a forma que o mundo deve possuir, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. Portanto, os “Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder” (SILVA, 2011, p. 134).

<sup>22</sup> Os conceitos de discurso, formação discursiva e enunciado serão tratados no capítulo 2: Cultura e internet: caminhos metodológicos.

<sup>23</sup> Historicamente, os Estudos Culturais surgem em meados da década de 1950 no contexto britânico, junto com movimentos teóricos e políticos. No plano teórico, rompem com a ideia de disciplina e não se configuram como tal, mas como uma área que propõe a interação de diferentes disciplinas e que possui como característica a análise dos aspectos culturais da sociedade contemporânea.” (TERUYA, 2009, p. 152).

Para compreendermos tal campo de possibilidade investigativa, descreveremos, a partir de Costa e colaboradores (2003, p. 43), alguns pontos que o caracterizam:

O primeiro é que seu objetivo é mostrar as relações entre poder e práticas culturais; expor como o poder atua para modelar estas práticas. O segundo é que desenvolve os estudos da cultura de forma a tentar captar e compreender toda a sua complexidade no interior dos contextos sociais e políticos. O terceiro é que neles a cultura sempre tem uma dupla função: ela é, ao mesmo tempo, o objeto de estudo e o local da ação e da crítica política. O quarto é que os EC tentam expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e o que é conhecido. E o quinto, finalmente, refere-se ao compromisso dos EC com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radical de ação política.

A partir disso, percebemos a centralidade da cultura, das relações de poder, das práticas culturais e da tentativa de reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e o que é conhecido. Tal reconciliação, nas pesquisas em Educação que se aproximam dos Estudos Culturais, ocorrem, dentre outros motivos, por essas enfatizarem o papel da linguagem e do discurso no processo de construção social do conhecimento.

Por esse prisma, “[...] o conhecimento não é uma revelação ou reflexo da natureza ou da realidade, mas o resultado de um processo de criação e interpretação social” (SILVA, 2011, p. 135). Assim, “[...] todas as formas de conhecimento são vistas como o resultado dos aparatos – discursos, práticas, instituições, instrumentos, paradigmas – que fizeram com que fossem construídas como tal.” (SILVA, 2011, p. 136).

Centrando-se nos processos de construção e produção do conhecimento científico e na Educação, pesquisadores/as brasileiros/as, como aqueles/as vinculados/as ao pioneiro Grupo de Estudos em Educação e Ciência como Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), liderado por Wortmman, vêm produzindo investigações no heterogêneo campo de investigação denominado Estudos Culturais da Ciência (ECC). Tais grupos, em suas possibilidades, “[...] pensam o ensino de Ciências e Biologia implicado em relações sociais, em relações de poder e saber e nos contextos culturais”, como aponta Silva (2012, p. 108):

Defende-se a ideia, a partir dos ECC, de que a aprendizagem dos conteúdos das Ciências e da Biologia não se limita ao espaço da aula ou da escola; a pedagogia é entendida de forma ampliada e complexa, não se restringindo apenas à esfera escolar.

Em outras palavras, defende-se que os conteúdos circulam pelos diversos espaços sociais que vivenciados. Construímos nosso conhecimento sobre a Ciência e a Biologia a todo momento, por diversos e complexos mecanismos, não somente pelos despertados na sala de aula, o que nos permite compreender a Pedagogia de forma ampliada.

Silva (2011, p. 139) sustenta que dessa perspectiva, que toma a pedagogia de forma ampliada, “[...] os processos escolares se tornam comparáveis aos sistemas culturais extra escolares, como os programas de televisão ou as exposições de museus” (p. 139). Isso significa pensar na pedagogia cultural, em que “[...] instituições e instâncias culturais mais amplas também têm um currículo”.

Neste sentido, a autora afirma:

O que caracteriza a cena social e cultural contemporânea é precisamente o apagamento das fronteiras entre instituições e esferas anteriormente consideradas como distintas e separadas. Revoluções nos sistemas de informação e comunicação, como a internet, por exemplo, tornam cada vez mais problemáticas as separações e distinções entre conhecimento cotidiano, o conhecimento da cultura de massa e o conhecimento escolar. É essa permeabilidade que é enfatizada pela perspectiva dos Estudos Culturais (SILVA, 2011, p.142).

Com as contribuições dos ECs e dos ECC, acreditamos que a internet e suas interfaces<sup>24</sup>, como os *blogs*, possuem um currículo e são artefatos culturais, o que nos leva a pensar nossa cultura, nosso tempo e as características de nossa sociedade.

Paula Sibilia (2012, p. 45), ao tecer comentários sobre nosso tempo, identifica

Um regime de vida inovador, apoiado nas tecnologias eletrônicas e digitais: uma organização social baseada no capitalismo mais dinâmico do fim do século XX e início do XXI, regido pelo excesso de produção e pelo consumo exacerbado, pelo marketing e pela publicidade, pelos fluxos financeiros em tempo real e pela interconexão em redes globais de comunicação.

Percebemos, assim, a importância das tecnologias eletrônicas e digitais em nossa sociedade, que é interconectada, da qual a comunicação é uma das características centrais, ou uma das palavras-chaves. Uma sociedade que se comunica utiliza meios que possibilitam a transmissão da mensagem, como a mídia. Meios cada vez mais interligados com o cotidiano de cada pessoa. A presença permanente das mídias<sup>25</sup> e das tecnologias eletrônicas e digitais em nossas vidas já não nos causa espanto, pois elas fazem parte de nossos meios sociais individuais, de nossa cultura, sendo alteradas e alterando, inclusive, nossos corpos e sexualidades.

O processo de integração e interação com as mídias e a tecnologia eletrônica e digital envolve fatores múltiplos, pois tanto as mídias como a tecnologia eletrônica e digital são construções humanas, que geram transformações e alteram a dinâmica cultural, num processo

<sup>24</sup>Para Levy (2010, p. 37) interfaces são “todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário”, e, neste sentido, “[...] a diversificação e a simplificação das interfaces, combinadas com o progresso da digitalização, convergem para uma extensão e uma multiplicação dos pontos de entradas no ciberespaço.” (, p. 39).

<sup>25</sup>Para Lévy (2010, p. 64), “[...] a mídia é o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet, por exemplo, são mídias”.

interativo entre a tecnologia, mídia, sujeito e cultura. Entendemos a internet como local que apresenta inúmeras possibilidades de usufruirmos da tecnologia eletrônica e digital de modos variados, como, por exemplo, para a comunicação, para o lazer, para o entretenimento, para a construção de relacionamentos, para interação com as pessoas, para o trabalho, para a busca ou a divulgação de informação e para construção dos mais diversos conhecimentos sobre a vida e o mundo.

O espaço da internet permite-nos pensar que o processo de interação com a tecnologia eletrônica e digital é uma realidade que se amplia a cada momento, pois cada vez mais nossos corpos ocupam os ciberespaços<sup>26</sup>. Quando tal interação se dá, ocorrem transformações nos sentidos e significados dos corpos, nas relações interpessoais e afetivas. Os modos de relacionar, amar e viver as experiências sexuais ganham outros contornos. Edvaldo Couto (2012, p. 29) aponta que, “[...] nesse contexto, as interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais se confundem e anunciam novos modos de existir”, formas que surgem da inserção, da integração dos corpos com a tecnologia digital, construindo e sendo construídas por uma cultura cibernética: a cibercultura.

Sibilia destaca como as modificações nas formas de ser na sociedade contemporânea se relacionam com a construção dos conhecimentos, o que nos conduz a avaliar como vêm ocorrendo os diálogos e transformações dos sujeitos contemporâneos e do conhecimento escolar. Estes têm sido propostos a partir da lógica digital, entretanto a escola continua obstinadamente arraigada a seus métodos e linguagens analógicos, e “[...] isso talvez explique por que os dois não se entendem e as coisas já não funcionam como se esperaria.” (SIBILIA, 2012, p. 181).

Nas salas de aula, ainda encontramos os velhos quadros negros e giz, os “métodos e linguagens analógicos” e professores/as impacientes com seus/as alunos/as, esperando que eles/elas prestem atenção durante os 50 minutos de aula e esqueçam seus aparelhos eletrônicos. Para muitos, os aparelhos eletrônicos representam um problema a ser enfrentado. *“Desliguem-nos”. “Coloquem-nos em caixa fechada na entrada da escola.”*.

Contudo, é preciso lembrar que não será possível fazermos desaparecer os aparelhos tecnológicos e as transformações que acarretaram nas formas de ser e estar. É necessário

---

<sup>26</sup>Lévy (2010, p. 94-95) aponta que “[...] a palavra ‘ciberespaço’ foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromancer*, e define o ciberespaço “[...] como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização”.

pensar com outras perspectivas e discutir o que fazer com a escola e nossos métodos analógicos.

Costa (2006, p. 106) afirma que

Não poderíamos vencer a competição contra as pedagogias da mídia, tampouco deveríamos fugir amedrontados de nossos alunos e alunas, bem como seria inépcia desqualificar e desperdiçar suas habilidades e capacidades para viver num mundo que, concordemos ou não, parece que está se tornando cada vez mais pós-moderno. Por isso, penso que há muitas coisas que se pode fazer dentro de uma perspectiva cultural que acolhe as mudanças e a diversidade e não abdica da igualdade.

Afirmamos que os sujeitos que hoje frequentam o espaço escolar, em grande medida, demonstram outras formas de pensar e viver, experimentam outros corpos, outras sexualidades em conexão com a tecnologia. Essas conexões podem ser pensadas, por exemplo, pelo desenvolvimento das técnicas na área de saúde que desobrigam, ou desvinculam, a reprodução humana do ato sexual. Mulheres e homens têm a possibilidade, hoje, de gerar seus filhos/as sem a obrigatoriedade do ato sexual e, por conseguinte, de relacionamentos humanos, namoros, casamentos. Outro exemplo são as experiências de prazer sem o contato físico entre corpos, sem o sexo, como as que acontecem pela comunicação escrita, hoje popularizada com o uso da internet e suas redes sociais. Prazeres que, sem o corpo biológico, beiram a “perfeição”, são “[...] seguros, higiênicos, dinâmicas, sem falhas, limites ou restrições de qualquer ordem” (COUTO, 2009, p.13).

Ainda de acordo com Couto (2009, p. 12), os novos modos de existir se dão pela interface entre corpos, sexualidade e tecnologia que permitem que vivamos “[...] para além do homem, da mulher, dos gêneros e do sexo”. Podemos ser infinitas possibilidades na tela de um computador, podemos transformar nosso corpo humano, ter outros prazeres, somos e podemos sumir.

Os tempos e espaços se tornam efêmeros e voláteis, queremos tudo para agora, queremos interagir, queremos participar ativamente da construção das sexualidades e dos conhecimentos. Portanto, refletirmos sobre como ocorre a interação entre os sujeitos escolares e o conhecimento, e a respeito de como podem ocorrer tais interações para além dos muros escolares, parece necessário para que diálogos e encontros com esses sujeitos contemporâneos nos espaços escolares sejam fecundos ou possíveis.

Nas salas de aula pensadas na escola moderna, a relação entre professor/a-conhecimento-aluno almeja ser planejada, trabalhada de modo linear, sendo seu fim algo claro para os sujeitos envolvidos. Lévy (2010, p. 160) afirma que as transformações da sociedade contemporânea criam a necessidade de novos modelos para a representação do conhecimento:



Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, noção de pré-requisito e convergência para graus superiores, as novas formas se aproximam de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, no qual cada um ocupa uma posição singular e evolutiva.

O autor defende que o conhecimento é aberto, fluxo, não linear, o que contrapõe o pretendido pelos/as professores/as, formados na lógica moderna, ao trabalharem com o conhecimento escolar. Tais diferenças levam-nos a pensar sobre os processos de construção do conhecimento nos espaços contemporâneos, seus sentidos e significados, e nos modos de ser e estar que emergem na cena contemporânea.

Refletindo sobre a sexualidade como conhecimento, podemos afirmar que dentro da escola, muitas vezes, ela é trabalhada, como em certas práticas pedagógicas presentes nas disciplinas Ciências Biológicas, de forma progressiva, linear, partindo de um ponto mais simples em direção ao mais complexo, avaliada por meio de exercícios de fixação. No espaço virtual, é possível que a sexualidade, como conhecimento, seja representada com outras características, pois as interfaces presentes na internet, como os *blogs*, permitem apresentá-la de forma aberta, com fluxos não lineares, dependendo do contexto em que é apresentada.

Nesse sentido, a maneira de trabalhar o conhecimento dentro e fora dos muros escolares se diferencia. Sibilia (2012, p. 115) aponta para a centralidade da informação nos meios midiáticos, em contraste com o saber trabalhado no dispositivo pedagógico, explicando que, “enquanto o dispositivo pedagógico se edificava em torno do saber e do conhecimento, a matéria-prima do discurso midiático é a informação e, a partir dela a opinião”. Para a autora,

A diferença entre os dois é crucial, embora possa parecer um tanto confusa ou sutil demais, porque não se refere a temas nem a ‘conteúdos’ que seriam exclusivos desse ou daquela, mas aos efeitos que cada dispositivo é capaz de produzir. O saber é cumulativo e se sustenta na escrita, ao passo que sua circulação se produz graças à transmissão entre dois pólos diferenciados: um que emite e outro que recebe, sendo ambos os papéis definidos antecipadamente de forma fixa e estável. A informação, em contrapartida, é instantânea e múltipla, não respondendo a organizações hierárquicas preestabelecidas e seu suporte privilegiado costuma ser midiático; além disso, não depende da transmissão unidirecional para circular, mas se dissemina formando redes. Por isso ambas as modalidades requerem e produzem subjetividades diferentes (SIBILIA, 2012, p.116).

Com base nos argumentos de Lévy (2010) e Sibilia (2012), é possível afirmarmos que novas formas de construção das subjetividades podem se fazer presentes ou ser efeitos do discurso sobre sexualidade no espaço virtual. Espaço que produz e dissemina informações, inclusive sobre sexualidade, que tem sido palco da manifestação de novas formas de ser e estar no mundo.

Valendo-nos das considerações que fizemos até aqui e recuperando o objeto de nosso trabalho, o discurso sobre sexualidade nos *blogs* de professores/as de Biologia, reafirmamos que, na compreensão das noções de educação e conhecimento que estamos adotando, a cultura e a linguagem têm centralidade. Desse modo, nessa investigação defendemos que

O fundamental não é buscar o certo e o errado do conceito científico em tais artefatos/produções, mas buscar o modo como constituem uma rede de significações que tem efeitos sobre os sujeitos; buscar o quê e como dizem tais produções sobre os conhecimentos das Ciências e Biologia (SILVA, 2012, p.40).

Assim, não buscamos analisar os discursos sobre sexualidade nos *blogs* como certos ou errados, como conhecimentos escolares que respeitem os saberes científicos hegemônicos, porque não nos interessou procurar a verdade das informações divulgadas neles. Interessou-nos analisar o que estava dito nos *blogs*, os discursos de sexualidade produtores de efeitos nos sujeitos, entendidos pela perspectiva teórica que adotamos.

Conforme apontado por Rabello, Caldeira e Teixeira (2012, p. 73),

Os materiais provenientes dos media constituem-se como pedagogias culturais, pois, mesmo não tendo a função deliberada de ensinar, afetam comportamentos e atitudes e influenciam os processos de transformação das identidades e subjetividades.

Entre os saberes produzidos e produtores pelas/das Ciências Biológicas, interessaram-nos a sexualidade, o sexo, os corpos, por serem temas recorrentes na mídia na atualidade, por serem temas escolares entrelaçados às Ciências e Biologia que influenciam os processos de subjetividades e que podem ser caminhos interessantes para pensarmos na escola e na sala de aula. Pois, os textos e discursos midiáticos “[...] podem representar uma oportunidade de leitura de temas atuais relativos à sexualidade que muitas vezes não são encontrados em textos didáticos.” (RABELLO; CALDEIRA; TEIXEIRA, 2012, p. 73-74).

Mas, o que estamos problematizando como sexualidade neste trabalho?

A sexualidade tem sido, desde os anos de 1920, colocada como temática escolar. Por demandas curriculares, como apontam os trabalhos de Silva (2007), Silva (2010, 2012) e Parreira (2014), entre outros/as, ela é trabalhada na disciplina escolar Ciências e Biologia, que dizem sobre o sexo, sobre o corpo, através de enunciados que possibilitam pensar de maneiras determinadas. Enunciados presentes, por exemplo, em LDs de Ciências e de Biologia, que conduzem à apreensão da sexualidade focada no sexo biológico, associando-a aos órgãos genitais, às questões de doença e saúde, reduzindo-a aos sistemas biológicos presentes em organismos humanos.

Nesse sentido, afirmamos, apoiadas em Silva (2010), que no ensino sobre o corpo humano a temática da sexualidade tem sido envolvida e atrelada, em larga escala, à constituição fisiológica, genética e anatômica do organismo biológico da espécie *Homo sapiens*, transmutado em “corpo humano”.

Nas aulas de Ciências e de Biologia no século XX, no Brasil, o entrelaçamento do corpo humano e seu sexo aos órgãos genitais, às noções de saúde e doença, foi construído a partir de ações e discursos sobre corpos e sexualidade que correspondem a certos modos de ser e estar no mundo, necessários a determinado projeto histórico hegemônico. Louro (2013, p. 11) afirma que “[...] a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política, e que ela é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos por todos os sujeitos”.

Ao se fazer do sexo uma temática escolar, colocou-se em ação práticas que fizeram (e fazem) parte da constituição de nossa sexualidade, considerando não apenas as questões pessoais, mas também as questões políticas e sociais. Questões, como apontam Barros (2014) e Silva (2010), baseando-se nas ideias de Foucault e Deleuze, que compõem uma sociedade disciplinar e uma sociedade do controle sobre os corpos, onde corpos e sexualidade são normatizados e regulados por relações de poder-saber que controlam a vida e a morte – nas palavras de Foucault (2014, p. 152), o biopoder:

Esse biopoder, sem a menor dúvida, foi o elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos.

Dessa maneira, podemos pensar que a colocação do sexo em discurso opera conforme certos regimes da relação poder-saber, em que os corpos e o sexo são disciplinados e controlados por poderes sobre a vida. Para compreendê-los, é preciso considerar “[...] o fato de se falar do sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vistas de que se fala, as instituições que incitam a fazê-los, que armazenam e difundem o que dele se diz” (FOUCAULT, 2014, p. 16).

O poder, contudo, não estaria centrado somente nas instituições sociais, em um ponto central, mas provém de todos os lugares, em pontos “localizáveis e instáveis”, ocorrendo através das relações desiguais. Sendo assim, se “[...] produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em todas as relações entre um ponto e outro. [...] é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2014, p. 101).

Segundo Ribeiro (2006, p. 101), o poder ocorre nas “[...] relações de ações sobre ações, funcionando em rede, onde os indivíduos estão em posição de exercer o poder e de sofrer sua ação”. Os indivíduos exercem e sofrem o poder através de relações desiguais que se estendem para a relação com os saberes. Em dados momentos, alguns são concebidos como autorizados a falar sobre o sexo e sua verdade, enquanto outros confessam suas atitudes e são cooptados por certos enunciados.

Num primeiro olhar, pensamos que falar de sexo é algo proibido e reprimido, mas Foucault apontou que, na idade moderna, falamos cada vez mais sobre o sexo – e, paradoxalmente, fizeram-nos pensar que ele é proibido:

[...] confessarmos nossas atitudes em relação a sexualidade, termos a vontade de saber sobre o sexo e, é justamente a ilusão de que não falamos sobre ele, de que o sexo é algo proibido, reprimido, elemento fundamental para escrevermos sua história (p. 17) [...] o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo (FOUCAULT, 2014, p. 39)..

O discurso sobre o sexo tornou-se elemento central de mecanismos que controlam o corpo, os quais Foucault (2014, p. 169) denominou dispositivos. A centralidade do sexo se dá por ele ser “[...] o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres”.

Ao falarmos sobre o sexo, somos levados a pensar, a dar valor, sentido e significado para nossas ações, emoções, condutas, prazeres, participando das práticas desencadeadas e permitidas pelo dispositivo da sexualidade.

Sobre dispositivo, Castro (2009, p. 124) aponta:

1) O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. 2) O dispositivo estabelece a natureza do nexo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. 3) Trata-se de uma formação que, em um momento dado, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim, uma função estratégica. 4) Além da estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo se define por sua gênese.

Compreendendo dispositivo como rede de relações entre elementos heterogêneos, Foucault tomou a sexualidade como um dispositivo. Nessa percepção, encontramos o discurso sobre o sexo, enunciados de diversos campos do saber, como a Medicina, a Biologia, elementos de proposições morais que nos dizem sobre o sexo, sobre o certo ou errado, o dito e o não dito. Assim,

O dispositivo da sexualidade tem como razão de ser, o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 2014, p.116).

Desse modo, o dispositivo da sexualidade atuou e atua sobre a lógica do biopoder no controle da população. Por meio desse dispositivo, as instituições sociais, como a escola, atuou sobre os corpos, buscando discipliná-los e controlá-los. Por tudo isso, a sexualidade é um elemento que estabelece o nexo entre discursos, enunciados, instituições. Se sentimos vontade de saber sobre o sexo, é porque o dispositivo da sexualidade atua no interior instituições sociais por meio de relações de poder-saber, de enunciados que atuam sobre nós e geram essa vontade, como também geram o processo de naturalização de que não falamos nem devemos falar sobre sexo.

Acerca da escola, Foucault (2014, p. 33) afirma que seria inexato dizer que as instituições pedagógicas impuseram um silêncio geral ao sexo das crianças e dos/as adolescentes: “Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas de discurso neste tema; estabeleceu os pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores”.

A respeito disso, Louro (1997, p. 81) afirma que é “[...] indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela as produz”. Portanto, participa da produção e veiculação de sentidos e significados que marcam nosso sexo, nosso corpo: “As marcas da escolarização se inscrevem assim nos corpos dos sujeitos” (LOURO, 1997, p. 62). Marcas que hoje não são localizadas apenas nos prédios e conteúdos escolares, mas que escapam de suas paredes e acontecem mixadas a outras instituições sociais, como a mídia.

Para refletir e compreender sobre como as marcas da escolarização fazem parte da produção de nossa concepção sobre a sexualidade, precisamos estar atentos ao que é dito e ao que não é dito sobre o sexo, às práticas do dia-a-dia, desconfiando do que é “natural”:

São pois as práticas rotineiras e comuns, os gestos as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural” (LOURO, 1997, p. 63).

Concordando com a posição da autora citada, defendemos que é necessário que estejamos atentos e atentas às práticas escolares que falam do sexo e fazem pensar sobre a sexualidade. Como, por exemplo, aquelas que naturalizam que o sexo seja dito nas aulas de Ciências e Biologia por meio de enunciados focados órgãos genitais, nos conceitos de saúde e

doença, centrados na heterossexualidade, contribuindo para negar e apagar qualquer outra forma de exercício do prazer do sexo.

Questionar acerca do que é apontado como natural é atentar ao que é dito sobre os sujeitos, ao não-dito, ao que é silenciado, pois “[...] os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem se nomeados” (LOURO, 1997, p. 67). Parece-nos ser esta uma das tarefas a serem por nós realizadas na escola e sociedade contemporâneas.

Dessa maneira, o não-dito sobre o sexo, sobre as possibilidades de sensações, de prazeres, age para uma determinada concepção do sexo, como, por exemplo, pensarmos que a única possibilidade de prazer, a que é “natural”, é o sexo entre homens e mulheres. É uma concepção construída pela ausência de imagens, textos, enunciados, nos diversos textos, inclusive os escolares, sobre as múltiplas formas de prazer entre os seres humanos. O sexo que é silenciado assegura posições e posicionamentos políticos e de vida, pois

O silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da “norma”. A ignorância (chamada, por alguns, de inocência) é vista como a mantenedora dos valores e comportamentos “bons e confiáveis”. A mantenedora dos valores ou comportamentos (LOURO, 1997, p. 68).

O silenciamento sobre as múltiplas formas de prazer em enunciados escolares, como os das disciplinas Ciências e Biologia, serve para manter valores e comportamentos, instituindo o que é normal e anormal. Silva (2010, p. 153) afirma que “[...] esta normalidade e modos de existências válidos são expressos na figura do heterossexual, branco e homem. E, neste complexo, erige a escola moderna”.

Aqui, encontramos elementos para conjecturar a respeito da escola moderna e para sustentar que na disciplina Biologia, assim como nas Ciências, há saberes sobre o sexo, as sexualidades e os corpos. Esses saberes são ligados a conhecimentos hegemônicos, como os científicos, que categorizam e descrevem o corpo, seus sistemas genitais e reprodutores. São construídos para colocar corpos, sexos e prazeres dentro da norma heterossexual, branca, com predomínio de homens.

Para Ribeiro (2006, p. 103), “[...] na escola a ênfase é tratar a sexualidade pela via dos atributos biológicos compartilhado por todos, independentemente de sua história e cultura.”. A autora afirma que, “[...] a sexualidade está filiada a uma tradição iluminista, segundo a qual o conhecimento científico tem um potencial libertador e emancipatório, o que coloca a escola como herdeira da *scientia sexualis*”. Desse modo, uma noção de Biologia ascética e

desvinculada da cultura apresenta o suporte ideal para essa perspectiva de existência humana e de expressão de sexualidade.

Problematizar os saberes sobre o sexo produzidos no campo disciplinar da Biologia, saberes que marcam nossos corpos e fazem parte da construção de nossa sexualidade, conduz-nos aos mecanismos de produção de uma dada forma de pensar e aos conhecimentos a eles associados. Tais mecanismos por vezes vinculam a sexualidade apenas ao discurso do sexo biológico, a determinados prazeres, que ganham “ares” de verdade trazendo a luz que liberta o homem de sua ignorância.

Contrapomo-nos a essa concepção, afirmando-a como apenas uma possibilidade dentre muitas. São diversificadas as posições que afirmam que a sexualidade não está restrita a questões do sexo biológico e de suas verdades. Ela se manifesta e expressa em corpos que vivem, sentem, se apaixonam, sofrem, amam, vivenciam experiências múltiplas, são marcados pela escola e seus saberes, mas também por outros saberes, de outros campos, que produzem subjetividades e participam da nossa construção identitária. Assim, não é dita apenas por certas verdades da Biologia.

Pensar o dispositivo da sexualidade, quando posto em ação pelos saberes da disciplina de Biologia, aproxima-nos dos discursos que nos levam a determinadas séries de crenças, comportamentos, relações e identidades com nosso corpo, com nosso sexo, com nossos prazeres. Portanto, a mecanismos postos em ação em nossos corpos, por outros e por nós mesmos, implicados a comportamentos, interessados a determinada identidade sexual, de gênero e de prazer sexual. Pensar nesses mecanismos é elucidar a rede de relações de poder-saber que trabalha para encaixar os corpos numa norma sexo-gênero-sexualidade. Desse modo, Weeks (2013, p. 43) aponta que podemos utilizar o termo sexualidade “[...] como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente moldadas que se relacionam como o corpo e seus prazeres”.

Os enunciados que fazem parte de determinado conhecimento da Biologia, hegemônico, que ignora outros saberes implícitos nas subjetividades humanas, ou seja, a história de vida e cultura de cada homem e mulher, aluno e aluna, professor e professora, fazem parte dos mecanismos da normalização sexo-gênero-sexualidade. Louro (2008, p. 80) afirma, nesse sentido,

Certa premissa, bastante consagrada, costuma afirmar que determinado sexo (entendido, nesse caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica o desejo ou induz a ele. Essa sequência supõe e institui uma coerência e uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade. Ela supõe e institui uma consequência, ela afirma e repete uma norma, apostando

numa lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto).

Em concordância com a autora, afirmamos que certos saberes da Biologia contribuem para o alinhamento corpo-sexo-gênero-sexualidade. Este, é construído socialmente e moldado historicamente, com contribuições de certos saberes desse campo científico.

Os discursos que determinam o sexo de um corpo humano como macho ou fêmea pela presença de características biológicas, como os cromossomos sexuais, a genitália e os hormônios, está baseado no reducionismo biológico que os associa à sexualidade humana, por “[...] inscrevê-lo num domínio aparentemente estável e universal, o domínio da natureza” (LOURO, 2008, p. 81). Tal compreensão concebe a existência dos corpos fora da linguagem, fora da cultura. Louro (2008, p. 81) questiona: seria um corpo possível? E responde, fazendo-nos pensar que “[...] não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias”.

Portanto, concebemos que o sexo biológico (diferença sexual que normaliza os organismos/os corpos) é produzido na cultura, pela linguagem, através da repetição de gestos e falas que se exercem sobre os sistemas biológicos. Para Butler (2013) a diferença sexual, entretanto, nunca é simplesmente uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Nesse sentido,

Não se podem de forma alguma, conceber o gênero como um construto cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria – quer se entenda essa como o “corpo”, quer como suposto sexo. Em vez disso, uma vez que o próprio “sexo” seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2013, p.155).

Desse modo, pensamos o sexo como uma norma por meio da qual um corpo, “alguém”, se torna viável no interior da cultura; o modo pelo qual o organismo biológico se transmuta em corpo humano; norma que modela numa determinada sociedade num tempo histórico. Nessa perspectiva, ao discorrer sobre a origem do termo “sexo”, Weeks (2013, p. 42) nos auxilia na compreensão dos dizeres de Butler

Significava, originalmente, o resultado da divisão da humanidade no segmento feminino e no segmento masculino. Referia-se, naturalmente, às diferenças entre homens e mulheres, mas também à forma como homens e mulheres se relacionavam (...) esse relacionamento era significativamente diferente daquele que nossa cultura compreende, atualmente como dado – que homens e mulheres são



fundamentalmente diferentes. No período que compreende, aproximadamente os últimos dois séculos, 'sexo' adquiriu um sentido mais preciso: ele se refere às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, aos corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide, e não ao que nos une.

As diferenças dos corpos são garantidas por investimentos contínuos e repetitivos nas instâncias sociais nos últimos séculos, por onde os corpos circulam, como a escola e a mídia. Tais investimentos dizem sobre as diferenças dos corpos masculinos e femininos, correlacionando-os binariamente ao ser humano, ser que é homem ou que é mulher, a partir de fronteiras rígidas que definem o gênero.

Portanto, a definição de papéis sociais para homens e mulheres pautada em características sexuais (biológicas) predominou por muitos séculos. Tal definição respaldava práticas discriminatórias baseadas nas diferenças sexuais (determinismo biológico). Joan W. Scott (1995) assinala a necessidade da criação da categoria gênero também com o intuito de ressaltar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A emergência do conceito de gênero, nos anos 1970, por meio do movimento de mulheres (feministas) esteve associado a formas e estratégias políticas deste movimento no que diz respeito ao combate a processos de discriminação e extremo preconceito experimentados por esse segmento da população na história da humanidade, e à luta das mulheres como estratégia política de fazer emergir e assegurar essas discussões em espaços e ambientes ainda com severas ressalvas aos estudos sobre as mulheres, como o espaço acadêmico, por exemplo.

Auad (2006) aponta que gênero se refere a um conjunto de representações construída em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos. Quanto ao conceito, Louro (1997, p. 24) esclarece que não significa que há uma maneira pré-determinada a decidir o que é ser homem e o que é ser mulher, ou seja, não se deve considerar que há papéis masculinos e femininos, pois, pensando assim,

[...] não conseguiríamos examinar as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.

Scott (1995) e Auad (2006) afirmam que a construção de aprendizagens acerca das identidades do que é ser homem e ser mulher se processam em diversas instituições sociais em tempos e lugares específicos, como também propõe Meyer (2008).

Faz-se relevante alertar acerca das aprendizagens – de caráter permanente – e da atuação sobre os corpos dos sujeitos. Ambas ocorrem em processos contínuos, construídos em

práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, por meio das quais o conceito de gênero se firma, pois

[...] obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se de (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori (LOURO, 1997, p. 23).

Destacamos a perspectiva histórica, social e cultural para a qual Louro aponta, na citação que acabamos de apresentar, quando discute a noção de gênero. Tal perspectiva, inevitavelmente, assinala a dimensão do poder na qual a categoria gênero foi formulada e se contrapõe à perspectiva do determinismo biológico construtora da norma sexo-gênero-sexualidade.

Por mais que seja esclarecido que as categorias da sexualidade, do sexo e o gênero são constructos históricos, sociais e culturais, são necessárias mudanças na forma de pensamento que permitam enxergar que os corpos e seus prazeres transgridem as fronteiras do binário. Necessita-se de ver as múltiplas formas de ser e estar, as diferenças, sem enquadrá-las como desviante ou patológicas, ou seja, pensar corpos e prazeres para além da possibilidade binária de gênero e para além das possibilidades binárias de prazer sexual, como entre corpos de sexos diferentes (heterossexualidade) e prazeres entre os sexos iguais (homossexualidade). Em suma, ultrapassar as possibilidades de pensamento que aprisionam e fazem da heterossexualidade uma norma: a heternormatividade.

É preciso, assim, “[...] empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão” (LOURO, 2008, p.45). A mudança epistemológica corresponderia a estratégias políticas de sexualidade nas qual a norma seria posta em xeque pela luta e defesa da diferença de cada corpo poder ser, sem os enquadramentos que o aprisionam e estabelecem hierarquias e desigualdades. O corpo pode ser para além da simples tolerância ou respeito. Sendo, acontecendo, transgredindo, o corpo perturba o sistema, é *queer*, é estranho, não normalizado. Para Silva (2011, p. 107), esta seria uma epistemologia *queer*, “[...] perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa.”. O autor continua:

O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidades (SILVA, 2011, p. 107).

Os embates e estudos no campo da cultura e da sexualidade, nos últimos anos, destacam que um dos grandes desafios implica “[...] assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicam e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários” (LOURO, 2008, p. 28). Por isso, o termo sexualidade poderia ser acrescido de “S”, ser pensado no plural, tentando-se aproximá-lo linguisticamente das múltiplas possibilidades sexuais. Diríamos, portanto, sexualidades, e não sexualidade<sup>27</sup>.

As múltiplas formas de sexualidades e dos corpos contemporâneos se multiplicam ainda mais, assim como se multiplica e se transforma a interação do corpo com a tecnologia. As identidades, os corpos e as sexualidades contemporâneas são mutáveis, efêmeras, voláteis. Na cibercultura,

Essa é a forma de realização plena das sexualidades: o sexual é apenas um modo de aparecimento, um brilho efêmero e arrebatador dos corpos, turbinados pelas tecnologias, nas carícias sem fim das telas. Aquele velho corpo obsoleto, aquela velha sexualidade – dos corpos que se encontravam, se apalpavam e se enlaçavam – são, agora, apenas resíduos, como forma ausente do desejo, na liquidação dos corpos também residuais (COUTO, 2009, p. 12).

Esses corpos transmutados e líquidos que acontecem no ciberespaço são, contudo, continuamente subjetivados e alterados. São educados pelos *sites* que visitam e que constroem, pelas plataformas que utilizam, pelos textos que leem e que produzem.

O dispositivo da sexualidade é colocado em prática no ciberespaço, nos artefatos culturais como os *blogs* e nos textos que ali circulam. Nossos corpos acontecem virtualizados em meio as relações de poder-saber, são marcados e subjetivados por elas. As informações e os conhecimentos implicados com as novas formas de ser e estar fluem, volatilizam, acontecem e somem junto com nossos corpos e sexualidades contemporâneas.

Com Couto (2009, p. 15), entendemos que este estudo se constitui num desafio fértil:

Estamos, pois, diante de fecundos desafios para os estudos sobre corpos, gêneros e sexualidades e para as práticas de novas educações que considerem essas transformações aceleradas, dinamizadas e circulantes no contexto da vida digital.

Olhar para o tempo presente, para a cultura que emerge nas redes, para as sexualidades e os corpos, sem aprisioná-los, classificá-los, mas aproximando-nos do que os faz: este é o desafio que acreditamos estar perseguindo com este estudo.

---

<sup>27</sup> Durante este texto escolhemos utilizar as duas expressões: sexualidade (o dispositivo) e as sexualidades (aproximando linguisticamente das múltiplas possibilidades sexuais).

## 2 Cultura e Internet: possíveis caminhos metodológicos

### 2.1 Valores, Sentidos, Significados e as opções metodológicas

Ao colocarmos em ação uma pesquisa, estamos trabalhando com valores, sentidos e significados construídos ao longo de nossa vida, de nossas experiências profissionais e pessoais, em meio aos processos culturais que nos fazem mulheres, estudantes, professoras em formação, pesquisadoras. Neste trabalho, propusemo-nos responder a seguinte questão de investigação: que discursos de sexualidade atravessam as publicações em *blogs* de professores/as de Ciências e Biologia? Tal pergunta não surgiu de simples curiosidades, mas de certas inquietações sobre sexualidade, sobre como somos levadas a pensar o sexo e o corpo. Houve insatisfações que nos mobilizaram.

Costa (2005, p. 201) aponta que “[...] as perguntas são expressões de um tempo, de um pensamento, de uma movimentação no interior de uma cultura”. Assim, as perguntas que deram norte a esta pesquisa estão ligadas ao nosso tempo, ao nosso pensamento, vinculadas às nossas formas particulares de ver, compreender e atribuir sentido ao mundo. Admitimos que as questões deste estudo nos conduziram a caminhos e princípios metodológicos, a escolhas de postura quanto ao conhecimento e ao modo de pesquisar, sendo fruto de corpos que optam e agem num determinado contexto social, cultural e histórico.

As questões que formulamos remexeram nossos saberes sobre a sexualidade, mobilizaram-nos a escrever, a ler, escutar, sentir, tatear, pensar. Mas, pensamos por e através de uma linguagem que não é neutra, ou uma linguagem que, como afirma Meyer (2012, p. 52),

Se produz, se mantém e se modifica no contexto de lutas e disputas pelo direito de significar. É com ela e nela que se constitui o que é dizível, e, portanto, também pensável e compartilhável, em cada época, em cada local, em cada cultura.

Se é a linguagem que constitui o que é dizível, o que é pensável, fomos estimuladas a fazer perguntas sobre as lutas e disputas que ocorrem em seu interior. Nossos questionamentos dizem sobre nossa sexualidade e nossos corpos, pois os corpos que fizeram esta pesquisa são construídos e ganham significados em tais lutas e disputas. São, portanto, “construtos sociais” (MEYER, 2012, p. 53).

Com essa perspectiva, aproximamo-nos de perguntas que não procuram explicar o sentido da sexualidade. Atentamo-nos para “[...] a descrição e a análise dos processos de

produção, de divulgação e interpelação, de incorporação e de contestação ativas de determinados significados, saberes e posições de sujeito” (MEYER, 2012, p. 53).

Na contestação de determinados significados e saberes, estivemos em busca de caminhos que pudessem nos inquietar cada vez mais, nos mobilizar a continuar perguntando sobre os processos culturais que nos constituem. Desse modo, sem o intuito de chegar a conclusões definitivas, pretendemos obter respostas “[...] provisórias, sujeitas a constantes revisões” (COSTA, 2005, p. 209).

As questões deste estudo partiram de escolhas políticas e epistemológicas que admitem a centralidade da linguagem e da cultura no fazer científico. Ao investigarmos a sexualidade, estamos abordando os processos culturais e as disputas nas relações de poder-saber que ocorrem em determinada época, construindo os significados atribuídos ao corpo, à mulher, à saúde, à paternidade, ao sexo, às homossexualidades etc.

Vislumbramos as publicações sobre sexualidade de professores/as de Biologia em *blogs* como formas de produção e divulgação de determinados significados. Por preocuparmo-nos com esse universo de significados, sentidos, valores e experiência construído por tais publicações, entendemos que nosso estudo possui caráter qualitativo.

Não é o foco de nossa investigação a quantidade de informações que serão analisadas, tampouco se fez necessária a utilização de estatísticas para a construção de padrões e de dados. Associamos a realidade investigada com outros eventos sociais e culturais, distanciando-nos, assim, de pesquisas de caráter quantitativo, porque a pergunta que fizemos não nos exigiu esse tratamento.

Para Lankshear e Knobel (2008, p. 66),

Enquanto a pesquisa quantitativa está fortemente interessada na identificação de associações causais, correlativas ou de outros tipos, entre os eventos, processos e consequências que ocorrem nas vidas mentais e sociais dos seres humanos; a pesquisa qualitativa está principalmente interessada em como as pessoas experimentam, entendem, interpretam e participam de seu mundo social e cultural.

Nossa aproximação da abordagem qualitativa aconteceu em razão de perguntarmos sobre os discursos de sexualidade produzidos e veiculados nos *blogs*. Ocorreu, ainda, por pensarmos que o fazer científico não é uma atividade neutra, dependente do distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo ou do afastamento dos/as atores/as sociais que o constroem, seus contextos, emoções e valores – pensamento que “[...] predominou por muito tempo nas Ciências Físicas e Humanas, por influência do Positivismo do século XIX” (LIMA, 2003, p. 38).

Hoje, após vários debates teóricos, o contexto e os valores do/a pesquisador/a são considerados no fazer científico, sendo as pesquisas qualitativas aceitas no universo da ciência. Paulo Gomes Lima (2003, p. 39), no trabalho “Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional”, ressalta que, para que a pesquisa qualitativa chegasse ao que representa hoje, “[...] foi necessário um bem embasado e forte, embora paulatino, desenvolvimento dentro de um processo histórico que requereu muito labor, confrontos e debates nos meios acadêmicos”.

Tais confrontos e debates ocorreram mais fortemente nas décadas finais do século XX. Durante esse processo, a apropriação da pesquisa qualitativa sofreu “[...] diversas mudanças na compreensão do sujeito e objeto de pesquisa, os chamados cinco momentos específicos.” (LIMA, 2003, p. 42). Os cinco momentos descritos pelo autor são: 1º) Período Tradicional, que durou do século XIX aos anos 30 do século XX; 2º) A Fase modernista, dos anos 1930 aos anos 1950; 3º) Gêneros Borrados, durante os anos 1960; 4º) Crise de Representação, nos anos 1970; e 5º) “O Quinto Momento”, a partir dos anos 1980.

Conforme a pesquisa realizada por Lima (2003), apresentamos sucintamente os quatro primeiros momentos. O primeiro é marcado pelo predomínio da etnografia, através de escolas antropológicas e de estudos de problemas sociais como a urbanização, a pobreza e a condição de vida dos/as trabalhadores/as. Na fase modernista, o segundo momento, surgem novas teorias como a fenomenologia, a teoria crítica e o feminismo, e estudos sobre a família e a mulher. Durante os anos de 1960, o terceiro momento, as pesquisas qualitativas são marcadas pelo surgimento de uma quantidade significativa de teorias, tais como o interacionismo simbólico, o construtivismo e o estruturalismo, e de estudos com foco em problemas educativos. No quarto momento, acontece a crise de representação nas pesquisas qualitativas em questão, sobre o papel do/a investigador/a e a consideração do outro no processo de pesquisa, possibilitando o surgimento do quinto momento.

As pesquisas realizadas nas décadas de 1990 e 2000 encontram-se no quinto momento, quando pesquisadores/as se centram no “objeto de estudo” e o entendem

Como elemento de uma totalidade epistemológica fundamentada em valores, que se desdobram em instrumentos facilitadores do processo investigativo e que ofereçam soluções ou apontem caminhos para a resolução do problema estudado, de forma a ser possível pensar e repensar sobre a realidade que lhe circunda (LIMA, 2003, p. 53).

Portanto, trabalhar com a pesquisa qualitativa é considerar que o objeto de estudo faz parte de uma realidade epistemológica fundamentada em valores humanos. Nosso objeto de estudo é parte do contexto contemporâneo, e à medida que o trabalhamos, nos transformamos

junto a ele, ao tempo que são apontados meios para repensar nossa tarefa enquanto professoras e pesquisadoras da Educação em Ciências, ainda em formação e interessadas nos aspectos culturais, sociais e políticos dessa área do conhecimento.

Nesse sentido, os caminhos metodológicos que realizamos foram conduzidos pelo nosso objeto de estudo. Assim, nossa pesquisa de caráter qualitativo e descritivo apresenta aproximações com a etnografia em ambiente digital<sup>28</sup>, a netnografia, e com alguns pressupostos da análise cultural e da análise do discurso. Iniciamos com a apresentação dos elementos que nos aproximaram da etnografia em ambiente virtual, para dela tomarmos de empréstimo alguns procedimentos, e finalizamos este capítulo descrevendo os procedimentos metodológicos da análise realizada.

Entendemos que na atualidade, entre os diversos espaços pelos quais nossos corpos circulam e produzem cultura, temos a internet, o ciberespaço<sup>29</sup>. Pensar a internet como um elemento que faz parte de nosso cotidiano, de nossa cultura, leva-nos a considerá-la um artefato cultural, numa perspectiva que

Favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte [...] A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos. O objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 42).

Podemos compreender que a internet pode ser apropriada para a investigação sobre a construção de significados e sentidos sobre a sexualidade. Assim, ficamos próximas da etnografia em ambientes digitais, pois ela nos possibilita refletir sobre as comunidades contemporâneas, a cultura e o discurso no ciberespaço.

A palavra etnografia vem do grego *ethno* – nação, povo – e *graphein* – escrever. O termo deriva da Antropologia e significa, literalmente, descrição do modo de vida de uma raça ou grupo de indivíduos. No entanto, Fragoso et al (2011, p. 168) salientam que são muitas as definições de etnografia encontradas na literatura, seja ela como método ou como produto resultante de uma pesquisa (relatório, narrativa).

Para Amaral (2010, p. 125), desde que a internet foi reconhecida como meio de comunicação e constituição de grupos sociais, “[...] alguns pesquisadores perceberam que as

<sup>28</sup>No campo teórico não há consensos acerca do uso das expressões etnografia em ambiente digital e etnografia em espaço virtual, em razão do debate em torno da compreensão do conceito virtual. Neste trabalho, por considerarmos não haver prejuízos conceituais, utilizamos as duas expressões com mesmo sentido.

<sup>29</sup>Ciberespaço – “Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização” (LÉVY, 2010, p. 94-95).

técnicas de pesquisa etnográficas também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e comunidades agregadas via Internet”. Entre eles/as, Cristine Hine (2000), que popularizou o termo “etnografia” em ambiente virtual.

Fragoso et al (2011) apontam que há distintas terminologias no que se refere ao uso da etnografia nos meios digitais, como a netnografia, a etnografia digital, a webnografia e a ciberantropologia, que se distinguem pelo explicitado no quadro a seguir:

**Quadro 1** – Terminologias referentes à etnografia nos meios digitais

	Netnografia	Etnografia Digital	Webnografia	Ciberantropologia
Definições e tipos de pesquisa	Neologismo criado no final dos anos 1990 (net + etnografia) para demarcar as adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados quanto à ética de pesquisa. Relaciona-se aos estudos de comunicação com abordagens referentes ao consumo, <i>marketing</i> e ao estudo das comunidades de fãs. Muitas vezes é descrita apenas como monitoramento de <i>sites</i> e grupos <i>online</i> , principalmente quando associada à pesquisa de mercado.	Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Outro objetivo é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico.	Alguns autores (DANN; FOREST, 1999, <i>online</i> , apud Fragoso et al, 2011) utilizam-na enquanto termo relacionado à pesquisa aplicada de <i>marketing</i> na internet, ligado à questão das métricas e audiências dos <i>sites</i> , principalmente em ambientes de discussão. Outros (RYAN, 2008, apud FRAGOSO et al, 2011) compreendem o termo como o método não restrito a etnógrafos e antropólogos/as, mas sim a todos pesquisadores interessados nos complexos aspectos sociais, culturais e psicológicos relacionados com e através da internet.	Estudo dos humanos nos ambientes conectados. Baseia-se nos conceitos antropológicos de Donna Haraway para examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria de “ser humano” em suas reconfigurações.

Fonte: (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 198-199)



Pela leitura do quadro 1 é possível afirmar que a netnografia é utilizada no estudo e monitoramento de comunidades virtuais; a etnografia digital se interessa em expande as possibilidades da etnografia virtual ao postar o material digital coletado para colaborar com estudos e o público extra-acadêmico; e a webnografia é aplicada à pesquisa de *marketing* na internet ou pesquisas interessadas em aspectos sociais, culturais e psicológicos relacionados com e através da internet. A ciberantropologia, por seu turno, preocupa-se em examinar a reconstrução tecnológica do ser humano.

Os procedimentos metodológicos referentes à netnografia apresentados por Fragoso et al (2011) permite-nos compreender a forma como a internet se integra à vida cotidiana e provoca transformações nos modos de vida de uma comunidade. O monitoramento de *sites* é uma de suas etapas. É útil para a compreensão da integração da internet à vida das pessoas, e insere o pesquisador no campo, construindo-o a partir da imersão no espaço digital.

O pesquisador participa do espaço investigado como observador. A participação pela observação pode ocorrer de maneira silenciosa, o que trará reflexos na investigação, “[...] mesmo que o pesquisador não se identifique e não seja um participante previamente inserido na cultura em questão, há uma transformação no objeto.” (AMARAL, 2010, p. 131). Assim, afirmamo-nos como “observadoras silenciosas” de *blogs* de professores/as de Biologia, não havendo de nossa parte um processo de interação e publicização de nossa observação para os/as autores/as dos *blogs* que estudamos.

A netnografia surgiu no final da década de 1990, o que demonstra o quão recente é a internet como campo de pesquisa. Por isso, no que diz respeito aos ambientes digitais, há sérios dilemas de cunho ético que debatem o que é ou não público, o que é passível ou não de trabalho e divulgação em pesquisas científicas. Tal fato torna necessárias a clareza e a delimitação do nosso objeto de estudo.

No debate entre o que é público ou não, especificamente, Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 21) apontam que é possível classificar os ambientes digitais em quatro níveis de privacidade: [...] “público (aberto e disponível a todos); semipúblico (requer cadastro ou participação); semiprivado (requer convite ou aceitação) e privado (requer autorização direta)”.

O problema de pesquisa e os objetivos deste trabalho direcionam a construção de nosso objeto de estudo para ambientes totalmente públicos, já que o caminho que realizamos para acessar os *blogs* e as publicações dos/as professores/as de Biologia sobre sexualidade não necessitou de realização de cadastro, nem nossa participação exigiu convite ou autorização direta. E, além disso, por esta pesquisa não trabalhar diretamente com seres humanos, no

entendimento da Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, entendemos que não careceria de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos.

O universo da internet, como apontado anteriormente, é “[...] multifacetado e dinâmico, heterogêneo e com grande escala” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 55), assim como os *blogs* que nele se encontram. Desse modo, tornamos explícitos, como sugerem Fragoso et al. (2011, p. 59), “[...] nossos processos de seleção e recorte da nossa amostragem, para esclarecer o fato de que aquele ou aqueles casos estão sendo destacados”.

Os critérios apontados para a construção da amostragem foram apropriados de Fragoso et al (2011): amostragem intencional e por intensidade. A amostragem intencional é construída ao selecionarmos amostras qualitativas, que apresentam características interessantes à pesquisa. Quando tais amostras apresentam elementos de forma intensa ou evidente, estamos construindo o tipo de amostra por intensidade.

Este trabalho, então, partindo dos objetivos da pesquisa e do universo observado, construiu sua amostragem constituindo-a de 07 (sete) *blogs* de professores/as de Biologia e as respectivas páginas no Facebook, que serão descritos no terceiro capítulo deste trabalho.

## **2.2 O universo observado e a amostragem: como chegamos aos *blogs*?**

Os caminhos percorridos até chegarmos aos objetivos definitivos deste trabalho estão entrelaçados às pesquisas mais amplas dentro do GPECS<sup>30</sup>. Essas investigações localizaram que, dentre as indicações de materiais complementares encontradas no LD, há indicação de materiais disponíveis em ambientes virtuais. A leitura e análise do Edital de Convocação para Inscrição no Processo de Avaliação e Seleção de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2012 – Ensino Médio nos colocaram em contato com um critério de avaliação pedagógica das obras didáticas que apontava para o uso de leituras diversificadas e atividades complementares. Tal critério afirma: “Oferece ao(a) professor(a) indicações de leituras diversificadas sobre educação em ciência, especificamente sobre o ensino de Biologia, bem como sugestões de atividades pedagógicas complementares” (BRASIL, 2009, p. 38).

No mencionado edital, há o critério de avaliar se o LD possui indicações de materiais pedagógicos complementares ao livro do aluno e de leituras diversificadas sobre a Educação

---

<sup>30</sup>Trata-se das pesquisas intituladas “Conhecimento Biológico e Culturas: uma análise das propostas metodológicas presentes nos livros didáticos de Biologia selecionados no PNLD/2012” – Chamada MCTI /CNPq /MEC/CAPES/N ° 07/2011 e “Conhecimento biológico, cultura e sexualidade: análise das propostas metodológicas em livros didáticos brasileiros e portugueses de Biologia” – Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES/Nº18/2012.

em Ciências. Este foi traduzido na ficha de avaliação<sup>31</sup> das obras didáticas de Biologia, especificamente no bloco de avaliação do “Manual do Professor”, e continua presente no Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014 (BRASIL, 2013).

No edital do PNLD-2014<sup>32</sup>, admitiu-se a submissão de coleções impressas e digitais para avaliação, denominadas Tipo 1: “Obra Multimídia composta de livros digitais e livros impressos” (BRASIL, 2013, p. 1). O edital esclarece que, nas obras do Tipo 1, o editor deverá apresentar obras multimídias compostas de livros digitais e livros impressos. Nos digitais, deverá proporcionar o conteúdo dos livros impressos correspondentes integrados a objetos educacionais digitais. O edital diz: “Entende-se por objetos educacionais digitais vídeos, imagens, áudios, textos, gráficos, tabelas, tutoriais, aplicações, mapas, jogos educacionais, animações, infográficos, páginas web e outros elementos” (BRASIL, 2013, p. 3).

A indicação dos editais do PNLD – representando políticas governamentais relativas aos livros – da interação do LD com as outras linguagens, como, por exemplo, a internet, é assinalada como forma de favorecimento da aprendizagem e da compreensão e objetivos do Ensino de Ciências na sociedade contemporânea. Neste sentido, os LDs respondem aos critérios de avaliação do edital do PNLD, por meio de esclarecimentos propostos em suas orientações no Manual do Professor, os quais percebemos na análise das obras de Biologia aprovadas já no edital anterior, do PNLD/2012.

Linhares e Gewandsznajder (2010, p.11) afirmam, em sua coleção aprovada pelo PNLD-2012:

Ao trabalhar com os conteúdos midiáticos, é interessante que o professor ajude os estudantes a estabelecer relações entre conteúdos e os temas abordados pelo livro didático, a fim de que os estudantes percebam que ambos os recursos se complementam e podem enriquecer sua aprendizagem.

Os autores reiteram o papel do/a professor/a, como aquele que ajuda os/as alunos/as a no estabelecimento de relações entre aquilo que é abordado pelo livro didático. Logo, o texto midiático parece ser apontado como complementar ao conteúdo do LD, e não como outro texto que também trata do conhecimento biológico.

---

<sup>31</sup>Tal ficha é disponibilizada no Guia do Livro Didático no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

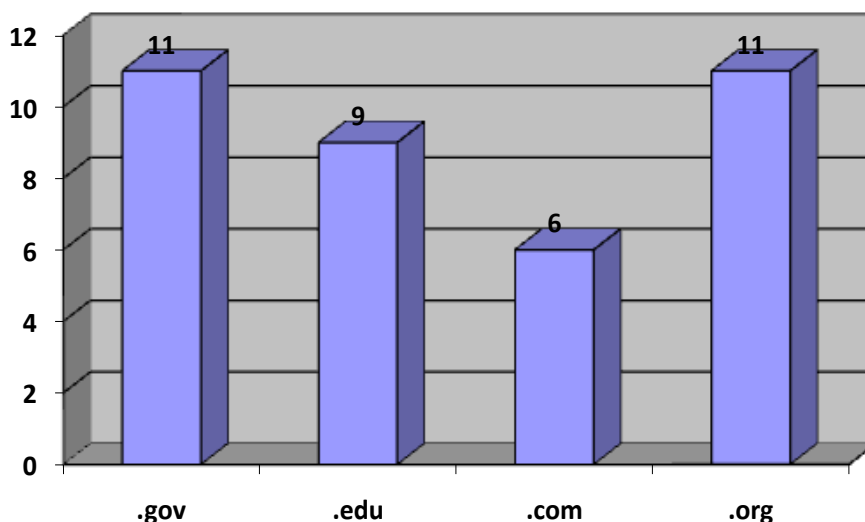
<sup>32</sup>Cabe informar que esse edital selecionou e avaliou obras didáticas para o Ensino Médio, inclusive de Biologia, que foram distribuídas nas escolas públicas brasileiras no ano de 2015. Há, portanto, nas escolas públicas de Ensino Médio, no Brasil, livros destinados a alunos/as e professores/as nos formatos impresso e digital.

Em outra coleção, Silva Júnior, Sasson e Caldini Júnior (2012, p. 26) destacam a importância de apresentar aos alunos outros textos e formas de obtenção de informação, e isso vale para a Biologia:

Parece-nos de grande importância que o aluno se dê conta de que há muitas outras formas de obter informações e que se beneficiará ao consultá-las, adquirindo mais de um tipo de “olhar” sobre os problemas propostos. [...] Essa necessidade nos levou a sugerir livros, às vezes paradidáticos, que permitirão que reforcem, aprofundem e façam com que observem outros enfoques sobre assuntos que já lhe são familiares. O mesmo motivo nos leva a propor uma série de links para a web, bastantes numerosos ao longo da obra.

Diante do reconhecimento das informações fornecidas pelos editais do PNLD e das informações contidas nos LDs, iniciamos um levantamento e reconhecimento de conteúdos sobre a sexualidade disponíveis na internet e na *Web*<sup>33</sup>, a partir das oito coleções de LD aprovadas no PNLD-Biologia/2012, destinadas aos/as professores/as (Manual do Professor). Encontramos publicações na *Web* distribuídas em diversos *websites* hospedados sob domínios, conforme demonstra o gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – *Websites* relacionados à sexualidade indicados pelos livros de Biologia aprovados pelo PNLD/2012 por tipo de domínio



**Fonte:** Dados de pesquisa extraídos da leitura e análise de obras didáticas destinadas ao professor aprovadas no PNLD/2012 – Biologia. 2014.

<sup>33</sup>Fragoso et al (2011, p. 55) apontam que “[...] a internet é a rede mundial de computadores, conectados através de uma infraestrutura de hardware e software, cujas primeiras conexões foram estabelecidas nos EUA, no final dos anos 1960. A worldwide web, ou só web, foi criada no final dos anos de 1980 e é um subconjunto das informações disponíveis na internet, os websites, organizadas em documentos interligados por hiperlinks e acessíveis através de software específico”.

As publicações indicadas pelos LD de Biologia encontram-se em 37 páginas indexadas à *Web*<sup>34</sup>, que foram agrupadas, primeiramente, conforme as indicações do endereço eletrônico acessado<sup>35</sup>. Observando o domínio<sup>36</sup> das páginas eletrônicas, agrupamos as publicações que estavam em *websites* governamentais (domínio “.gov”), encontrando 11 (onze) *websites*, sendo 09 (nove) pertencentes ao portal do Ministério da Saúde do governo brasileiro e 02 (dois) ao *Department of Health & Human Services* do governo norte-americano.

Em seguida, reunimos as publicações ligadas a instâncias educativas formais, (domínio “.edu”), como as universidades brasileiras<sup>37</sup>, ou instâncias ligadas a universidades, como é o caso da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), “.fapesp”. Nessa listagem, foram encontrados 09 (nove) *websites*, dos quais 02 (dois) são trabalhos resultantes de programas de pós-graduação – uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado –, e os outros 07 (sete) são artigos científicos divulgados pelas universidades.

No caso dos domínios “.com” e afins, os mais encontrados na internet devido à facilidade de registro<sup>38</sup>, foram localizados 06 (seis) *websites*, entre eles páginas de revistas, como a revista Época (Editora Globo) e a revista Ciência Hoje (Instituto Ciência Hoje), o *site* UOL<sup>39</sup> e *blogs* como o do psicólogo e médico Jairo Bouer<sup>40</sup>.

Por fim, agrupamos os *sites* de organizações não governamentais (domínio “.org”), constituindo um total de 11 (onze) *websites*. Nessa listagem, localizamos 08 (oito) *websites* de

<sup>34</sup>Segundo Fragoso et al (2011, p. 55) “[...] a expressão páginas indexáveis a web, designa o conteúdo da web normalmente acessível às ferramentas de busca.”

<sup>35</sup>De acordo com Machado (2004), o endereço eletrônico que aparece no alto do navegador, ao acessarmos um *site*, chama-se URL (UniformResourceLocator). Ele é constituído, primeiramente, por duas siglas: *http://* e *www*. As letras e sinais “*http://*” significam *documento hipertexto*, que é como são designados os documentos usados na internet. *WWW* significa *World Wide Web* ou “rede de alcance mundial”. Vale dizer que, por questões técnicas, em alguns servidores não é necessário digitar “*www*” depois do “*http://*”. Após essas siglas, encontramos o nome do *site* seguido de seu domínio e extensão. O domínio é o local no endereço eletrônico que identifica o tipo ou fim da organização ou indivíduo que utiliza o espaço eletrônico, e a extensão .br geralmente é a localização geográfica.

<sup>36</sup>Para o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CG), sobre os Domínios de Primeiro Nível (DPNs) oferecidos na extensão .br, existem três tipos: “Os domínios de pessoa física e profissionais liberais, podem ser registrados por um titular com CPF (blog.br, flog.br, wiki.br, pro.br, etc), os domínios de pessoa jurídica devem ser associados a um CNPJ (gov.br para instituições do governo federal, org.br para instituições não governamentais sem fins lucrativos, edu.br para instituições de ensino superior, etc) e os domínios genéricos podem ser registrados por CPF ou CNPJ (com.br, net.br, eco.br, etc)”. Disponível em: <http://www.nic.br>. Acesso em: 15 set 2014.

<sup>37</sup>De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CG), sobre os Domínios de Primeiro Nível (DPNs), as instituições de ensino e pesquisa do terceiro grau que usavam o registro “.br” (por exemplo: ufu.br) antes da normativa que ativa o domínio edu.br, no ano de 2001, podem permanecer com seus domínios, sendo os mesmos duplicados para edu.br, desde que reflitam adequadamente o nome da instituição. Disponível em: <http://www.nic.br>. Acesso em: 15 set 2014.

<sup>38</sup>Segundo o Departamento do Comitê Gestor da Internet no Brasil, responsável pelas atividades de registro e manutenção dos nomes de domínios que usam o .br, no caso de domínios com terminação .com.br, .com, .net, .arq.br, .pro.br, .adv.br, .odo.br, não é necessário o CNPJ para o registro. Exige-se somente a apresentação do número do CPF ao formulário de registro. Disponível em: <http://registro.br/dominio/categoria.html>. Acesso em: 15 set 2014.

<sup>39</sup>Disponível em URL: <<https://www.uol.com.br>>. Acesso em: 09 jul 2014.

<sup>40</sup>Disponível em URL: <<http://drjairobouer.blog.uol.com.br>>. Acesso em: 09 jul 2014.

associações médicas, como a Associação Brasileira de Enfermagem, a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia e a Sociedade Brasileira de Pediatria, e 02 (duas) publicações do *blog* de nome “Simbiótica”, que tem uma professora portuguesa como autora.

Ao analisarmos as informações contidas no gráfico 1, correlacionando-as à leitura das informações existentes nas páginas eletrônicas, percebemos que os *websites* indicados no Manual do Professor<sup>41</sup>, direcionados para as temáticas da sexualidade, tendem a associá-la às questões de saúde ou doença, ou seja, às discussões biomédicas, assim como nos textos complementares sugeridos. Tal aspecto pode ser reiterado pela grande indicação do portal do Ministério da Saúde (09 *websites*), seguido de *websites* de Associações Médicas (08 *websites*) e de artigos científicos da área da saúde.

No entanto, no reconhecimento dos *websites*, é possível notar que as páginas eletrônicas que possuem o domínio “.org” ou “.com” em seu endereço eletrônico podem possuir publicações diferentes daquelas relacionadas a instâncias governamentais oficiais e das publicações das instituições de ensino superior. No acesso aos endereços de domínio não governamentais (domínios “.com” ou “.org”), encontramos indicações de 07 (sete) *websites* que se constituem como *blogs*<sup>42</sup>. Podemos utilizar essa nomenclatura pelo fato de tais *websites* possuírem características específicas.

Ao visitarmos o *website* e visualizarmos sua URL, atentando para o domínio eletrônico livre, como “.com”, “.org”, percebemos a ausência de ligação com instâncias governamentais, podendo ser pertencente a uma única ou a um conjunto de pessoas físicas. À medida que navegamos, notamos outra característica que permite denominá-lo *blog*: as marcas que indicam seu pertencimento a um software<sup>43</sup>, conhecido como plataforma de *blogs*, que possui o objetivo de determinar a interface<sup>44</sup> do *site*, ou seja, esse software tem a função de facilitar a criação de um *blog* próprio. Sobre o *software*, ou, a plataforma do *blog*, Oliveira (2006, p. 5) argumenta:

<sup>41</sup> Reiteramos que o Manual do Professor é a designação utilizada no Brasil para o livro didático destinado ao/a professor/a.

<sup>42</sup> Segundo Oliveira (2003), “[...] o termo *blog*, advindo do termo *Weblog*, foi cunhado em dezembro de 1997 pelo americano Jorn Barger. Até 1999 sua utilização era restrita aos especialistas da internet, pois para a criação de um *blog* era necessária utilização de linguagens específicas, o que mudou com a criação e adoção pelas empresas de interfaces que simplificam a criação de *blogs*”. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-De-onda-onda.html>. Acesso em: 15 set 2014.

<sup>43</sup> Segundo Lévy (2010, p. 268) *software* é um programa de computador e “[...] consiste em um conjunto de instruções em linguagem de máquina que controlam e determinam o funcionamento do computador e de seus periféricos.”

<sup>44</sup> Lévy (2010, p. 37) aponta que “[...] o termo ‘Interface’ para todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário”. E, ainda: “A diversificação e a simplificação das interfaces, combinadas com os progressos da digitalização, convergem para uma extensão a uma multiplicação dos pontos de entrada no ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 39).

Esta ferramenta trouxe velocidade na criação, postagem e atualização dos blogs, democratizando o acesso de não-especialistas em linguagem como *html*, *ftp*, dentre outras. Com isso, qualquer pessoa pode ter um ou blog utilizando ferramentas que se assemelham a um editor de textos.

A indicação de pertencimento do *site* a uma plataforma de criação de *blog* pode estar em seu endereço eletrônico, ao conter o nome do *blog* seguido do nome da plataforma do *blog*, como, por exemplo, o *blog* “O Melhor da Biologia”<sup>45</sup>. Também pode possuir marcas específicas ao longo de suas interfaces, tais como o “Blogger”<sup>46</sup>, do *website* Google, o Spaceblog<sup>47</sup>, do *website* Blogorama, e o “Wordpress.com”<sup>48</sup>:

FIGURA 1 – Marcas contidas nas interfaces de *blogs*



**Fonte:** Blogs visitados pela autora (2014)

O acesso aos *blogs*, junto à compreensão da facilidade com que eles podem ser criados e mantidos, “[...] possibilita pensar as múltiplas possibilidades do espaço virtual, como suporte dinâmico, aberto às mais diversas propostas do conhecimento” (OLIVEIRA, 2006, p. 240). Ao mesmo tempo, ao pensá-los como locais de produção e disponibilização de materiais, imagens e textos de autoria própria, é possível torná-los espaços possíveis para produção por parte de professores/as de qualquer área do conhecimento.

Podemos perceber que esse espaço virtual é utilizado e mantido atualizado por professore/as de Biologia, tal como o *blog* indicado pelo LD. Nesse sentido, o Manual do Professor – volume 2 (SILVA JÚNIOR; SASSON; CALDINI JÚNIOR, 2012), ao trabalhar com a temática da sexualidade, indica dois *links* do *blog* “Simbiótica”<sup>49</sup>. Estes<sup>50</sup> direcionaram a duas partes específicas do *blog*, cujos conteúdos são textos sobre o sistema reprodutor masculino e sobre o sistema reprodutor feminino. Ao final da leitura, fomos conduzidas a outros espaços do *blog*, o texto sobre o desenvolvimento humano, pelo *link* “acionados”.

<sup>45</sup>Disponível em URL: <<http://omelhordabiologia.blogspot.com.br>> Acesso em: 09 jul 2014.

<sup>46</sup>Disponível em URL:<<https://www.blogger.com>> Acesso em: 09 jul 2014.

<sup>47</sup>Disponível em URL:<<http://www.spaceblog.com.br/>> Acesso em: 04 ago 2014.

<sup>48</sup>Disponível em URL: <<https://br.wordpress.com/>> Acesso: em 04 ago 2014.

<sup>49</sup>Disponível em URL <<http://www.simbiotica.org/>>. Acesso em: 09 jul 2014.

<sup>50</sup>Os *links* estão disponíveis na URL: <<http://www.simbiotica.org/sistemareprodutormasculino.htm>> e<<http://www.simbiotica.org/sistemareprodutorfeminino.htm>>. Acesso em: 09 jul. 2014.

Utilizando a ferramenta do “Print Screen”<sup>51</sup>, descreveremos, de forma ilustrada, o caminho que realizamos na exploração desse espaço virtual. Começamos pelo reconhecimento de sua página de acesso ou página principal, clicando no *link* “simbiotica.org”, disponível no canto superior esquerdo do *blog*.

FIGURA 2 – Página de acesso ao *blog* “Simbiótica”



**Fonte:** <<http://www.simbiotica.org>> (2014)

O acesso à página inicial conduz o/a navegador/a à percepção da ligação do *blog* com a área de conhecimento da Biologia. Primeiramente, através do título e subtítulo, “Simbiótica – rede simbiótica de Biologia e Conservação da Natureza”. Depois, por meio dos *links* que organizam o material disponível, como os presentes na linha superior: “Biologia >”, “Conservação>”, “Biodiversidade>” etc.

Além disso, o vínculo do material do *blog* com os conhecimentos da Biologia pode ser inferido a partir das informações que se encontram nas colunas principais. Por exemplo, a coluna da direita contém as “News of the wild”, manchetes das últimas notícias relativas à conservação da natureza, Biologia, Zoologia e todos os aspectos a elas relacionados; na

<sup>51</sup>O Print Screen é uma tecla comum nos teclados de computador. No Windows, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela (exceto o ponteiro do mouse e vídeos) e copia para a Área de Transferência.



coluna da esquerda, encontramos campanhas publicitárias, como “Não deixe os lobos sem abrigo!”.

No *link* “Quem somos”, na parte superior, há a informação de que o *blog* é fruto da Rede Simbiótica de Biologia e Conservação da Natureza, tendo como objetivo máximo ser uma fonte de conhecimento na área da Biologia e das Ciências Naturais para os estudantes de língua portuguesa:

FIGURA 3 – *Link* “Quem somos” no *blog* “Simbótica”:



**Fonte:** <<http://www.simbiotica.org/quemsomos.htm>> (2014)

As informações descritas acima são relevantes não somente quanto à percepção dos *blogs* como espaços de veiculação de informações, mas também como espaços de produção cultural e, portanto, espaços educativos.

No caminho para a construção de nossa amostragem, o “Simbiótica” é o único *blog* de autoria de professor/a de Biologia indicado pelos LDs. Contém publicações sobre sexualidade nos *links* sobre os sistemas reprodutores femininos e masculinos, mas não traz nenhuma outra indicação de *blog* ou *site* de professores/as de Biologia onde poderíamos encontrar outros textos sobre o tema.

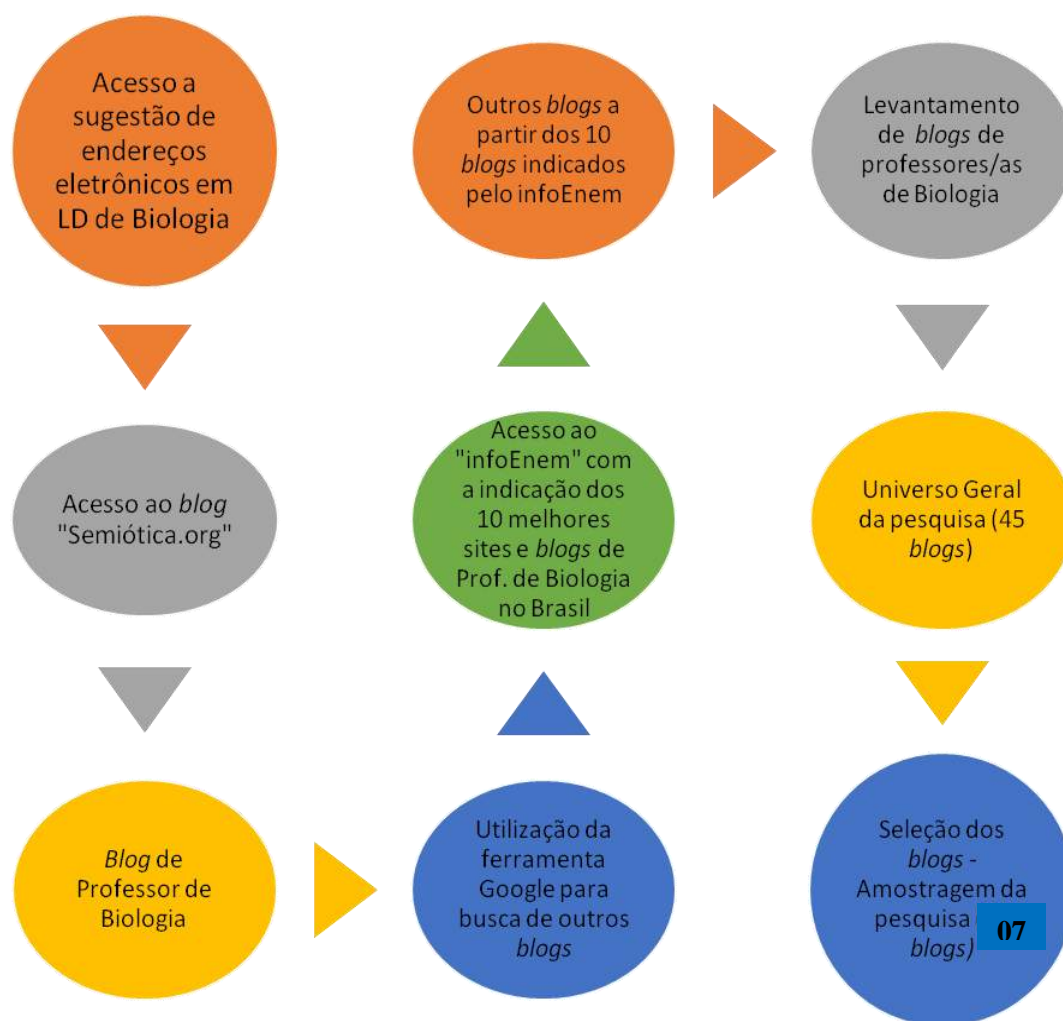
Assim, iniciamos a procura de outros *blogs* de professoras/es de Biologia por meio de ferramentas de busca de *websites* como o Google, usando as palavras-chave “*blog*”, “professor”, “biologia”. Chegamos ao portal do infoEnem ([www.infoenem.com.br](http://www.infoenem.com.br)), e nele localizamos a disponibilização de uma lista com os dez (10) melhores *sites* e *blogs* de

Biologia no Brasil<sup>52</sup>, que nos pareceu um interessante caminho para encontrarmos outras publicações e definirmos nossa amostragem.

Ao mesmo tempo, íamos sendo convencidas de que os *blogs* constituem espaços de produção de professores/as de Biologia. Foi, então, iniciado o acesso às indicações do infoEnem. Muitos dos primeiros *blogs* consultados conduziram a outras páginas eletrônicas, possibilitando-nos, assim, realizar a construção da amostragem. Depois desses acessos, voltamos às ferramentas de busca, procurando mais *blogs* de professores/as de Ciências/Biologia.

Após o exposto, e com a intenção de assegurar o percurso por nós realizado, sistematizamos a descrição realizada no tópico por meio do recurso gráfico a seguir, com o qual ilustramos as etapas de delimitação do universo de nossa pesquisa:

ESQUEMA 1 – Passos dados na delimitação da amostragem de *blogs* investigados



<sup>52</sup>A indicação está no seguinte endereço eletrônico: (<http://www.infoenem.com.br/os-10-melhores-sites-e-blogs-de-biologia-do-brasil/>). Acesso em 25 jun 2014.

O caminho percorrido até chegar aos 07 (sete) *blogs* que são analisados nesta pesquisa está esquematizado acima. No entanto, vale ressaltar que a amostragem final não foi construída facilmente devido a alguns fatores, tais como: a pequena quantidade de *blogs* indicados pelos LDs de Biologia; a lista dos *blogs* indicados pelo InfoEnem ser do ano de 2012, possuindo *blogs* que não estão atualizados por seus/as autores/as; e a ferramenta Google indicar uma grande quantidade de *blogs* de professores/as de Biologia. Tornaram-se assim necessárias as escolhas metodológicas para a construção da amostragem final da pesquisa<sup>53</sup>.

### **2.3 Processo de reconhecimento dos *blogs*: é atualizado por seus/as autores/as? Falam, publicam textos sobre sexualidade?**

Fragoso et al (2011, p. 182) alertam-nos que na construção de nosso objeto de estudo precisamos definir o que estudar e o que excluir, bem como o local a ser estudado, entre outros pontos. No recorte, “[...] devem ser consideradas três fronteiras (espacial, temporal e relacional) e três esferas de influência (analítica, ética e pessoal)”. Explicitamos a seguir as ações realizadas, considerando as primeiras fronteiras – o espaço, o tempo e as relações entre nós e o que estudamos.

O espaço que investigamos, evidentemente, foram os *blogs* de professores/as de Ciências e Biologia que contêm publicações sobre sexualidade. O tempo de levantamento dos *blogs* foi de novembro de 2013 a julho de 2014. Durante o período, foram levantados os 45 (quarenta e cinco) *blogs*, como já informado, o que não significa que seja este o número total de *blogs* existentes, pois não pretendíamos um levantamento que abrangesse todos os *blogs* de professores/as de Biologia que estão disponíveis na internet, em função do objetivo, tempo de estudo e características deste trabalho.

Para o reconhecimento da autoria do *blog*, fomos realizando a busca e leitura em ferramentas e textos que nos conduzissem a isso, ou seja, o critério que estabelecemos foi o de que nos interessaria, em função de nossa pergunta e objetivos, que o(s) autor(es) ou a(s) autora(s) do *blog* fossem professor(es) ou professora(s) das Ciências Biológicas. Para tanto, buscamos naqueles espaços virtuais informações sobre a autoria tanto no que diz respeito ao número de autores/as quanto a qualificação na área. Assim, à medida que fomos acessando os *blogs*, procuramos pelo modo como seu/a autor/a se apresentava e outros elementos que pudessem identificá-lo/a como professor/a de Ciências e Biologia.

---

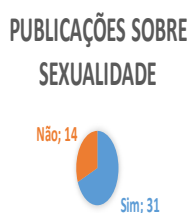
<sup>53</sup> Destacamos que para este último item as contribuições da banca de qualificação foram essenciais para a delimitação de 07 (sete) *blogs*, como nosso *corpus* de investigação, uma vez que a banca considerou possível extrair destes as informações necessárias para a pergunta e objetivos propostos.

De modo igual, também investigamos o modo como estava organizado o *blog*, ou seja, verificamos o modo como as informações estavam dispostas, a arquitetura do ciberespaço. Isso nos fez observar o tipo e modo de organização da página principal, os temas apresentados e a existência ou não de alguma classificação dos mesmos. Esse procedimento nos conduziu a pensar no modo como o/os autor/es e a/as autora/s dos *blogs* dispunha/m as informações no espaço e, assim, criavam possibilidades de comunicação e veiculação. Buscamos ainda pelo lugar do *blog* onde encontraríamos informações sobre a temática de nossa pesquisa.

Para a busca pelas publicações da temática sexualidade dentro dos *blogs*, realizamos leituras das publicações da página inicial, procurando por chamadas ou por *links* que pudessem nos direcionar a possíveis publicações. Pelo perfil de nossa área e a compreensão de que a sexualidade também é lida e ensinada pela Biologia, acessamos os conteúdos que têm tradição de atrelar a sexualidade no campo do conhecimento biológico, como, por exemplo, a Anatomia e Fisiologia humanas. Apropriamo-nos ainda das ferramentas de busca oferecidas pelos *blogs*, utilizando as palavras-chave “sexualidade” e “sexo” na escavação de nossa temática<sup>54</sup>. Os *blogs* de autoria de professores/as da área das Ciências Biológicas que localizamos contabilizaram um total de quarenta e cinco (45).

A partir das informações obtidas, utilizando os termos “sexo” e “sexualidade” nas ferramentas de busca dos *blogs* foi possível afirmar que, dos 45 (quarenta e cinco), 14 (quatorze) não apresentaram nenhum material cujo conteúdo pudesse ter sido associado à sexualidade, ao passo que 31 (trinta e um) apresentaram, de forma explícita ou implicitamente<sup>55</sup>, conteúdo referente à temática, como expresso no gráfico 2 que segue.

GRÁFICO 2 – *Blogs* com publicações sobre sexualidade



**Fonte:** Universo de *blogs* visitados

<sup>54</sup>Para a construção de nosso *corpus* de investigação, à medida que fomos levantando as informações fomos organizando e sistematizando-as de modo que pudemos reunir os elementos que nos forneceram desde as características desses espaços quanto ao tipo autoria, estrutura, número de publicações sobre sexualidade, dados de acesso destas, conteúdos, até a observância quanto a sua atualização.

<sup>55</sup> Publicações que não apresentam a expressão sexualidade, mas tratam dela.

Com as informações do gráfico 2, podemos inferir que a sexualidade ocupa espaço significativo em *blogs* de professores/as de Ciências e Biologia.

Considerando as esferas de influência (analítica e ética), prosseguimos com os 31 (trinta e um) *blogs* que continham publicações sobre sexualidade para a delimitação da amostragem final dos *blogs* a serem investigados, utilizando critérios delas advindos. A esfera ética conduziu-nos na localização dos *blogs* públicos, ou seja, aqueles que não necessitam de cadastros, senhas, convites ou autorizações para o acesso. A esfera analítica, concomitantemente à esfera ética, direcionou-nos para a seleção dos *blogs* que foram atualizados em 2014, isto é, que se mantêm ativos. Por este último critério, dentro do universo de trinta e um (31), localizamos sete (07) *blogs*. Portanto, nossa amostragem intencional, por intensidade, construída respeitando as fronteiras e esferas sugeridas por Fragoso et al (2011), com a adoção do procedimento metodológico da “netnografia” para delimitação do universo a ser investigado, foi de sete (07) *blogs*.

Diante da delimitação do universo investigado, buscamos as formas pelas quais os/as autores/as publicam temas relacionados à sexualidade. Para isso, procedemos à busca das informações das publicações sobre sexualidade, mapeando os lugares a que são destinadas, o tipo de acesso estabelecido (interação dos visitantes, possibilidade de comentários), tipos de informações vinculadas às publicações. Ainda observamos se, nas publicações sobre as temáticas da sexualidade, o/a visitante é redirecionado/a a outros endereços eletrônicos, e quais seriam eles.

As visitas aos *blogs* colocaram-nos em contato com um grande leque de informações, e estas foram complementadas com dados levantados pelo monitoramento<sup>56</sup>, procedimento inspirado nas condutas indicadas pela netnografia. As informações localizadas sobre a sexualidade foram salvas em formato “pdf”, sistematizadas e agrupadas, constituindo-se como *corpus* para nossa análise.

No processo de sistematização das informações para o tratamento analítico, elegemos alguns questionamentos baseados em outros trabalhos de pesquisa, como os de Parreira (2014), Lemos (2014) e Silva (2014), que apresentam a mesma compreensão de sexualidade, dispositivo histórico de poder-saber, e que também buscaram por discursos de sexualidade em outras fontes. As perguntas foram: o que fazer com as informações obtidas nos *blogs*? Como organizá-las para que não sejam apresentadas de modo desconectado ou estanque do contexto

---

<sup>56</sup>“Pode-se dizer que monitoramento é o ato de acompanhar e avaliar (Dicionário Aurélio). No âmbito da comunicação digital mercadológica, monitoramento de mídias sociais diz respeito a acompanhar e avaliar o que vem sendo dito sobre produtos, serviços e pessoas em sites de redes sociais, com fins de gerenciamento de marca.” (MONTARDO; CARVALHO, 2012, p. 19).

de sua produção e autoria?. A partir delas, construímos o que denominamos matriz de sistematização das informações para a realização de nossa análise.

A construção de nossa análise pautou-se na argumentação de Costa (2002, p. 77) sobre o caminho investigativo que examina os mecanismos de produções culturais de certos conhecimentos, “[...] examinando práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de, relações de poder”. A relação entre conhecimento e poder se dá, segundo Silva (2011, p. 149), pois o “[...] conhecimento é parte inerente do poder”.

O caminho investigativo não foi adotado com intenção de desocultar o que estava escondido nos contextos histórico de produção cultural de tais conhecimentos, mas esteve “[...] atento aos pontos que usualmente nelas não são questionados” (COSTA, 2002, p. 90). Analisar culturalmente o conhecimento sobre as sexualidades através deste posicionamento objetivou “[...] ressaltar o modo como elas se constrói discursivamente na cultura, produzindo significados que atuam no estabelecimento de subjetividades e de configurações sociais.” (COSTA, 2002, p. 80). Aqui, vale lembrar nosso entendimento dos *blogs* como artefatos culturais, constitutivos de pedagogias culturais e como instâncias produtoras de subjetividades.

Os questionamentos que surgiram durante o processo investigativo trouxeram-nos perspectivas que colocam a prática do poder no discurso, aproximando-nos da abordagem foucaultiana de discurso. No interior dos discursos e presentes nas publicações dos/as professores/as de Biologia sobre sexualidade, foram buscados enunciados e formações discursivas que nos mostraram o que é dito, o que é regular, quem é autorizado a falar, em qual tempo e em qual contexto. Por meio desses elementos do discurso, alcançamos o modo como os sujeitos, seus corpos e sexualidades são posicionados, marcados, classificados, hierarquizados nas publicações sobre sexualidades disponibilizadas pelos *blogs* que investigamos.

Fernandes (2005, p. 20) esclarece que para a realização do processo de análise do discurso é necessário que o/a estudioso/a rompa com a materialidade linguística para alcançar o discurso. Ou seja, precisa-se ir além do texto, entendendo-o como elemento que possibilita “[...] a existência material do discurso”.

O/a estudioso/a, ao se afastar do texto, aproxima-se de seu contexto de produção e sentidos provocados. Assim, pergunta: “[...] como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2013, p. 33). Os enunciados são elementos integrantes de um texto, e um conjunto semelhante de enunciados é uma formação discursiva. Formação que se refere ao que se “[...] pode dizer em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e

realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas”. (FERNANDES, 2005, p. 60). Nesse sentido, Fernandes (2005, p. 55) afirma:

Uma formação discursiva resulta de um campo de configurações que coloca em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico. Porém uma formação discursiva não se limita em uma época apenas, em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e, conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentido.

Para a compreensão dos efeitos de sentido que se encontram no interior da formação discursiva, é preciso considerar a “[...] opacidade da linguagem, a sua não transparência”. (FERNANDES, 2005, p. 92). Considerando esses aspectos da linguagem e se afastando de sua materialidade, o/a pesquisador/a pode identificar o discurso e as ideologias que se materializam no texto de sua análise.

Para Foucault (2013, p. 10), o discurso está na ordem das leis, pois “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nós nos queremos apoderar”. O filósofo esclarece a relação entre o discurso e o poder, mostrando como o primeiro pode produzir o segundo e ao mesmo tempo miná-lo. Em *História da sexualidade*, encontramos a seguinte afirmação:

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também frouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras” (FOUCAULT, 2014, p. 110).

A perspectiva da análise cultural, que vislumbra as práticas culturais através dos mecanismos de sua produção, auxiliou-nos no alcance dos discursos, das “forças históricas”, dos mecanismos que produzem o poder. Dentre os mecanismos de produção das práticas culturais, estava o contexto de circulação dos enunciados investigados, sendo aqui a internet.

Em seu trabalho sobre o discurso escolar presente no Orkut, Sales (2010) recorreu à abordagem foucaultiana no processo de análise. Concentrando-se nos enunciados presentes naquela rede social, procurou suas regularidades e atentou para imagens, coisas ditas e visíveis:

Não se trata de buscar uma origem de determinado discurso, nem, muito menos, a intenção de quem produz certos discursos. Ao contrário, trata-se de analisar por que aquilo é dito, daquela forma, em determinados tempo e contexto, interrogando sobre as “condições de existência” do discurso (SALES, 2010, p. 44).

Nossa proposta foi direcionada atentando ao contexto dos discursos sobre sexualidades dos *blogs* de professores/as de Ciências e Biologia, aos enunciados presentes nos textos (o visível). Também foi mediada pela compreensão dos *blogs* como artefatos culturais.

A sistematização das informações dos *blogs* respondeu aos dois primeiros objetivos específicos do trabalho, que foram: levantar *blogs* de professores/as da área de Biologia que contivessem publicações sobre as sexualidades e verificar as formas pelas quais os professores/as de Ciências e Biologia apresentam publicações relacionadas às sexualidades.

Para levantar os discursos sobre sexualidades veiculados que atravessam as publicações, procuramos pelos discursos/elementos dos discursos sobre sexualidade, e, assim, no diálogo com as publicações, perguntamos: quem fala?; de quais lugares institucionais tais discursos são emitidos?; e quais posições os sujeitos ocupam nas publicações?. De outra parte, fomos em busca dos campos de saberes que constituía cada publicação (formação discursiva). Para compor o quadro e tarefa analítica, também nos interessou levantar os elementos que atravessavam os discursos das publicações dos *blogs*, em seu sentido vertical (olhando cada *blog* em particular) e transversal (olhando para o conjunto dos *blogs*).

Diante do que expusemos até aqui, passaremos a apresentar as informações e as análises realizadas.

## **2.4 Os *blogs* e seus/as usuários/as**

Antes de adentrarmos as análises propriamente ditas das publicações sobre sexualidade presente nos *blogs* que investigamos, apresentaremos algumas informações acerca desse espaço virtual. Estas se referem ao surgimento do termo *blog*, suas características, o nome dado ao/à seu/a autor/a e sua importância nos tempos atuais, para, em seguida, descrever os sete (07) *blogs* que investigamos. Para isso, indicaremos a estrutura, as características do perfil da autoria, o tipo de autoria – individual ou coletiva e o gênero dos/as autores/as. Depois, assinalaremos aspectos de sua função comunicativa, através do monitoramento realizado em cada ciberespaço<sup>57</sup>. Ao final da caracterização geral dos *blogs*, apresentaremos as análises realizadas.

---

<sup>57</sup> Neste texto, para evitar a repetição exaustiva da palavra *blog*, utilizaremos também a expressão ciberespaço.



### 2.4.1 Informações preliminares

O termo *blog*, segundo Amaral, Recuero e Montardo (2009, p. 28), surgiu do termo *Weblog*, utilizado pela primeira vez em 1997 para “[...] referir-se a um conjunto de sites que ‘coleccionavam’ e divulgavam links interessantes na web. Daí o termo ‘web’ + ‘log’ (arquivo web), usado para descrever a atividade de ‘logging the web’”.

Ainda segundo as autoras supracitadas, na época do surgimento do nome, os *weblogs* quase não se diferenciavam de outros *sites* da web, tendo sido a partir do surgimento de *sites* que facilitavam a criação dos mesmos, como as chamadas plataformas de *blogs*, que eles foram se diferenciando e se popularizando na internet. No entanto, a definição conceitual de *blog* no interior de pesquisas acadêmicas é ampla e diversa, não havendo consensos. Isso ocorre tanto pelo uso variado dos *blogs* pelos seus criadores, como as pelas diversas possibilidades de estudo que eles proporcionam.

Falar de *blogs* hoje, em meio a tantas possibilidades de interação de que a internet dispõe, como as demais mídias digitais, pode parecer coisa do passado. Muitos/as usuários/as da internet utilizam-se de páginas de **redes sociais** como o Facebook, Twitter etc, uma vez que nelas estão disponíveis variadas ferramentas que possibilitam certo tipo de interação que os *blogs* não disponibilizam. Nos *blogs* a interação é centrada na postagem de informações, como textos, imagens, áudios, vídeos e espaço para comentários. Nas páginas de redes sociais, além dessas possibilidades, os/as usuários/as ainda podem interagir por meio de *chats*, curtidas e/ou comentários em uma postagem e reproduzi-la no seu perfil de usuário.

Inaki (2011, p. 33) questiona a respeito disso: “[...] o ato de blogar<sup>58</sup>, virou coisa de tiozinho de meia-idade? Twitter, Facebook entre outros, teriam matado os *blogs*?”. Apesar do dinamismo da internet, onde os espaços desaparecem com a mesma rapidez com que são criados, as observações de Inaki (2011), Costa (2012) e Oliveira (2006), entre outros/as, apontam que os *blogs* continuam sendo utilizados, assim como os outros espaços. E, “[...] inclusive, os/as “blogueiros/as”<sup>59</sup> têm usado Facebook e Twitter como ferramentas eficientes para divulgar seus posts e trazer novos visitantes a suas páginas” (INAKI, 2011, p. 34).

Costa (2012, p. 112-113) cita algumas características que podem justificar o uso e manutenção dos *blogs*:

---

<sup>58</sup>“Blogar” é o ato de utilizar o blog. Oliveira (2006, p. 3) afirma que a interface dos *blogs* ganhou tanta importância que “[...] o verbo blogar tem sido conjugado de forma definitiva na grade curricular de vários cursos, especialmente das escolas de Jornalismo.”.

<sup>59</sup>Blogueiros/as: quem possui um *blog*.

O *blog* permite um mix maior de elementos de outras redes em uma mesma publicação, graças à sua interface. Por exemplo, um *post* apenas pode ter um vídeo, uma apresentação de *slides*, uma galeria de fotos, enquete, etc. Essa maleabilidade pode ser importante na hora de aplicar conteúdos mais diversificados, o que algumas redes podem não permitem. Os *blogs* ainda podem abusar de uma personalização visual maior. Graças à hospedagem em domínio e servidor próprio o *blog* não está preso ao eterno beta das ferramentas de redes sociais, que podem mudar termos, formas de atuar e até fechar a qualquer momento sem aviso prévio. E, ainda o formato da sua linguagem no *blog* não precisa ser o mesmo das redes sociais.

As características descritas por Costa (2012) se relacionam ao software de criação dos *blogs* e as possibilidades que o/a blogueiro/a tem para construir e “assegurar” sua publicação de modo não tão dependente da interface, como ocorre nas redes sociais.

Quanto ao uso dos *blogs* na educação, Oliveira (2006, p. 340) apresenta as seguintes vantagens:

Favorece a integração de leitura/escrita num contexto autêntico, incentivando a autoria; Incentiva a criatividade, através da escrita livre; Incentiva a escrita colaborativa, a partir da partilha de informações de interesse comum; Desenvolve a habilidade de pesquisar e selecionar informações, confrontar hipóteses; Incentiva o aprendizado extra-classe de forma divertida.

Pelos apontamentos dos/as autores/as supracitados/as, afirmamos que os *blogs* de professores/as são locais propícios à investigação no campo da educação com foco, por exemplo, na temática da sexualidade, pois eles podem ser espaços de criação, veiculação de informações, produção de sentidos e significados.

Amaral, Recuero e Montardo (2009) apontam que a investigação de *blogs* pode ser centrada na estrutura deles, vislumbrando-se os elementos que contém sua interface, ou através de sua função, ao visualizá-los como espaços de comunicação. E ainda, além das características estruturais e funcionais, é possível refletir sobre a articulação deste espaço com a cultura, tomando-os como artefatos culturais. Na perspectiva da compreensão dos *blogs* como artefatos culturais as autoras supracitadas apontam que o foco é compreender “como eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 32).

Apresentamos a seguir os *blogs* investigados, primeiramente pelos elementos estruturais e funcionais, para, posteriormente investigar as publicações sobre sexualidade, aproximando-nos das marcações e motivações, constituintes de tais espaços, vislumbrados como artefatos culturais.

#### 2.4.2 Os *blogs* de professores/as de Biologia, campo de nossa pesquisa

Para pensar na sexualidade presente nos *blogs* de professores/as de Ciências e Biologia e responder ao problema de pesquisa, procuramos e visitamos os *blogs* de professores/as de Biologia disponíveis na *Web*. Durante o cumprimento dessa etapa, norteamos nosso olhar a partir das perguntas de pesquisa que nos auxiliaram na construção da caracterização de nosso universo amostral.

Desse modo, como já mencionado no capítulo metodológico, o universo levantado foi de 45 (quarenta e cinco) *blogs*, sendo que, destes, 31 (trinta e um) apresentaram a sexualidade. Dentre os 31 (trinta e um), 07 (sete) foram atualizados em 2014 e permitiram que realizássemos o monitoramento das suas publicações, devido à conexão<sup>61</sup> com outras mídias sociais, como as páginas do Facebook. Portanto, a escolha destes 07 (sete) *blogs* ocorreu em razão de serem ativos, com atualizações frequentes de suas publicações e possibilidade de monitoramento<sup>62</sup>.

A visita guiada nos ciberespaços permitiu a obtenção de informações acerca do modo como estão estruturados; a localização da informação sobre sua autoria; a existência ou não de apresentação do/a autor/a; a existência ou não de palavras, termos que identifiquem seu/a autor/a como professor/a de Biologia. Em cada *blog*, achamos as informações sobre a autoria em locais e de maneiras diferentes. Foi possível encontrá-las na página inicial de acesso do *blog* e dispostas em *links* próprios que conduzem o leitor ou a leitora à informação.

A apresentação da autoria do *blog* vinculada a um/a **professor/a** de Ciências e/ou Biologia na página inicial, sem uma descrição sobre o/a autor/a, ocorreu em 04 (quatro) *blogs*: “Biologia Total”, “Dicas de Ciência”, “Professor Fabiano”, “Tudo de Bio”. Neles, são utilizadas as fotografias dos/as professores/as, o que nos aponta uma forte marca de identificação.

Encontramos as informações de autoria com estrutura de apresentação pessoal, porém disponibilizadas em local distinto da página inicial, sendo possível seu acesso por meio de *links*, em 03 (três) outros *blogs*, a saber: “Diário de Biologia”, “Eu quero Biologia”, “Planeta Biologia”. Neles, o/a visitante deve clicar em *links* como “Quem sou eu?” para acessar informações sobre os/as autores/as. Localizamos a formação acadêmica dos/as autores/as e outras descrições, como o prazer em escrever e as motivações para a produção do *blog*.

---

<sup>61</sup>Os textos dos *blogs* são publicados também nas páginas do Facebook.

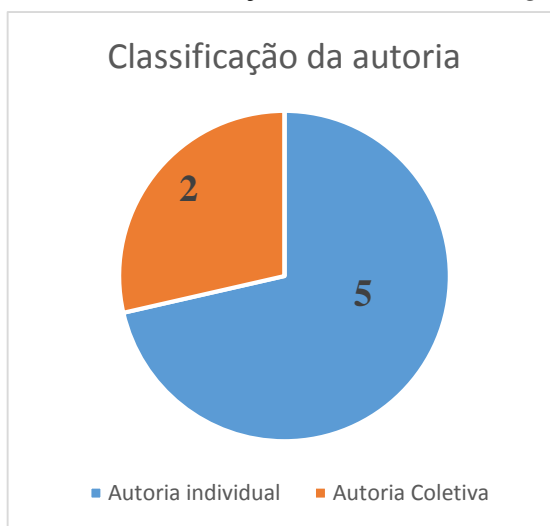
<sup>62</sup>Procedimento metodológico indicado pela banca de qualificação.

As diversas estruturas dos *blogs*, os locais e maneiras como encontramos as informações de autoria, remetem-nos à afirmação de Ionta (2010) acerca da dificuldade de enquadramento e classificação desses artefatos culturais, pois são flexíveis, nômades, mutantes. Sendo assim, nosso levantamento foi realizado sem a intencionalidade de enquadrar os dados ou construir associações ou relações entre os *blogs* que pudessem explicá-los ou caracterizá-los (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008).

A informação sobre a autoria se fez necessária para o reconhecimento da vinculação de seu/a autor/a com o campo do conhecimento das Ciências Biológicas e das características de autoria (individual ou coletiva). A autoria coletiva ocorre em função, por exemplo, da facilidade de construção e manutenção de um *blog*, como argumentam Oliveira (2006) e Lévy (2010) ao dizerem sobre a simplificação dos *softwares* para a criação de páginas da *Web*. Essa simplificação permite que os *blogs* possam ser de criação de apenas um/a autor/a (individual), ou que sejam criados e mantidos por vários/as autores/as (coletiva).

A possibilidade de criação e manutenção coletiva de um *blog* favorece “[...] outros modos de construção do conhecimento, como as possibilidades de escritas colaborativas” (OLIVEIRA, 2006, p. 336). Ainda assim, quanto ao número de autores/as, os *blogs* analisados apresentam o perfil demonstrado no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3 – Classificação da autoria dos *blogs*

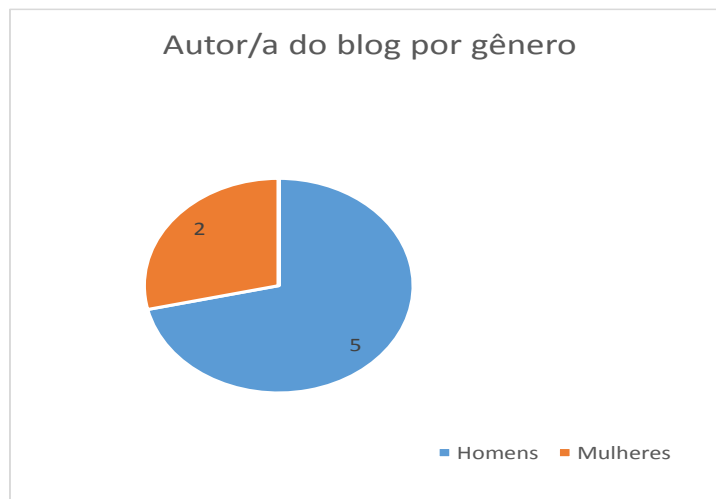


**Fonte:** *Blogs* visitados

Com a leitura do gráfico 3, percebemos que 05 (cinco) *blogs* (71%) possuem autoria individual; 02 (dois) *blogs* (29%) são de autoria coletiva. Essa informação confirma a proposição de Oliveira (2006), que aponta os *sites* individuais como os mais comuns na *Web*. Considerando a dimensão do gênero, fizemos o mapeamento do perfil dos/as autores/as dos *blogs* selecionados em nosso estudo. Haveria neles a maior presença de homens,

corroborando os dados apresentados pela investigação de Teixeira (2005), indicados no capítulo 1.1.1? O resultado que obtivemos está explicitado no gráfico seguinte.

GRÁFICO 4 – Perfil de gênero da autoria dos *blogs*



**Fonte:** *Blogs* visitados

Os dados do gráfico 4 mostram que 05 (cinco) *blogs* (71%) têm homens como autores; 02 (dois) *blogs* (29%) são de autoria de mulheres.

Teixeira (2005) investigou como a tecnologia está sendo apropriada por docentes, no diálogo com as questões de gênero. Em seu trabalho, apresenta a dificuldade das professoras, mulheres, em se apropriar das chamadas novas tecnologias e o modo como os professores, homens, demonstraram maior facilidade. A autora argumenta que a tecnologia é uma das linguagens utilizadas para diferenciar homens de mulheres, portanto, não são neutras e podem atuar corroborando a lógica de manutenção das desigualdades de gênero através de processos sociais “[...] que distanciam as mulheres do mundo das máquinas” (TEIXEIRA, 2005, p. 10).

Apesar do considerável distanciamento histórico entre a pesquisa desenvolvida por Teixeira (2005) e este estudo – nove anos –, dadas as rápidas transformações sociais que o avanço tecnológico permite e a compreensão de tempo no modelo de sociedade em que vivemos, os mecanismos sociais de afastamento de mulheres das tecnologias podem ainda estar presentes e atuantes na sociedade contemporânea. Contudo, é preciso ressaltar que as mulheres às quais estamos fazendo referência neste trabalho são professoras, de modo que perguntamos: este seria um perfil destas profissionais/mulheres, ou um perfil das mulheres em geral? Questão a ser mais bem problematizada e discutida em outro trabalho investigativo.

A marcação da autoria do *blog* por gênero pode ser pensada como um dos elementos para entendermos possíveis mecanismos de constituições de homens e mulheres na sociedade

contemporânea. Afinal de contas, a dimensão do gênero faz parte da construção de discursos que posicionam homens e mulheres socioculturalmente.

### 2.4.3 A função comunicativa dos *blogs*

A comunicação mediada pelo computador (CMC) é uma função das mídias sociais, sentido pelo qual Recuero (2012, p. 259) afirma que “[...] o conceito que foca a capacidade do ciberespaço em proporcionar um ambiente de interação e de construção de laços sociais é o de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC)”. Para a autora, as características próprias da CMC são as práticas de conversação, através, por exemplo, de textos escritos com características do ciberespaço, a elasticidade do tempo, pois a conversa pode ocorrer de forma síncrona (em tempo real) ou assíncrona (não em tempo real), a representação do interagente, o contexto onde ocorre a interação, entre outras. A autora considera que “[...] a CMC é interação, é conversação e suas práticas simbólicas vão refletir isso.” (RECUERO, 2012, p. 261).

Nos *blogs*, a conversação ocorre através de publicações que podem conter textos, imagens, vídeos etc, e que, através dos comentários, curtidas e republicações, permite a interação entre o mantenedor do espaço e os visitantes, geralmente de forma assíncrona. Percebemos, dessa maneira, que o *blog* é um espaço onde ocorre a CMC, portanto, ocorre a conversação que é despertada por motivações dos sujeitos que fazem parte da uma cultura.

Monitorar os *blogs* auxilia nossa compreensão de como ocorrem as práticas de conversação dessa função da mídia social. Nosso período de monitoramento dos 07 (sete) *blogs* e suas respectivas páginas no Facebook ocorreu durante o mês de outubro de 2014, com as contribuições da disciplina “Monitoramento e análise de mídias sociais”<sup>63</sup>. As informações foram levantadas através de ferramentas específicas e correlacionadas.

Os *blogs* que disponibilizaram as informações aos visitantes, podendo correlacioná-las aos dados de monitoramento das páginas do Facebook, foram: “Diário de Biologia”, “Dicas de Ciência”, “Eu quero Biologia” e “Tudo de Bio”, “Biologia Total”. Para os outros 02 (dois), coletamos somente informações fornecidas pelo Facebook, não podendo descrever os dados de monitoramento das publicações.

---

<sup>63</sup> Disciplina do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Comunicação e Educação da Faculdade de Educação – Universidade Federal de Uberlândia, ministrada pela Profa. Dra. Mirna Tonus, durante o segundo semestre letivo de 2014.

Apresentamos, agora, o resultado do monitoramento realizado, cujo objetivo foi o de apresentar a atividade do *blog* e as repercussões<sup>64</sup> (acessos e reações) quanto às publicações sobre sexualidade. Com o monitoramento dos *blogs* é possível acessar dados da origem do local de acesso e visualização. Observamos que os *blogs* que investigamos são acessados por pessoas que estão em diversas regiões do mundo. A tabela que segue também apresenta dados sobre a repercussão das publicações nas respectivas mídias sociais (no caso dos *blogs* que as possuem).

TABELA 1 – Repercussão das publicações sobre sexualidade

Nome dos blogs	Páginas de Facebook associada	Nº total de Publicações sobre Sexualidade (de 10 de Outubro a 10 de dezembro 2014)	Publicação com >Nº de comentários	Publicação com >Nº de curtidas, tweets, g+
<b>Diário de Biologia</b>	Diário de Biologia	27	Este Homem que ficou grávido por três vezes e se prepara para gerar o quarto filho	5 impressionantes métodos anticoncepcionais da antiguidade
<b>Biologia Total</b>	Biologia com Prof. Jubilut	09	A ciência do beijo	A ciência do beijo
<b>Dicas de Ciências</b>	Dicas de Ciências	07	“Exercícios de fixação (sistemas genitais e DST)”	Desligando o cromossomo que causa Trissomia do 21
<b>Eu quero biologia</b>	Eu quero biologia	04	Pesquisadores eliminam Vírus HIV de células humanas pela primeira vez	Pesquisadores eliminam Vírus HIV de células humanas pela primeira vez
<b>Tudo de Bio</b>	Tudo de Bio	06	Diminuindo riscos: gel pode diminuir contaminação por HIV	Diminuindo riscos: gel pode diminuir contaminação por HIV
<b>PlanetaBio</b>	PlanetaBio	02	—	—
<b>Fabiano Biologia</b>	Fabiano Biologia	01	—	—

**Fonte:** Blogs e páginas do Facebook visitadas

Os dados da repercussão das publicações sobre sexualidade nos *blogs*, levantados pelo monitoramento, foram obtidos a partir da observação dos *layouts* das páginas em que as publicações estavam inseridas. Chegamos até essas páginas através da inserção, nas ferramentas de busca disponibilizadas, no campo “pesquisa”, das palavras-chave “sexo” e “sexualidade”. Aqueles levantados nas páginas do Facebook foram obtidos por meio da

<sup>64</sup> Estamos chamando de repercussão a quantidade de comentários inseridos no *blog* e a quantidade de curtidas, de *tweets* e de *g+* da publicação na página do Facebook a ele associada.

observação destas. Pelo monitoramento nos cinco (05) *blogs* que o permitiram, podemos considerar que há diferentes níveis de repercussão das publicações sobre sexualidade.

A observação da repercussão das páginas do Facebook, correlacionando os *blogs*, pode ser realizada nos sete (07) ciberespaços e observada através da utilização da ferramenta “Fanpage Karma”. Essa ferramenta permitiu-nos verificar, através de gráficos gerados, o crescimento ou o decréscimo do número de curtidas recebidas dos visitantes.

Observar a repercussão das mídias sociais permite entender como estas passam além das interações (TONUS, 2014) e participam da produção material das informações. Tais mídias estão inseridas numa lógica econômica pela qual o visitante é considerado também cliente e os números passam a interessar nas disputas pelo “poder-saber” e, ainda, pelo poder econômico no ciberespaço.

Nesse sentido, o visitante é também cliente, ao curtir uma página e assim segui-la em sua própria mídia social, aumenta o alcance dela, o que, além de fazer circular certos discursos, pode favorecer a obtenção de benefícios econômicos. Martino (2014, p. 52) aponta que os Estudos Culturais em diálogo com a Cibercultura ajudam a compreender as dimensões político, econômicas e cibercultural das mídias, pois,

O destaque para o elemento material das mídias digitais busca pensar a cibercultura com dois processos entrelaçados, a constituição da tecnologia como resultante de políticas de produção, em primeiro lugar, e as práticas como elemento político, de outro.

Para a compreensão das práticas ocorridas nas mídias sociais, interessou observar as publicações e suas repercussões. Na repercussão das publicações em geral, encontramos uma variação de página para página. No entanto, ao observarmos o tipo de publicação que possuía maior interação com o público, segundo o monitoramento gerado pela ferramenta “Fanpage Karma”, para todas as páginas monitoradas: as que utilizam imagens. As publicações com imagens que chamam mais atenção do público vão em direção às análises de Sibilía (2012, p. 63) sobre “[...] a fascinação pelos sedutores feitiço das imagens” na sociedade contemporânea. Para a autora,

De fato, depois de atravessar um século inteiro sob a luz deslumbrante do cinema e após várias décadas de intenso contato com a televisão, a cultura atual é fortemente marcada pelos meios de comunicação audiovisuais. Mais recentemente, a produção e a circulação de imagens se multiplicou exponencialmente, graças à irrupção triunfal das redes informatizadas (SIBILIA, 2012, p. 63).



Portanto, o interesse e a interação do público com as publicações de imagens são uma das características dos modos de ser e estar dos sujeitos contemporâneos transformados pelo uso das tecnologias de informação e comunicação.

As informações do monitoramento permitiram-nos pensar na incitação dos discursos sobre o sexo e a sexualidade no ciberespaço, recuperando leituras de Foucault (2009). Na contemporaneidade, ambientes virtuais como os *blogs*, são locais de multiplicidade dos discursos mencionados. A *vontade de saber* e de falar sobre o sexo, a sexualidade e os corpos é amplamente difundida por meio de textos variados: escritos, imagéticos, sonoros etc. No entanto, os discursos de sexualidade são largamente associados aos conhecimentos das Ciências Biológicas e Medicina.

Dessa maneira, o monitoramento evidenciou a variação de interação do público com as publicações sobre sexualidade e as relações entre mídias sociais. Essas informações são pertinentes para refletirmos que há textos sobre sexualidade nos *blogs* e os/as visitantes apresentam interesses distintos por eles. Contudo, refletir sobre as motivações humanas, o conjunto de significados e sentidos atribuídos às publicações, requer outro procedimento. Nesse sentido Tonus (2014, s. p.) esclarece:

Quanto à análise, os números dispostos nas planilhas oferecem os dados suficientes para interpretações quantitativas, facilitadas, em boa medida, pelos gráficos gerados pelos softwares. Para análise qualitativa, porém, é necessário um conhecimento maior sobre o tema e o cenário, pois as interpretações são mais elaboradas.

A descrição quantitativa das repercussões das publicações permitiu um tipo de análise decorrente do monitoramento das mídias sociais. Já nos itens a seguir, pela exigência de conhecimento do tema e do cenário, apresentaremos o resultado da dimensão qualitativa da análise que realizamos.

### 3 Blogs? A sexualidade está nas redes

#### 3.1 A localização da sexualidade nos blogs

Para chegarmos à apresentação das informações sobre a temática das sexualidades, fomos orientadas pelas seguintes questões: onde encontrar informações sobre sexualidade neste *blog*?; Como é a página eletrônica que contém as informações sobre sexualidade?

Nossas perguntas surgiram da percepção de que o *software* de criação de um *blog* permite que os/as professores/as de Biologia organizem as apresentações de suas publicações. Estas, localizadas na interface dos *blogs*, trazem elementos que nos auxiliam na compreensão dos discursos que as atravessam, pois indicam o campo do conhecimento pelo qual o/a blogueiro/a as tomou e o modo como ele/a as apresenta/organiza.

Ao acessarmos cada *blog*, deparamo-nos com *layouts* de páginas diversos, apresentando os conteúdos (postagens/publicações) de forma particular, apesar de todo *blog* ser estruturado similarmente, em três colunas principais. A seguir, descreveremos cada *blog* quanto à organização de seu conteúdo e localização das publicações sobre sexualidade.

- “Diário de Biologia”

O *blog* “Diário de Biologia” apresenta a organização de seu conteúdo em uma linha com caixas identificadas pelas expressões Curiosidades, Visitante curioso, Imagem, Sua saúde, Variedades e Vídeos incríveis, como mostra a imagem abaixo:

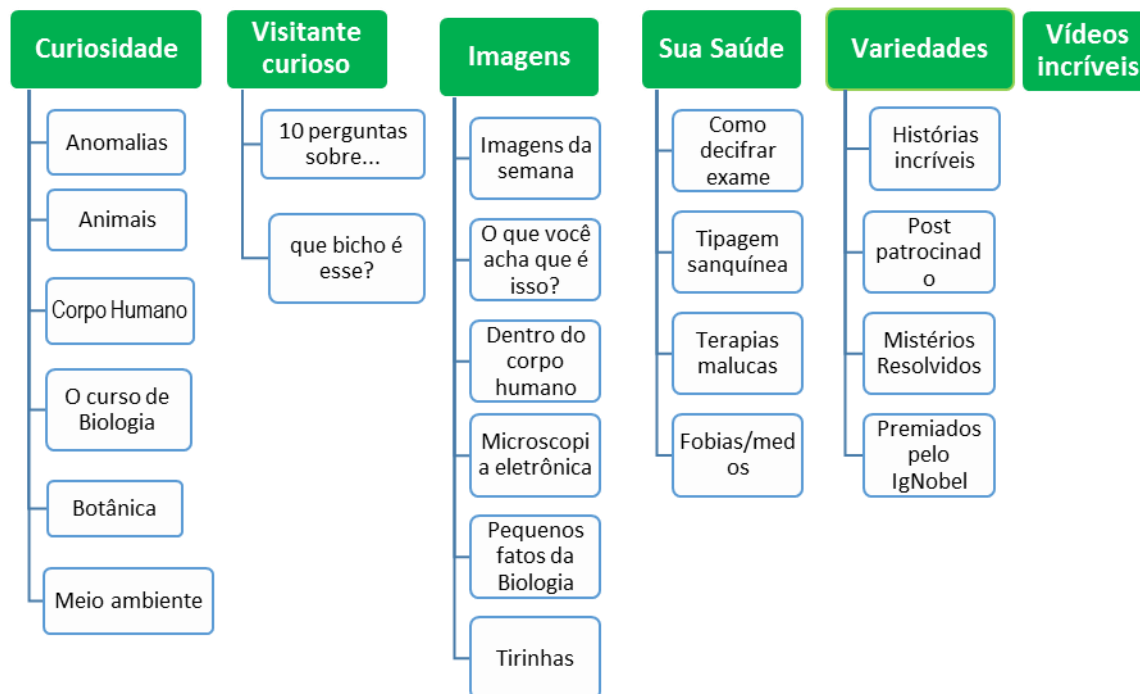
FIGURA 4 – Página Inicial do blog “Diário de Biologia”



Fonte: <<http://diariodebiologia.com>> (2014)

Cada caixa contém um conjunto de *hiperlinks* que conduz o/a internauta a diversas publicações. O “Diário de Biologia” assim organiza seu conteúdo:

ESQUEMA 2 – Organização do conteúdo do blog “Diário de Biologia”



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com>> (2014)

No *blog* em questão, as publicações sobre sexualidade foram localizadas nas caixas Curiosidades (Anomalias - Animais - O corpo humano); Visitante curioso; Sua saúde; Variedades (Histórias incríveis - Post patrocinado).

#### ♦ “Dicas de Ciências”

Diverso do “Diário de Biologia” este *blog* não organiza seu conteúdo através de uma caixa que conduz o visitante para *hiperlinks*. Os conteúdos estão dispostos na página de acesso e, caso o/a visitante se interesse por alguma publicação, será direcionado/a a ela ao clicar em “continuar lendo”. No final da página em que a publicação é encontrada na íntegra, é possível observar os dados de monitoramento dela, e, também, como a autora do *blog* a categorizou.

As 07 publicações de sexualidade encontradas neste *blog* foram categorizadas com as seguintes palavras: ciências, educação, ensino fundamental, estudos dirigidos, para pensar, para saber mais, pedagogia, professor, curiosidades.

Além das categorias, a autora ainda marca as publicações com palavras-chave. Para as publicações de sexualidade, as palavras utilizadas foram: conceitos, edublogs, educação ambiental, ensino fundamental, exercícios de ciências, educação sexual, perguntas e respostas, Comportamento, Projeto, Biologia, Neurociências sem blá blá blá.

♦ “Biologia Total”

No *blog* do professor Jubilut, é encontrada uma linha com caixas que organizam as publicações, assim como no “Diário de Biologia”. As caixas são identificadas com as expressões: todas as aulas, citologia, genética, citogenética, zoologia, botânica, ecologia e faq, como mostra a imagem a seguir.

FIGURA 5 – Página Inicial do blog “Biologia Total”



**Fonte:** <<http://www.biologiatotal.com.br/>> (2014)

Cada caixa contém um conjunto de *hiperlinks* que conduz o/a internauta a diversas publicações. O/a visitante pode chegar à publicação de interesse através dessas caixas, ou procurando-a através do *link* “Encontre uma vídeo aula”. No *link* das abaixo do título delas há palavras que o autor do blog utiliza para classificá-las.

As 09 publicações de sexualidade que foram encontradas neste blog durante o período de levantamento das informações foram classificadas com as seguintes palavras: Saúde, Reprodução, Genética, Citogenética, Zoologia, Reprodução, Fisiologia Humana, Vida de estudante, Zoologia, Curiosidade, Fisiologia Humana.

### ◆ “Eu Quero Biologia”

A organização dos conteúdos do *blog* “Eu quero Bio” é bem próxima do *blog* “Dicas de Ciências”, pois as publicações estão dispostas na página inicial e, caso o/a visitante/a se interesse em ler o texto na íntegra, deve na imagem para ser conduzido/a ao *link* da publicação.

No lado direito da Página Inicial, há o *link* “Faça uma busca”, através do qual o visitante pode encontrar publicações com a utilização de palavras-chave. Nas páginas em que estão disponíveis as publicações, o autor coloca, abaixo do título destas, palavras que servem para classificá-las, assim como se dá no *blog* “Biologia Total”.

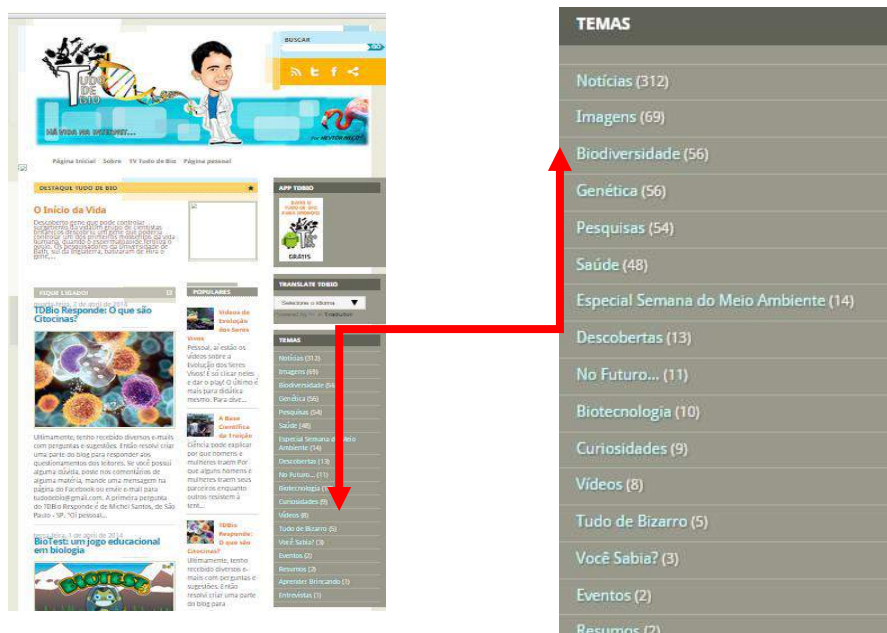
Para as 04 publicações sobre sexualidade encontradas neste *blog*, o autor utilizou as seguinte palavras: Pesquisa, genética e sistema reprodutor.

### ◆ “Tudo de Bio”

A página inicial deste *blog* se assemelha a um diário, pois as publicações são organizadas de acordo com o dia em que foram publicadas. Ao lado das publicações diárias, o autor destaca aquelas que mais tiveram acesso, através do *link* “populares”.

Paralela às postagens em destaque, é encontrada uma linha do lado direito da tela, contendo as caixas em que as publicações estão inseridas – segundo o autor, caixas de Temas. Nelas são encontradas: Notícias, Imagens, Biodiversidade, Genética, Saúde, Especial Semana do Meio Ambiente, descobertas, No futuro..., Biotecnologia, Curiosidade, Videos, Tudo de Bizarro, Você sabia?, eventos e resumos, como mostra a imagem que segue.

FIGURA 6 – Organização do conteúdo do *blog* “Tudo de Bio”



**Fonte:** <http://tudodebio.blogspot.com.br/> (2014)

O/a visitante pode encontrar a publicação através da subdivisão dos temas, ou colocar palavras-chave no espaço “buscar” da Página inicial.

As seis (06) publicações de sexualidade encontradas neste *blog* estão localizadas nos temas: Notícia, Pesquisa, Saúde e Genética.

#### ◆ “Planeta Bio”

O modo como os conteúdos no *blog* “Planeta Bio” estão disponíveis se diferencia muito dos demais *blogs* analisados. Neste ciberespaço, o visitante encontra na Página Inicial várias caixas que organizam o conteúdo. Essas caixas possuem o título das áreas de conhecimento das Ciências e Biologia: citologia, biodiversidade, fisiologia, evolução, ecologia, genética, embriologia. Acima delas, há uma tabela com outras caixas contendo outros *links*, como informações sobre os autores; Assim como espaços para organizar publicações para além das caixas que possuem o nome das áreas de conhecimento das Ciências e Biologia. A seguir, a imagem da Página inicial deste *blog*.

FIGURA 7 – Página Inicial do blog “Planeta Bio”



**Fonte:** <<http://www.planetabio.com/>> (2014)

Ao explorar todo o conteúdo presente no interior das caixas com o nome das áreas das Ciências e Biologia, o/a visitante nada encontra a respeito da temática da sexualidade. No entanto, quando adentrarmos a caixa “artigos”, são encontradas duas publicações sobre



sexualidade: “DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis” e “AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida”.

- “Fabiano Biologia”

Na página inicial do *blog* do professor Fabiano, há uma linha contendo as caixas que organizam os conteúdos disponíveis, assim nomeadas: Home, quem somos, arquivos, vídeos, *blog*, *login*, cadastre-se e contato, conforme mostra a imagem a seguir:

FIGURA 8 – Página Inicial do blog “Fabiano Biologia”



**Fonte:** <<http://www.fabianobiologia.com.br/>> (2014)

Adentrando a caixa “arquivos”, o/a visitante tem várias opções de conteúdo. Encontramos a única publicação sobre sexualidade do *blog*, os exercícios sobre reprodução humana.

Ao descrevermos a configuração dos conteúdos e localização das publicações em cada *blog*, defendemos que o modo como se abrigam e se organizam as publicações sobre sexualidade revelam possibilidades discursivas. O local das postagens é parte da produção de sentidos e significados construídos conjuntamente com as informações por elas carregadas. Assim, defendemos que a localização e modo de apresentação carregam enunciados que compõem as formações discursivas presente nas publicações. Para Fernandes (2005, p. 54),

Os enunciados, compreendidos como elementos integrantes das regularidades discursivas, inscrevem-se nas situações que os provocam e, por sua vez, provocam consequências, mas vinculam-se, também, a enunciados que os precedem e os sucedem.

Depreendemos da afirmação de Fernandes (2005) que o enunciado provoca sentido pelo contexto em que está inserido, pela rede de enunciados que a está vinculado, caracterizando uma formação discursiva<sup>65</sup>. Com isso, a leitura das publicações foi

<sup>65</sup>Fernandes (2005, p. 60) afirma: “Formação discursiva: refere-se ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas,

desencadeada pelas marcações (formas de apresentação), procurando no corpo delas os demais enunciados que, juntamente a cada expressão/termo de apresentação, conduz e provoca efeito de sentido.

Com esse exercício observamos que havia, entre algumas publicações, proximidades nas formações discursivas que as compunham. Essas proximidades nos permitiram realizar o agrupamento das publicações, o que resultou na organização de Unidades do Discurso<sup>66</sup> – estratégias para colocar em funcionamento o dispositivo da sexualidade.

A Unidades do Discurso criadas como resultado do processo de sistematização e realização da nossa análise foram: “A didatização da sexualidade”, “Diálogo entre o discurso científico e o discurso da mídia”, O binarismo “saúde/doença”, a produção da sexualidade e do corpo (a)normal” e, “A estratégia da “viagem planejada” / “Sexo-genero-sexualidade”. Chegamos a essas unidades à medida que imergimos nos *blogs* e nas publicações, orientadas pelas questões que direcionaram nossa ausculta das publicações, quais tenham sido: quem fala?; de quais lugares institucionais tais discursos são emitidos?; e quais posições os sujeitos ocupam?.

## 3.2 O dito e o não dito sobre sexualidade nas publicações dos *blogs*

### 3.2.1 A didatização das sexualidades

À medida que lemos as publicações sobre sexualidade, fomos observando a repetição de uma forma particular de apresentação que nos conduziu a pensar que nelas havia o que denominamos mecanismo de *didatização da sexualidade*. Ou seja, uma estratégia de funcionamento e circulação de um modelo discursivo de sexualidade associada a processos de pedagogização desta. Uma vez que entendemos que a sexualidade é transformada em “saber a ser ensinado”, ela é didatizada.

As marcas da didatização foram reveladas no modo de apresentação da temática por meio de termos/expressões chaves como “**Reprodução humana**”<sup>67</sup> (Professor Fabiano

---

historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica.

<sup>66</sup> Para Fernandes (2005, p. 27), “[...] a unidade do discurso constitui-se por um conjunto de enunciados efetivos produzidos na dispersão de acontecimentos discursivos, compreendidos como sequências formuladas, cuja compreensão é possibilitada pela indagação seguinte colocada por Foucault (1995): como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”.

<sup>67</sup> Nesta etapa do texto, todas as informações provindas diretamente das publicações analisadas serão **negritadas**.



Biologia), “**Sistema reprodutor**” (“Eu quero Biologia”), “**Exercícios de ciências**”, “**Educação sexual**” (“Dicas de Ciências”), “**Artigos**” (“Planeta Bio”). Tem-se aí o que Wortmann (2003) aponta como *especificidade pedagógica no ensino de Ciências*, e o que, neste texto, denominamos didatização da sexualidade.

Na cultura escolar, Reprodução Humana, Educação Sexual e Sistema Reprodutor são conteúdos definidos como necessários ao cumprimento da finalidade das disciplinas escolares Ciências e Biologia, desde que foram incluídas no currículo escolar (saberes a serem ensinados). O que significa dizer que elas também respondem e atendem às finalidades da formação de alunos e de alunas na educação básica (saberes a serem aprendidos). Exercícios (de Ciências) e Artigos são recursos/estratégias didáticas largamente utilizados no campo da educação escolar, em todos os níveis de escolarização. Destacamos que somente na cultura e textos da educação escolar é possível localizar tais conteúdos e recursos ou estratégias didáticas.

Diante do que expusemos até aqui, agrupamos as publicações com as marcações escolares em uma unidade de discurso, que para nós se justificou em razão da proximidade de enunciados das publicações com elementos discursivos presentes em textos escolares e textos das disciplinas Ciências e Biologia. Na leitura das publicações, deparamos com enunciados e formações discursivas presentes em materiais e meios de produção e divulgação do conhecimento acerca da sexualidade, como livros didáticos das disciplinas mencionadas e organização curricular da educação básica.

A didatização da sexualidade aparece de diversas maneiras nas publicações, por meio de enunciados que se apoiam no conhecimento científico e são traduzidos na escola na forma de textos, exercícios escolares, conteúdos, fluxo informacional e comentários explicativos. A leitura do fragmento da publicação, exposta a seguir de duas questões de um exercício<sup>68</sup> de Biologia, relacionadas ao conteúdo escolar “**Reprodução humana**” do *blog* “Fabiano-Biologia”, demonstra o que denominamos didatização da sexualidade:

---

<sup>68</sup>A expressão “exercício” é parte da cultura escolar, no Brasil, e refere-se a atividade com formulação de perguntas (formatos variados) para serem realizadas pelos alunos e alunas em sala de aula ou fora dela.

**TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO**

Na(s) questão(ões) a seguir julgue os itens e escreva nos parênteses (V) se for verdadeiro ou (F) se for falso.

17. Antigamente no Brasil era comum famílias com número elevado de filhos. Hoje, vários fatores culturais, econômicos e sociais influenciam a opção dos casais por um número reduzido de filhos. Existem vários métodos de contracepção. Sobre eles julgue os itens.

( ) As pílulas anticoncepcionais podem ser usadas para inibir o desenvolvimento dos folículos ou então bloquear o processo de ovulação.

( ) A laqueadura consiste na retirada do útero.

( ) O condon, popularmente conhecido como camisinha, é considerado um método contraceptivo de barreira, sendo também de enorme eficiência no controle de doenças sexualmente transmissíveis.

18. O hormônio feminino responsável pela ovulação denomina-se

a) progesterona.

b) estrógeno.

c) testosterona.

d) folículo estimulante (FSH).

**Fonte:** Publicação “Reprodução humana”, do *blog* “Fabiano Biologia” <

<http://fabianobiologia.com.br/> > (2014)

O fragmento citado consta de uma publicação do “Fabiano Biologia” associada ao conteúdo Reprodução Humana. As duas questões (17 e 18) abordam, respectivamente, a formação de famílias, número de filhos e métodos contraceptivos, e o comando inicial solicita julgamento dos itens, de modo que sejam indicadas o que é verdadeiro e o que é falso.

O enunciado da questão 17 remete o/a leitor/a a um tempo histórico localizado, quando diz: “**Antigamente no Brasil era comum famílias com número elevado de filhos**”. Tal marcação produz um efeito cujo sentido sinaliza para o estranhamento de famílias que, na atualidade, contrariam a regra: grande número de filhos. Desse modo, a questão prossegue com o que seria a suposta causa que conduz casais à redução do número de filhos no tempo presente “**Hoje, vários fatores culturais, econômicos e sociais influenciam a opção dos casais por um número reduzido de filhos**”. A questão desloca do sujeito, ao mesmo tempo que remete a ele, a opção de ter **número reduzido de filhos**. A força da linguagem tem peso significativo, porque trabalha com jogos discursivos que não deixam pensar, que não revelam os jogos de poder-saber.

A mudança do passado para o presente é feita de forma linear, sem revelar quebras, conflitos e jogos de interesse de instâncias de poder atrelados à política de controle populacional que emerge no mundo e, em particular, no Brasil. O que influencia a mudança na “**opção dos casais**” são “**vários fatores culturais, econômicos e sociais**”. Observamos que, além de não terem sido pontuados os fatores políticos e as relações de poder, a formulação da questão apaga as instituições sociais que produzem tais fatores/influências,

como, por exemplo, no caso do controle populacional e demográfico, a ação do Estado sobre os corpos e o exercício da reprodução e da sexualidade. Apagam-se ainda outros formatos de família ao se reiterar a família nuclear pais e filhos.

O desfecho do enunciado da questão reitera a produção de saberes sobre corpos e reprodução humana: “**Existem vários métodos de contracepção**”. Isso se alia à solicitação de julgamento de seu público interessado – aqui, parece-nos ser de profissionais da educação que lidam com a Educação em Ciências e alunos e alunas, enfim, sujeitos escolares: “**Sobre eles julgue os itens**”.

Outro elemento que destacamos na formulação dos itens indicados pela questão é a apresentação dos “**métodos de contracepção**” vinculados ao campo das ciências biomédicas. Tal formulação torna-se entendível, considerando que o sujeito mobilizador da publicação é um professor de Biologia e considerando ainda o modelo hegemônico de formação que centra nesse conteúdo a abordagem de sexualidade.

O enunciado da questão, ao apresentar o formato de família, remete a fatores sociais, econômicos e culturais que provocam alterações na “**opção**” de redução do número de filhos dos casais. No entanto, os itens propostos abandonam esses fatores, de modo que dois deles apontam para a “próteses químicas”<sup>69</sup> (pílulas anticoncepcionais) e procedimentos cirúrgicos (laqueadura) a serem efetivados sobre organismos/corpos de mulheres, exclusivos mecanismos de controle da concepção, e o último item, que, com a força cultural em vigência, pode ser associado apenas ao organismos/corpos de homens. Este tem particular atrativo, refere-se tanto ao método contraceptivo quanto à sua “[...] enorme eficiência no controle de doenças sexualmente transmissíveis”. Indicamos como atrativo porque, como afirmamos, mesmo o item não apresentando explicitamente que o “**condon**” é masculino, do ponto de vista cultural, ao se falar em “**camisinha**”, comumente pensa-se em preservativo masculino. Dizemos isso a partir das nossas referências culturais. Ou seja, há uma indução e curiosa articulação entre uso do condon como método contraceptivo e como controle de DSTs.

A questão 18 apresenta um texto acerca do tipo de hormônio que é responsável pela ovulação. Não teria nos chamado atenção se a palavra “**hormônio**” não fosse colada ao adjetivo “**feminino**”. A expressão “hormônio feminino”, sem dúvida, é uma marcação de gênero que define, a partir da base hormonal, a mulher. O que destacamos nesta questão e em outras lições de Biologia é o quanto se apaga que os hormônios humanos não determinam mulheres ou homens.

---

<sup>69</sup> Expressão utilizada por Edvaldo Couto na mesa redonda do “GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação” na 32ª reunião anual da ANPED.

Estudos como o de Rhoden (2008, p. 133), a partir do debate teórico entre gênero e ciência, discutem os processos de produção das diferenças de gênero e sexo “[...] por meio de marcadores tidos como biológicos ou naturais.”

É cada vez mais comum depararmos com artigos em revistas e livros de divulgação científica, ou mesmo em jornais de grande circulação, e com programas de televisão dedicados a tratar da importância dos hormônios no bem-estar e na saúde dos indivíduos e na determinação de certos comportamentos. Quanto mais atual for a matéria, maior será a probabilidade de que trate também da conexão entre cérebro e hormônios e que apresente as diferenças inatas e intransponíveis entre os sexos. A idéia de que os hormônios determinam tudo, até mesmo nossa inteligência e nosso comportamento frente ao sexo oposto, parece ganhar cada vez mais adeptos. Fala-se também em inteligência hormonal. Assistimos ao império de um 'corpo hormonal' que parece sobrepor-se a qualquer outra concepção biomédica corrente, pelo menos se considerarmos o sucesso de sua aceitação entre um público cada vez mais amplo (RHODEN, 2008, p. 133).

O argumento de Rhoden permite pensarmos nos modos silenciosos de disseminação e consolidação do “corpo hormonal” na escola e em publicações como as dos *blogs* que investigamos. As ideias dos hormônios tem sido possível desde que todo um conjunto de saberes sobre o corpo feminino foram colocados em funcionamento, particularmente, a partir do século XIX. Assim, Rhoden formula:

As descobertas científicas sobre os hormônios e o funcionamento do ciclo menstrual fizeram que os ovários se tornassem peças-chave na definição da natureza feminina. Na realidade, desde as últimas décadas do século XIX, no auge da prática da ovariectomia, debatia-se muito a importância desses órgãos para o bom funcionamento físico e mental da mulher, não só no Brasil mas também na Europa e nos Estados Unidos. Ornella Moscucci (1996, p.134-164), traçando as linhas gerais desse debate, afirma que muitos médicos eram contra a ovariectomia porque ela implicava a esterilização da mulher, a perda do desejo sexual e a aquisição de características masculinas. Essa dessexualização da mulher era percebida como uma ameaça ao casamento e à divisão sexual do trabalho, considerados os dois pilares de sustentação da sociedade e da nação. No caso da Inglaterra, contexto analisado pela autora, ao lado dos médicos que condenavam a ovariectomia estavam as feministas, que acreditavam que a castração privaria a mulher de sua verdadeira essência e do cumprimento do seu destino de mãe e líder moral na sociedade (RHODEN, 2008, p. 144).

A atuação sobre os corpos, especialmente os das mulheres, tem como aliado o discurso endocrinológico realizado para a determinação do que é e do que pode uma mulher. Rhoden (2008) apresenta o entrelaçamento da produção científica com a produção de gênero, e, assim, nos ajuda a pensar no que justifica, na atualidade, a disseminação e força dos discursos hormonais no funcionamento dos corpos. Há, portanto, contextos que informam porque esse discurso entra e permanece em funcionamento:

No começo do século XX, novos argumentos científicos que condenavam a ovariectomia vieram à tona. Nesse momento, o ovário foi convertido no órgão que condensa a feminilidade e capacita a mulher para a função reprodutiva. Sua presença

tornou-se imprescindível, e a castração passou para segundo plano. Daí em diante, a apreciação da saúde da mulher e de sua própria identidade teve como referência seus ovários. As substâncias produzidas por esse órgão passaram a ditar a diferença em relação ao homem e às secreções dos testículos. Se antes as mulheres castradas ou as que estavam na menopausa eram desvalorizadas devido à falta de capacidade reprodutiva, passou-se então a acrescentar a isso a falta das substâncias que definiriam as características sexuais da mulher. Pode-se dizer que entrava em curso uma nova precisão a respeito da diferença, encampada pelas especialidades que se desenvolveriam no contexto das descobertas endocrinológicas.

É curioso que vemos reafirmada a conexão entre comportamento feminino e órgãos reprodutivos ou, mais especificamente, entre perturbações mentais ou morais e problemas com os ovários (RHODEN, 2008, p. 144-145).

Rhoden (2008) afirma que há uma inversão no século XX, em que o discurso da necessidade de retirada do ovário é substituído pelo discurso de sua manutenção em função do que ele secreta – os hormônios. Assim, estabeleceram-se os efeitos decorrentes das produções e invenções endocrinológicas.

Buscamos o caminho da desnaturalização dos enunciados e das formações discursivas que didatizam a “sexualidade” por meio de sua íntima articulação com o tema da “**reprodução humana**”. Em tal processo, nos interessamos pelas relações históricas, sociais, culturais que os produziram e que eles reproduzem, trazendo, assim, elementos da rede de poder-saber que faz funcionar o dispositivo da sexualidade, e buscando compreender o aparecimento de determinado enunciado e não outro em seu lugar (FOUCAULT, 2013).

As pesquisas realizadas por Silva (2009, 2013, 2014) que investigam o conhecimento biológico transmutado em conhecimento escolar, divulgado em livros didáticos de Ciências e Biologia, apontam para o fato de que

A ciência ao transformar a vida e o ser humano em objetos de conhecimento apresentará e formulará procedimentos, saberes e mecanismos de atuação sobre eles e sobre seus corpos, de modo a conformar e normatizar padrões corporais de sexualidade e de gênero desejáveis à vida produtiva. (SILVA, 2014, p. 30).

Silva (2014) afirma que as sexualidades didatizadas, apresentadas nos textos escolares e nas aulas de Ciências e Biologia, na maior parte das vezes estão ancorados em verdades científicas, produzidas pela Anatomia, Fisiologia, Farmacologia e Medicina, e aliam-se “[...] aos objetivos da instituição Escola, as disciplinas escolares e os conhecimentos a serem por elas assegurados” (SILVA, 2014 p.139). No entanto, destacamos que os conhecimentos articulados na disciplina Biologia possuem uma história que “não é natural” (SANTOS apud SILVA 2009, p.103), e, em consequência disso, há um “conhecimento biológico interessado” (SILVA, 2009, p.103).

O conhecimento escolar da Biologia é construído num contexto histórico e social, assim sendo colocada a educação sexual como conteúdo na escola, o que nos parece justificar

a didatização da sexualidade. A inclusão da temática no currículo da escola brasileira se inicia, segundo Silva (2014) em diálogo com César (2009), no ano de 1922, marcada pelo higienismo e eugenismo, e foi retirada durante a década de 1960 pelo regime militar, sendo recoolada nos anos de 1970 pela força do movimento feminista:

A escola brasileira, por meio das disciplinas escolares Ciências e Biologia, apresenta, na década de 1970, a abordagem do tema da saúde fortemente colado ao discurso biomédico. Nela tem privilégio as doenças sexualmente transmissíveis, a fisiologia e anatomia do sistema reprodutor humano, pois tornam-se conteúdos obrigatórios nos textos didáticos e propostas curriculares da escola em todas as séries da educação básica. Ao lado destes temas, na época supracitada, há fortes indícios da educação sexual nas escolas (SILVA, 2014, p.31).

Em paralelo aos conteúdos trabalhados na disciplina Ciências e Biologia, havia trabalhos de educação sexual na escola. Na década de 1990, o Estado brasileiro, por meio de política curricular oficial, assumiu a discussão da sexualidade/educação sexual na escola como tema transversal. Desencadearam-se novas formulações de políticas curriculares nacionais atreladas à aprovação, em 1996, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Tivemos, então, a formulação de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a educação básica, e a elas se vincularam a elaboração e implementação de um documento orientador e de sugestão de temas e modos de organização do currículo por áreas disciplinares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Tal documento, em consonância com a perspectiva interdisciplinar DCN, apresenta temáticas a serem contempladas transversalmente na organização curricular, dentre elas a pluralidade cultural e orientação sexual.

Passados anos da elaboração e implementação dos PCNs, é possível afirmar que a incorporação dos temas transversais nas escolas brasileiras deixa a desejar. Silva (2014, p. 32), a este respeito, entende que um dos entraves é a dificuldade de desconstrução, no ambiente escolar, da “[...] cultura disciplinar, monocultural, fragmentada e formatada [...]”, um desafio para que ações e práticas educativas que contemplem as propostas dos PCN.

Na década de 2000, foram formuladas novas diretrizes curriculares para a educação básica que reiteram a perspectiva adotada na década de 1990, aliadas aos discursos dos direitos humanos, democracia e cidadania. Acerca da centralidade do corpo e das sexualidades na atual política curricular, Silva (2014, p. 33) argumenta:

A política curricular em funcionamento no país ocupa-se do corpo, das sexualidades e gênero, mas é necessária atenção ao discurso e modo como proposto e reconfigurado no espaço escolar [...] notamos que a ênfase recai nos direitos humanos globais e no enfrentamento a preconceito, discriminação e violência, não havendo ainda, o apontamento para a superação ou desconstrução de modelos de

pensamento que geram formas de preconceito, discriminação e violência e de garantia de direitos singulares, portanto, da acolhida à diferença como princípio formativo e educativo.

Os encaminhamentos de Silva (2014) apontam que, apesar dos avanços das políticas públicas, a temática das sexualidades ainda necessitam de maiores problematizações. A autora, ainda nesse estudo, correlaciona a história social e política das sexualidades dentro do currículo escolar com os projetos de pesquisa desenvolvidos por ela com foco nos Livros Didáticos de Biologia aprovados no PNLD 2012/2013. Entre suas considerações, aponta que a Biologia escolar estabelece continuamente associações históricas como aquelas que relacionam “[...] sexualidade e reprodução humana, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, e sexualidade e hormônios sexuais” (SILVA, 2014, p. 37).

Nas publicações dos *blogs*, fontes deste trabalho, encontramos o discurso que dialoga com todo o contexto histórico de inserção da sexualidade na escola e na disciplina Biologia. Nesse sentido, há enunciados que didatizam e estabelecem as associações assinaladas por Silva (2014). Dentre elas, destacamos as seguintes publicações: **“Espermatozoides: características gerais”**, do “Eu quero Bio”, ao apontar para as características anatômicas relacionadas ao sexo; **“Exercícios de fixação (sistemas genitais e DST)”**, do *blog* “Dicas de Ciências”, sobre as DSTs e sobre a anatomia humana e nos artigos; **“DST”** e **“AIDS”**, do “Planeta Bio” que aproximam a abordagem da sexualidade com as doenças sexualmente transmissíveis.

Nas publicações referidas encontramos outros elementos discursivos que atuam sobre os corpos e as sexualidades. Apresentamos o fragmento da publicação **“DST”**, do *blog* “Planeta Bio”:

A prevenção é essencial para redução dos números de infecções causadas por DSTs, envolve:

1. Uso de preservativo (camisinha) em todas as relações sexuais;
2. Limitação do número de parceiros;
3. Diagnóstico pré-natal para as doenças nas quais a mãe possa infectar a criança (sífilis, AIDS, hepatite B)
4. Procura por atendimento médico em caso de exposição às situações de risco.

O disque saúde (0800-61 1997) informa sobre locais nos quais o cidadão pode buscar atendimento médico para aconselhamento, testes e tratamentos de DSTs.

**Fonte:** < <http://www.planetabio.com/dst.pdf> > (2014)

No extrato acima, é possível observar que, conjuntamente à didatização da sexualidade, ao discurso escolar, ao discurso científico, está o uso do texto informativo associado ao dever fazer: **usar preservativo, limitar número de parceiros** (notemos o uso do masculino ‘parceiros’ – dirigido às mulheres?), **diagnóstico pré-natal, procurar atendimento médico, disque saúde.**

Esses são enunciados de controle e regulação de corpos e da sexualidade, de modo que atuam sobre o comportamento sexual. Se considerarmos que o mecanismo de didatização do conhecimento lida com a linguagem, valorizando e utilizando a linguagem informativa, curta e simplificada, é possível afirmar que ele perpassa a publicação.

Além disso, traços do discurso moral, que atua e regula os corpos, o comportamento sexual de homens e mulheres, estão postos na expressão “Limitação do número de parceiros”. Num modelo social e cultural que visa à monogamia, a expressão pode representar uma forma de manutenção de tal modelo. Defendemos que a rede discursiva é pertinente ao mecanismo de fazer funcionar o dispositivo da sexualidade chamado de biopoder (FOUCAULT, 2014).

Ao correlacionar os movimentos políticos e a preocupação com aspectos relacionados à saúde da população, ao controle da natalidade, entre outros, Foucault (2014, p. 154) designa Biopolítica “[...] o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.”. Os saberes presentes no fragmento de publicação que estamos comentando fazem parte de uma rede de poder de transformação da vida humana.

Salientamos que não estamos afirmando que a publicação do *blog* é indevida, estamos tão-somente apontando a rede de poder-saber a que ela está ligada. Nesse sentido, enfatizamos a construção histórica e social da sexualidade que possibilitou a existência dos enunciados em uma publicação que dialoga com a biologia escolar.

A didatização da sexualidade, presente nas publicações dos *blogs*, permite considerar como os sentidos da transmutação da sexualidade em linguagem passível de ser ensinada ultrapassam as paredes escolares. Chegam às mídias sociais (ou vice-versa), tornando-se, assim, independentes das instituições sociais que historicamente os veiculavam - família, escola, igreja.

Ainda considerando a didatização da sexualidade, encontramos publicações que apresentam propostas de atividades de ensino para os/as professores/as trabalharem a temática sexualidade em sala de aula. É o caso da publicação “**Fala sério ou com certeza?**” (*blog*: “Dicas de Ciências”). Também há publicações que discutem as diretrizes de políticas públicas brasileiras relativas à inserção da sexualidade no currículo escolar, como “**Educação Sexual – Para Professores**” (*blog*: “Dicas de Ciências”) e “**Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos**” (*blog*: “Diário de Biologia”).

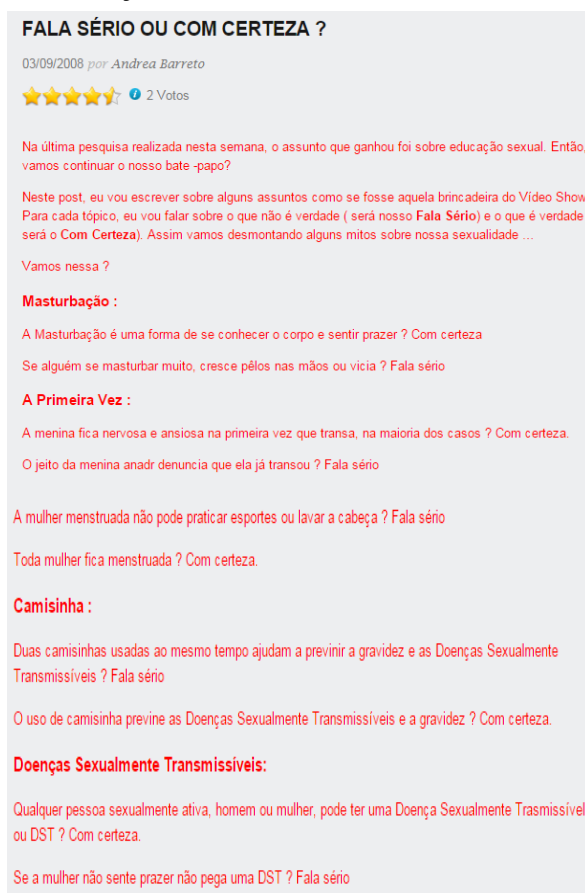
Nessas publicações observamos, assim como nas destacadas anteriormente, a aproximação da sexualidade com conteúdos considerados especificidades das disciplinas escolares Ciências e Biologia, como as doenças sexualmente transmissíveis, o ato sexual e a



fisiologia do corpo humano, sobretudo do corpo feminino. Obviamente, concordamos que esses conteúdos favorecem a discussão da sexualidade, do corpo e das relações de gênero, e defendemos que esses temas devem ser explorados na abordagem.

A publicação “**Fala sério ou com certeza?**”<sup>70</sup> – o título alude a uma espécie de “**verdadeiro ou falso**” – do *blog* “Dicas de Ciências”, apresenta frases que podem ser utilizadas pelos professores/as ao aplicarem a metodologia proposta pela blogueira. As frases apresentam conteúdos sobre masturbação, menstruação e doenças sexualmente transmissíveis.

FIGURA 9 – Publicação “Fala sério ou com certeza?”, do blog “Dicas de Ciências”



**Fonte:** <<http://dicasdeciencias.com/2008/09/03/fala-serio-ou-com-certeza/>> (2014)

A preocupação com o corpo feminino, através de enunciados que vinculam saberes sobre sua anatomia e fisiologia, e, ainda, os métodos de controle da natalidade, através de conteúdos sobre a menstruação e métodos anticoncepcionais estão em uma considerável parcela das publicações analisadas neste trabalho. Desse modo, localizamos 13 (treze) publicações atravessadas pelo discurso que marca o corpo da mulher e seu sexo, todas elas publicadas no *blog* “Diário de Biologia”.

<sup>70</sup> Publicação na íntegra: Anexo A

04 (quatro) das publicações localizadas concentram-se no aspecto anato-fisiológico feminino. São elas: **“Coisas sobre menstruação que você achava que era mentira, mas não é!”**, **“A mulher pode engravidar durante a menstruação”**, **“Como reconhecer a gravidez momentos depois da implantação do óvulo no útero”**, **“Uma garota virgem pode ficar grávida?”**. As outras 09 (nove) apresentam métodos anticoncepcionais, centrando-se no aspecto da prevenção da gravidez: **“Oito métodos contraceptivos inacreditáveis e bizarros do passado”**, **“Os métodos anticoncepcionais mais usados no mundo”**, **“5 impressionantes métodos anticoncepcionais da antiguidade”**, **“Diarreia tira efeito da pílula anticoncepcional”**, **“Como funciona a Pílula do Dia Seguinte no organismo”**, **“Existe anticoncepcional masculino que não seja vasectomia?”**, **“Atenção, meninos! Novo anticoncepcional masculino poderá estar disponível em 2017”**, **“Como é feita a vasectomia?”**, **“O que acontece se o homem tomar pílula anticoncepcional feminina”**.

A quantidade de publicações sobre a fisiologia e anatomia do corpo feminino sinaliza para nós a centralidade do corpo feminino nos enunciados delas. A presença constante desses enunciados, tanto no ambiente escolar como na mídia, nos fazem pensar nos “porquês” do foco no corpo feminino. Seria uma estratégia do biopoder? Que interesses eles mobilizam? Se pensarmos que a política de controle de natalidade instaura-se desde o século XIX, no Ocidente em geral, e que ela também é parte da produção do Brasil, entenderemos que é sobre o corpo das mulheres que saberes e poderes vão atuar a fim de se alcançarem os objetivos de tal política.

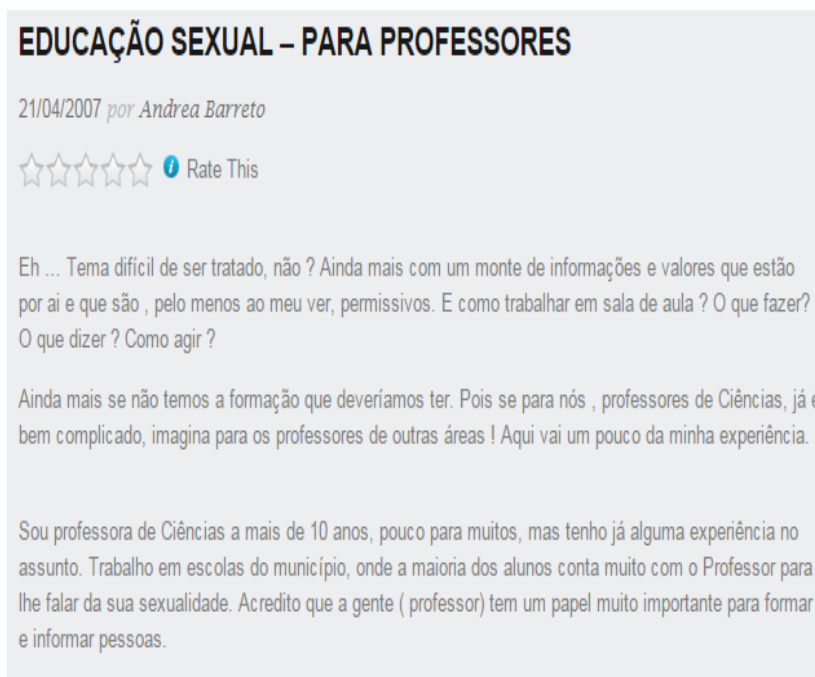
Na aproximação da sexualidade com os conteúdos da Biologia escolar, observamos publicações que possuem enunciados que vinculam e naturalizam (fazem circular, reforçam o sentido) a ideia de que os/as docentes possuem dificuldades para dialogar sobre outros aspectos da sexualidade humana, como os que dialogam com a cultura e as relações sociais, os “valores que estão por aí”, em sala de aula. Dificuldades certamente correlacionadas à formação inicial do/a docente.

A seguir, tem-se parte da publicação “Educação Sexual – Para Professores”<sup>71</sup>:

---

<sup>71</sup> Publicação na íntegra: Anexo B

FIGURA 10 – Publicação “Educação Sexual – Para Professores”, do blog “Dicas de Ciências”



**Fonte:** <[http://dicasdeciencias.com/2007/04/21/educacao\\_sexual\\_professor/](http://dicasdeciencias.com/2007/04/21/educacao_sexual_professor/)> (2014)

A ideia de que “[...] **se para nós professores/as de Ciências já é bem complicado** [...]” e de que “**Eh...tema difícil de ser tratado, não?** [...]”, como aparece na publicação destacada, aponta na direção da construção de uma sexualidade hegemônica, que é reprimida, “valorizada como segredo” (FOUCAULT, 2014, p. 39). Esse pensamento é elemento essencial para fazer funcionar o dispositivo da sexualidade e sua explosão discursiva, tendo ocorrido o controle das enunciações do sexo nos últimos três séculos:

Definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, se não de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição; entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais (FOUCAULT, 2014, p. 20).

A permanência da ideia de uma sexualidade que é difícil de dizer, que é polêmica, por isso difícil de se trabalhar na escola, está ligada à a formação docente. Essa correlação desencadeia pesquisas acadêmicas que objetivam problematizar a concepção hegemônica da sexualidade, desvelando a teia discursiva que a forma nas várias etapas de formação escolar.

A pesquisa realizada por Parreira (2014) problematiza a formação docente do/a biólogo/a ao discutir o currículo da licenciatura em Biologia. A autora aponta que há boa

variedade de pesquisas que se debruçam sobre a “grande dificuldade na abordagem do tema pela escola”<sup>72</sup>.

Parreira discute, ainda, as consequências da ausência de um componente curricular específico para as sexualidades, na maioria dos cursos de graduação de Biologia. Quanto a isso, afirma:

A ausência de disciplinas ou componentes curriculares voltados para o tema sexualidade, ou ainda a sua discussão centrada na anatomia e fisiologia dos corpos, ou no binômio saúde/doença, levam o/a futuro/a docente a uma postura diante dos estudos do corpo humano e da sexualidade que podem possibilitar e promover, portanto, a manutenção da compreensão da sexualidade atrelada a noções de saúde e do cuidado; podem continuar mantendo e reforçando modelos heteronormativos (PARREIRA, 2014, p. 41).

A construção das sexualidades e corpos atrelados apenas a noções de anatomia e fisiologia, nos cursos de licenciatura de Biologia, pode ser um fator que promove os entraves dos docentes em problematizar a teia de relações que fazem parte do funcionamento do dispositivo da sexualidade. Nesse sentido, esses/as profissionais apresentam dificuldades de se apoderar de políticas públicas nessa área e de colocá-las em debate.

A publicação “**Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos**” do *blog* “Diário de Biologia”, apresenta no título um outro elemento bastante explorado na discussão acerca da sexualidade: sua apresentação como tema polêmico. A publicação constitui-se da escrita de uma professora de Ciências, acompanhada por comentário/resposta.

Na figura a seguir, a professora mostra seu interesse sobre as “**cartilhas para Educação Sexual**”<sup>73</sup>.

<sup>72</sup> Parreira (2014) cita as pesquisas de Ribeiro (2002), Bonfim (2009), Oliveira (2009), Silva (2010), Carpilovsky (2011) e Quirino (2012).

<sup>73</sup> Publicação na íntegra: Anexo C

FIGURA 11 – Publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos”



**Fonte:** < <http://diariodebiologia.com/2014/07/conheca-como-sao-as-cartilhas-de-educacao-sexual-para-criancas-de-6-a-12-anos/> > (2014)

Na publicação, o comentário-resposta indica que **“não procura colocar a opinião pessoal sobre os assuntos do blog”**, no entanto, há emissão de opinião acerca das cartilhas: **“No caso das cartilhas, existem várias tentativas, aprovadas pelo MEC de educar crianças de 6 a 12 anos sexualmente, exemplificando e explicando sobre o ato sexual, prazer e masturbação. São cartilhas muito ilustradas e tem uma linguagem bastante simplificada de modo que toda criança é capaz de entender”**. A opinião emitida diz respeito ao modo como as cartilhas são organizadas, seu conteúdo, o tipo de linguagem, a possibilidade de aprendizagem da criança e ainda trata da qualidade dos materiais: **“[...] revisto por psicólogos e educadores e procurou apresentar o melhor material possível.”** Desse modo, a linguagem simplificada e a indicação das vozes autorizadas (psicólogos e

educadores) são argumentos utilizados para inferência sobre a aprendizagem da criança e a validade do material. Apresentam-se para a visitante do *blog*, e não somente a ela, dois fortes elementos da mediação didática na estruturação de saberes a serem ensinados e aprendidos no espaço escolar, destacando-se a necessidade de um dever-fazer de todo educador ou educadora: **“analisar com atenção, levando-se em conta as realidades da comunidades, nas diferentes regiões”**. Tais elementos e dever-fazer são parte da rede discursiva que envolvem o trabalho de educadores e educadoras e da escola e são peças-chave para a composição da cena pedagógica.

A publicação apresenta, além da postagem da visitante e do comentário-resposta, imagens de três cartilhas antecederias de questionamentos e de um alerta e solicitação de opinião dos/as possíveis visitantes do *blog*. Os questionamentos são: **“Mas será que isso funciona? Será que faz bem para uma criança de 7 anos conviver com imagens como estas? Ou, o sexo é um ato natural, deve ser aprendido desde cedo com respeito? As tem direito de conhecer sexualmente o corpo antes da adolescência?”**

Os questionamentos colocam sob suspeita o funcionamento das cartilhas. Eles giram em torno do bem que “[...] **faz para uma criança de 7 anos conviver com imagens como estas**”, a possibilidade de o sexo ser considerado **“um ato natural”** que **“deve ser aprendido desde cedo com respeito”**, e ainda sobre o direito de as crianças conhecerem **“sexualmente o corpo antes da adolescência”**.

A série de questões mobiliza ideias e discursos consolidados nos contextos sociais, culturais e educacionais. Apesar de o Estado brasileiro e um conjunto de outras organizações multilaterais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura (UNESCO) assumirem que a educação sexual e a sexualidade são conteúdos a serem ensinados e aprendidos às crianças e adolescentes, os questionamentos se colocam ao lado de discursos que oscilam entre a compreensão de que a sexualidade é parte do humano, portanto deslocada de uma idade particular, e a compreensão de que haveria uma idade certa para serem apresentados/as a tal temática.

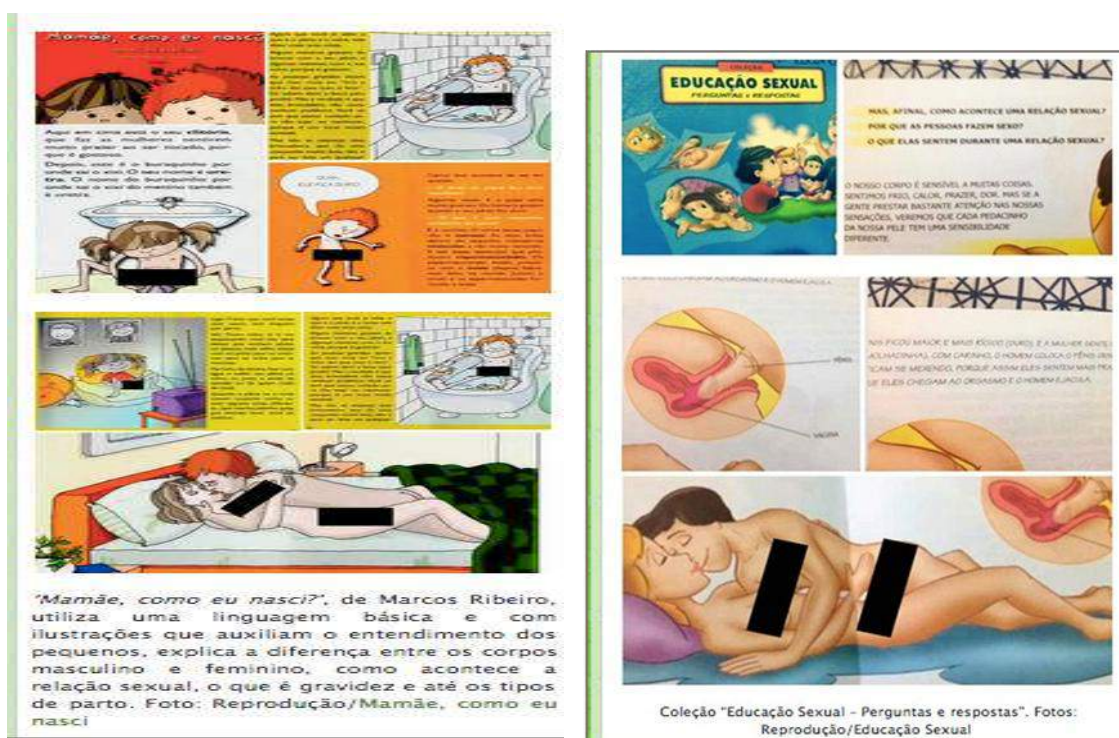
Questionamos sobre o que seria conhecer **“sexualmente o corpo antes da adolescência”**?. Essa pergunta nos intrigou pela ideia de se pensar na possibilidade de apresentação ou **“conhecimento”**, por parte das crianças, do corpo desatrelado do sexo, e a reverberação de que o momento certo para tratar do assunto é a adolescência.

O alerta a que nos referimos diz respeito à informação de as cartilhas terem sido **“[...] aprovadas pelo Ministério da Educação”** e de que **“as imagens receberam tarja preta em áreas onde havia conteúdo considerado impróprio pelo Google”**.



A figura 11a apresenta as imagens mencionadas na publicação, referentes a três cartilhas, sendo elas, “Educação sexual – perguntas e respostas”, de autoria de Cida Lopes (2001), publicada pela editora TodoLivro; “Tô Crescendo”, para crianças de 6 a 9 anos, de autoria e publicação do Ministério da Saúde (1997) e “Mamãe como eu nasci?”, cujo autor é Marcos Ribeiro (2011), publicada pela editora Moderna.

FIGURA 11a – Imagens da publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos” do blog “Diário de Biologia”



**Fonte:** < <http://diariodebiologia.com/2014/07/conheca-como-sao-as-cartilhas-de-educacao-sexual-para-criancas-de-6-a-12-anos/> > (2014)

A tarja preta é colocada sobre os órgãos genitais e, no caso do que se pode reconhecer como corpo de uma mulher adulta, sobre seus seios. Curioso notar que em dois esquemas representando o pênis, não foi adicionada a tarja. O que ensina tal representação? É o questionamento que imensamente se coloca para nós. Como resposta, entendemos, a partir das leituras de Foucault (2014), que um discurso sustentado numa certa moral sexual se coloca em funcionamento. De modo igual, o afastamento da sexualidade e do corpo sexuado das crianças.

Outra perspectiva é a de que o *blog*, com sua publicação, termina por não favorecer a transformação de olhares sobre ou a partir de tais materiais.

Silva (2014, p. 38) ao discutir as políticas públicas de Livros Didáticos de Biologia, coloca:

A despeito de todo o avanço no debate mais amplo em termos de parte da produção acadêmica educacional, das lutas e embates travados com o movimento social e dos avanços alcançados, com toda a crítica que ainda possamos realizar nos programas, ações, documentos e normatizações de políticas do livro e curriculares no Brasil em relação as temáticas das sexualidades, do gênero e dos corpos contemporâneos, os livros didáticos de Biologia produzidos, avaliados, aprovados e distribuídos nas escolas públicas de ensino médio estão longe das formulações e proposições em curso. Os padrões heteronormativo e de gênero ainda são reproduzidos fortemente nestas obras.

Os dizeres de Silva (2014) apontam que os Livros Didáticos de Biologia ainda pouco avançaram para romper os padrões heteronormativos e de gênero. Não temos elementos para colocar em discussão as cartilhas, mas podemos inferir que a posição expressa na publicação não vai além de entendimentos da sexualidade infantil que ultrapassem as normas postas.

Outro elemento apresentado na publicação analisada é a proposta de uma enquete solicitando aos/às visitantes do *blog* a opinarem sobre o uso das cartilhas.

FIGURA 11b – Enquete da publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos”, do blog “Diário de Biologia”

Responda a enquete:

Você concorda com o uso destas cartilhas para Educação Sexual de crianças até 12 anos?

☐ Sim. Não vejo nada demais. Ficaria satisfeito (a) se meus filhos tivessem a oportunidade de serem instruídos por este tipo de cartilha. Eles podem ver coisas piores na internet.

☐ Não. Acho o conteúdo impróprio e desnecessário. Não gostaria que meus filhos recebessem orientação sexual com este tipo de material.

**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/07/conheca-como-sao-as-cartilhas-de-educacao-sexual-para-criancas-de-6-a-12-anos/>> (2014)

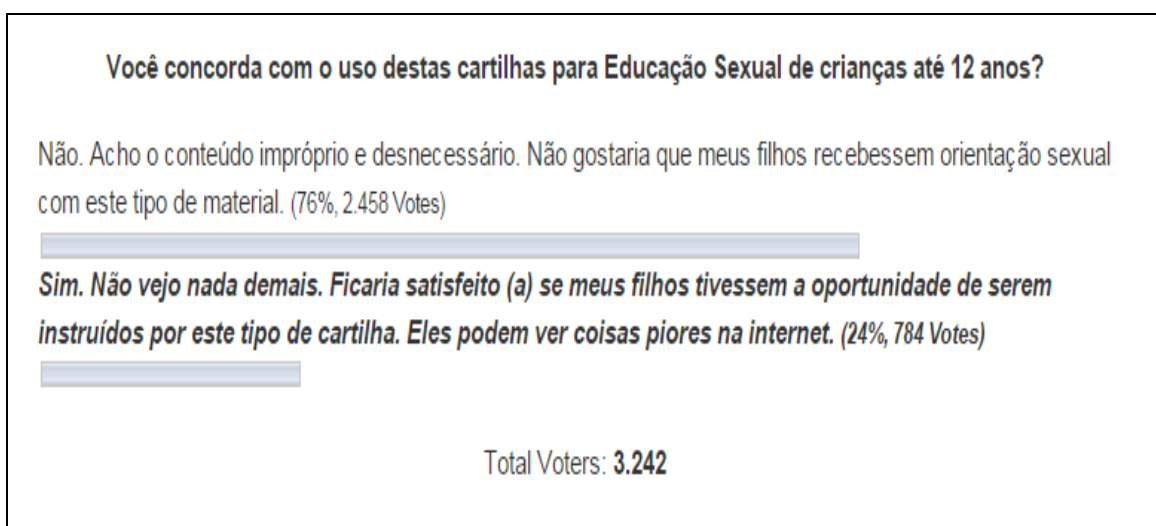
As alternativas propostas na enquete condicionam a duas únicas possibilidades de leitura e ambas induzem a desqualificação do material sem que seja fomentada, por exemplo, a leitura na íntegra das cartilhas, uma vez que a publicação apresenta trecho de cada uma



delas. A primeira possibilidade coloca a cartilha como material de instrução e diz que os/as filhos/as “**podem ver coisas piores na internet**”. A segunda aponta o material como impróprio e o indica como fonte de orientação sexual.

Ao pensarmos no que realizamos por meio do monitoramento dos *blogs* e seu aspecto comunicativo, retornamos ao local de publicação da enquete citada no *blog* em análise para capturar como os/as visitantes responderam ao questionamento formulado pela autora do mesmo. A figura 11c exemplifica nossa captura.

FIGURA 11c – Resultado da enquete na publicação “Conheça as polêmicas cartilhas de educação sexual para crianças de 6 a 12 anos”, do *blog* “Diário de Biologia”



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/07/conheca-como-sao-as-cartilhas-de-educacao-sexual-para-criancas-de-6-a-12-anos/>>(2014)

O resultado da enquete mostra-nos a reafirmação da necessidade de discussões e estudos sobre sexualidade que problematizem os modelos de pensamento dos materiais didáticos e práticas escolares hegemônicas. Como a noção de que a sexualidade e o conhecimento do corpo nessa perspectiva deve ser restrita ao universo adolescente e adulto, por exemplo. A publicação centra sua preocupação na validade ou não da apresentação dos conteúdos das cartilhas às crianças, e, ao fazer isso, apaga as lutas para mobilizar a escola para uma educação que combata ações de violência sexual contra crianças, ações homofóbicas, pois não produzem possibilidades de empoderamento das crianças.

De outro lado, ao reverberar que o corpo deve ser ensinado descolado do sexo, além de fragmentar e amputar o corpo, a publicação desnaturaliza o sexo e o coloca fora do alcance da criança, retirando dela o direito de obter informações e conhecimentos sobre o funcionamento do corpo. Por fim, essa postura pode ser lida como fazendo parte de um

conjunto de proposições didáticas que não se importa com a vida de inúmeras crianças que sofrem violências sexuais instituídas insistentemente ao longo de séculos.

Destacamos que a problematização sobre a sexualidade didatizada não se encerra aqui, ela é uma das unidades estruturadoras dos discursos que atravessam e constituem a sexualidade nos *blogs* que analisamos. A seguir, apresentamos outro bloco de enunciados por meio do qual emergiu o diálogo entre a mídia e a ciência como estratégia de funcionamento do dispositivo da sexualidade na contemporaneidade.

### **3.2.2 Diálogo entre o discurso científico e o discurso da mídia como estratégia contemporânea da sexualidade**

Os vários enunciados e formações discursivas que aqui arrolaremos apresentam características que marcam os corpos contemporâneos moldados numa subjetividade informacional ou midiática que, para Sibilia (2012, p. 75), é “[...] instável e precária”.

Por subjetividade informacional entendemos os modos de ser e estar forjados no momento histórico da contemporaneidade, dada a centralidade do contato e uso dos meios de comunicação pelos sujeitos. Por enunciados e formações discursivas midiáticas nos referimos àquelas que possuem uma estrutura de apresentação através de textos curtos, de rápida leitura, chamando a atenção do/a visitante, que “[...] está habituado a surfar entre vários materiais midiáticos ao mesmo tempo” (SIBILIA, 2012, p. 73). Assim, para alcançar os/as visitantes que circulam pelos *blogs*, está presente em certas publicações o discurso da mídia contemporânea.

As publicações dos *blogs* analisados estão marcadas pelo discurso da mídia com tais características, pois a comunicação é descentralizada, dispersa, permite o diálogo com diversos visitantes que navegam em meio aos fluxos informacionais, os “[...] consumidores midiáticos” (SIBILIA, 2012, p. 111):

Nesse sentido, já não haveria gêneros, temas ou conteúdos exclusivos para crianças, nem estilos ou estéticas específicos para esse público: os limites entre as diversas idades se dissipam também nesse campo. As manifestações midiáticas atuais parecem ignorar as barreiras etárias como princípio de separação entre os tipos de audiências, para se guiar por parâmetros mercadológicos ao segmentarem seus “consumidores” (SIBILIA, 2012, p.112).

Assim, o conteúdo dos *blogs* não tem como consumidor um/a outro/a que possua uma identidade estável, fixa, assegurada por uma instituição social a exemplo da escola, com seus/suas alunos/as colocados/as em salas de aula por critérios classificatórios como a faixa etária. Essa condição de comunicação cria um desafio para o sujeito autor do *blog* –

professores/as das Ciências Biológicas. Para Sibilía (2012, p. 121) a tarefa deles/as “[...] consiste em criar vínculos que sejam capazes de manter um diálogo e que não se apoiem na antiquada autoridade disciplinar, mas em algum tipo de confiança forjada para a ocasião”.

Nos *blogs* de professores/as de Biologia, portanto, a confiança é forjada quando eles/as se asseguram como sujeitos de enunciação autorizada da Biologia. Segundo Fernandes (2005, p. 39), o processo de constituição do sujeito de enunciação autorizada “[...] implica além dos cursos que fez, inúmeras leituras e discussões sobre conceitos dessa área de conhecimento”.

Há enunciados nas publicações que indicam esse processo, pois juntamente com o discurso midiático aparecem enunciados do discurso científico e do discurso educacional. Este apresenta uma característica que converge com o discurso midiático: “[...] a busca da verdade” (PINTO, 2006, p. 86). Salientamos, no entanto, que há diferentes estratégias discursivas na busca da verdade nesses dois discursos, indicadas mais adiante neste bloco.

As publicações **“Qual é o sexo do seu cérebro?”** (*blog*: “Dicas de Ciências”), **“A Ciência do beijo”** (*blog*: “Biologia Total”), **“A Base Científica da Traição: Ciência pode explicar por que homens e mulheres traem”** (*blog*: “Tudo de Bio”), **“Por que os homens traem? O efeito Coolidge explica”** (*blog*: “Diário de Biologia”), apresentam diferentes conteúdos e conceitos do campo do conhecimento biológico. No entanto, todos são publicizados de forma semelhante, por meio de informações presentes em textos de divulgação científica.

Observamos nestas publicações a presença da “[...] voz social” (FERNANDES, p.35, 2005) advinda do saber científico, situadas em determinadas disciplinas, que reconhecemos, como Evolução, Genética, Neurobiologia, Endocrinologia. Apresentamos a seguir trechos das publicações que revelam o que discutimos até aqui, juntamente aos extratos das publicações, afim de contextualizar os recortes realizados.

A publicação **“Qual é o sexo do seu cérebro?”**<sup>74</sup>, parte de um artigo retirado da Revista Época, aborda que **“o cérebro humano pode ser feminino ou masculino”**. Ao comentar sobre o teste proposto no artigo, utiliza argumentos do campo da ciência, como exposto em sua fonte. Veja-se a figura a seguir:

---

<sup>74</sup> Publicação na íntegra: Anexo D

FIGURA 12 – Publicação “Qual é o sexo do seu cérebro?”, do blog “Dicas de Ciências”

**QUAL É O SEXO DO SEU CÉREBRO?**

31/05/2009 por *Ándrea Barreto*

☆☆☆☆☆ [Rate This](#)

Saiu um artigo bem legal na época sobre o assunto. Lá dá até para fazer um teste e ver se seu cérebro é mais masculino ou feminino. O meu é mais feminino.

Vou colocar aqui uma parte do artigo, mas leia todo e faça o teste!



“ O cérebro humano pode ser feminino ou masculino independentemente do sexo biológico de uma pessoa. Faça o teste e saiba se o seu cérebro tem o mesmo sexo que seu corpo

THAÍS FERREIRA

As diferenças no corpo de homens e mulheres estão além da aparência e dos órgãos sexuais. A ciência detectou que até o cérebro apresenta características femininas ou masculinas. Essa diferença neurológica gera diferenças de comportamentos, sentimentos e modos de pensar entre homens e mulheres.

Para ler o resto, clique aqui- [Revista Época](#)

[Sobre estes anúncios](#)

**Fonte:** <<http://dicasdeciencias.com/2009/05/31/qual-e-o-sexo-do-seu-cerebro/>> (2014)

Na publicação, que remete o/a visitante do blog à leitura do artigo na íntegra, afirma-se que **“as diferenças no corpo de homens e mulheres estão além da aparência e dos órgãos sexuais”**. Para confirmação dessa ideia, o texto indica que **“a ciência detectou que até o cérebro apresenta características femininas ou masculinas. Essa diferença neurológica gera diferenças de comportamentos, sentimentos e modos de pensar entre homens e mulheres”**.

O blogueiro do “Tudo de Bio” apresenta, na publicação “**A Base Científica da Traição**”<sup>75</sup>, os argumentos da ciência para explicar por que homens e mulheres traem seus/as parceiros/as.

FIGURA 13 – Publicação “A Base Científica da Traição: Ciência pode explicar por que homens e mulheres traem”, do *blog* “Tudo de Bio”

segunda-feira, 24 de maio de 2010

## A Base Científica da Traição



### Ciência pode explicar por que homens e mulheres traem

Por que alguns homens e mulheres traem seus parceiros enquanto outros resistem à tentação? Para encontrar a resposta, número crescente de pesquisas vêm se concentrando nos aspectos científicos do relacionamento. Os cientistas estão avaliando tudo, dos fatores biológicos que parecem influenciar a estabilidade marital à resposta psicológica da pessoa depois de flertar com um desconhecido.

As constatações sugerem que embora algumas pessoas possam ser mais naturalmente resistentes à tentação, homens e mulheres também podem se treinar para proteger seus relacionamentos e estimular seu senso de devoção. Estudos recentes indicaram a possibilidade de que fatores genéticos influenciem a fidelidade e a estabilidade marital. Hasse Walum, biólogo do Instituto Karolinska, na Suécia, estudou 552 duplas de gêmeos para descobrir mais sobre um gene relacionado à regulação do vasopressin, um hormônio cerebral de adesão. Em termos gerais, os homens que portavam uma variação do gene apresentavam menor probabilidade de casamento; entre os casados, essa variante do gene denotava maior probabilidade de problemas conjugais sérios e esposas infelizes. Um terço dos portadores de duas cópias da variação genética haviam passado por séria crise de relacionamento nos 12 meses precedentes, o dobro da proporção encontrada entre os homens nos quais a variante não existe.

Mesmo que o traço seja ocasionalmente definido como “gene da fidelidade”, Walum desaprova

**Fonte:** <<http://tudodebio.blogspot.com.br/2010/05/base-cientifica-da-traicao.html>> (2014)

Apresentando tais argumentos, o blogueiro marca o local da ciência ao dizer o nome do cientista, sua instituição e área de trabalho:

<sup>75</sup> Publicação na íntegra Anexo F



Por que alguns homens e mulheres traem seus parceiros enquanto outros resistem à tentação? Para encontrar a resposta, número crescente de pesquisas vêm se concentrando nos aspectos científicos do relacionamento [...] Hasse Walum, biólogo do Instituto Karolinska, na Suécia, estudou 552 duplas de gêmeos para descobrir mais sobre um gene relacionado à regulação do vasopressin, um hormônio cerebral de adesão.

**Fonte:** Publicação “A Base Científica da Traição: Ciência pode explicar por que homens e mulheres traem”, do *blog* “Tudo de Bio”

A publicação “A ciência do Beijo”<sup>76</sup>, do “Biologia Total”, apresenta, através de argumentos científicos, os motivos de o ser humano sentir prazer em beijar na boca.

FIGURA 14 – Publicação “A Ciência do Beijo”, do *blog* “Biologia Total”

**31 Out** **A Ciência do beijo**  
Fisiologia Humana

Beijar é estranho. Vamos confessar: nós adoramos, mas se pensarmos bem você está colocando sua boca aberta na boca de outra pessoa, trocando líquidos corporais e bactérias... Parece muito estranho mesmo, não é? Isto indica que deve existir um bom motivo para fazermos isto.

De acordo com pesquisadores de diversas áreas existem muitas boas razões para beijar muito!



Começando pelos olhos... Ao beijar, tudo começa pelos olhos. Os lábios de humanos são únicos no mundo animal. Eles são expostos (evertidos) para chamar a atenção de parceiros, pois para beijar precisamos de duas pessoas. Um estudo mostrou que 8 em cada 10 mulheres passam batom na cor vermelha e parece que os homens são atraídos por isso. Macacos também chamam atenção com algo parecido, porém, os lábios que eles observam ficam mais embaixo. Evolucionistas propõem que os lábios de humanos surgiram por causa da nova posição bípede que o ser humano arrumou e os lábios ficaram parecidos como as vaginas das fêmeas de nossos ancestrais. A observação sobre a fertilidade entre os humanos começou a ser feita cara a cara.

O beijo dispara uma reação incrível em nosso cérebro e músculos. Cinco dos 12 nervos cranianos são ativados e mais de uma dúzia de músculos trabalham conjuntamente para que um bom beijo aconteça. Um destes músculos, por exemplo, é o mesmo músculo que usamos quando ainda somos um bebê mamando no peito de nossas mães. A amamentação é um momento especial para o ser humano, pois o ato de mamar cria conexões entre mãe e filhos através do hormônio ocitocina.



A memória do uso deste músculo resgata os caminhos para a liberação deste hormônio relacionado

**Fonte:** <<http://www.biologiatotal.com.br/blog/a-ciencia-do-beijo-168>> (2014)

<sup>76</sup> Publicação na íntegra: Anexo E

Nessas explicações, a voz da ciência é fortemente marcada, como no que é dito sobre a anatomia dos lábios humanos e sua relação com vagina das fêmeas de nossos ancestrais:

De acordo com pesquisadores de diversas áreas existem muitas boas razões para beijar muito! (...) Evolucionistas propõe que os lábios de humanos surgiram por causa da nova posição bípede que o ser humano arrumou e os lábios ficaram parecidos como as vaginas das fêmeas de nossos ancestrais.

**Fonte:** Publicação “A Ciência do beijo”, do *blog* “Biologia Total”

Nesta publicação, podemos observar como o comportamento sexual e o prazer sexual são capturados e explicados pela verdade da ciência. Após a apresentação do feito dos cientistas – descobriram e explicaram “**a ciência do beijo**” – chega-se à afirmação: “**Portanto, beijar faz muito bem à saúde**”. O texto também apresenta os efeitos do resultado alcançado, uma vez que afirma que o ato de beijar “**cria laços entre as pessoas e não depende de cor, sexo, religião, classe social ou posição política para deixar alguém mais feliz!**”. A marcação da não dependência da cor, sexo, religião, classe social ou posição política é algo que chama a atenção na publicação, embora tais aspectos não sejam explorados.

Foucault (2014, p. 63), ao discorrer sobre a multiplicação dos discursos sobre o sexo, apresenta os procedimentos pelos quais “a vontade de saber” relativa a este fez funcionar a *scientia sexualis*. Através da ciência, o sexo se transforma em “objeto de verdade” formatado desde o século XIX:

A *scientia sexualis* desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu no ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo (FOUCAULT, 2014, p. 76).

Dizer do beijo, do sexo, não é, portanto, difícil, impedido, ou ainda, reprimido por poderes externos, mas o acontecimento do beijo e o acontecimento do sexo despertam no momento do encontro dos corpos uma energia que escapa à consciência do sujeito. Seu funcionamento é “[...] obscuro, [...] se esconde ao próprio sujeito” (FOUCAULT, 2014, p.74). Assim lança-se mão da ciência para trazer luzes sobre beijo, elucidá-lo, torná-lo inteligível e objetivo. Seu uso deve produzir efeitos eficazes, diante de uma economia política do corpo. Um corpo visto como capaz de realização de atividades produtivas e, portanto, útil: nessa lógica estão assentados os saberes sobre o beijo, que se distanciam da fruição e dos prazeres.

"Por que os homens traem?"<sup>77</sup> é o título de uma publicação localizada no *blog* "Diário de Biologia", indicada na figura 15 a seguir.

FIGURA 15 – Publicação "Por que os homens traem? O efeito Coolidge explica", do *blog* "Diário de Biologia"

**Por que os homens traem? O Efeito Coolidge explica!**

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA - 30 DE JUNHO DE 2014  
PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO

Facebook Like 164 Send Twitter Tweetar 12 Google+ 7 Print

Acho que as meninas vão ficar um pouco bravas com o que vão saber agora. Quando a ciência tenta explicar um comportamento animal, sempre vão haver pontos onde a seleção natural falha mais alto. Em experimentos com ratos, ao colocar uma fêmea na gaiola de um macho, não demora muito tempo para que a cópula aconteça e depois dessa, várias outras. Depois, progressivamente, a libido do macho cai, aquela fêmea deixa de ser tão interessante e a convivência na gaiola torna-se sexualmente morna. Mas, se esta fêmea é retirada e uma nova fêmea é introduzida, a libido do macho é imediatamente reativada, e ele iniciará quantas cópulas forem permitidas. Os cientistas chamam este comportamento de "Efeito Coolidge", descrito por Bermant, em 1976.

Assim, o Efeito Coolidge é definido no mundo científico, como um fenômeno que se passa com várias espécies de mamíferos machos (e, em poucas fêmeas) em que apresentam um expressivo interesse de renovação sexual quando é introduzido de um novo parceiro sexual, mesmo quando o antigo parceiro ainda esteja disponível. Segundo os cientistas, o efeito Coolidge é atribuído a um aumento nos níveis de dopamina, uma substância química liberada pelo cérebro que desencadeia, entre outras sensações, o prazer.

Embora o Efeito Coolidge seja um pouco diminuído nos primatas, especialmente nos seres humanos que possuem consciência moral para lidar com a necessidade de renovação sexual, os vestígios deste fenômeno ainda são aparentes quando observamos os relacionamentos entre os casais. Os dados que ilustram este efeito em seres humanos foram relatados por Wilson (1981), onde os resultados mostraram claramente que a necessidade de renovar o parceiro é de maior interesse para os homens do que para as mulheres. Na natureza, os machos não se importam com o sexo, e só o fazem para reprodução, isso predispõe o macho a necessidade de variedade, para que ele não desperdice o sêmen com fêmeas que já foram inseminadas e, ao contrário, insemine quantas fêmeas puder. O livro "O Mito da Monogamia" discute que o homem mantém suas origens como os machos antepassados, já a mulher, evoluiu em relação às fêmeas.

O nome "Efeito Coolidge" veio de um relato em um livro de 1978, onde conta-se a história de que o Presidente Calvin Coolidge e sua esposa estavam conhecendo separadamente uma fazenda experimental do governo. Quando a Gra. Coolidge foi ao galinheiro soube que o galo copulava dezenas de vezes por dia. Ela então disse: "Diga isso ao presidente quando ele passar por aqui." Ao ser informado, o presidente perguntou: "ele copula com a mesma galinha todas as vezes?" A resposta foi: "Oh, não, Sr. Presidente, uma galinha diferente a cada vez." Presidente: "Diga isso a Gra. Coolidge."



Efeito Coolidge: necessidade do macho de renovar o parceiro sexual para garantir a inseminação do máximo possível de fêmeas.

**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/06/por-que-os-homens-traem-o-efeito-coolidge-explica/>> (2014)

<sup>77</sup> Publicação na íntegra Anexo G



A publicação, em sua chamada, afirma que o efeito Coolidge explica por que os homens traem. Informa que esse efeito diz respeito a uma teoria científica que explica o comportamento sexual de alguns mamíferos machos ao observar o nível de certas substâncias químicas no organismos.

Segundo os cientistas, o efeito Coolidge é atribuído a um aumento nos níveis de dopamina, uma substância química liberada pelo cérebro que desencadeia, entre outras sensações, o prazer.

**Fonte:** Publicação “Por que os homens traem? O efeito Coolidge explica”, do *blog* “Diário de Biologia”

As contribuições de Pinto (2006) sobre as características dos discursos científicos nos auxilia a perceber a formação discursiva destes nas publicações relatadas e apresentadas pelas figuras 12, 13, 14 e 15. Elas apresentam o apagamento do sujeito, ao mesmo tempo que aparece a posição do enunciador como um sujeito de autoridade, pois é **“a ciência”** quem está afirmando que **“o cérebro apresenta características femininas e masculinas”**, são os **“pesquisadores de diversas áreas”** que dizem haver **“boas razões para beijar”**, são **“os cientistas”** que atribuem ao **“aumento do nível de dopamina”** as sensações de prazer, e é **“Hasse Walum, biólogo do Instituto Karolinska, na Suécia”** quem estuda para **“explicar cientificamente a traição”**.

Para Pinto (2006, p. 84), no discurso científico não aparece nenhum traço antropomórfico para sustentá-lo, ele “[...] se constrói e se legitima através da negação do sujeito”, e, paradoxalmente, exige uma voz autorizada pelo currículo, título ou instituição, como sujeito enunciador:

O sujeito científico, no que pese seu esforço de apagamento, e talvez exatamente por isso, é o sujeito mais sofisticadamente construído, pois jamais pode falar sem antes apresentar um currículo, ter títulos, locais específicos, departamentos, universidades, editoras (PINTO, 2006, p. 85).

O sujeito científico construído por esses elementos discursivos desperta no momento da interlocução o sentido enunciativo “da busca pela verdade” através do seu arcabouço de saberes, títulos, locais específicos de construção do saber etc; constituindo-se, portanto, como voz autorizada, como o sujeito da ciência que trabalha em busca da verdade. Esse sentido, provocado pelos enunciados destacados, carrega consigo uma ideologia própria da ciência.

Desocultar a ideologia que está em funcionamento nas formações discursivas próprias da ciência torna-se possível com a afirmação da ciência como uma prática discursiva que coloca em funcionamento determinados saberes, uma formação discursiva como tantas outras, pois “[...] o saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em

ficções, reflexões, narrativas, regulamente institucionais, decisões políticas” (FOUCAULT, 2013, p. 221). O autor assim esclarece que, através de análises de formações discursivas, é possível estudar o funcionamento ideológico de uma dada ciência:

Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modifica-lo não é revelar pressupostos filosóficos que podem habitá-lo; não é retornar ao fundamento que a torna possível e que a legitimam: é coloca-la novamente em questão como formação discursiva; é estudar não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. É retomá-la como prática entre outras práticas (FOUCAULT, 2013, p. 224).

Os dizeres de Foucault (2013) nos auxiliam a desmitificar a rede de poder-saber que se estabelece nas formações discursivas que fazem da ciência uma força produtora de verdades. Poderes que acontecem ao instituírem desigualdades nas relações de poder-saber, pois as explicações científicas ganham veracidade acima de outros saberes, como as “ficções, reflexões, narrativas” e, acrescentaríamos, os infinitos saberes que estão no cotidiano de cada ser humano. Sendo assim, a ciência é uma invenção.

O sujeito controlado e disciplinado da *scientia sexualitis* emerge no século XIX e se perpetua durante todo o século XX através da rede de saber-poder exercida pelas instituições sociais. No entanto, dada a configuração das últimas décadas, o discurso do desmoronamento de instituições sociais como a escola e o fortalecimento de outras configurações de poder, como as mídias sociais, podemos questionar sobre como os corpos contemporâneos são sujeitados. Para Sibilia (2002, p. 167), “[...] pulverizadas em redes flexíveis e flutuantes, as relações de poder são injetadas e reforçadas pelas inovações tecnocientíficas, passando a recobrir a totalidade do corpo social sem deixar praticamente nada fora do controle”. A autora afirma:

No novo capitalismo de pós-produção e marketing, mais ancorado no consumo e nos fluxos financeiros do que na produção propriamente industrial, os mecanismos de poder-saber entrelaçam-se intimamente com os dispositivos de prazer, ganhando eficácia e legitimidade sociopolítica (SIBILIA, 2002, p. 168).

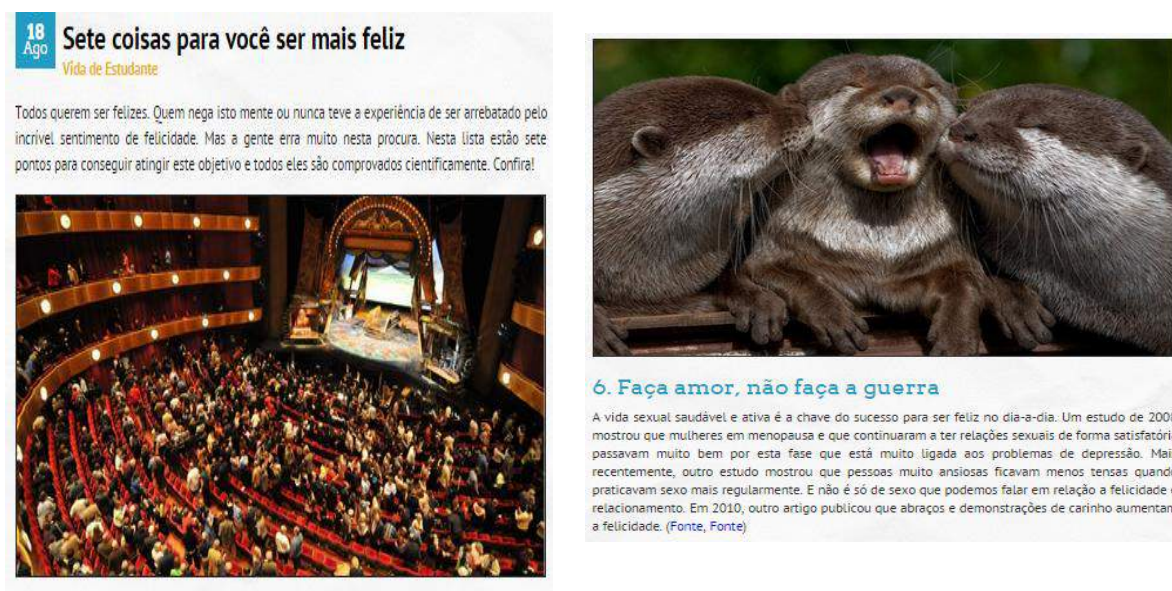
Portanto, as formações discursivas da sexualidade em *blogs*, dispositivos de prazer mixados a discursos científicos, fazem parte dos mecanismos de controle dos corpos contemporâneos. São mecanismos que necessitam de cada vez mais eficácia de sujeição, já que os corpos continuam escapando constantemente a eles:

O biopoder precisa beber constantemente na fonte dos novos saberes e desenvolvimentos tecnológicos, para efetuar de maneira incessante os ajustes necessários nas lutas inerentes às redes de poder, conquistando novos espaços vitais e por vezes também negociando e transgredindo com as eventuais resistências. Embora a vida seja submetida a cálculos explícitos e outros controles, isso não

significa que ela tenha sido cooptada em arranjos de técnicas que a dominam e a modelam integralmente; pelo contrário, ela lhe escapa continuamente (SIBILIA, p. 169, 2012).

Os novos espaços vitais conquistados pelo biopoder, produtores de sexualidades e de sujeitos contemporâneos, como as mídias sociais, são formados e formatados pelo arranjo de múltiplos discursos que dizem como as pessoas devem ser e estar. A publicação do *blog* “Biologia Total”, “**Sete coisas para você ser mais feliz**”<sup>78</sup>, é um exemplo dos vários textos que bombardeiam diariamente o/a consumidor/a midiático, ensinando-o/a ser feliz, através de estudos científicos que comprovam essa felicidade.

FIGURA16 – Publicação “Sete coisas para você ser mais feliz”, do *blog* “Biologia Total”



**Fonte:** <<http://www.biologiatotal.com.br/blog/sete+coisas+para+voce+ser+mais+feliz-227>> (2014)

Dentre as coisas indicadas nesta publicação, está “**Faça amor, não faça a guerra**”. Nela ensina-se que “**a vida sexual saudável e ativa é a chave do sucesso para ser feliz no dia-a-dia**”, ou seja, não basta que haja uma vida sexual, ela precisa ser saudável, precisa estar longe das doenças ou patologias humanas. Ensina modos e a medida exata de ser mulher feliz ao afirmar que “**continuaram a ter relações sexuais de forma satisfatória passavam muito bem por esta fase que está muito ligada aos problemas de depressão**”, e tais ensinamentos pautam-se em estudos realizados em 2008 e 2010. A marcação do tempo assinala para a efetividade do estudo, pois destaca que se trata de estudo recente. O sexo é prescrito como o remédio para a vida saudável e o enfrentamento dos problemas contemporâneos, como a ansiedade, a depressão e as dificuldades de alcançar a felicidade –

<sup>78</sup> Publicação na íntegra: Anexo H

**“pessoas muito ansiosas ficavam menos tensas quando praticavam sexo regularmente [...] abraços e demonstrações de carinho aumentam a felicidade”.**

A publicação reitera discursos que se proliferam na mídia e em outros espaços acerca da vida sexual das mulheres na fase da menopausa. Assim, podemos afirmar que um novo ideal de mulher é reverberado na publicação, de modo que passa a fazer parte de uma teia discursiva que agora conclama a mulheres na fase da menopausa a serem saudáveis, felizes e driblarem a depressão e ansiedade que, naturalmente, as assola. O grande remédio é a atividade sexual **“satisfatória”**. Entretanto, causa preocupação o modo como a publicação apresenta a mulher na fase do climatério de forma generalizante, e ainda reforçando a identificação da menopausa como doença, fato já refutado por áreas da própria Medicina, como argumenta Mendonça (2004, p. 157):

A identificação de menopausa como doença é um mito, afirma o médico L. de Luca (1994) assim como considerá-la marco do envelhecimento e da degradação física e mental. Admite, no entanto, que poucas mulheres estão isentas de sintomas e que para a maioria, menopausa significa o “inferno” do início do envelhecimento. O uso dessa metáfora sublinha a intensidade das sensações experimentadas por muitas, o que nos leva a indagar se para aquelas que vivenciam negativamente esse período é suficiente a definição do climatério como um processo natural e a afirmação de que não é uma doença.

A publicação que selecionamos aponta, como já dissemos, para a menopausa como **“fase que está muito ligada aos problemas de depressão”**. O discurso da menopausa como (ou atrelada a) doença, como discute Nadia Therezinha Covolan (2005), vincula-se à biomedicina e repercute em vários espaços sociais:

A biomedicina detém as vozes, os discursos e as práticas hegemônicas sobre a menopausa, e como tal, dispõe em abundância textos, livros e dados. Nesse sentido, compreende, apesar das nuances apresentadas nas práticas diárias dos profissionais de saúde, que esse evento acarreta uma sintomatologia típica, como consequência direta das alterações hormonais que ocorrem no corpo da mulher, caso que é indicado, via de regra, a Terapia de Reposição Hormonal (TRH). (COVOLAN, 2005, p. 2)

Lançando mão de estudos feministas e de gênero, Covolan (2005, p. 2) aponta que, sob a ótica das Ciências Humanas, a compreensão da menopausa e, por conseguinte, da mulher na menopausa, ganha outros contornos que problematizam os discursos biomédicos:

Nesse sentido, desvelam que os discursos sobre menopausa, vinculando menstruação e fecundidade com juventude, beleza e utilidade da mulher, têm influenciado e antecipado as experiências da maioria das mulheres nessa fase, ocasionando um sofrimento não biológico, relacionado a subjetividades submetidas pela violência das assimetrias de gênero em nossa sociedade. Nessas pesquisas, raras porém importantíssimas do ponto de vista ideológico, novos aportes desvendam possibilidades epistemológicas e de consequências sociais que não podem mais ser ignoradas. Nesses textos críticos, o olhar é deslocado do corpo, e a mulher não é mais compreendida como um ser universal, porém, contextualizado, cujas condições

socioeconômicas e culturais, podem influenciar diretamente as vivências da menopausa.

Assim, o olhar crítico das Ciências Humanas permite pensar que a vivência da menopausa não é apenas uma determinação biológica, muito menos única a todas as mulheres, o que possibilita desconstruir o discurso generalizante da biomedicina. Outro aspecto bastante relevante é a centralidade do discurso da menopausa na heteronormatividade. Embora a publicação **“Sete coisas para ser feliz”**, no item 6, **“Faça amor, não faça a guerra”**, não explicita, a heterossexualidade está presente na fonte da publicação (Livescience) disponível ao final do item. Ao acessarmos, deparamos com discursos que explicitamente trazem a experiência da menopausa de mulheres heterossexuais, o que reafirma a constatação de Covolan (2005)

Ora, em toda bibliografia que encontrei sobre a menopausa, tanto da área médica quanto nas investigações críticas com aportes antropológicos e/ou sociológicos a mulher é tratada como se a condição heterossexual fosse a única possível, ou seja, a procriação, o casamento e o sexo com um homem, fossem desejos tácitos de todas as mulheres. Embora muito se tenha discutido sobre as imbricações natureza/cultura, a heterossexualidade é considerada um pressuposto em todas as disciplinas, e sua análise enquanto categoria cultural tem encontrado, por parte dos estudiosos, grande resistência.

As mulheres cuja experiência de sexualidade diverge do padrão heterossexual são inviabilizadas nos discursos sobre a menopausa, e assim se repetem os discursos heteronormativo e biomédico.

Finalizando, entendemos que esses discursos se aliam a outros discursos presentes nas publicações de sexualidade de *blogs* de professores/as de Biologia. O discurso biomédico que reitera o binômio saúde/doença será abordado no tópico seguinte.

### 3.2.3 O binarismo saúde/doença, a produção da sexualidade e do corpo (a)normal

Dentre os procedimentos que tomaram a sexualidade como objeto de estudo aliado às regularidades científicas, está a “[...] medicalização dos efeitos da confissão” (FOUCAULT, 2014, p.75). Isso se estabeleceu a partir do momento em que a confissão passou a fazer parte dos procedimentos da intervenção médica, do seu diagnóstico e cura eficaz, afinal, “[...] a verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável” (FOUCAULT, 2014, p.76). Foucault esclarece, portanto, que houve a transposição do domínio do sexo do pecado e da culpa para o domínio do normal e patológico.

Através da medicalização dos efeitos da confissão: a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas. O que significa,

inicialmente, que o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão, e sim no regime (que, aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico (FOUCAULT, 2014, p. 76).

A partir dessas transformações históricas, a sexualidade passa a ser objeto de estudo da medicina ocidental centrada nas patologias, e assim “[...] o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica” (FOUCAULT, p. 76, 2014).

A centralidade das patologias do sexo e as ações dos saberes médicos para curá-las constroem a concepção do corpo saudável como aquele em que há ausência de doenças, numa “[...] lógica positivista de causa e efeito, uma lógica determinista” (SILVA, 2009, p. 115), portanto, lógica binária que naturaliza a concepção “saúde x doença”. Tal lógica, segundo Silva, se faz presente no campo de conhecimento das Ciências Biológicas, como saber científico ou escolar, no modo como inventam o corpo e a sexualidade. Assim, a autora aponta,

A Biologia (ciência biológica e disciplina escolar) participa da invenção do corpo saudável, e isso ocorre pela veiculação/manutenção da dicotomia entre saúde e doença (...) quando trabalham com o tema saúde, em regra geral, abordam doenças, e o fazem na perspectiva do agente causador, sintomatologia e meios de prevenção desta. Tomam a doença numa relação de causa-efeito com o estado de saúde. Colocando no indivíduo a responsabilidade primeira para o não adoecimento (SILVA, 2009, p. 112-114).

O discurso do corpo e da sexualidade saudável, que precisa combater a doença, está presente nas publicações dos *blogs* de professores/as de Biologia. Dentre as 57 (cinquenta e sete) publicações destacadas neste trabalho, 15 (quinze) apresentam, especificamente, tópicos sobre doenças relacionadas ao sexo. Dentre estas, 03 (três) publicações estão relacionadas a DSTs (“**Hepatite: Progresso em experimento**” – *blog* “Tudo de bio”; “**Hepatite B pode ser sexualmente transmissível mesmo para pessoas vacinadas**” – *blog* “Diário de Biologia”; e “**DST**” – *blog* “Planta Bio”), 07 publicações abordam a AIDS (“**AIDS**” – *blog* “Dicas de Ciências”; “**AIDS**” – *blog* “Planeta Bio”; “**HIV se esconde**”, “**Banana X Aids: Proteína da banana pode prevenir transmissão sexual da aids**” e “**Diminuindo Riscos: Gel pode reduzir contaminação por HIV em 54%, diz teste**” – *blog* “Tudo de Bio”; “**Pesquisadores eliminam Vírus HIV de células humanas pela primeira vez**” e “**Vacina oral bloqueia ação de vírus HIV em macacos: testes em humanos em breve**” – *blog* “Eu quero Biologia”), e 05 outras publicações que se referem a questões diversas (“**Síndrome rara faz com que mulheres tenham centenas de orgasmos por dia**” e “**MRKH: Mulheres que não possuem abertura vaginal**” – “Diário de Biologia”; “**Mãe fumantes afetam o DNA de seus**

bebês” – *blog* “Eu quero Bio”; “**Proveta e saúde**”, do *blog* “Tudo de Bio”; e “**Desligando’ o cromossomo que causa Trissomia do 21**” – *blog* “Dicas de Ciências”).

As 03 publicações que apresentam as DSTs orientam que elas precisam ser evitadas pelos indivíduos e marcam os corpos como doentes, corpos marcados como “**apavorados**”, como na publicação publicação do *blog* “Diário de Biologia”. Explicam que, se seguirem as regras do tratamento médico, o detentor e responsável pela saúde, poderão ter uma “**vida sexual normal**”. Como exemplo, segue a publicação<sup>79</sup> presente no *blog* “Diário de Biologia”, explicando a hepatite B como uma DST e suas formas de transmissão.

FIGURA 17 – Publicação “Hepatite B pode ser sexualmente transmissível mesmo para pessoas vacinadas”, do *blog* “Diário de Biologia”

**Hepatite B pode ser sexualmente transmissível mesmo para pessoas vacinadas?**

POR ANA SÍLVIA - BIOMÉDICA – 19 DE JULHO DE 2014  
PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO, VISITANTE CURIOSO

Like 81 Send Tweetar 6 g+ 4 Pin it

*“Tenho hepatite B e vou me casar, meu noivo já tomou todas as vacinas. Queria saber se mesmo assim, posso passar a doença para ele. Também queria saber por que a hepatite B é sexualmente transmissível!” Carla Nogueira*

Carla, infelizmente a chance existe, ainda que pequena (por volta de 5%), de você transmitir o vírus para o seu marido. A vacina contra a hepatite B é bastante eficaz, com proteção de cerca de 95% e duração de mais de 15 anos. Por nos garantir esse longo período de imunidade contra o vírus, no momento não há recomendações para que doses de reforço sejam tomadas. Mas como a proteção não é de 100%, é aconselhável o uso de preservativos em todas as relações sexuais.

Muitas pessoas não sabem que a hepatite B é uma doença sexualmente transmissível (DST), e que é muito mais fácil contrair hepatite B por via sexual do que HIV! O vírus dessa hepatite é encontrado em todas as secreções corporais e também nas excreções. Porém, apenas o sangue, fluidos vaginais e sêmen são infecciosos porque apresentam alta concentração do vírus. Como quantidades mínimas de sangue bastam para transmiti-lo, pessoas que moram com um portador do vírus devem tomar a vacina.

Além dessas vias existe a transmitida da mãe para o bebê durante o parto. Como o recém-nascido não tem o sistema imune maduro, são grandes as chances de desenvolver a forma crônica da doença, que pode levar a um câncer hepático. Para evitar esse apavorante quadro, deve ser administrada uma combinação de anticorpos e vacina contra a doença logo após o nascimento.

Com os cuidados necessários, uma pessoa com hepatite B pode ter uma vida sexual normal e ter filhos sem problemas, mas precisa do acompanhamento médico!

**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/07/hepatite-b-pode-ser-sexualmente-transmissivel-mesmo-para-pessoas-vacinadas/>> (2014)

<sup>79</sup> Publicação na íntegra: Anexo I

O modo como a pergunta apresentada na publicação é respondida pela blogueira reflete o que reconhecemos como lições de educação em saúde. Félix (2012, p. 18) indica que a Educação em Saúde, é “[...] um processo relacional que pode servir tanto para a manutenção de concepções hegemônicas de saúde e vida saudável quanto para ser uma instância de resistências às concepções postas como certas e erradas em relação à saúde”.

A manutenção da concepção hegemônica da saúde é posta quando o discurso se centra na doença e toma a saúde como oposição, ou vice-versa. As lições de educação em saúde decorrentes dessa concepção focam nas formas de prevenção e de transmissão e na apresentação da saúde e doença de modo binário. Assim, a resposta da blogueira, também mobilizada pela pergunta da visitante do *blog*, apresenta estes indicadores: modos de transmissão e de prevenção, cuidados, consequências para a vida sexual. Chamou-nos a atenção a seguinte passagem: **“Além dessas vias existe a transmitida da mãe para o bebê durante o parto. Como o recém-nascido não tem o sistema imune maduro, são grandes as chances de desenvolver a forma crônica da doença, que pode levar a um câncer hepático. Para evitar esse apavorante quadro, deve ser administrada uma combinação de anticorpos e vacina contra a doença logo após o nascimento. Com os cuidados necessários, uma pessoa com hepatite B pode ter uma vida sexual normal e ter filhos sem problemas, mas precisa do acompanhamento médico!”**

A blogueira refere-se à **“forma crônica da doença, que pode levar a um câncer hepático”**, reafirmando o modo como se experimenta uma doença particular, o câncer, como um **“apavorante quadro”**. Tal posicionamento não permite a compreensão da doença como “[...] uma nova dimensão da vida” (CANGUILHEM apud SILVA, 2009, p. 112), o que reitera, do ponto de vista social e cultural, processos de sofrimento e não aceitação do que se supõe que esse apavorante quadro faça o sujeito alcançar, a morte.

O discurso hegemônico da saúde focado na doença faz desaparecer o sujeito, apaga-o. O apagamento e centralidade da doença também podem ser reconhecidos nas publicações sobre a AIDS. O discurso sobre a AIDS vincula ainda mais a preocupação com a doença, sendo um agente de força na multiplicação do discurso hegemônico da saúde, e ocupa um “[...] lugar à parte na história do corpo do século XX, embora só tenha marcado as duas últimas décadas” (MOULIN, 2006, p. 33). Sua importância está em como a transmissão do vírus se relaciona com o sexo, “[...] projetando uma sombra sobre a liberdade sexual”



(MOULIN, 2006, p.33) e na atuação do vírus no corpo, por processos biológicos até então<sup>80</sup> inimagináveis pela ciência, mostrando os limites desta.

A ciência responde ao desafio posto pelo HIV através dos mecanismos da atuação reforçada na prevenção, do discurso do sexo seguro, da centralidade da patologia – coloca o vírus em posição central no discurso e o seu portador posição secundária ou fora do discurso – e o mecanismo da medicalização crescente da população. As 07 publicações sobre a AIDS evidenciam tais mecanismos. Evidenciamos isso com a publicação apresentada na figura 18<sup>81</sup>:

FIGURA 18 – Publicação “Diminuindo Riscos: Gel pode reduzir contaminação por HIV em 54%, diz teste”, do blog “Tudo de Bio”



**Fonte:** <<http://tudodebio.blogspot.com.br/2010/08/diminuindo-riscos.html>> (2014)

No discurso da AIDS aparecem os corpos marcados pela doença, o corpo da “mulher”, que pode usar o gel para reduzir o risco de contaminação. O corpo da mulher sul-africana é o relatado na publicação, o que nos faz pensar em como o discurso sobre a AIDS marcam alguns corpos, dentre eles, os das populações africanas. Não estamos negando os dados que revelam o quantitativo populacional daquelas populações, mas chamando a atenção

<sup>80</sup>O autor refere-se ao período da explosão da AIDS no mundo, anos 1980-1990.

<sup>81</sup> Publicação na íntegra: Anexo J

para o fato da existência na mídia de relatos reiterados sobre o fenômeno da síndrome centrado nessas pessoas e na população de homossexuais.

Os corpos aparecem, pois sem o corpo humano a doença não existe. Ela precisa da materialidade biológica para acontecer, no entanto, como afirmado anteriormente, o aspecto central é na doença. O corpo mistura-se ao “custo” desta última.

Os cientistas precisam inventar nossas formas de prevenção, porque o HIV “**causa tremendo sofrimento humano**” e há o “**custo para tratar os pacientes**”. É o que localizamos na publicação “**Banana X Aids: Proteína da banana pode prevenir transmissão sexual da aids**”<sup>82</sup>, do blog “Tudo de Bio”.

FIGURA 19: Publicação “Banana X Aids: Proteína da banana pode prevenir transmissão sexual da aids” do blog “Tudo de Bio”



Fonte: Terra Ciência

**Fonte:** <<http://tudodebio.blogspot.com.br/2010/03/banana-x-aids.html>> (2014)

<sup>82</sup> Publicação na íntegra: Anexo L

O recurso adotado na publicação, da voz autorizada, expressa-se na afirmação de que **“os cientistas de Michigan defendem em seu relatório que a descoberta de novas formas de prevenção e controle da Aids são essenciais”**. A publicação apresenta ainda o discurso estatal dos Estados Unidos da América como o grande exemplo de país de centro na relação com países pobres: **“O HIV ainda é rampante nos Estados Unidos e a explosão em países pobres continua a ser um problema sério por causa do tremendo sofrimento humano e do custo para tratar os pacientes, disse outro autor da pesquisa, David Marvovitz”**. Destacam-se a explosão da síndrome em países pobres como problema, em razão do sofrimento humano, e os custos do tratamento dos pacientes. Assim, não se perde vista a questão econômica.

Paralelamente aos corpos soropositivos que custam aos Estados, surgem corpos contemporâneos que, assustados com a armadilha do discurso do “sexo seguro”, escapam de suas amarras e vivem outras sexualidades. São corpos virtuais, que circulam pelo ciberespaço e que, sem o corpo biológico que necessitaria de seguir as regras médicas para ter uma vida sexual saudável, fazem “[...] sexo seguro, higiênico.” (COUTO, 2009, p.13).

Os corpos contemporâneos, virtuais, desobrigados da materialidade biológica para o prazer, são também desobrigados do sexo para a reprodução, assim, passam a desafiar o dispositivo da sexualidade, que precisa “[...] beber nos saberes da tecnologia” (SIBILIA, p. 169, 2002) para continuar a interpelar os corpos.

O desenvolvimento tecnológico dispõe de novos saberes para a conquista dos novos espaços vitais, saberes relacionados ao poder sobre os corpos sobre a população, isto é, o biopoder. Sibilía (2002, p. 169-171) diz sobre as instituições que hoje comandam a produção de corpos e almas individuais e suas intervenções:

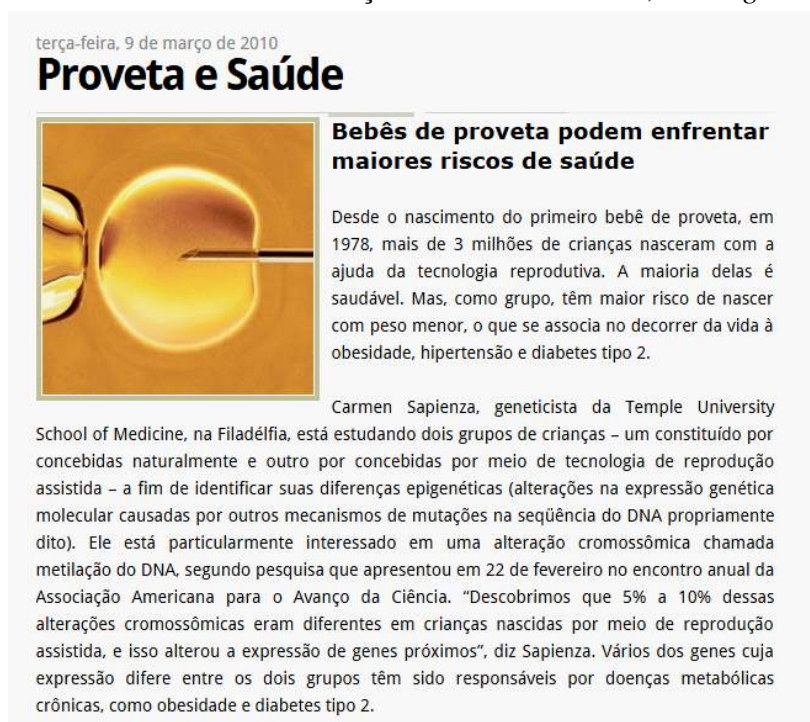
Com a ajuda dos saberes e das técnicas mais recentes, as engrenagens do biopoder também parecem ter ingressado no processo de digitalização universal: assim, suas potências se intensificam e sofisticam. [...] Desde o início, o biopoder pretendia aumentar a vida, prolongar sua duração, multiplicar suas possibilidades, desviar seus acidentes, ou então compensar suas deficiências. Atiçada pelos influxos fáusticos, nas formas atuais do biopoder é intensificada essa vontade de aumentar, prolongar, multiplicar a vida, bem como de desviar, compensar, corrigir ou alterar suas “deficiências” – agora entendidas como “erros digitais” fatalmente inscritos nos códigos genéticos.

As formas atuais de biopoder aliam-se às tecnologias de ponta para se perpetuarem. Preocupam-se com o que está inscrito no código genético e também com a nova perspectiva de saúde.

Nesse sentido, encontramos nos *blogs* enunciados que discorrem sobre a relação entre sexualidade, saúde e tecnologia. Localizamos isso nas publicações “**Mãe fumantes afetam o DNA de seus bebês**”, do *blog* “Eu quero Bio”, “**Proveta e saúde**”, do *blog* “Tudo de Bio”, e “**‘Desligando’ o cromossomo que causa Trissomia do 21**” do *blog* “Dicas de Ciências”.

A publicação “**Proveta e saúde**”<sup>83</sup>, do *blog* “Tudo de Bio”, diz do corpo contemporâneo, que dispensa a biologia para a reprodução, e a saúde é sabida antes mesmo do nascimento. No lugar de órgãos genitais, da penetração biológica, da ereção, ejaculação, das probabilidades de encontro entre o espermatozoide e o óvulo, o corpo agora pode ser formado por “**agulhas**” estéreis manipuladas por geneticistas sapientes de todos os genes que formarão o novo organismo, organismo que é corpo, mesmo que a técnica não o consiga efetivar, pois há o conhecimento de suas características “**epigenéticas**”, dizendo de saúde, “**do maior risco de nascer com peso menor**” e não ser “**saudável**”, como mostra a figura 23.

FIGURA 20 – Publicação “Proveta e Saúde”, do *blog* “Tudo de Bio”



**Fonte:** <<http://tudodebio.blogspot.com.br/2010/03/proveta-e-saude.html>> (2014)

A publicação mobiliza vozes autorizadas e enunciados da ciência: “**Carmen Sapienza, geneticista da Temple University School of Medicine, na Filadélfia, está estudando dois grupos de crianças**”. A relação entre corpo, saúde e tecnologia tem centralidade nos enunciados ao afirmar a necessidade de “**identificar as diferenças**

<sup>83</sup> Publicação na íntegra: Anexo M

**epigenéticas**” dos bebês que nascem de proveta e assim dizer dos riscos à saúde dos bebês devido a intervenção tecnológica que propicia o nascimento.

No contexto atual de atuação do biopoder e da biopolítica, que atrela a sexualidade, o corpo, saúde e tecnologia, o “**risco**” tem valor de vida e também de mercado:

A palavra risco adquire um valor supremo, e como tal é explorada no mercado: a administração dos riscos (à saúde, à vida, à juventude) aparece como um novo mecanismo de controle ligado ao biopoder. As probabilidades de adoecer, morrer, lapidadas de maneira indelével no código genético de cada indivíduo, devem ser conhecidas, controladas e modificadas (SIBILIA, 2002, p. 172).

A tecnologia que sustenta as novas biopolíticas assegura a importância do fator econômico sobre a vida. Conhecer o código genético serve para administrar os riscos, controlar e modificar os corpos contemporâneos para que sejam cada vez mais produtivos para o sistema econômico, social e cultural hegemônico: o capitalismo do século XXI.

O conhecimento das informações genéticas que possibilitam atuar sobre os riscos, diminuindo cada vez mais a probabilidade de adoecimento dos corpos contemporâneos, modificou, nas últimas décadas, hábitos sociais que surgiram e se instalaram no século XX e que hoje, nas primeiras décadas do século XXI, são fortemente condenáveis por não serem saudáveis. A publicação “**Mãe fumantes afetam o DNA de seus bebês**”<sup>84</sup>, do blog “Eu quero Bio” exemplifica como a estratégia do discurso binário “doença x saúde”, da culpabilização do sujeito e da voz autorizada, é reforçado através de explicações científicas da genética dos corpos, atuando com a mesma lógica que coloca no indivíduo a responsabilidade pelo adoecimento.

---

<sup>84</sup> Publicação na íntegra: Anexo N



FIGURA 21 – Publicação “Mãe fumantes afetam o DNA de seus bebês”, do *blog* “Eu quero Bio”

## Mãe fumantes afetam o DNA de seus bebês

As mulheres grávidas que fumam não só prejudicam a própria saúde, como também afetam o DNA de seu bebê, de acordo com uma nova pesquisa. A descoberta pode explicar por que os filhos de fumantes continuam a sofrer complicações de saúde mais tarde na vida.

Bebês nascidos de mães fumantes tendem a ser menores, apresentaram função pulmonar prejudicada, e tem uma maior incidência de defeitos congênitos. Mesmo como adultos, esses indivíduos apresentam problemas de saúde e comportamentais, sendo mais propensos a sofrer de asma, dependência da nicotina, e abuso de substâncias. “Nós temos uma compreensão limitada dos mecanismos biológicos para estes efeitos”, disseram a epidemiologista genética Christina Markunas e o epidemiologista perinatal Allen Wilcox, do Instituto Nacional de Ciências de Saúde Ambiental em Research Triangle Park, Carolina do Norte, em um e-mail conjunto para a *Science*. Vários gatilhos-ambientais, que vão do estresse a dieta, podem modificar quimicamente o DNA do bebê, transformando determinados genes, ativando ou desativando-os.



**Fonte:** <<http://www.euquerobiologia.com.br/2014/07/mae-fumantes-afetam-o-dna-de-seus-bebes.html>> (2014)

A responsabilização do indivíduo está marcada no enunciado da publicação e é reiterada na afirmação “**as mulheres grávidas que fumam não só prejudicam a própria saúde, como também afetam o DNA de seu bebê, de acordo com uma nova pesquisa**”. Na abordagem há cruzamento de discursos, o da saúde com o ambiental, entre outros.

O discurso ambiental diz que mesmo que os sujeitos evitem fumar, eles/as sujam o ambiente onde vivem e causam mal para eles mesmos. Assim, a publicação ainda infere: “**Apesar de mais pesquisas serem necessárias para compreender as implicações das mudanças no DNA observadas em recém-nascidos, os resultados abrem as portas para outras questões relativas à saúde das crianças. Se o tabagismo materno pode alterar o perfil de metilação do DNA de recém-nascidos, outras exposições ambientais a produtos químicos, tais como aqueles encontrados no ar, nossas casas e alimentos, durante a gravidez também podem ter efeitos epigenéticos**”.

O discurso da genética tem sido a possibilidade de “**eliminação**” dos corpos “anormais” ou o impedimento do nascimento de corpos genéticos que não correspondem aos padrões da normalidade. Assim, atua na construção da normalidade intrínseca ao biopoder. Na

publicação “**‘Desligando’ o cromossomo que causa Trissomia do 21**”<sup>85</sup>, do *blog* “Dicas de Ciências”, observamos como a normalidade é construída com a utilização dos conhecimentos da genética.

FIGURA 22 – Publicação “Desligando’ o cromossomo que causa Trissomia do 21” do blog “Dicas de Ciências”



Fonte: <<http://dicasdeciencias.com/2013/07/17/desligando-o-cromossomo-que-causa-a-trissomia-do-21/>> (2014)

Seria mesmo necessário um “**tratamento**” para a Síndrome de Down? Seria essa uma “**boa notícia**”, como anuncia a publicação?: “**A boa notícia é que Cientistas foram capazes de neutralizar o cromossomo extra responsável por causar a Síndrome de Down em células humanas isoladas. O resultado do experimento, apesar de estar longe de ser aplicado em humanos, representa um avanço na construção de um possível tratamento**”. Tais questionamentos servem para problematizar publicações como a destacada, que terminam por reforçar conceitos que atingem diariamente pessoas portadoras da Síndrome de Down, tratando-as como doentes e anormais. A publicação apresenta o imbricamento entre saúde, tecnologia e sexualidade com o discurso da normalidade.

A lógica que constrói a imagem do corpo normal foi assegurada por vários mecanismos no decorrer da “História do corpo no século XX”, tais como o “[...] conjunto de exibição de seu contrário, de apresentação de sua imagem invertida” (COURTINE, 2006, p. 261). Exibição, portanto, do corpo anormal, do corpo monstruoso.

<sup>85</sup> Publicação na íntegra: Anexo O

No decorrer do século XX, houve transformações na forma de olhar e exhibir os corpos tornando corpo enfermo o que antes era visto como corpo anormal. Courtine (2006, p. 262), assim, indaga:

Mediante qual transformação do olhar pousado sobre o corpo, que só via antigamente monstruosidade, percebe-se hoje como enfermidades? Mediante qual evolução das sensibilidades parecemos hoje determinados a não distinguir senão a disseminação infinita das diferenças no espetáculo das pequenas e grandes anomalias do corpo humano?

Um dos processos que desencadearam a transformação do olhar e das sensibilidades, segundo o autor supracitado, é a racionalização do olhar sobre as curiosidades humanas através da “[...] cultura da observação científica” (COURTINE, 2006, p. 291), estabelecida pelos progressos de determinadas áreas da Medicina e da Biologia. A ciência retirou as concepções da anormalidade das manifestações diabólicas ou divinas e as colocou “[...] subordinadas às leis que rege a ordem do ser vivo” (COURTINE, 2006, p. 289). Assegurou-se a classificação das anormalidades como patologias, o que favoreceu a visão do anormal e da anormalidade, respectivamente, como doente e como doença.

A transformação do olhar ao longo do século XX garantiu novos mecanismos de poder de normalização do corpo, sobretudo do corpo sexuado. São as vozes da Medicina e da Biologia que ditam o corpo normal, pois podem curá-lo ou tratá-lo de sua anormalidade.

No *blog* “Diário de Biologia”, duas publicações sobre síndromes e anomalias que acometem mulheres e seu sexo são marcadas com a palavra “**anormalidade**”: “**Síndrome rara faz com que mulheres tenham centenas de orgasmos por dia**”<sup>86</sup> e “**MRKH: Mulheres que não possuem abertura vaginal**”<sup>87</sup>. Nessas publicações está presente a transformação do olhar para o corpo anormal. O corpo pode ser salvo, já que a medicina de hoje possui o “**tratamento para a reversão do problema**” que não deixará marcas e não irá “**comprometer o prazer sexual**”. Vide as publicações e os excertos a seguir.

---

<sup>86</sup> Publicação na íntegra: Anexo Q

<sup>87</sup> Publicação na íntegra: Anexo P



FIGURA 23 – Publicação “MRKH: Mulheres que não possuem abertura vaginal”

**MRKH: mulheres que não possuem abertura genital**

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA - 16 DE NOVEMBRO DE 2013  
PUBLICADO EM: ANOMALIAS, CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO

Like 216 Send Tweetar 21 +1 9 Pin it

Pode parecer estranho, mas essa síndrome ocorre sim e atinge uma em cada 5.000 mulheres. Conhecida como Síndrome de Mayer-Rokitansky-Küster-Hauser (MRKH), esta doença se manifesta com a mal formação do sistema reprodutivo feminino resultando em uma agenesia da abertura genital (ausência de abertura genital). Nesta condição ocorre ausência ou subdesenvolvimento do útero e canal vaginal incompleto e raso (com no máximo 3,5 cm de profundidade). No entanto os ovários existem e, normalmente, funcionam.

As pacientes apresentam a aparência externa dos órgãos genitais completamente normal (clitóris, pelos pubianos etc.) e no lugar onde deveria haver a abertura genital, existe apenas uma pequena cavidade. Por esse motivo, as pacientes descobrem a síndrome somente quando tentam fazer sexo ou quando procuram um médico para investigarem o fato de ainda não terem menstruado.

Mulher com MRKH não podem ter filhos e antes de terem relação sexual é necessário passar por uma intervenção cirúrgica. A causa da síndrome ainda é desconhecida apesar de alguns especialistas acreditarem que está ligada a fatores genéticos. No entanto, até agora não foram identificados quaisquer genes associados à MRKH. A maioria dos casos ocorre em pessoas sem histórico familiar da doença e a herança da condição através de gerações é muito pouco frequente.

Os portadores da anomalia podem sofrer conflitos de identidade de gênero e de auto-imagem, problemas de relacionamentos afetivos e de futura maternidade. O único tratamento para reversão do problema é a vaginoplastia que não deixa cicatrizes externas e não compromete o prazer sexual. Este ficará quase sempre intacto já que o orgasmo feminino provém essencialmente do clitóris e este órgão não afetado pela síndrome.



Fonte: Urology Health

**Fonte:** <[http://diariodebiologia.com/2013/11/mrkh-mulheres-que-nao-possuem-vagina/#.VRcqIfzF\\_0w](http://diariodebiologia.com/2013/11/mrkh-mulheres-que-nao-possuem-vagina/#.VRcqIfzF_0w)> (2014)

Tem-se o excerto: “Os portadores da anomalia podem sofrer conflitos de identidade de gênero e de auto-imagem, problemas de relacionamentos afetivos e de futura maternidade. O único tratamento para reversão do problema é a vaginoplastia, que não deixa cicatrizes externas e não compromete o prazer sexual.”. As mulheres portadoras de anomalia são aqui apresentadas como sujeitos recheados de problemas:

conflitos de identidade de gênero – autoimagem –, relacionamentos afetivos e futura maternidade. A recusa da forma de existência que fuja ao que se considera normal e forma de sua correção – as portadoras da anomalia, estranhas, abjetas, devem ser tratadas, para que haja reversão do problema, a fim de que se alcance o modelo desejado para a produção da uma mulher normal: que ela seja capaz de gozar e de ser mãe. A vaginoplastia é a grande tecnologia da correção e de segurança do modelo de mulher desejado. E ainda, há o discurso e centralidade do clitóris no orgasmo feminino e a preocupação com sua manutenção: **“este ficará quase sempre intacto já que o orgasmo feminino provém essencialmente do clitóris e este órgão não afetado pela síndrome”**.

O corpo anormal, tratado pela Medicina, está seguro dos **“conflitos de identidade de gênero e de auto-imagem”**, **“problemas de relacionamentos afetivos e de futura maternidade”**. Pode, assim, se transformar no corpo da mulher normal, que pode exercer a maternidade e o prazer sexual clitoridiando, já que **“orgasmo que provém do clitóris”**.

O controle do corpo da mulher, segundo Foucault (2014, p. 113), é um dos “[...] conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo”. Estratégia para assegurar a fecundidade regulada, o núcleo familiar e a vida das crianças. Então, a mulher “histérica”, o “[...] corpo saturado de sexualidade” (FOUCAULT, 2014, p.113) é patológico e deve ser entregue ao campo das práticas médicas.

A estratégia do dispositivo da sexualidade, construtora do corpo normal da mulher, pode ser localizada na publicação **“Síndrome rara faz com que mulheres tenham centenas de orgasmos por dia”**, do *blog* “Diário de Biologia”.

FIGURA 24 – Publicação “Síndrome rara faz com que mulheres tenham centenas de orgasmos por dia” do *blog* “Diário de Boilogia”



Fonte: <[http://diariodebiologia.com/2014/07/sindrome-rara-faz-com-que-mulheres-tenham-centenas-de-orgasmos-por-dia/#.VRcqavzF\\_0w](http://diariodebiologia.com/2014/07/sindrome-rara-faz-com-que-mulheres-tenham-centenas-de-orgasmos-por-dia/#.VRcqavzF_0w)> (2014)

A mulher “histérica”, corpo que deve ser normalizado, aparece nas formações discursivas que mostram as “**anormais**” personificadas. Na publicação, há relatos de mulheres que sofrem do que se reconhece e identifica como doença. O sofrimento da mulher, provocado por essa “**anormalidade**”, por essa enfermidade, aparece assustadoramente no corpo de “**Gretchen Molannen**”, que “**cometeu suicídio depois de lutar por mais de 15 anos contra um caso severo de PSAS**”<sup>88</sup>.

Qual a intenção de fazer aparecer o forte sofrimento das mulheres que portam a patologia? Por que fazer aparecer o corpo doente? Essa é uma estratégia de atuação no estabelecimento da normalidade: o corpo anormal é exibido. Nessa correlação, faz-se a construção da identidade sexual normal. Segundo Seffner (2006, p. 81), “[...] em geral, a diferença é nomeada a partir de um lugar tido como referencial, como norma, que está sempre presente embora, paradoxalmente, do qual quase não se fala”.

Em direção aos apontamentos do autor, acrescentaríamos que não se fala da mulher que não possui a patologia, pois a patologia está presente no corpo da mulher doente, dando o sentido de diferença para ele. Este corpo, classificado e rotulado com PSAS, é visto como desordenado. No modelo de pensamento e construção de corpos e da sexualidade, não são possibilitados olhares e vivências distintas a essas experiências e sentidos corporais. Tudo isso precisa ser milimetricamente vigiado e corrigido.

Para minar a lógica binária do saudável em oposição ao doente, Louro (2008, p. 43) indica que é preciso trabalhar para mostrar que “[...] cada polo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada polo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido”.

Outras publicações que dizem dos corpos que não estão enquadrados na dita normalidade sexual são também marcados pelo enunciado “**anormalidade**”. É o caso das publicações “**Este Homem que ficou grávido por três vezes e se prepara para gerar o quarto filho**”<sup>89</sup> (Fig. 25) e “**Homem casado sente dores no estômago, vai ao médico e que descobre... que é mulher**”<sup>90,91</sup>, ambas do do *blog* “Diário de Biologia”.

A publicação marca o corpo diferente de “**Thomas**” e como ele é usado pela mídia para dizer da identidade sexual diferente, pois “[...] **os holofotes do mundo se viraram para**

<sup>88</sup>PSAS é a sigla da síndrome, cujo nome em inglês é *Persistent Sexual Arousal Syndrome*. Segundo Pereira et al (2010, p. 226), a partir de 2003 passou a ser classificada como transtorno da excitação genital persistente: Um grupo de especialistas definiu o transtorno como “[...] excitação genital espontânea, intrusiva e indesejada na ausência de interesse ou desejo sexual. Qualquer consciência de excitação subjetiva é tipicamente desagradável. A excitação não é aliviada por um ou mais orgasmos e as sensações de excitação persistem por horas ou dias”

<sup>89</sup> Publicação na íntegra: Anexo R

<sup>90</sup> Esta mesma publicação foi feita também no *blog* “Dicas de Ciências”, com o nome “O Homem Grávido”.

<sup>91</sup> Publicação na íntegra: Anexo S

este casal [...] um homem barbado, gerando uma criança”. A publicação aponta a “anormalidade” do homem, sendo que o *blog* carrega também o enunciado “**história incrível**”, ou seja, uma história espetacularizada, que foge ao padrão, vista como fora da ordem.

FIGURA 25 – Publicação “Este Homem que ficou grávido por três vezes e se prepara para gerar o quarto filho” do *blog* “Diário de Biologia”



Fonte: <<http://diariodebiologia.com/2014/07/este-homem-ficou-gravido-por-tres-vezes-e-se-prepara-para-gerar-o-quarto-filho/>> (2014)

A publicação “**Homem casado sente dores no estômago, vai ao médico e que descobre... que é mulher**” (Fig. 26) do blog “Dário de Biologia”, por sua vez, apresenta no enunciado a expressão “**História incrível**” para divulgar também o caso do chinês de 44 anos chamado Chen, que “**descobre**” “**depois de diversos exames**” médicos sua condição Intersexual. Condição ambígua, que perturba e desencadeia a necessidade da procura pelo verdadeiro sexo de Chen, revelado pela medicina moderna como o sexo feminino, “**UMA MULHER!**”.

FIGURA 26 – Publicação “Homem casado sente dores no estômago, vai ao médico e que descobre... que é mulher!” do blog “Dário de Biologia”



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/07/homem-casado-com-dores-de-estomago-vai-ao-medico-e-descobre-que-e-mulher/>> (2014)

A classificação do que é Chen, do ponto de vista sexual, é determinada pelos hormônios e pela genética, e sua condição é dita como não condizente com as definições comuns de sexo feminino ou masculino. A ambiguidade genital, pelo olhar da genética, marca Chen: **“parece ser do sexo masculino”**, contudo, é possível dizer da verdade de seu sexo: **“na verdade, é geneticamente uma mulher”**. O determinismo genético é o recurso para definir uma mulher. Ele carrega a verdade sobre o que é uma mulher, na contramão da máxima de Simone de Beauvoir (1967, p. 9) tornada pública há 48 anos: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

A publicação relata que a condição **“bizarra”** do chinês é apropriada pelos conhecimentos médicos que **“recomendaram”** que **“Chen procurasse um tratamento hormonal para tentar estabelecer o sexo”**. Entretanto, o tratamento **“pode não ser eficaz em um adulto de 44 anos”**, e Chen terá que conviver com seu trágico destino **“conviver, apesar de possuir pênis, com cólicas, TPM e menstruação”**.

O discurso endocrinológico é a voz autorizada a dizer da verdade do sexo de Chen. Ele **“nasceu com “intersexo” (conhecido antigamente como hermafrodita), uma condição em**



que uma pessoa nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual, que não condiz com as definições comuns de sexo feminino ou masculino. Essa variação pode envolver ambiguidade genital, combinações de fatores genéticos, aparência e variações cromossômicas sexuais diferentes de XX para mulher e XY para homem. Chen, então, parece ser do sexo masculino, mas, na verdade, é “geneticamente uma mulher”, afirma a publicação.

O intersexual nem sempre foi objeto dos saberes médicos e judiciais e da exigência da definição do “verdadeiro sexo” (Chen é uma mulher!), pois durante “[...] séculos admitiu-se simplesmente que ele tivesse dois”, segundo Foucault (2012, p. 81). O filósofo aponta as transformações do olhar para o corpo intersexual, desencadeadas por mudanças nas teorias da Biologia, nas condições jurídicas e pelas formas de controle dos Estados, a partir do século XVII:

A partir do século XVII as teorias biológicas da sexualidade, as condições jurídicas do indivíduo, as formas de controle administrativas nos Estados modernos conduziram pouco a pouco a recusa da ideia de uma mistura dos dois sexos em um só corpo e, conseqüentemente, a restringir a livre escolha dos indivíduos ambíguos. A partir de então, a cada um, um sexo, e apenas um. A cada um sua identidade sexual primeira, profunda, determinada e determinante; quanto aos elementos do outro sexo que eventualmente aparecessem, eles apenas podiam ser acidentais, superficiais ou mesmo simplesmente ilusórios. Do ponto de vista médico, isso significava que, diante de um hermafrodita, não se tratava de reconhecer a presença dos dois sexos justapostos ou misturados, nem de saber qual dos dois prevalecia sobre o outro, mas sim de decifrar qual era o verdadeiro sexo que se escondia sob aparências confusas (FOUCAULT, 2012, p. 82).

O autor considera que houve avanços na Medicina nos séculos XIX e XX para corrigir esse simplismo redutor, e que hoje “[...] admite-se também, aliás com muita dificuldade, a possibilidade de um indivíduo adotar um sexo que não é biologicamente o seu” (FOUCAULT, 2012, p. 83). No entanto, aponta que a ideia do verdadeiro sexo está longe de ser dissipada, porque persiste a relação essencial entre o sexo e a verdade:

Somos, na verdade, mais tolerantes em relação às práticas que transgridam as leis. Porém continuamos a pensar que algumas delas insultam a “verdade”: um homem ‘passivo’, uma mulher ‘viril’, pessoas do mesmo sexo que se amam. Talvez haja disposição de admitir que isso não é um grave atentado à ordem estabelecida, porém estamos sempre prontos a acreditar que há nelas algo como um ‘erro’. Um ‘erro’ entendido no sentido mais tradicionalmente filosófico: uma maneira de fazer que não é adequada à realidade; a irregularidade sexual é percebida, mais ou menos, como pertencendo ao mundo das quimeras (FOUCAULT, 2012, p. 83-84).

É possível inferir sobre a emergência do enunciado “**História incrível**” e o discurso que o atravessa, pois, ainda hoje, o discurso reiterado do corpo o apresenta numa anatomia

binária. Chen conviveu com o próprio corpo por 44 anos, mas sua ambiguidade foi descoberta e esse corpo se tornou algo em que não se podia depositar confiança.

No sentido da necessidade da “procura do verdadeiro sexo” em diálogo com as “práticas que transgridam as leis”, podemos observar os enunciados presentes na publicação do *blog* “Diário de Biologia” denominada “**Entenda como ocorre a Cirurgia de Troca de Sexo**”<sup>92</sup>. A Cirurgia de Redesignação Sexual (CRS)<sup>93</sup> é apresentada através de infográficos, destacando-se o fato de que era “**proibida no Brasil até 1997**” e, também, relatando-se o caso do cirurgião que fez o procedimento em 1971 e foi condenado por “**lesão corporal**” pelo Conselho Federal de Medicina à época. Observe-se a figura seguinte:

FIGURA 27 – Publicação “Entenda como ocorre a Cirurgia de Troca de Sexo”, do *blog* “Diário de Biologia”



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/04/entenda-como-ocorre-a-cirurgia-de-troca-de-sexo/>> (2014)

O infográfico, cuja fonte é a revista Superinteressante, apresenta as etapas da Cirurgia de Redesignação Sexual (CRS) e utiliza imagens representacionais de peças vegetais. Na publicação, cada uma das etapas é rerepresentada com as mesmas imagens em tamanho maior.

<sup>92</sup> Publicação na íntegra: Anexo T

<sup>93</sup> Não foi possível apresentar neste texto todas as imagens dos infográficos, devido à qualidade da imagem presente na publicação

Assim, a publicação apresenta informações acerca da CRS, conforme exposto no extrato que segue:

Em seres humanos, a Cirurgia de Redesignação Sexual (CRS) é o termo para os procedimentos cirúrgicos pelos quais a aparência física de uma pessoa e a função de suas características sexuais são mudadas para aquelas do sexo oposto. É parte do tratamento para a desordem do transtorno de identidade para transgêneros.

No Brasil, a primeira CRS do país foi realizada em 1971 pelo cirurgião Roberto Farina. A polêmica gerada pelo caso o levou a ser condenado de “lesões corporais” pelo Conselho Federal de Medicina. Até 1997, cirurgias de mudança de sexo eram proibidas no Brasil. Pessoas que desejassem passar pela mesma eram obrigadas a recorrer a clínicas clandestinas ou, mais frequentemente, a médicos no exterior. Neste ano, casos confirmados de transexualismo puderam passar a se beneficiar da mesma com a aprovação pelo Conselho Federal de Medicina.

**Fonte:** “Entenda como ocorre a Cirurgia de Troca de Sexo”, do *blog* “Diário de Biologia”

Inetercalando as etapas da cirurgia, encontramos o esquema ilustrado na figura 27. Nele, destacamos o discurso do corpo máquina expresso no seguinte enunciado: **“Como se fosse Lego<sup>94</sup>, desmonta-se o pênis original e usam-se as mesmas peças para construir um novo”**.

FIGURA 27a – Esquema utilizado na publicação “Entenda como ocorre Cirurgia de troca de sexo”, do *blog* Diário de Biologia



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/04/entenda-como-ocorre-a-cirurgia-de-troca-de-sexo/>> (2014)

Na publicação, são apresentados os termos **“transtorno de identidade para transgêneros”** e **“transexualismo”**. Para fins de esclarecimento, afirmamos que, segundo Jesus (2014, p. 14-15) transgênero “[...] englobaria todas as pessoas que questionam, com sua própria existência, a validade do esquema dicotômico de sexo-gênero, sejam elas partidárias

<sup>94</sup> Um tipo de brinquedo que disponibiliza um conjunto de peças montáveis com a finalidade de formar objetos.



ou não da cirurgia de redesignação sexual”, e transexual é um “[...] termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento.”.

Alguns/as estudiosos/as têm problematizado a diferença entre os termos transexual e transgênero. Meyer e Pretty (2011, p. 194) afirmam:

Considerando a denominação biomédica, transexuais seriam aqueles indivíduos que se considerariam afetados por um transtorno envolvendo a sua identidade de gênero, o que significa, nessa linguagem diagnóstica, que eles não se reconhecem no corpo com o qual vivem, podendo apresentar, inclusive, aversão intensa ao seu sexo biológico. No âmbito do referido discurso, indivíduos transgêneros poderiam ser considerados como “falsos transexuais” ou travestis, porque estes indivíduos, apesar de manifestarem o que, ali, se reconhece como incongruência entre sexo e gênero, constroem seus corpos de acordo com o gênero desejado e vivem como homens e/ou mulheres, ou atravessam constantemente estas fronteiras, sem almejar a cirurgia de mudança de sexo.

Os estudos das autoras supracitadas têm observado como os eventos relacionados aos indivíduos transgêneros e a transexuais “[...] tem atraído tanto o interesse científico quanto o do público em geral” e “[...] pautado um extenso debate político, social e intelectual que tem colocado em xeque, dentre outras, noções essencialistas sobre gênero, sexo, sexualidade e identidade.” (MEYER; PRETTY, 2011, p. 194).

Um dos processos indicado pelas autoras para colocar em xeque as noções essencialistas sobre gênero, sexo, sexualidade e identidade é duvidar do determinismo biológico e dos procedimentos que fazem parte dos mecanismos de naturalização e normalização sexo-gênero-sexualidade. É preciso, portanto, considerar os fatores culturais e sociais na construção dos corpos, considerar o corpo como múltiplo e plural, em constante transformação e que não segue a “[...] viagem na direção esperada” (LOURO, 2008, p. 16), ou seja, não vai na linearidade fixa e imutável da tríade sexo-gênero-sexualidade.

Na contramão do processo de desnaturalização, sem problematizar a sexualidade humana e seus múltiplos fatores, a publicação do *blog* “Diário de Biologia” traz ao final uma informação que compara a cirurgia feita em transexuais com a “**mudança de sexo**” que ocorre em “**peixe-palhaço**”. A informação mencionada é atravessada pelo discurso do determinismo biológico construtor do sentido da “viagem na direção esperada”, na qual o gênero, o sexo e a sexualidade são predeterminados pela genética, ou algo intrínseco ao sujeito. A aproximação dos acontecimentos sugere que o humano mudaria de sexo assim como o peixe-palhaço, indo de um gênero ao outro apresentando comportamentos pré-definidos, pois quando “**quando a fêmea morrer o macho mais dominante muda de sexo e**

**toma o lugar dela.”** A redesignação sexual no peixe-palhaço alia-se a uma estratégia reprodutiva da espécie, o que não é o caso da CRS em humanos.

Em animais como o peixe-palhaço, ocorre uma redesignação sexual, incluindo funções reprodutivas, sob circunstâncias especiais. Um cardume de peixes-palhaços é sempre constituído por uma hierarquia com uma fêmea no topo. Quando ela morre, o macho mais dominante muda de sexo e toma o lugar dela.

**Fonte:** “Entenda como ocorre a Cirurgia de Troca de Sexo”, do *blog* “Diário de Biologia”

Louro (2008, p. 13-15) aponta que para problematizar os discursos do determinismo biológico, que supõe um “[...] destino pré-fixado”, é preciso pensar que o que interessa não é onde chegar, mas “[...] o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto, e estas podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele)”. O humano muda e, nesse trajeto, mostra a fragilidade da ideia de essência, da ideia do verdadeiro sexo e da visão determinista.

Os corpos escapam do “destino pré-fixado”, são produzidos e produzem-se num ambiente cultural, social, biomédico e econômico que desencadeia mudanças na viagem; a imprevisibilidade é inerente ao percurso do viajante humano. O percurso do humano, portanto, é diferente do que ocorre no percurso do peixe-palhaço, que mudaria de sexo não por questões relacionadas aos aspectos múltiplos da vida, e sim por um dado genético inerente a sua espécie.

Na direção da estratégia que reforça a ideia do determinismo biológico e que dificulta a problematização da ideia da sexualidade construída ao longo da vida humana, com dimensões para além dos aspectos biológicos, aparecem os enunciados da publicação “**Como seriam os relacionamentos humanos se nós usássemos rituais de acasalamento dos animais?**”<sup>95</sup>, também do *blog* “Diário de Biologia”. No texto, são apresentadas caracterizações da hiena-malhada, das aves-do-paraíso, do cavalo marinho etc.

A pergunta do título é curiosa, pois acaso não somos, os humanos, animais? As marcas da animalidade e da natureza são arrancadas dos humanos, como podemos verificar na figura 28, a seguir:

---

<sup>95</sup> Publicação na íntegra Anexo U

FIGURA 28 – Publicação “Como seriam os relacionamentos humanos se nós usássemos rituais de acasalamento dos animais?”, do *blog* “Diário de Biologia”



**Fonte:** < <http://diariodebiologia.com/2014/03/como-seriam-os-relacionamentos-humanos-se-nos-usassemos-rituais-de-acasalamento-dos-animais/> > (2014)

Ao afirmar que “**embora uma parcela da sociedade se preocupe muito em ditar regras para isso, na natureza os animais apenas seguem seus instintos na hora de encontrar parceiros**”, o texto repete o discurso do afastamento e, assim, dicotomiza sociedade de natureza. Em seguida, reitera o discurso, trazendo uma simulação produzida por um determinado *site*: “**O site humoncomics pensou em como seriam os relacionamentos humanos se nós seguissemos os rituais de acasalamento de algumas espécies de animais e recriou alguns tipos de aproximação entre duas ou mais pessoas de acordo com o comportamento do mundo animal**”, como mostra, dentre outras imagens a representada na Figura 28a, acompanhada por trecho da publicação.

FIGURA 28a – Imagem intitulada “Bonobo” da publicação “Como seriam os relacionamentos humanos se nós usássemos rituais de acasalamento dos animais?” do blog “Diário de Biologia”



“Chimpanzés e bonobos são os primatas mais próximos dos humanos. Mas, enquanto o tamanho grande do chimpanzé conta na hora de descolar uma cópula, na sociedade dos bonobos são as fêmeas menores que escolhem e controlam seus parceiros – usando o sexo. Na verdade, tudo é uma desculpa para o sexo entre bonobos. Se duas fêmeas estão querendo o mesmo macho, elas copulam uma com a outra em vez de lutar por ele. Se duas mães brigam, elas esfregam seus clitóris para fazer as pazes. Se um macho fica agressivo, a fêmea lhe dá uma cópula rápida para tranquilizá-lo. O sexo, aqui, é o mais casual possível e, ao contrário, dos humanos e chimpanzés, os bonobos preferem copular do que pensar em tabus.”

**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2014/03/como-seriam-os-relacionamentos-humanos-se-nos-usassemos-rituais-de-acasalamento-dos-animais/>> (2014)

Com a leitura da publicação, parece-nos que, num primeiro momento, o discurso da Biologia se afasta de si mesmo, quando reitera o afastamento distanciamento entre ser humano e natureza, uma vez que é a Biologia que inventa o homem e a mulher como animais. No entanto, se pensarmos a centralidade do ser humano no discurso biológico, talvez seja possível a formulação de que o afastamento é artificial, uma vez que os rituais de acasalamento dos animais dizem respeito às formas de exercícios reprodutivos que, segundo a própria Biologia, assegura a perpetuação e manutenção da espécie. O animal humano conhece e inventa o prazer, transgride a natureza dada e cria rituais de acasalamento que respondem a intencionalidades e interesses que se estabelecem para além do ato reprodutivo.

Repetimos com Louro (2008, p. 16) que os corpos humanos viajam e escapam constantemente da linearidade e do “destino pré-fixado”, para “[...] reiterá-lo constantemente, de modo explícito ou dissimulado”. Nessa perspectiva, no tópico a seguir, caminharemos para a unidade do discurso que nomeamos como estratégia “sexo-gênero-sexualidade”.

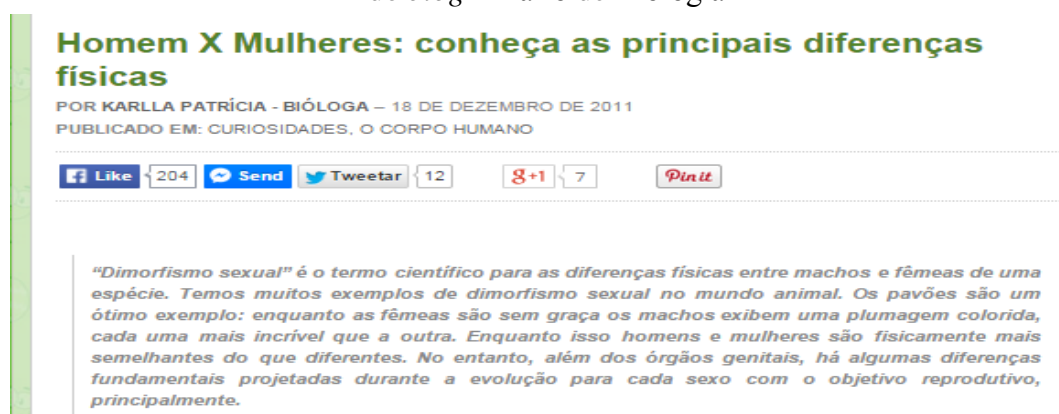
### 3.2.4. A estratégia “sexo-gênero-sexualidade/“viagem planejada”

Dentre as publicações analisadas, 04 (quatro) delas são atravessadas pelo discurso que marca corpos de homens e mulheres ao falar de suas diferenças biológicas, anatômicas, fisiológicas, comportamentais, apresentando-os de forma generalizante e universal do ponto de vista do gênero.

A marcação dos corpos de homens e mulheres pode ser observada na publicação **“Homens e mulheres: conheça as principais diferenças físicas”**<sup>96</sup> do *blog* “Diário de Biologia”, que apresenta homens e mulheres a partir de posições binárias, justificando o desenvolvimento fisiológico diferente para corpo de homens e de mulheres, generalizando-os, centrado nos discursos endocrinológicos e evolutivos. Apresenta assim, o **“planejado”** para as mulheres, e o **“benefício”** de homens serem mais fortes e ágeis, de modo que vemos apagado outros posicionamentos acerca das diferenças entre os corpos humanos, não as apresentando como constitutivas do sujeito nem como produções sociais e culturais.

Cabe, entretanto, a ressalva de que perspectivas sociais, culturais, econômicas, étnicas e de classe social atravessam os discursos biológicos e os binarismos utilizados pela publicação. O anúncio do dimorfismo sexual seguido de seus esclarecimento é a estratégia utilizada pela publicação como demonstrado na Figura 29

FIGURA 29 – Publicação “Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas”, do *blog* “Diário de Biologia”



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2011/12/homem-x-mulheres-conheca-as-principais-diferencas-fisicas/>> (2014)

A noção de dimorfismo sexual é apresentada e, com ela, a afirmação de que **“enquanto isso homens e mulheres são fisicamente mais semelhantes do que diferentes. No entanto, além dos órgãos genitais, há algumas diferenças fundamentais projetadas**

<sup>96</sup> Publicação na íntegra: Anexo V

**durante a evolução para cada sexo com o objetivo reprodutivo, principalmente**". A proposição da publicação, centrada no discurso do sexo, aponta para certa forma de compreensão da constituição de homens e mulheres e, ao mesmo tempo, apresenta o sexo e a Biologia como algo dado, e não construído historicamente.

Além da definição da expressão dimorfismo sexual, a publicação elenca um conjunto de pontos para marcar a diferença entre homens e mulheres. Eles são apresentados em linguagem escrita e imagética. Na escrita, marca-se o discurso científico, e, por meio dele, aponta-se para construções de gênero. Assim, o primeiro ponto diz da diferença peito X seios.

A publicação aponta que **"as mulheres são os únicos primatas que possuem os seios salientes, mesmo quando não estão amamentando"**, e informa que **"a maioria dos cientistas acredita que as estruturas molduradas por gordura funcionam como uma estratégia da evolução atrair e guiar os homens para o sucesso evolutivo"**. Destaca ainda que **"os homens, possuem apenas os mamilos, que são estruturas codificadas pelos genes antes mesmo de decidir o sexo"**.

Parece-nos curiosa a ressalva de que os mamilos antecedem a determinação do sexo, o que pode reforçar a ideia de que as mulheres seriam, evolutivamente, "derivadas dos homens". A imagem que acompanha a apresentação desse ponto mostra troncos de um homem e de uma mulher. O tronco do homem nu e o da mulher vestindo uma *lingerie* (*soutien*), avolumando mais ainda os seios, o que carrega conotações culturais, reafirmando modelos de beleza e de sensualidade nas sociedades capitalistas atuais.

FIGURA 29a – Imagem ilustrativa da publicação "Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas", do *blog* "Diário de Biologia"



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2011/12/homem-x-mulheres-conheca-as-principais-diferencas-fisicas/>> (2014)

São corpos brancos, magros e depilados, que cumprem a padronização de corpos válidos e aceitáveis social e culturalmente. De igual modo, dispõe-se também a distinção

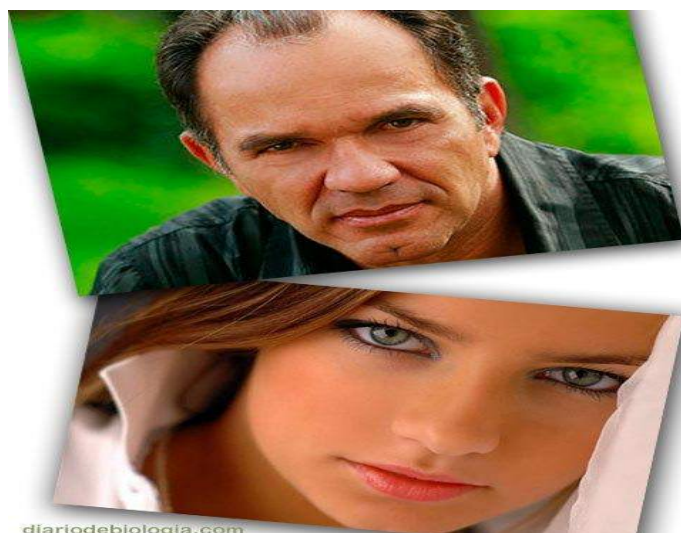


**“Pomo-de-adão X Pescoço liso”**, na qual também se distingue com dados da informação científica e se marca, de modo geralizante, o tipo de voz de homens (mais grossa), afirmando-se que **“o tom de voz mais forte nos homens por causa da testosterona, em que os níveis são indicadores de qualidade genética e aptidão sexual”**. Tem-se o discurso hormonal construindo a noção de homem quando se indica a causa do tom de voz mais forte, e os efeitos seriam os indicadores de qualidade genética e aptidão sexual.

A publicação aponta que, **“na evolução, as mulheres selecionaram aqueles homens com vozes mais fortes para produzir uma prole saudável”**. O destino da mulher é, portanto, a reprodução, e não sua qualidade genética e aptidão sexual. De modo igual, o ponto **“Traços fortes X Traços delicados”** expõe o discurso endocrinológico e, mais uma vez, os hormônios sexuais – testosterona e estrogênio – entram cena para dizer a verdade acerca da produção do homem e produção da mulher, marcando modelos de masculinidade e feminilidade.

A imagem utilizada para referendar a ideia carrega, agora uma figura pública, um ator que vem, ao longo dos últimos anos, representando personagens considerados modelos masculinos, machos, viris, fortes. Já a figura feminina apresentada revela o que é amplamente atrelado ao modelo de feminilidade, beleza e sensualidade, num rosto cuidadosamente maquiado.

FIGURA 29b – Imagem ilustrativa da publicação “Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas”, do *blog* “Diário de Biologia”



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2011/12/homem-x-mulheres-conheca-as-principais-diferencas-fisicas/>> (2014)

Assim afirma a publicação: **“Quanto mais testosterona um homem tem, mais forte a testa, maçãs do rosto e linha da mandíbula. Enquanto isso, quanto mais estrogênio a**

mulher tem, mais cheios o rosto e os lábios e maior as sobrancelhas. Assim, os hormônios sexuais controlam as também as características faciais entre macho e fêmea.”.

As frases que encerram o ponto **“Traços fortes X Traços delicados”** também lançam mão do discurso evolutivo atrelado ao discurso endocrinológico, assinalando a possibilidade de outros modos de masculinidades. Vejamos: **“Essas diferenças também são resultado da seleção natural. Hoje, estudos comprovam que quando as mulheres estão a procura de um parceiro em longo prazo, elas tendem a preferir homens com características mais afeminados, que têm menos testosterona e são susceptíveis de ser parceiros mais fiéis que ajudam no cuidado com o prole”** (sic.). Mais uma vez, à mulher é posta a ideia de sexualidade e identidade de gênero coladas à reprodução.

Os enunciados que seguem reiteram o discurso binário da produção de homens e mulheres, pautados na anatomia. O outro ponto assinalado é intitulado **“Músculos X Curvas”**. **“em geral os homens são mais musculosos que as mulheres”** e, na fisiologia desses corpos **“enquanto o metabolismo masculino queima calorias mais rápido, o feminino tende a converter mais o alimento em gordura. Elas armazenam a gordura extra em seus seios, coxas, nádegas, e como a gordura subcutânea na camada inferior da pele formando a escultura feminina que conhecemos hoje”**.

O corpo feminino é dito como escultura o que coincide com os discursos da moda, do padrão de beleza disseminados pela mídias e outras instâncias sociais e incorporados no senso comum. É a esse ideal de beleza e corpo que são as mulheres conduzidas a percorrer. Afinal, é o corpo escultural que a pedagogia do fitness, na contemporaneidade, persegue.

FIGURA 33c – Imagem ilustrativa da publicação “Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas”, do blog “Diário de Biologia



**Fonte:** <<http://diariodebiologia.com/2011/12/homem-x-mulheres-conheca-as-principais-diferencas-fisicas/>> (2014)



Vinculado a esses discursos, encontra-se o discurso do planejamento e gestão do corpo da mulher dado pela natureza ou sua biologia, como nos ensina a publicação: **“Mulheres foram planejadas para gerar e parir e por isso têm quadris mais largos e mantêm uma gordura extra para sustentar a gravidez”**. Novamente, o discurso reitera o destino da mulher: a reprodução, a maternidade. Quanto aos homens, o modo de atuação da natureza ou biologia é outro: **“Os homens possuem o benefício de ser o mais forte e ágil possível, tanto em sua busca por alimento, e quando em competição com outros homens”**.

O enunciado destacado trata de como os corpos de homens e mulheres são criados constantemente pelas relações de poder-saber, com auxílio da Biologia. No entanto, os corpos escapam da rede discursiva, “[...] nunca se conformam completamente às marcas pelas quais sua materialização é imposta” (LOURO, 2008, p. 44). Há mulheres que não geram descendentes, e homens não são naturalmente fortes e ágeis. Existem mulheres e homens que não se conformam com a materialidade do sexo e do corpo dado e as transgridem. Transcendem também as normas culturais de gênero, se travestem. São corpos que escapam, que são vistos como “estranhos”.

Os corpos estranhos, das fronteiras, que não se conformam com sua materialidade biológica, com o prazer sexual esperado ou determinado para eles, problematizam o determinismo biológico, escapam das teias construídas pelos vários discursos que foram apresentados ao longo deste trabalho. Mas, ao mesmo tempo, são também capturados por estes para a manutenção da norma sexual vigente, da heterossexualidade, do homem branco.

É no silenciamento da norma, produzido pela ausência de enunciados, que problematizam a heterossexualidade compulsiva, o domínio do sexismo e dos padrões binários de gênero e dos corpos que o dispositivo da sexualidade continua a edificar-se constantemente na intrincada relação com os saberes e tecnologias contemporâneas, sempre se atualizando.

O que mobiliza a ausência da problematização da heterossexualidade e dos padrões binários de gênero? Parece-nos que esta é uma questão de fundo, dada a expediência de nosso grupo de pesquisa. Em contato com escolas e professores/as em trabalhos de extensão e pesquisa, temos visto que o funcionamento de uma determinada linha de pensamento estrutura o modo como os sujeitos lidam com a determinação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades. Em regra geral, não conseguem problematizar o modelo heterossexual e sua matriz de pensamento.

Essa lógica relaciona-se à a questão econômica e política dos corpos. Os corpos e o sexo tornaram-se mercadorias, e nós fomos transformados e nos transformamos em consumidores midiáticos, potencialmente doentes, produzidos para precisarmos de identidade sexual para existir, de prazer definido, ser e não apenas acontecer. Para além do consumo inerente ao texto midiático, que vende o corpo, o sexo, estariam as subjetividades edificadas tão fortemente pelo biopoder e pelo dispositivo da sexualidade que o escape a eles é cada vez mais difícil.

O corpo – e o sexo – que não está nos discursos analisados é um corpo possível? Existe um sexo, um corpo para além da linguagem? Seria um corpo humano? Seria um corpo sem corpo que acontece com as utopias? Foucault (2010, s.p.) nos diz que são com as três utopias que o corpo se faz: a morte, o espelho e o amor.

Depois de tudo, creio que é contra ele e como que para apagá-lo, que nasceram todas as utopias. A que se devem o prestígio da utopia, da beleza, da maravilha da utopia? A utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas é um lugar onde terei um corpo *sem corpo*, um corpo que será belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal em sua potência, infinito em sua duração, desligado, invisível, protegido, sempre transfigurado; e é bem possível que a utopia primeira, aquela que é a mais inextirpável no coração dos homens, seja precisamente a utopia de um corpo incorpóreo. (...) Talvez seria preciso dizer também que fazer o amor é sentir seu corpo se fechar sobre si, é finalmente existir fora de toda utopia, com toda a sua densidade, entre as mãos do outro. Sob os dedos do outro que te percorrem, todas as partes invisíveis do teu corpo se põem a existir, contra os lábios do outro os teus se tornam sensíveis, diante de seus olhos semi-abertos teu rosto adquire uma certeza, há um olhar finalmente para ver tuas pálpebras fechadas. Também o amor, assim como o espelho e como a morte, acalma a utopia do teu corpo, a cala, a acalma, a fecha como numa caixa, a fecha e a sela. É por isso que é um parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o rodeiam, se gosta tanto de fazer o amor é porque, no amor, o corpo está *aqui*.

Se o corpo se faz, “está aqui”, quando na utopia do amor, quando na utopia do espelho e da morte são estas que devemos perseguir para escapar, por pequenos momentos, do dispositivo da sexualidade. No entanto, se o dispositivo da sexualidade é edificado pelos discursos como os ilustrados neste texto, é também na escavação dos mesmos, que diariamente nossos corpos e sexos se transformam, escapam, e transformam a rede que constroi o próprio dispositivo.

A multiplicidade de discursos do dispositivo da sexualidade que acontece na mídia é ampla e complexa, por isso afirmamos que em todas as publicações analisadas se fazem presentes outros discursos para além da didatização da sexualidade, o diálogo com os conhecimentos científicos, midiáticos, de doença/saúde, (a)normalidade e da “viagem planejada”. Discursos provocativos de outras problematizações. Sendo assim, as análises apresentadas não encerram as possibilidades de leitura das publicações destacadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminhar para a finalização deste trabalho despertou em nós a necessidade de olharmos para os instantes que o desencadearam, para os momentos que permitiram que ele ganhasse forma. Pensar nesses momentos não pressupôs localizá-los num passado, que devesse ser refletido e do qual fossem extraídos os resultados finais da pesquisa. Mas, pensá-los no hoje, presente, sustentando as páginas que aqui foram escritas, senti-los como instantes que atravessaram nossos corpos, nos transformaram, escapando-nos a possibilidade de prendê-los nestas considerações.

Os momentos de convívio, leitura, discussão, dúvidas, ansiedades, felicidades, ocorridos no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU, no interior do GPECS, e no interior das relações que se estabeleceram no decorrer deste trabalho, contribuíram para que ocorresse a experiência com a pesquisa. Experiência que não se deu pelo tempo dedicado, os 24 meses exclusivos em que nos voltamos para o problema de investigação, mas em como o trabalho nos tocou. Assinalamos por experiência o que Larrosa (2004, p. 160) aponta:

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que ocorrem: querer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Percebemos que paramos para pensar, para olhar, para escutar com delicadeza o dispositivo da sexualidade colocado em ação num ambiente, que faz parte continuamente de nossos corpos, de nossas formas de ser e estar, pois nos educa pelas relações de poder que ocorrem no interior das redes virtuais. Abrimos nossos olhos para o contexto virtual e online que nos é contemporâneo, ouvindo, assim, as palavras de Foucault (2014, p. 163): “O dispositivo da sexualidade deve ser pensado a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas.”.

Caminhamos atentas ao fato de que não alcançaríamos a total compreensão do dispositivo da sexualidade, pois tal ação está para além do que uma investigação como esta pode alcançar. Porém, centramos nossa atenção em possibilidades investigativas que permitissem que falássemos o que nos aconteceu ao longo do processo.

Assim, vislumbramos, neste trabalho de pesquisa, os modos de ação do dispositivo da sexualidade em *blogs* de professores/as de Biologia. Destacando a educação em Ciências e a área de educação em Biologia, delimitamos nosso olhar. Tal delimitação ocorreu por depreendermos que a educação em Biologia, na contemporaneidade, se faz em locais para além da escola e seus muros, como no ciberespaço e em *blogs* de professores/as, assim, a pergunta norteadora da pesquisa foi: que discursos de sexualidade atravessam as publicações de *blogs* de professores/as de Biologia?

Para responder à problematização, elencamos três objetivos específicos: levantar *blogs* de professores/as da área de Biologia que contivessem publicações sobre o a sexualidade; verificar as formas pelas quais os professores/as de Biologia apresentam publicações relacionadas à sexualidade em seus *blogs*; e levantar os discursos sobre sexualidade que atravessam as publicações. Na resposta aos três objetivos específicos, foi possível responder ao objetivo geral da pesquisa: analisar os discursos sobre sexualidade que atravessam as publicações de *blogs* de professores/as de Biologia.

O caminho metodológico, na direção dos objetivos pretendidos, foi norteado pela abordagem qualitativa, uma vez que centramos-nos no universo de sentidos, significados e valores das informações analisadas. No entanto, sem pretender levantar causas ou correlações entre as informações, fizemos uso de alguns dados quantitativos para esclarecer e organizar nosso *corpus* de análise. A utilização da ferramenta quantitativa ocorreu no momento em que trilhamos em direção aos dois primeiros objetivos específicos: levantar os *blogs* e verificar as formas pelas quais os/as professores/as apresentam as publicações.

Nessa etapa da investigação, fomos guiadas pela metodologia da etnografia em ambiente virtual, já que compreendemos a internet e os *blogs* como artefatos culturais. A imersão em tais espaços possibilitou-nos alcançar os modos pelos quais eles se integram à vida cotidiana, são significados por esta e provocam transformações nos modos de vida de homens e mulheres.

A imersão nos *blogs* ocorreu pela observação silenciosa (AMARAL, 2010) e através da utilização de ferramentas de monitoramento. Por essas ferramentas reduzimos os quarenta e cinco (45) *blogs* levantados no início da pesquisa para os sete (07) *blogs* que tiveram suas publicações analisadas. Os *blogs* levantados e selecionados para a análise foram continuamente observados, permitindo a sistematização e apresentação de suas características gerais. As informações obtidas pelas ferramentas de monitoramento permitiram que nos aproximássemos da função comunicativa dos *blogs*, verificando as formas como são apresentadas as publicações relacionadas à sexualidade.

Tendo em vista que as informações das publicações presentes nos *blogs* são constructos humanos, portanto culturais, criados por motivações que não se resumem apenas aos aspectos econômicos e fundadas em dadas realidades epistemológicas, buscamos levantar os discursos sobre sexualidade que atravessam as publicações. Em nosso procedimento de análise, apropriamo-nos de algumas ferramentas conceituais da análise de discurso em Foucault e da análise cultural.

Os conceitos apropriados foram os de discurso, enunciado e formação discursiva, com ênfase no modo como os discursos de sexualidade passam pelas publicações dos *blogs* selecionados. Sem pretender esgotar as publicações dos *blogs* e os discursos que as atravessam, observamos que no conjunto de publicações analisadas que colocam em ação o dispositivo da sexualidade, estão presentes o discurso da didatização das sexualidades, o discurso científico em diálogo com o discurso midiático, o discurso da saúde/doença e da (a)normalidade e o discurso da linearidade sexo-gênero-sexualidade.

Levantadas as publicações dos *blogs* de professores/as de Biologia, foi possível analisá-las. Para organizá-las, inspiradas no trabalho de Parreira (2014), utilizamos a matriz de sistematização das informações. A matriz possibilitou-nos analisar as publicações de modo contextualizado, sem perder de vista os locais onde foram divulgadas, e, ainda, apresentá-las de maneira a respeitar seus emaranhados, visto que os discursos não acontecem de forma separada ou estanque.

A matriz de sistematização das informações proporcionou-nos a percepção da presença de certas repetições de sentidos que perpassavam as publicações. Tais repetições se davam quando o sexo, a sexualidade e os outros dispositivos que o rodeiam se apresentavam por estratégias como a determinação biológica sobre o corpo, a voz da ciência, a ideia de verdade sobre o sexo. Perguntar sobre os processos que as levaram essas repetições a compor os sentidos das informações publicadas conduziu-nos à procura dos locais históricos, sociais e culturais onde elas se produziram e foram modeladas, para assim desnaturá-las, percebendo-as como construções linguísticas – logo, humanas – de poder-saber.

Ao encontrarmos os discursos que aproximam o sexo e a sexualidade do campo de conhecimento da biomedicina, das concepções de saúde e doença, fomos incentivadas a considerar as estratégias colocadas em ação por relações de poder e saber. Estratégias que capturam os corpos, os disciplinam e controlam para serem, saudáveis, úteis e eficazes ao funcionamento de nossa sociedade, regida por um projeto econômico, social e cultural hegemônico, o capitalismo.

Para o funcionamento eficaz de nosso sistema econômico, social e cultural, foi localizada, também, a estratégia que torna a sexualidade passível de ser ensinada. Isso parte dos discursos pedagógicos que faz funcionar a escolarização de crianças, adolescentes e adultos/as e que visa ao ideal da partilha de informações de determinados saberes, pretendendo libertar o homem (e a mulher) das sombras. A didatização da sexualidade, característica de uma sociedade moderna, é apropriada à produção de textos escolares, didáticos ou paradigmáticos e midiáticos.

Os elementos que apontam para a didatização da sexualidade, na escola e nos *blogs*, mostram como as barreiras que separavam os espaços da vida humana, como o espaço do lazer e o espaço do trabalho já não se sustentam na contemporaneidade, ou seja, os muros que eram necessários para confinar os corpos e possibilitar seu disciplinamento desmoronam. Nesse sentido, ao pensar sobre as transformações que ocorrem hoje, como as providas da tecnologia, correlacionando-as com os corpos contemporâneos e as formas de governabilidade destes, Sibilia (2012, p. 176) diz:

Talvez o que esteja acontecendo é a vigilância centralizada, o confinamento com horários fixos e as pequenas sanções que imperavam nas instituições típicas do século XIX e XX, como a escola, a fábrica e a prisão, já não são mais necessários para transformar seus habitantes em corpos “dóceis e úteis”. Tudo deixou de ser fundamental –e nem sequer seria eficaz –para convertê-los em subjetividades compatíveis com os ritmos do mundo atual.

Desse modo, consideramos que os discursos dadidatização da sexualidade, inerentes ao processo de controle dos corpos, que está acontecendo hoje nas redes virtuais, através de suas conexões atraentes, fluidas, leves, faz parte das novas formas de subjetivação, necessárias para a continuação de determinado projeto hegemônico que atua sobre as sexualidades e os corpos. Nessas novas formas de subjetivação, o poder rígido da instituição escolar não é tão necessário, pois o corpo que transita pelas mídias sofre a ação de um poder mais tênue, e, como afirma Sibilia (2012, p. 177), “[...] mais suave e elegante, sim, embora também mais difícil de mapear ou burlar e, talvez por isso mesmo, bem mais eficiente no cumprimento de suas metas.”

As novas formas de subjetivação colocam em ação de outro modo, o mesmo dispositivo que as instituições modernas colocavam, o da sexualidade, pois ele continua possuindo “[...] de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos.” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Agregados ao dispositivo da sexualidade há diversos

dispositivos que agem sobre o humano, o que nos permite afirmar o próprio *blog* e as publicações nesse sentido.

Agamben (2009, p. 42) assinala sobre como o crescimento dos dispositivos desdobra-se num mascaramento dos processos de subjetivação.

Ao ilimitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação. Isso pode produzir a impressão de que a categoria da subjetividade no nosso tempo vacila e perde consistência; mas se trata, para ser preciso, não de um cancelamento ou de uma superação, mas de uma disseminação que leva ao extremo o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda identidade pessoal.

A produção do sujeito envolve vários processos de subjetivação, sendo os discursos de sexualidade que atravessam os *blogs* de professores/as de Biologia um deles. Esses discursos fazem parte de uma rede complexa, formada por inúmeros dispositivos, e apresenta elementos sofisticados, que, no entanto, são continuações de processos anteriores.

Conhecer e analisar discursos, e, assim, os processos históricos e culturais da formação do sujeito quando é colocado em ação o dispositivo da sexualidade, não nos conduz para a afirmação que seja necessário um “bom uso” desse dispositivo, pois isso seria da ordem de uma repetição banal que não desmonta a rede de estratégias que o produz. A estratégia política que se pretendeu afirmar neste trabalho, contudo, intencionou trazer para a superfície os discursos sobre a sexualidade que atravessavam as publicações.

Dar a pensar sobre os discursos de sexualidade carrega a potência deste trabalho. Com com essa potência, abrimos a possibilidade da produção de outros sentidos para a sexualidade, novas relações de poder e de saber. Todavia, realizamos esta tarefa dentro das possibilidades que um acadêmico propõe, conforme seu espaço, tempo e regras, o que nos direcionou para uma escrita acadêmica.

Na escrita sobre o dispositivo da sexualidade, vislumbramos o sentido de ser intelectual apontado por Foucault (2012, p. 242), que é “[...] a modificação do seu próprio pensamento e dos outros”. Nós nos modificamos no processo de experiência com a pesquisa, sem que houvesse um caminho fixo, estável, pois fomos conduzidas pelos momentos, sem que houvesse uma imposição. Com esse perceber do caminhar, não propomos uma finalidade, o que deve ser feito com as reflexões realizadas ou uma ação para os leitores desse trabalho, pois

A função de um intelectual não é dizer o que os outros devem fazer. Com que direito o faria? Lembrem-se de todas as profecias, promessas injunções e programas que os intelectuais puderam formular durante os dois últimos séculos e que agora se veem. O trabalho de um intelectual não é moldar a vontade política dos outros; é, através das análises que faz nos campos que são seus, o de interrogar novamente as

evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades aceitas, retomar a avaliação das regras e das instituições e, a partir dessa nova problematização (na qual ele desempenha seu papel específico de intelectual), participar da formação de uma vontade política (na qual ele tem seu papel de cidadão a desempenhar). (FOUCAULT, 2012, p. 243).

Mas, acreditamos que se as análises desencadeadas em nossa escrita forem capazes de sacudir, por um instante qualquer, os hábitos de quem as leu, e se isso participar de uma vontade política em que a sexualidade seja constantemente pensada, problematizada, perseguida, pudemos nos aproximar da tarefa da intelectual à luz foucaultiana.

Esperamos assim, que nossa experiência de pesquisa resulte em outras pesquisas sobre sexualidade, educação em Biologia e mídias sociais, para que o arcabouço de saberes construídos pelos intelectuais responsáveis como uma vontade política possibilite que o humano seja cada vez mais o humano.



## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, n. 86, p. 122-135, 2010.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BARROS, Suzana da Conceição de. **Sexting na adolescência**: análise da rede de enunciações produzida pela mídia. 2014. 188 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

BRASIL. **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2014. Disponível em: <www.nic.br>. Acesso em: 15 set. 2014.

BRASIL. **Edital de Convocação para Inscrição no Processo de Avaliação e Seleção de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2012**. Brasília/DF: [s.n.], 2009.

BRASIL. **Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2015**. Brasília/DF: [s.n.], 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2011-Ciências**. Brasília: MEC/SE, 2010.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2012-Ciências da Natureza e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SE, 2012.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2014-Ciências da Natureza e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SE, 2013.

BRASIL. **Parâmetro Curriculares Nacionais**. Brasília/DF: [s.n.], 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 151-172.

CAMPOS, Patricia Lemos. **Caderneta de Saúde do(a) adolescente: uma contribuição na educação para a sexualidade?**. 2014. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAYMMI, Dorival. Modinha para Gabriela. In: CAYMMI, Dorival. **Dorival Caymmi**. Rio de Janeiro: Novo Millennium, 2005. disco sonoro, faixa 12 (3min17s).

COSTA, Anderson. Blogs corporativos. In: BRAMBILLA, Ana (Org.) **Para entender as mídias sociais**. Salvador: EDIÇÕES VNI, v. 2, 2012. p. 110-113.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 7-17.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são? Que querem? Que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antônio Flávio; ALVES, Maria Palmira; GARCIA, Regina Leite (Org.). **Currículo, cotidiano e tecnologias**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. p. 93-110.

COSTA, Marisa Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**. Curitiba. n. 37. p. 129-152. mai/ago. 2010.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas: a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199-214.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, 2003 p. 36-61. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200004&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200004&script=sci_abstract)>. Acesso em: 25 fev. 2015.

COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. O corpo anormal: histórias e antropologia culturais da deformidade. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do corpo 3: as mutações do olhar**. O século XX. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 253-241.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

COUTO, Edvaldo Souza. Políticas do pós-humano: interfaces dos corpos, das sexualidades e das tecnologias digitais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu, **Anais...** Caxambu, ANPED, 2009. Disponível em: <[http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos\\_32.pdf](http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos_32.pdf)> Acesso em: 25 fev. 2015.

COVOLAN, Nádia Terezinha. **Corpo vivido e gênero: a menopausa no homoerostismo feminino**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas

FÉLIX, Jeane. **Quer teclar?** Aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais. 2012. 223 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FÉLIX, Jeane. Sexualidades juvenis e diagnóstico soropositivo: a AIDS como processo de (des)aprendizagens. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 36., 2013, Goiânia, **Anais...** Goiânia, ANPEd, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/181-trabalhos-gt23-genero-sexualidade-e-educacao>. Acesso em: 25 fev. 2015.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Técnica de si e tecnologias digitais. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ulbra, 2006. p. 67-76.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault> Acesso em 25 de fev. de 2015.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, Elisandra Carneiro de. **Portal do professor**: a organização das aulas de Biologia o espaço da aula. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos Abraços**. 9ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Planejamento de ensino entremeando biologia e cultura. **Ensino em Re-vista**. Londrina, ano 16, v. 1, p. 33-45, jan/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7950>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

INAKI, Alexandre. ...A morte dos blogs. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais**. Salvador: CREATIVE COMMONS, v. 1, 2011. p. 32-36.

IONTA, Marilda. Amizades líquidas: considerações sobre os elos (inter)subjetivos nos weblogs. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 7, ano VII, n. 2, p. 1-16, 2010. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO\\_16\\_MARILDA\\_IONTA\\_FENIX\\_MAIO\\_AGOSTO\\_2010.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_16_MARILDA_IONTA_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. São Paulo: Artmed, 2008.

LARROSA, Jorge **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, Paulo Gomes. **Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional**. 2001. 317 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LINHARES, Sergio; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia hoje**. São Paulo: Ática, v. 1, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-crítica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teorias das mídias sociais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MENDONÇA, Eliana Azevedo Pereira. Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 155-166, 2004

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectivas metodológicas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-62.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES Rosângela de Fátima Rodrigues; Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: \_\_\_\_\_. **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 5-16

MONTARDO, Sandra; CARVALHO, Cíntia. Reputação: monitoramento e métricas. In: SILVA, Tarcízio. Para entender o monitoramento de mídias sociais. Creative Commons, 2012. p. 19-33.

MOULIN, Anne-Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do corpo 3: as mutações do olhar**. O século XX. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 15-82.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. Aprendizagem mediada e avaliada por computador: a inserção dos blogs como interface na educação. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edmea. **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 233-246. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books/about/Avalia%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_aprendizagem\\_em\\_educa%C3%A7%C3%A3o.html?hl=pt-BR&id=hxZSNbgrWMwC](http://books.google.com.br/books/about/Avalia%C3%A7%C3%A3o_da_aprendizagem_em_educa%C3%A7%C3%A3o.html?hl=pt-BR&id=hxZSNbgrWMwC)>. Acesso em: 12 ago. 2014.

PARREIRA, Fátima Lúcia Dezopa. **Diálogos sobre sexualidade**: aproximações e distanciamentos nos discursos de licenciandos/as de Ciências Biológicas bolsistas do PIBID/UFU. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

PINTO, Regina Célia Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. In: **Barbarói**. Santa Cruz do Sul. n. 24, ano 2006/1, p.78-109, 2006. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/search/search>. Acesso em: 25 fev. 2015.

PRETTY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. In: **Textos & contextos**. v. 10. n. 1. p. 193-198, jan/jul. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/7375/6434>> Acesso em: 25 fev. 2015.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Práticas bioascéticas contemporâneas**: notas sobre os corpos masculinos nas comunidades que discutem cirurgia plástica na rede social Orkut. 2012. 170 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

RABELLO, Sylvia Helena dos Santos; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade; TEIXEIRA, Filomena. Os artefatos dos media na educação em sexualidade. **Educação/Formação Exedra**, Lisboa, n. 6, p. 71-79, 2012. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/docs/N6/05-Edu.pdf>> Consulta em: 25 fev. 2015.

RECUERO, Raquel. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: BUITONI, Dulcília Schroeder; CHIACHIRI, Roberto. (Org.). **Comunicação, cultura de rede e jornalismo**. São Paulo, v. 1, 2012. p. 259-274.

RIBEIRO, Cláudia Maria; FILHA, Costantina Xavier. Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do GT 23. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 2, p. 1-21, 2014. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/viewArticle/12886>> Acesso em: 25 fev. 2015.

RIBEIRO, Paula Regina, A sexualidade como um dispositivo histórico de poder. In: SOARES, Guiomar Freitas. SILVA, Méri Rosane Santos da, RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006. p. 98-107.

ROHDEN, Fabíola . O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v.15, supl., 2008

SALES, Shirlei Rezende. Juventude ciborgue: transgredindo fronteiras de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu, **Anais...** Caxambu, ANPED, 2009.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil**. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SALVA, Sueli. Narrativas de vivências juvenis: as jovens mulheres no centro da cena. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu, **Anais...** Caxambu, ANPED, 2008.

SANTOS, Welson Barbosa. A educação sexual no contexto do ensino de Biologia: um estudo sobre as concepções de professores/as do ensino médio em escolas de Uberaba-MG. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, n. 20, p. 71-100, 1995.

SEFFNER, Fernando. Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s). In: SOARES, Guiomar Freitas. SILVA, Méri Rosane Santos da, RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006. p. 76-84.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA JÚNIOR, César da; SASSON, Sezar. CALDINI JÚNIOR, Nelson. **Biologia**. Ed. Saraiva, 2012.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. **A invenção do corpo e seus abalos**: diálogos com o ensino de Biologia. 2010. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Corpo e sexualidade no ensino de Ciências: experiências de sala de aula. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 35., 2012, Porto de Galinhas. **Anais...** Porto de Galinhas: ANPEd, 2012. Disponível em: <[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2332\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2332_int.pdf)> Acesso em: 11 out. 2013.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. In: **Revista Periódicus**. v. 1, n. 2, p. 138-152, 2014. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/issue/view/1029/showToc>> Acesso em 25 fev. 2015.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Educação em Ciências: possibilidades teórico-metodológicas. In: KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares (Org.). **Educação e pesquisa no Centro-Oeste**: processos de escolarização e práticas educativas. Campo Grande, 2012. p. 99-122.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Sexualidade, gênero e corpo no contexto de políticas de educação no Brasil. In: **Suplemento Exedra de 2014**: sexualidade, gênero e educação. Portugal-pt, 2014, p. 26-45.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Corpo e sexualidade no Ensino de Ciências: experiências de sala de aula. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 35., 2012, Porto de Galinhas, **Anais...** Porto de Galinhas, ANPEd, 2012.

SILVA, Mirian Pacheco Silva. Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 30., 2007, Caxambu, **Anais...** Caxambu, ANPEd, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. Apropriação de novas tecnologias por docente: questões de gênero. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 28., 2005, Caxambu, **Anais...** Caxambu, ANPEd, 2005.

TONUS, Mirna. Monitoramento de mídias sociais: levantamento sobre ferramentas e métricas. **Anais**. 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Santa Cruz do Sul: SBPJor, 2014. Disponível em: <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2557/486>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 35-82.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Currículo e Ciências: as especificidades pedagógicas do ensino de ciências. In: COSTA, M. V. (Org.). **O currículo nos liminares do contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A visão dos estudos culturais da ciência. **ComCiência**, Campinas, p. 1-3, 2008. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542008000300012&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300012&lng=en&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em: 25 fev. 2015.

ZAGO, Luiz Felipe. **Os meninos**: corpos, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet. 2013. 332 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.



## ANEXOS

## Anexo A

**FALA SÉRIO OU COM CERTEZA ?**

03/09/2008 por *Andrea Barreto*

★★★★★ 2 Votos

Na última pesquisa realizada nesta semana, o assunto que ganhou foi sobre educação sexual. Então, vamos continuar o nosso bate -papo?

Neste post, eu vou escrever sobre alguns assuntos como se fosse aquela brincadeira do Vídeo Show . Para cada tópico, eu vou falar sobre o que não é verdade ( será nosso **Fala Sério**) e o que é verdade ( será o **Com Certeza**). Assim vamos desmontando alguns mitos sobre nossa sexualidade ...

Vamos nessa ?

**Masturbação :**

A Masturbação é uma forma de se conhecer o corpo e sentir prazer ? Com certeza

Se alguém se masturbar muito, cresce pêlos nas mãos ou vicia ? Fala sério

**A Primeira Vez :**

A menina fica nervosa e ansiosa na primeira vez que transa, na maioria dos casos ? Com certeza.

O jeito da menina anadr denuncia que ela já transou ? Fala sério

**Menstruação:**

A mulher menstruada não pode praticar esportes ou lavar a cabeça ? Fala sério

Toda mulher fica menstruada ? Com certeza.

**Camisinha :**

Duas camisinhas usadas ao mesmo tempo ajudam a prevenir a gravidez e as Doenças Sexualmente Transmissíveis ? Fala sério

O uso de camisinha previne as Doenças Sexualmente Transmissíveis e a gravidez ? Com certeza.

**Doenças Sexualmente Transmissíveis:**

Qualquer pessoa sexualmente ativa, homem ou mulher, pode ter uma Doença Sexualmente Trasmisível ou DST ? Com certeza.

Se a mulher não sente prazer não pega uma DST ? Fala sério


**Se tiver mais dúvidas deixe – as aqui !**

## Anexo B

**EDUCAÇÃO SEXUAL – PARA PROFESSORES**

21/04/2007 por *Andrea Barreto*



 Rate This

Eh ... Tema difícil de ser tratado, não ? Ainda mais com um monte de informações e valores que estão por aí e que são , pelo menos ao meu ver, permissivos. E como trabalhar em sala de aula ? O que fazer? O que dizer ? Como agir ?

Ainda mais se não temos a formação que deveríamos ter. Pois se para nós , professores de Ciências, já é bem complicado, imagina para os professores de outras áreas ! Aqui vai um pouco da minha experiência.

Sou professora de Ciências a mais de 10 anos, pouco para muitos, mas tenho já alguma experiência no assunto. Trabalho em escolas do município, onde a maioria dos alunos conta muito com o Professor para lhe falar da sua sexualidade. Acredito que a gente ( professor) tem um papel muito importante para formar e informar pessoas.

E é assim que quero começar: estamos formando e lidando com gente, coisa que o livro de Ciências às vezes se esquece. Muitas das vezes o livro didático trata do assunto só mecanicamente, só a parte biológica, só da reprodução,... Mas existe uma parte que o adolescente precisa que não está no livro. A parte do papo, do que achamos, de comportamento mesmo.

Para tratarmos desta parte um pouco mais psicológica temos que ter o olho no olho, sermos muito sinceros naquilo que achamos. Como por exemplo nas perguntas que aparecem: "Quando estarei pronto para a Primeira vez ? "- me é perguntado sempre. Falo que tem que se conhecer, conhecer bem o (a) parceiro (a), bater um papo sobre os métodos anticoncepcionais,... Mas sempre deixo claro que para mim não é normal uma menina ou um menino de 13 ou 14 ou 15 anos estar transando. São meus valores sim, externados, mas acho que temos que passar valores nesta fase .

E é isso que o livro didático deixa para a gente fazer, por isso abandone um pouco o livro e entre na cabeça de seu aluno. Saiba o que se passa no seu coração. Isso é a nossa tarefa! Para tanto temos que conhecer a turma, estar com ela a mais de 6 meses, conhecer o seu perfil e ir arrumando a aula de Educação Sexual conforme as dúvidas que aparecem.

Coragem e bom trabalho!

## Anexo C



## Conheça as polêmicas cartilhas de Educação Sexual para crianças de 6 a 12 anos

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 22 DE JULHO DE 2014

PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO, SUA SAÚDE

*"Sou professora de Ciências do Ensino Fundamental I da rede municipal, logo a idade em que as crianças estão bastante curiosas sobre o sexo. Eu gostaria de saber sobre as cartilhas para Educação Sexual." Heloisa Maria*

Olá Heloisa, procuro não colocar minha opinião pessoal sobre os assuntos do blog, pois acredito que isso influencia as pessoas a tirarem suas próprias conclusões. No caso das cartilhas, existem várias tentativas, aprovadas pelo MEC de educar crianças de 6 a 12 anos sexualmente, exemplificando e explicando sobre o ato sexual, prazer e masturbação. São cartilhas muito ilustradas e tem uma linguagem bastante simplificada de modo que toda criança é capaz de entender.

Acredito que todo este material foi revisto por psicólogos e educadores e procurou apresentar o melhor material possível. Assim, em qualquer tempo, tais cartilhas precisam ser analisadas com atenção, levando-se em conta as realidades das comunidades, nas diferentes regiões. Mas será que isso funciona? Será que faz bem para uma criança de 7 anos conviver com imagens como estas? Ou, o sexo é um ato natural, deve ser aprendido desde cedo com respeito? As crianças tem direito de conhecer sexualmente o corpo antes da adolescência?

Apresento abaixo três cartilhas que já foram aprovadas pelo Ministério da Educação. Qual a sua opinião? (as imagens receberam tarja preta em áreas onde havia conteúdo considerado impróprio pelo Google).



## Anexo C - Continuação

Coleção "Educação Sexual – Perguntas e respostas". Fotos: Reprodução/Educação Sexual



Cartilha "Tô Crescendo" para crianças de 6 a 9 anos. A cartilha foi produzida pelo Governo Federal em 1997 através do Ministério da Saúde e logo depois de entregue as Escolas acabou sendo recolhida devido a oposição dos pais ao conteúdo. Acontece que em muitas escolas, as cartilhas acabaram ficando nas bibliotecas. Fotos: Reprodução/Tô Crescendo-Ministério da Saúde

## Anexo C - Continuação





## Anexo C - Continuação



'Mamãe, como eu nasci?', de Marcos Ribeiro, utiliza uma linguagem básica e com ilustrações que auxiliam o entendimento dos pequenos, explica a diferença entre os corpos masculino e feminino, como acontece a relação sexual, o que é gravidez e até os tipos de parto. Foto: Reprodução/*Mamãe, como eu nasci*

### Responda a enquete:

Você concorda com o uso destas cartilhas para Educação Sexual de crianças até 12 anos?

- ☐ Sim. Não vejo nada demais. Ficaria satisfeito (a) se meus filhos tivessem a oportunidade de serem instruídos por este tipo de cartilha. Eles podem ver coisas piores na internet.
- ☐ Não. Acho o conteúdo impróprio e desnecessário. Não gostaria que meus filhos recebessem orientação sexual com este tipo de material.

Vote

View Results

## Anexo D

## QUAL É O SEXO DO SEU CÉREBRO?

31/05/2009 *por* Andrea Barreto

Saiu um artigo bem legal na época sobre o assunto. Lá dá até para fazer um teste e ver se seu cérebro é mais masculino ou feminino. O meu é mais feminino.

Vou colocar aqui uma parte do artigo, mas leia todo e faça o teste!



“ O cérebro humano pode ser feminino ou masculino independentemente do sexo biológico de uma pessoa. Faça o teste e saiba se o seu cérebro tem o mesmo sexo que seu corpo

THAÍS FERREIRA

As diferenças no corpo de homens e mulheres estão além da aparência e dos órgãos sexuais. A ciência detectou que até o cérebro apresenta características femininas ou masculinas. Essa diferença neurológica gera diferenças de comportamentos, sentimentos e modos de pensar entre homens e mulheres.

Para ler o resto, clique aqui- [Revista Época](#)

Partilhe:

Tweet 7

Compartilhar 3

Share 4

Imprimir

Email

Curtir

Seja o primeiro a curtir este post.



## Anexo E

31  
Out

## A Ciência do beijo

**Fisiologia Humana**

Beijar é estranho. Vamos confessar: nós adoramos, mas se pensarmos bem você está colocando sua boca aberta na boca de outra pessoa, trocando líquidos corporais e bactérias... Parece muito estranho mesmo, não é? Isto indica que deve existir um bom motivo para fazermos isto.

De acordo com pesquisadores de diversas áreas existem muitas boas razões para beijar muito!



Começando pelos olhos... Ao beijar, tudo começa pelos olhos. Os lábios de humanos são únicos no mundo animal. Eles são expostos (evertidos) para chamar a atenção de parceiros, pois para beijar precisamos de duas pessoas. Um estudo mostrou que 8 em cada 10 mulheres passam batom na cor vermelha e parece que os homens são atraídos por isso. Macacos também chamam atenção com algo parecido, porém, os lábios que eles observam ficam mais embaixo. Evolucionistas propõem que os lábios de humanos surgiram por causa da nova posição bípede que o ser humano arrumou e os lábios ficaram parecidos com as vaginas das fêmeas de nossos ancestrais. A observação sobre a fertilidade entre os humanos começou a ser feita cara a cara.

O beijo dispara uma reação incrível em nosso cérebro e músculos. Cinco dos 12 nervos cranianos são ativados e mais de uma dúzia de músculos trabalham conjuntamente para que um bom beijo aconteça. Um destes músculos, por exemplo, é o mesmo músculo que usamos quando ainda somos um bebê mamando no peito de nossas mães. A amamentação é um momento especial para o ser humano, pois o ato de mamar cria conexões entre mãe e filhos através do hormônio ocitocina.



## Anexo E - Continuação

A memória do uso deste músculo resgata os caminhos para a liberação deste hormônio relacionado com a criação de laços afetivos, portanto o beijo tem um papel muito importante psicologicamente falando e demonstra como a amamentação pode ser o primeiro indício sobre como o beijo surge como um gesto cultural presente em todos os grupos humanos do planeta.

Além disso, o olfato também tem um papel importante durante o beijo. Ao se aproximar para dar aquela "bitoca" gostosa, nossos narizes se aproximam da outra pessoa e sentimos seus cheiros e também recebemos alguns químicos que apesar de indistinguíveis são bem particulares de acordo com os indivíduos (os feromônios).

O hálito também é importante porque ele indica a situação de saúde da pessoa beijada. Em muitas culturas, o beijo é registrado como primeiramente uma experiência olfativa, como o beijo de esquimó.



Para se ter uma ideia de que o beijo é tão importante, basta observar que os neurônios relacionados com a sensação da área dos lábios é incrivelmente maior que os neurônios do córtex somatosensorial relacionados com as genitálias.

Ainda sobre as experiências do beijo em nosso cérebro, o primeiro deles traz para o nosso corpo uma avalanche de novidades. Há um grande influxo de dopamina para o cérebro no mesmo caminho que algumas drogas estimulantes fazem. Ou seja, o beijo é com um antidepressivo. A adrenalina e noradrenalina se espalham na corrente sanguínea e seu coração bate mais forte, mandando uma quantidade maior de oxigênio para o cérebro. Além de fazer as pupilas dilatarem, o que pode ser um motivo para fecharmos os olhos enquanto nos beijamos.

Também há uma descarga de endorfina pela hipófise, que leva a um estado de euforia e a sensação de que o tempo passa de forma diferente. Outro benefício do beijo observado por pesquisadores é de que se dado durante vários dias seguidos, ele diminui o produto químico relacionado com o stress, o cortisol.

Portanto, beijar faz muito bem à saúde. Cria laços entre as pessoas e não depende de cor, sexo, religião, classe social ou posição política para deixar alguém mais feliz!





## Anexo F

segunda-feira, 24 de maio de 2010

## A Base Científica da Traição



### Ciência pode explicar por que homens e mulheres traem

Por que alguns homens e mulheres traem seus parceiros enquanto outros resistem à tentação? Para encontrar a resposta, número crescente de pesquisas vêm se concentrando nos aspectos científicos do relacionamento. Os cientistas estão avaliando tudo, dos fatores biológicos que parecem influenciar a estabilidade marital à resposta psicológica da pessoa depois de flertar com um desconhecido.

As constatações sugerem que embora algumas pessoas possam ser mais naturalmente resistentes à tentação, homens e mulheres também podem se treinar para proteger seus relacionamentos e estimular seu senso de devoção. Estudos recentes indicaram a possibilidade de que fatores genéticos influenciem a fidelidade e a estabilidade marital. Hasse Walum, biólogo do Instituto Karolinska, na Suécia, estudou 552 duplas de gêmeos para descobrir mais sobre um gene relacionado à regulação do vasopressin, um hormônio cerebral de adesão. Em termos gerais, os homens que portavam uma variação do gene apresentavam menor probabilidade de casamento; entre os casados, essa variante do gene denotava maior probabilidade de problemas conjugais sérios e esposas infelizes. Um terço dos portadores de duas cópias da variação genética haviam passado por séria crise de relacionamento nos 12 meses precedentes, o dobro da proporção encontrada entre os homens nos quais a variante não existe.

Mesmo que o traço seja ocasionalmente definido como "gene da fidelidade", Walum desaprova o nome: a pesquisa dele se refere à estabilidade conjugal e não à fidelidade. "É difícil empregar essa informação para prever comportamento masculino futuro", disse. Agora, ele e os colegas estão trabalhando para conduzir pesquisas semelhantes com as mulheres. Embora possam existir diferenças genéticas que influenciam a fidelidade, outros estudos sugerem que é possível treinar o cérebro de modo a resistir à tentação.

Uma série de estudos incomuns conduzidos por John Lydon, psicólogo da Universidade McGill, em Montreal, estudam as reações de pessoas envolvidas em relacionamentos estáveis diante da tentação. Um dos estudos envolvia homens e mulheres em relacionamentos estáveis que eram convidados a avaliar os atrativos de pessoas do sexo oposto, por meio de uma sequência de fotos. As classificações mais altas, nada surpreendentemente, couberam às pessoas usualmente vistas como mais atraentes.

Mais tarde, lhes foram exibidas fotos semelhantes, acompanhadas pela informação de que aquela pessoa desejava conhecer o participante. Nessa situação, as notas dadas pelos participantes se provaram consistentemente inferiores às do primeiro teste. Quando atraídas por alguém que poderia ameaçar o relacionamento, as pessoas pareciam decidir instintivamente que "ele/a não é tudo isso". "Quanto mais firme o compromisso", diz Lydon, "menos atraente será a pessoa que pode ameaçar um relacionamento".

## Anexo F - Continuação

Mas algumas das pesquisas na McGill demonstram diferenças entre os sexos, na resposta às ameaças de traição. Em estudo envolvendo 300 homens e mulheres heterossexuais, metade do grupo foi estimulado a trair, ao imaginar um flerte verbal com alguém que considerassem atraente, e os demais foram estimulados a imaginar uma conversa normal. Depois disso, os participantes foram convidados a resolver testes verbais simples.

Sem que os participantes soubessem, os fragmentos de palavras usados no teste constituíam um teste psicológico para revelar sentimentos inconscientes quanto à fidelidade. (Testes semelhantes são usados para estudar sentimentos inconscientes de preconceito e estereotipagem.)

Entre os participantes que imaginaram uma conversa normal, não surgiu qualquer padrão discernível. Mas havia diferenças entre os homens e mulheres que haviam fantasiado um flerte. Nesse grupo, os homens apresentavam maior probabilidade de responder aos testes com termos neutros como "local" e "amealha", enquanto as mulheres que imaginaram flertes apresentavam maior propensão a escolher "leal" e "ameaça", o que sugere que o exercício havia acionado suas preocupações inconscientes quanto à lealdade conjugal.

É claro que isso não necessariamente prevê comportamento no mundo real. Mas a diferença pronunciada nas respostas levou os pesquisadores a imaginar que mulheres talvez tenham desenvolvido uma espécie de sistema de alerta antecipado quanto a ameaças ao relacionamento. Outros estudos da McGill confirmaram as diferenças nas reações masculinas e femininas a essas ameaças. Em um deles, atores ou atrizes atraentes foram usados para flertar com os participantes em uma sala de espera. Mais tarde, os participantes responderam a perguntas sobre seus relacionamentos, especialmente como reagiriam ao mau comportamento de um parceiro, por exemplo atrasos ou esquecer de telefonar como combinado.

Os homens que tivessem acabado de flertar se mostravam menos tolerantes quanto a deslizos hipotéticos de suas parceiras, o que sugere que as atrizes atraentes atenuaram sua devoção às parceiras, por algum tempo. Mas as mulheres que tivessem flertado mostravam maior disposição a perdoar e a encontrar desculpas para seus parceiros, o que sugere que os flertes anteriores deflagram uma resposta protetora quando o relacionamento estável é discutido.

"Nossa impressão, nesses estudos, é a de que os homens podem ter compromisso firme, mas as mulheres têm planos de contingência - uma alternativa atraente aciona o alarme", disse Lydon. "As mulheres classificam essa atração como ameaça automaticamente, e os homens não". A questão seria determinar a possibilidade de treinar alguém a resistir a essa tentação. Em outro estudo, a equipe propôs a universitários homens envolvidos em relacionamentos estáveis que imaginassem encontrar uma mulher atraente em um final de semana no qual suas namoradas estivessem ausentes. Alguns dos homens foram convidados, depois, a criar um plano de contingência, completando a frase: "Se ela me abordar, eu \_\_\_\_ para proteger o meu relacionamento".

Porque os pesquisadores não podiam usar uma mulher real como tentação, criaram um jogo de realidade virtual no qual duas das quatro salas exibiam imagens subliminares de mulheres atraentes. Os homens que haviam planejado como resistir à tentação gravitavam para essas salas 25% do tempo, enquanto os demais o faziam 62% do tempo.

No entanto, podem não ser os sentimentos de amor e lealdade que mantêm os casais unidos. Cientistas especulam, em lugar disso, que o nível de dedicação pode depender de até que ponto o parceiro melhora sua vida e amplia seus horizontes - conceito que Arthur Aron, psicólogo e pesquisador sobre relacionamentos na Universidade de Stony Brook, define como "autoexpansão".



## Anexo G

## Por que os homens traem? O Efeito Coolidge explica!

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 30 DE JUNHO DE 2014

PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO



Acho que as meninas vão ficar um pouco bravas com o que vão saber agora. Quando a ciência tenta explicar um comportamento animal, sempre vão haver pontos onde a seleção natural fala mais alto. Em experimentos com ratos, ao colocar uma fêmea na gaiola de um macho, não demora muito tempo para que a cópula aconteça e depois dessa, várias outras. Depois, progressivamente, a libido do macho cai, aquela fêmea deixa de ser tão interessante e a convivência na gaiola torna-se sexualmente morna. Mas, se esta fêmea é retirada e uma nova fêmea é introduzida, a libido do macho é imediatamente reativada, e ele iniciará quantas cópulas forem permitidas. Os cientistas chamam este comportamento de "**Efeito Coolidge**", descrito por Bermant, em 1976.

Assim, o Efeito Coolidge é definido no mundo científico, como um fenômeno que se passa com várias espécies de mamíferos machos (e, em poucas fêmeas) em que apresentam um expressivo interesse de renascimento sexual quando é introduzido de um novo parceiro sexual, mesmo quando o antigo parceiro ainda esteja disponível. Segundo os cientistas, o efeito Coolidge é atribuído a um aumento nos níveis de dopamina, uma substância química liberada pelo cérebro que desencadeia, entre outras sensações, o prazer.

Embora o Efeito Coolidge seja um pouco diminuído nos primatas, especialmente nos seres humanos que possuem consciência moral para lidar com a necessidade de renovação sexual, os vestígios deste fenômeno ainda são aparentes quando observamos os relacionamentos entre os casais. Os dados que ilustram este efeito em seres humanos foram relatados por Wilson (1981), onde os resultados mostraram claramente que a necessidade de renovar o parceiro é de maior interesse para os homens do que para as mulheres. Na natureza, os machos não se importam com o sexo, e só o fazem para reprodução, isso predispõe o macho a necessidade de variedade, para que ele não desperdice o sêmen com fêmeas que já foram inseminadas e, ao contrário, insemine quantas fêmeas puder. O livro "O Mito da Monogamia" discute que o homem mantém suas origens como os machos antepassados, já a mulher, evoluiu em relação às fêmeas.

O nome "Efeito Coolidge" veio de um relato em um livro de 1978, onde conta-se a história de que o Presidente Calvin Coolidge e sua esposa estavam conhecendo separadamente uma fazenda experimental do governo. Quando a Sra. Coolidge foi ao galinheiro soube que o galo copulava dezenas de vezes por dia. Ela então disse: "Diga isso ao presidente quando ele passar por aqui." Ao ser informado, o presidente perguntou: "ele copula com a mesma galinha todas as vezes?" A resposta foi: "Oh, não, Sr. Presidente, uma galinha diferente a cada vez." Presidente: "Diga isso à Sra. Coolidge."



Efeito Coolidge: necessidade do macho de renovar a parceria sexual para garantir a inseminação do máximo possível de fêmeas.

Fonte: Uol, Heralical e Wikipedia



## Anexo H

18  
Ago**Sete coisas para você ser mais feliz**

Vida de Estudante

Todos querem ser felizes. Quem nega isto mente ou nunca teve a experiência de ser arrebatado pelo incrível sentimento de felicidade. Mas a gente erra muito nesta procura. Nesta lista estão sete pontos para conseguir atingir este objetivo e todos eles são comprovados cientificamente. Confira!



## 1. Tenha cultura

Comprovado cientificamente, pessoas que realizam mais atividades culturais tem uma saúde melhor e, consequentemente, são mais felizes. O estudo, realizado em 2011 e publicado na revista *Journal of Epidemiology*, mostrou que mesmo sem dinheiro, as pessoas que saiam de casa para ir ao teatro, exposição de arte, shows ou apresentações de dança, apresentavam uma saúde melhor do que aqueles que não saiam. Apesar de não ser possível relacionar a causa e efeito dos fatores do estudo, uma coisa é clara, ter estas atividades pode melhorar a sua qualidade de vida. (Fonte)



## 2. Ter um bicho de estimação

Pessoas que têm um animal em casa tendem a ser mais felizes do que aquelas que não têm. Também em um estudo realizado no ano de 2011, agora na revista *Personality and Social Psychology*, sugeriu que ter a companhia de um animal aumenta a autoestima dos seus donos. Além disso, eles reportaram que os animais de estimação têm a mesma capacidade de funcionar como uma amizade humana, diminuindo o sentimento de rejeição social. (Fonte)



## Anexo H - Continuação



### 3. Pratique a gratidão

O poder do pensamento positivo realmente funciona. Em uma revisão de mais de 51 artigos que relacionavam os níveis de felicidade e o pensamento positivo sobre a vida revelou que há uma relação entre o estado psicológico sobre como encaramos a vida e ser feliz. Os pesquisadores também fizeram alguns testes. Um deles era escrever três palavras relacionadas a coisas boas. O resultado foi uma melhora na felicidade das pessoas. E mais impressionante, quando as palavras escritas eram focadas em outras pessoas que não aquelas que participavam do teste, algo como escrever uma carta contando boas notícias para um amigo, os efeitos da felicidade duravam por semanas. Mas o mais legal vem agora: as cartas nem eram enviadas, evidenciando que nós fazemos acontecer o nosso estado psicológico. Portanto, xô negatividade!



### 4. Cultive o altruísmo

Esta saiu na respeitável revista *Science*. Dar é receber. Quem doa algo, pode ser dinheiro, pode ser trabalho, pode ser tempo, pode ser sangue recebe felicidade em troca. E mais, não é só de felicidade que o altruísmo é responsável, mas em outro estudo revelou que pessoas altruístas vivem mais. ([Fonte](#))



## Anexo H - Continuação

## 5. Nostalgia também é bom

Olhar o passado de forma alegre é muito importante para o presente. Em um estudo publicado há três anos, os pesquisadores acharam uma relação em que pessoas extrovertidas são desta forma porque cultivam boas relações com as situações passadas. Lembrar de coisas boas e ver o lado bom dos problemas que você já passou, fazem você uma pessoa melhor.



## 6. Faça amor, não faça a guerra

A vida sexual saudável e ativa é a chave do sucesso para ser feliz no dia-a-dia. Um estudo de 2008 mostrou que mulheres em menopausa e que continuaram a ter relações sexuais de forma satisfatória passavam muito bem por esta fase que está muito ligada aos problemas de depressão. Mais recentemente, outro estudo mostrou que pessoas muito ansiosas ficavam menos tensas quando praticavam sexo mais regularmente. E não é só de sexo que podemos falar em relação a felicidade e relacionamento. Em 2010, outro artigo publicou que abraços e demonstrações de carinho aumentam a felicidade. ([Fonte](#), [Fonte](#))



## 7. Para ser feliz, não se concentre na felicidade

Esta é para detonar. Pra ser feliz, você não pode procurar a felicidade! Entende? A felicidade não é algo para ser buscado, mas algo que vai acontecer quando você relaxa, quando você procura agir de forma positiva com a vida e também quando você quer manter relacionamentos corretos com as pessoas, sem ódio, sem preconceito, sem mágoa, sem interesse. As pessoas que buscam a felicidade criam expectativas. Como são expectativas, na maioria das vezes elas não se concretizam e assim a infelicidade é o resultado. Portanto, não busque ser feliz, faça as coisas acontecerem! ([Fonte](#))



## Anexo I

## Hepatite B pode ser sexualmente transmissível mesmo para pessoas vacinadas?

POR ANA SÍLVIA - BIOMÉDICA – 19 DE JULHO DE 2014

PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO, VISITANTE CURIOSO



81



6



4



*“Tenho hepatite B e vou me casar, meu noivo já tomou todas as vacinas. Queria saber se mesmo assim, posso passar a doença para ele. Também queria saber por que a hepatite B é sexualmente transmissível!” Carla Nogueira*

Carla, infelizmente a chance existe, ainda que pequena (por volta de 5%), de você transmitir o vírus para o seu marido. A vacina contra a hepatite B é bastante eficaz, com proteção de cerca de 95% e duração de mais de 15 anos. Por nos garantir esse longo período de imunidade contra o vírus, no momento não há recomendações para que doses de reforço sejam tomadas. Mas como a proteção não é de 100%, é aconselhável o uso de preservativos em todas as relações sexuais.

Muitas pessoas não sabem que a hepatite B é uma doença sexualmente transmissível (DST), e que é muito mais fácil contrair hepatite B por via sexual do que HIV! O vírus dessa hepatite é encontrado em todas as secreções corporais e também nas excreções. Porém, apenas o sangue, fluidos vaginais e sêmen são infecciosos porque apresentam alta concentração do vírus. Como quantidades mínimas de sangue bastam para transmiti-lo, pessoas que moram com um portador do vírus devem tomar a vacina.

Além dessas vias existe a transmitida da mãe para o bebê durante o parto. Como o recém-nascido não tem o sistema imune maduro, são grandes as chances de desenvolver a forma crônica da doença, que pode levar a um câncer hepático. Para evitar esse apavorante quadro, deve ser administrada uma combinação de anticorpos e vacina contra a doença logo após o nascimento.

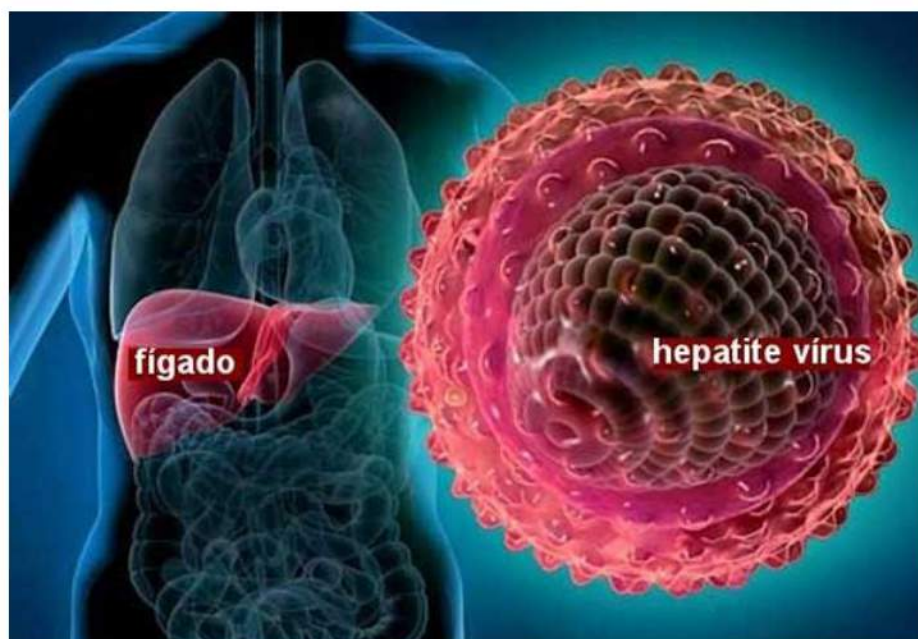
Com os cuidados necessários, uma pessoa com hepatite B pode ter uma vida sexual normal e ter filhos sem problemas, mas precisa do acompanhamento médico!

## Anexo I - Continuação



Desde que tenha acompanhamento médico, o casal não precisa se preocupar e pode ter uma vida sexual normal.

Foto: Reprodução/lookfordiagnosis



A vacina contra a hepatite B é bastante eficaz, com proteção de cerca de 95% e duração de mais de 15 anos. Foto: Reprodução/rizalfazar

Fontes: [Who](#), [DrauzioVarella](#) e Microbiologia Médica e Imunologia

## Anexo J

segunda-feira, 2 de agosto de 2010

## Diminuindo Riscos

### Gel pode reduzir contaminação por HIV em 54%, diz teste

Um gel de aplicação vaginal contendo uma concentração de 1% do remédio antirretroviral tenofovir pode reduzir o risco de uma mulher contrair o vírus causador da aids, o HIV, em até 54%, de acordo com estudo que será publicado na edição desta semana da revista Science e que foi divulgado nesta tarde.

Realizado com 889 mulheres sul-africanas sexualmente ativas de idade entre 18 e 40 anos, o gel mostrou uma eficácia média de 39% em todo o grupo estudado, chegando a 54% entre as mulheres que seguiram as orientações de aplicação ao pé da letra. Num benefício colateral inesperado, o gel também reduziu em mais de 50% a incidência de herpes.

Para a realização do experimento, o conjunto de mulheres foi dividido em dois grupos, sendo que 445 receberam o gel de tenofovir e 444, um placebo - um gel idêntico ao medicamento, mas sem ingrediente ativo. Nem as mulheres, nem os pesquisadores, sabiam quem estaria recebendo o quê. A instrução era que uma dose fosse aplicada na vagina menos de 12 horas antes da relação sexual e outra, no máximo 12 horas depois.

As voluntárias foram acompanhadas por 30 meses, período em que receberam visitas mensais, quando eram testadas para o vírus da aids e orientadas sobre o uso de preservativo e a prevenção de outras doenças sexualmente transmissíveis. Ao final do período, 98 mulheres haviam se tornado HIV positivas: trinta e oito do grupo que havia usado o gel com antirretroviral e 60 das que haviam usado o placebo.

Os principais autores do estudo, o casal Quarraisha Abdool Karim e Salim S. Abdool Karim, advertem que mais estudos serão necessários para confirmar os resultados obtidos. O gel, se tiver a eficácia confirmada, não deve chegar ao mercado antes de dois anos. Segundo cientistas, é preciso confirmar o resultado deste estudo, expandir suas conclusões e entender por que a proteção oferecida não foi maior que a verificada.

Os pesquisadores reconhecem que poderão enfrentar críticas quanto à ética de reproduzir o experimento com placebo, já que isso envolverá negar a parte das voluntárias - todas mulheres em risco de contrair aids - o acesso a um produto que poderia ser capaz de protegê-las, mas ponderam que não é incomum que um resultado positivo inicial acabe desmentido quando se tenta reproduzi-lo.





## Anexo J - Continuação

"Espero que esse não seja o caso aqui", disse Salim Abdool Karim, em entrevista coletiva.

"Eu gostaria de ver estudos confirmatórios com placebo, gostaria de ver que estes resultados são replicáveis", disse ele. "O desafio é ver se a necessidade de replicação supera a necessidade real de deixar sítio disponível para as mulheres que estão sendo infectadas. São desafios em que nós teremos de pensar, bem como o comitê de ética".

De acordo com os autores, todas as participantes do experimento foram instruídas sobre a natureza do estudo e o que significa um controle com placebo. O artigo científico que apresenta os resultados destaca a importância de dar às mulheres, que podem se ver "incapazes de negociar o uso de preservativos ou a monogamia mútua", um meio de controlar o contágio da aids.

Estatisticamente, a eficácia do gel parece cair com o tempo: o risco de infecção reduziu-se em 50% nos primeiros 12 meses do estudo, mas voltou a subir depois. Os cientistas atribuem isso a um relaxamento na aderência das voluntárias. "Nós dizíamos repetidamente a essas mulheres que não sabíamos se o gel iria funcionar, e nem se ele seria seguro", lembrou Salim Abdool Karim.

Em termos de segurança, o gel não causou efeitos negativos. Apenas casos de diarreia leve pareceram se tornar mais comuns entre as mulheres que usaram o produto com o ingrediente ativo.

Das participantes do estudo, 68% contaram aos parceiros do sexo masculino o que estavam fazendo, de acordo com questionário aplicado pelos pesquisadores. Dos homens informados, 6% não gostaram da ideia, mas nenhuma mulher abandonou o experimento por causa disso. Este é o primeiro gel antimicrobiano a se mostrar eficaz contra o HIV. Fórmulas diferentes já haviam sido testadas anteriormente, sem sucesso. Os autores do trabalho atribuem o resultado ao fato de este ser o primeiro gel baseado num antirretroviral, o mesmo tipo de droga que compõe os "coquetéis" usados para controlar o vírus em pessoas infectadas.

Uma simulação matemática citada pelos autores do estudo indica que, se os níveis de eficácia do gel de tenofovir se confirmarem, apenas na África do Sul seu uso poderia salvar pelo menos 820.000 vidas ao longo de 20 anos. O estudo foi realizado numa parceria entre África do Sul e Estados Unidos, envolvendo pesquisadores dos dois países.

Fonte: [Estadão](#)

---

Postado por Heytor Neco às 12:16       Recomende isto no Google

Marcadores: [Notícias](#), [Saúde](#)

## Anexo L

terça-feira, 16 de março de 2010

## Banana X Aids

### Proteína da banana pode prevenir transmissão sexual da aids

Um estudo americano publicado nesta segunda-feira revela que uma classe de proteína presente nas bananas pode prevenir a transmissão sexual do vírus da aids. Segundo os pesquisadores da Escola de Medicina da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, a lectina BanLec é um inibidor natural do HIV "tão potente quanto duas das principais drogas utilizadas atualmente no tratamento da doença".

A pesquisa publicada na mais recente edição da revista especializada *Journal of Biological Chemistry* explica que o BanLec bloqueia a ação do vírus HIV antes que ele possa se fixar às células sanguíneas.



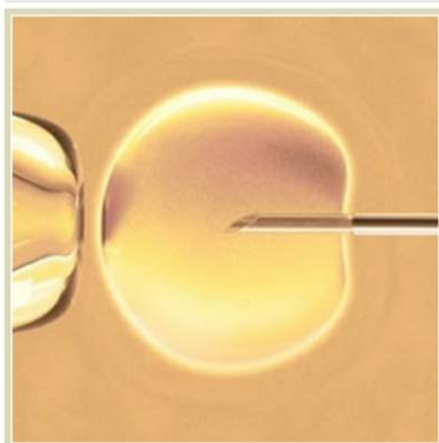
Use condoms. You've got good reasons for that.



## Anexo M

terça-feira, 9 de março de 2010

## Proveta e Saúde



### Bebês de proveta podem enfrentar maiores riscos de saúde

Desde o nascimento do primeiro bebê de proveta, em 1978, mais de 3 milhões de crianças nasceram com a ajuda da tecnologia reprodutiva. A maioria delas é saudável. Mas, como grupo, têm maior risco de nascer com peso menor, o que se associa no decorrer da vida à obesidade, hipertensão e diabetes tipo 2.

Carmen Sapienza, geneticista da Temple University School of Medicine, na Filadélfia, está estudando dois grupos de crianças – um constituído por concebidas naturalmente e outro por concebidas por meio de tecnologia de reprodução assistida – a fim de identificar suas diferenças epigenéticas (alterações na expressão genética molecular causadas por outros mecanismos de mutações na sequência do DNA propriamente dito). Ele está particularmente interessado em uma alteração cromossômica chamada metilação do DNA, segundo pesquisa que apresentou em 22 de fevereiro no encontro anual da Associação Americana para o Avanço da Ciência. “Descobrimos que 5% a 10% dessas alterações cromossômicas eram diferentes em crianças nascidas por meio de reprodução assistida, e isso alterou a expressão de genes próximos”, diz Sapienza. Vários dos genes cuja expressão difere entre os dois grupos têm sido responsáveis por doenças metabólicas crônicas, como obesidade e diabetes tipo 2.



## Anexo M - Continuação

Por termos DNA idêntico em cada uma das nossas células, nossos corpos desenvolvem mecanismos como a metilação do DNA, para controlar quais genes são expressos em certos tipos de célula – processo chamado de impressão genômica. Quando um grupo metilo (átomo de carbono com três átomos de hidrogênio em anexo) se liga a uma molécula de citosina (um dos quatro nucleotídeos que compõem o DNA), passa-se a informação ao mecanismo das células para não transcrever aquele gene “É importante, porque todos os genes do mesmo tipo não podem ser expressos em toda célula”, Sapienza explica. “Metilação do DNA no rim é diferente de metilação do DNA no fígado”, diz ele. Isso é o que faz cada órgão único.

Mas o mecanismo não é perfeito: “Se você olhar para os tumores, eles tendem a ter hipometilação global, mas hipermetilação em alguns genes”, continua Sapienza. “Se você tomar por base a população normal, e pesquisar qual o número de pessoas com um defeito de metilação no gene que codifica insulina como fator de crescimento 2, chegará à cifra de cerca de 5%. Mas, se você for para uma clínica gastrointestinal e selecionar todas as pessoas com câncer do cólon, essa cifra aumenta para um terço do total.”

Os primeiros indícios de que a reprodução assistida causava alterações na metilação e na expressão de genes surgiram de estudos de clonagem de animais em 2001, disse Sapienza. “Eles perceberam que a fertilização in vitro resultou na síndrome de prole grande [caracterizada por uma placenta grande e disfuncional] e defeitos do coração”, diz ele. “Quando você usa os modelos animais e faz coisas comumente feitas na reprodução assistida, a resposta é sim, isso afeta a metilação do DNA.”

Defeitos de metilação também causam desordens cromossômicas raras: síndrome de Angelman e síndrome de Beckwith-Wiedemann – ambas doenças congênitas complexas que se caracterizam por peso anormal no nascimento. O risco aumenta em até cinco vezes com a reprodução assistida – saltando de 1 em 15 mil-20 mil crianças, para 1 em 4 mil, diz Sapienza.

Ainda não se sabe se a tecnologia reprodutiva ou algum subproduto da infertilidade é o causador dos defeitos de metilação. Mas Sapienza planeja chegar à resposta em estudos futuros. “Uma fração de pessoas que têm filhos utilizando a tecnologia de reprodução assistida foi fértil antes da laqueadura tubária. Você pode comparar essas crianças com os nascidos de pais inférteis para determinar se a fertilidade é a questão. Esse é o modo como vamos tentar fazer isso”, diz. Ele não especula sobre qual é a causa mais provável, mas disse que muitas coisas, como as mutações do gene, podem causar defeitos de metilação e resultar em infertilidade. “A tecnologia de reprodução assistida subverte esses [defeitos]”, diz ele.

Sapienza diz que o próximo passo é repetir o estudo considerando mais genes. O atual estudo analisou cerca de 800, mas ele gostaria de analisar todos os 54 mil. Ele também espera acompanhar essas crianças a longo prazo para determinar se elas têm maiores taxas de obesidade ou diabetes. Para Sapienza, o objetivo não é fazer com que os pais se preocupem, mas sim para tornar as pessoas conscientes de suas predisposições genéticas e incentivá-las a manter a boa saúde.

Fonte: [SciAm Brasil](#)

Postado por Heytor Neco às 12:23     Recomende isto no Google

Marcadores: [Genética](#), [Notícias](#), [Saúde](#)



## Anexo N

## Mãe fumantes afetam o DNA de seus bebês

📅 18:45 📁 Genética

As mulheres grávidas que fumam não só prejudicam a própria saúde, como também afetam o DNA de seu bebê, de acordo com uma nova pesquisa. A descoberta pode explicar por que os filhos de fumantes continuam a sofrer complicações de saúde mais tarde na vida.

Bebês nascidos de mães fumantes tendem a ser menores, apresentaram função pulmonar prejudicada, e tem uma maior incidência de defeitos congênitos. Mesmo como adultos, esses indivíduos apresentam problemas de saúde e comportamentais, sendo mais propensos a sofrer de asma, dependência da nicotina, e abuso de substâncias. "Nós temos uma compreensão limitada dos mecanismos biológicos para estes efeitos", disseram a epidemiologista genética Christina Markunas e o epidemiologista perinatal Allen Wilcox, do Instituto Nacional de Ciências de Saúde Ambiental em Research Triangle Park, Carolina do Norte, em um e-mail conjunto para a *Science*. Vários gatilhos-ambientais, que vão do estresse a dieta, podem modificar quimicamente o DNA do bebê, transformando determinados genes, ativando ou desativando-os.



O novo estudo é um dos maiores de seu tipo para investigar se o tabagismo materno pode causar tais mudanças. Os pesquisadores analisaram o sangue coletado de 889 bebês logo após o parto; aproximadamente um terço dos quais nasceram de mães que fumaram durante o primeiro trimestre. A equipe olhou para os sinais químicos chamados 'grupo metil' de apenas um dos vários tipos de modificações epigenéticas no DNA.

Os resultados do estudo foram surpreendentes. Crianças nascidas de fumantes apresentaram mudanças epigenéticas em seu DNA que não estavam presentes nos filhos de não-fumantes, conforme relataram na *Environmental Health Perspectives*. Em comparação com os filhos de mães não fumantes, os bebês nascidos de fumantes tinham alterações em regiões mais de 100 regiões de seus genes. Entre os genes afetados estavam aqueles ligados ao desenvolvimento fetal, os que estão envolvidos com a dependência da nicotina, e a capacidade de parar de fumar.

## Anexo N - Continuação

O trabalho oferece algumas das evidências mais fortes até agora de que os comportamentos maternos podem modular o DNA fetal durante a gravidez. Além disso, os resultados são apoiados por pesquisas anteriores indicando que tabagismo materno pode alterar o DNA do recém-nascido, diz Andrea Baccarelli, diretora do Laboratório Epigenético Ambiental da Universidade de Harvard. Os resultados desta investigação em grande escala são consistentes com os resultados de estudos menores, anteriores, bem como a pesquisa de examinar diretamente os efeitos de substâncias químicas do cigarro em células, observa. "É um maravilhoso exemplo de convergência entre [em laboratório] estudos de toxicologia e estudos humanos".

Ainda assim, várias questões permanecem. Por um lado, as mudanças epigenéticas detectadas em recém-nascidos podem não ficar por aqui. "Não há nenhuma maneira de dizer se essas alterações epigenéticas são fugazes e partem do desenvolvimento de células normais ou mais permanentes ou se são verdadeiramente um resultado da exposição à fumaça", diz o geneticista comportamental Valerie Knopik de Rhode Island, em Providence Hospital e Alpert Medical School da Universidade Brown.

Apesar de mais pesquisas serem necessárias para compreender as implicações das mudanças no DNA observados em recém-nascidos, os resultados abrem as portas para outras questões relativas à saúde das crianças. "Se o tabagismo materno pode alterar o perfil de metilação do DNA de recém-nascidos, outras exposições ambientais a produtos químicos, tais como aqueles encontrados no ar, nossas casas e alimentos, durante a gravidez também podem ter efeitos epigenéticos", Markunas e Wilcox escreveram. "Nós apenas arranhamos a superfície de como exposições durante a gravidez podem afetar o bebê." Agora, a equipe continua em busca de respostas para essas questões.

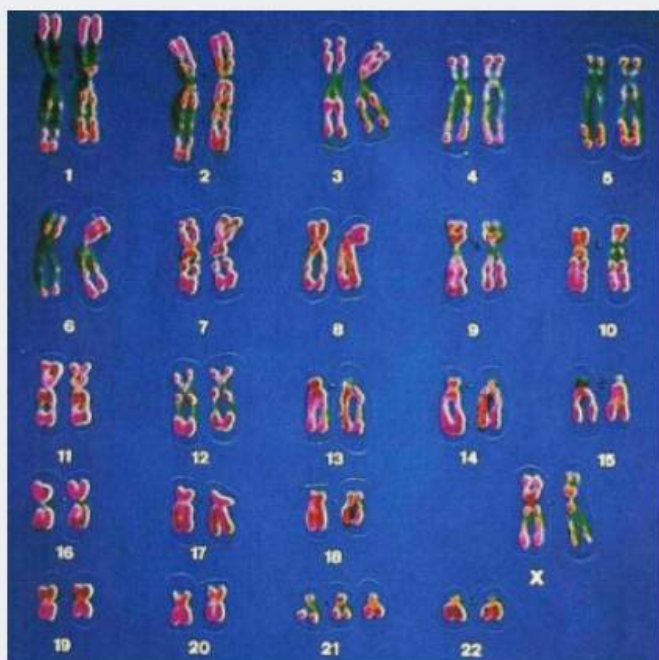
Fonte: [Science](#) / [Veja o artigo completo](#).

## Anexo O

**“DESLIGANDO” O CROMOSSOMO QUE CAUSA A TRISSOMIA DO 21**17/07/2013 por *Andrea Barreto*

Rate This

Trissomia do 21 ou Síndrome de Down é uma das síndromes que acometem os seres humanos. Cada ser humano possui 23 pares de cromossomos em cada uma de suas células. É como se a gente carregasse uma biblioteca de informações dos nossos pais em cada célula. Mas em alguns casos acontece uma falha. No caso da Síndrome de Down o par 21 vem com mais um cromossomo, daí o nome: Trissomia (Tri-três) do 21!



Neste caso, a criança e depois, o adulto tem várias características próprias e possui uma dificuldade no aprendizado, entre outras coisas.

A boa notícia é que Cientistas foram capazes de neutralizar o cromossomo extra responsável por causar a Síndrome de Down em células humanas isoladas. O resultado do experimento, apesar de estar longe de ser aplicado em humanos, representa um avanço na construção de um possível tratamento.

Os pesquisadores deixam claro que um tratamento completo da síndrome ainda está muito distante, mas que sua descoberta traz esperanças para a diminuição desses 'efeitos colaterais' da anomalia genética. "Vamos entender melhor os defeitos celulares da síndrome de Down e descobrir se eles podem ser tratados com medicamentos. Há uma possibilidade remota de que possamos desenvolver uma terapia de cromossomos para a síndrome de Down, mas isto daqui a mais de 10 anos. Não quero aumentar as esperanças das pessoas", declarou a cientista Jeanne Lawrence, uma das responsáveis pela pesquisa.

## Anexo O - Continuação

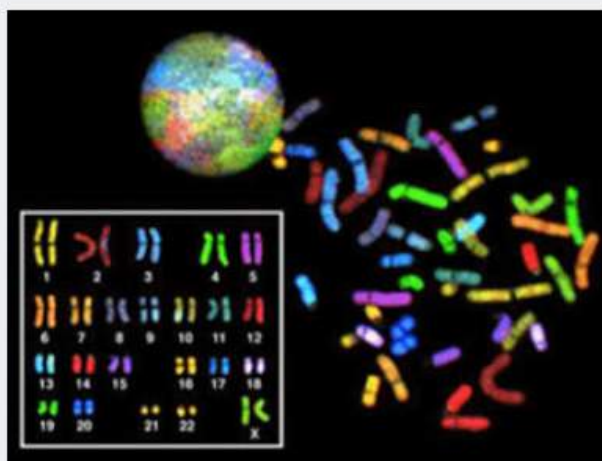
Como se fez isso?

Nos 23 pares de cromossomos temos 1 par que é responsável pelas características do sexo. Se a pessoa é do sexo masculino o par é XY e se for mulher XX. O caso é que o cromossomo X é um pouco maior que o Y e no caso das mulheres que possuem um par de X, isso poderia ser um problema. Com mais informações, as células poderiam se "atrapalhar". Mas existe um gene chamado de XIST que desativa o que tem a mais no caso do par XX.

Foi esse gene XIST que foi usado para "calar" o cromossomo a mais na Trissomia do 21.

Agora os cientistas analisam os resultados do tratamento em ratos, silenciando o cromossomo 21 extra em embriões. O mesmo método, por enquanto, não pode ser aplicado em humanos, tanto por uma impossibilidade técnica quanto por problemas éticos – o tratamento precisaria ser feito no útero e a maioria, se não todas, as células do embrião precisariam ser corrigidas uma a uma.

Isso é ou não um avanço?



Partilhe:



6



25



1



Um blogueiro curtiu disso.



## Anexo P

## MRKH: mulheres que não possuem abertura genital

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 16 DE NOVEMBRO DE 2013

PUBLICADO EM: ANOMALIAS, CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO



216



21



9

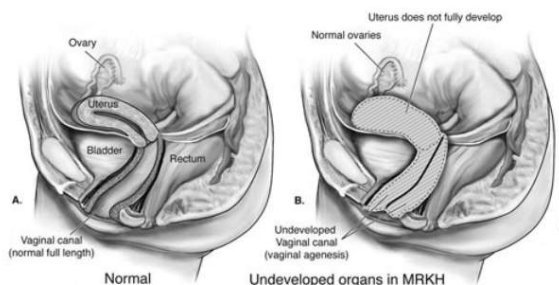


Pode parecer estranho, mas essa síndrome ocorre sim e atinge uma em cada 5.000 mulheres. Conhecida como Síndrome de Mayer-Rokitansky-Küster-Hauser (MRKH), esta doença se manifesta com a mal formação do sistema reprodutivo feminino resultando em uma agenesia da abertura genital (ausência de abertura genital). Nesta condição ocorre ausência ou subdesenvolvimento do útero e canal vaginal incompleto e raso (com no máximo 3,5 cm de profundidade). No entanto os ovários existem e, normalmente, funcionam.

As pacientes apresentam a aparência externa dos órgãos genitais completamente normal (clitóris, pelos pubianos etc.) e no lugar onde deveria haver a abertura genital, existe apenas uma pequena cavidade. Por esse motivo, as pacientes descobrem a síndrome somente quando tentam fazer sexo ou quando procuram um médico para investigarem o fato de ainda não terem menstruado.

Mulher com MRKH não podem ter filhos e antes de terem relação sexual é necessário passar por uma intervenção cirúrgica. A causa da síndrome ainda é desconhecida apesar de alguns especialistas acreditarem que está ligada a fatores genéticos. No entanto, até agora não foram identificados quaisquer genes associados à MRKH. A maioria dos casos ocorre em pessoas sem histórico familiar da doença e a herança da condição através de gerações é muito pouco frequente.

Os portadores da anomalia podem sofrer conflitos de identidade de gênero e de auto-imagem, problemas de relacionamentos afetivos e de futura maternidade. O único tratamento para reversão do problema é a vaginoplastia que não deixa cicatrizes externas e não compromete o prazer sexual. Este ficará quase sempre intacto já que o orgasmo feminino provém essencialmente do clitóris e este órgão não afetado pela síndrome.



## Anexo Q

## Síndrome rara faz com que mulheres tenham centenas de orgasmos por dia

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 20 DE JULHO DE 2014

PUBLICADO EM: ANOMALIAS, CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO



Sim, isso é possível. O nome desta doença, considerada rara, é PSAS (em inglês "*Persistent Sexual Arousal Syndrome*"). No Brasil, os médicos chamam de Síndrome de Excitação Sexual Persistente. O problema só ocorre em mulheres e trata-se de uma excitação genital espontânea e persistente, que resulta em orgasmos incontroláveis durante todo o dia em qualquer lugar, a qualquer hora, fazendo qualquer coisa. Isso tudo, sem que a pessoa esteja pensando, sentindo ou desejando sexo. Uma mulher acometida por essa desordem pode ter de 80 a 500 exaustivos orgasmos diários!

O mínimo estímulo é motivo para desencadear excitação extrema seguida de orgasmo: um secador ligado, o movimento do carro, a vibração do celular e até mesmo, música alta. Segundo especialistas, há um aumento há um aumento de fluxo sanguíneo persistente nos órgãos sexuais que faz com que a mulher esteja constantemente excitada. Suas causas ainda não estão definidas, mas acredita-se que uma inflamação nos órgãos pélvicos, resultam em um estímulo constante no nervo que irriga o clitóris, aumentando ali a circulação de sangue como ocorre durante a excitação feminina. Todos os casos relatados aconteceram na vida adulta, e a maioria das mulheres afirmam que sofreram algum trauma pélvico antes de desenvolverem PSAS.



**Zara Richardson, inglesa, enfermeira, 30 anos, já contabilizou 500 orgasmos por dia.**

*"Fui diagnosticada com PSAS em 2010, depois de passar por dois meses sentindo-me constantemente excitada. Eu achava que era uma louca ninfomaniaca, mas descobri pela internet que realmente existe essa doença. Meu médico receitou antidepressivos leves, analgésicos e anti-inflamatórios para os dias de ataques incontroláveis. Faço uso de compressas quentes e frias para diminuir a excitação. Tenho me sentido extremamente deprimida e já pensei em acabar com minha vida. Há dias que passo o tempo todo no quarto trancada, no escuro, me aliviando."*

Foto: Reprodução /coolstuffdirectory



## Anexo Q - Continuação

### **Sarah Carmen, britânica de 24 anos, tem até 200 orgasmos por dia.**

*"Tudo me excita dolorosamente. Pegar um trem, andar de carro, secar os cabelos, tudo isso me leva ao orgasmo. Tudo começou quando eu tinha 19 anos e o médico me receitou antidepressivos. Os remédios me deixavam excitada constantemente e depois de poucas semanas passei a ter orgasmos múltiplos, mesmo parando com o medicamento, nunca mais voltei ao normal. Tenho dificuldades de arrumar namorados que se sentem entediados com a situação. A única coisa que eu queria, era ter uma vida normal." Durante a entrevista ao jornal britânico, ela teve 5 orgasmos em 40 minutos." Foto: Reprodução/coolthingsworld*



### **Rachel, americana de Atlanta, chega a ter orgasmos a cada 30 segundos por 6-8 horas por dia.**

*"Aprendi a me controlar para tentar ter uma vida normal. Nos dias de maior controle, costumo ter 100 orgasmos. Sem autocontrole, é impossível sair de casa. O ciclo de centrifugação da máquina de lavar me deixa extremamente excitada, não posso ficar perto. No início ficava irritada quando meu marido me negava alívio, mas hoje, já aprendi a conviver com isso sem incomodá-lo." Foto: Reprodução/DailyMail*



### **Gretchen Molannen, 39 anos, tinha 50 orgasmos seguidos sem trégua.**

Infelizmente Gretchen foi encontrada morta em sua casa na Flórida, nos Estados Unidos, em dezembro de 2012. Aparentemente, ela cometeu um suicídio depois de lutar por mais de 15 anos contra um caso severo de PSAS. Uma semana antes da morte, Gretchen havia concedido entrevista a uma rede de televisão para contar um pouco mais sobre sua doença que, segundo ela, começou aos 23 anos.



## Anexo R

## Este homem ficou grávido por três vezes e se prepara para gerar o quarto filho

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 30 DE JULHO DE 2014

PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, HISTÓRIAS INCRÍVEIS, O CORPO HUMANO, VARIEDADES



763



24



9



Ele é mundialmente conhecido como *"O primeiro homem a ficar grávido no mundo!"*. Já sei o que você vai dizer: Isso é **impossível!!!!** Sim, é biologicamente impossível, eu concordo. Mas a notícia é verdadeira.

Thomas Beatie, hoje com 40 anos, é palestrante, escritor e advogado. Ele também é pai/mãe de três lindas crianças saudáveis. Na verdade Thomas nasceu como "Tracy Lehuani", em um corpo feminino, porém, é transexual masculino. O transexual, é uma pessoa que possui uma identidade de gênero diferente da designada ao nascimento, ou seja, homens que nascem em corpo de mulher e mulheres que nascem em corpo de homem. Esta é a condição de Thomas, que iniciou um tratamento hormonal e realizou uma mastectomia dupla tomando a partir daí uma aparência masculina. A cirurgia para troca de sexo só aconteceu em 2002, aos 28 anos. No entanto, todos os órgãos internos foram preservados, pois Thomas esperava ter um filho biológico.

Thomas mudou oficialmente o sexo, e tem todos os documentos como homem (certidão de nascimento, carteira de motorista, passaporte, etc...). Tudo ficou certo para que Thomas se casasse com sua namorada Nancy Gillespie. O casamento aconteceu em 2003 conforme as leis do estado do Havaí. Em 2005, mudou-se para Oregon, onde seu gênero foi aceito como masculino e o casamento foi considerado legal.

Thomas, sempre quis ter um filho biológico, e mesmo tendo o tão sonhado corpo masculino, preservou seus órgãos reprodutores para tal. A esposa de Thomas era estéril e ele se prontificou a gerar o filho do casal. Com esperma conseguido por doação, o casal teve seu primeiro bebê em 2008, a pequena Susan. Os holofotes do mundo se viraram para este casal quando foram divulgadas fotos de Thomas, um homem barbado, gerando uma criança (fotos).

Mais tarde o casal teve, pelo mesmo processo mais 2 meninos (Austin e Jensen). Em 2012, após 9 anos de casamento, Thomas e Nancy se separaram e ainda lutam pela guarda das crianças. Thomas, já se casou novamente e pensa em ter o quarto filho e só então "fechar a fábrica". Pode parecer incrível, mas o argentino Alexis Taborda, de 26 anos, também deu à luz a um bebê no final de 2013. Ele também é transexual, claro! O.o



Thomas faltando 4 semanas para o parto de um dos filhos. Foto: Reprodução/huffingtonpost



## Anexo R - Continuação



Thomas fazendo a barba com 8 meses de gravidez. Foto: Reprodução/[huffingtonpost](#)



Thomas sendo examinado pela obstetra antes do parto. Foto: Reprodução/[allvoices](#)



Thomas dando a luz ao terceiro filho (Jensen). Todos os partos foram naturais. Foto: Reprodução/[gettyimages](#)



Toda a família reunida antes do divórcio dos pais. Foto: Reprodução/[dailymail](#)

Fonte: [Wikipedia](#) & [dailymail](#)

## Anexo S

## Homem casado sente dores de estômago, vai ao médico e descobre... que é MULHER!

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 26 DE JULHO DE 2014

PUBLICADO EM: ANOMALIAS, CURIOSIDADES, HISTÓRIAS INCRÍVEIS, O CORPO HUMANO, VARIEDADES



526



23



11



Incomodado com dores de estômago seguidos de sangue na urina, o chinês Chen de 44 anos, morador da província de Zhejiang resolveu procurar um médico. Nenhuma revelação poderia ser mais bizarra do que descobrir, depois de diversos exames de imagens, como ultrassonografias e tomografias computadorizadas que ele era... UMA MULHER! Apesar de possuir o órgão sexual masculino funcional, o chinês apresenta o conjunto completo de órgãos reprodutivos femininos internos: útero, trompas, ovários.

Surpreso com a revelação, Chen diz que achou que sempre teve uma vida sexual normal, como homem em dez anos casado. No entanto, ele já havia percebido algo incomum, como a ausência do pomo de adão. Ele também revelou que desde a juventude encontrou sangue na sua urina, mas ele acabou ignorando o problema. Na verdade, segundo os médicos, o sangue que Chen visualizava de vez em quando ao urinar, era na verdade menstruação e as dores de estômago que o levaram ao hospital eram cólicas menstruais. Chen também reclamou que o sangramento sempre vinha acompanhando de inchaço nas pernas e cansaço, comuns de tensão pré-menstrual comum em muitas mulheres.



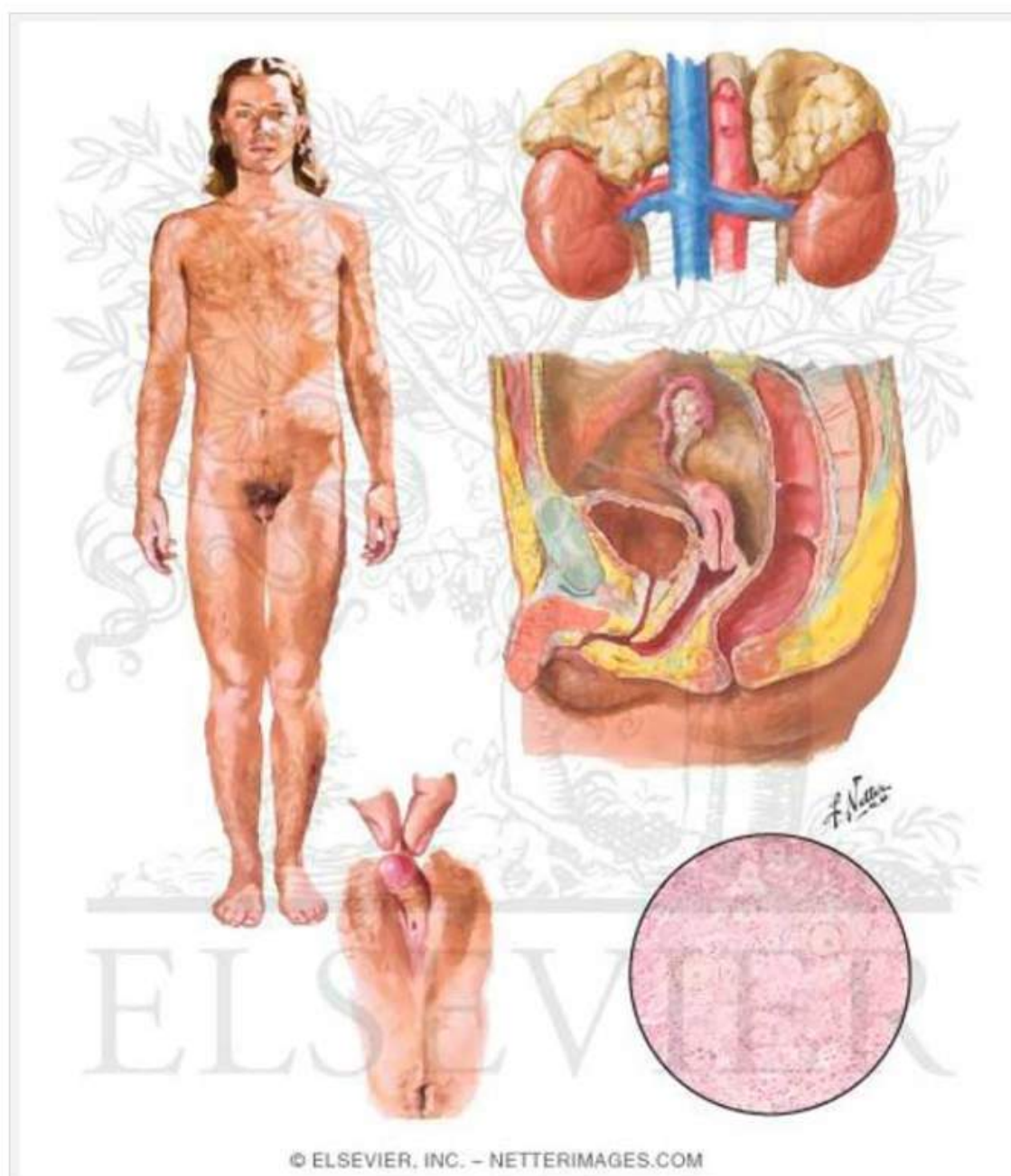
Os médicos afirmam que as dores de estômago de Chen são cólicas e o sangramento é menstruação. Foto:

Reprodução/DailyMail

Chen nasceu com "intersexo" (conhecido antigamente como hermafrodita), uma condição em que uma pessoa nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual, que não condiz com as definições comuns de sexo feminino ou masculino. Essa variação pode envolver ambiguidade genital, combinações de fatores genéticos e aparência e variações cromossômicas sexuais diferentes de XX para mulher e XY para homem. Chen, então, parece ser do sexo masculino, mas, na verdade, é geneticamente uma mulher.

Os médicos recomendaram que Chen procurasse tratamento hormonal para tentar estabelecer o sexo. Mas eles acreditam que o tratamento pode não ser eficaz em um adulto de 44 anos. Pelo menos por enquanto, Chen terá que conviver, apesar de possuir pênis, com cólicas, TPM e menstruação.

## Anexo S - Continuação



Este esquema mostra uma possível representação da condição apresentada por Chen. Foto: Reprodução/[netterimages](#)

Fonte: DailyMail

Like

526

Send

Tweetar

23

+1 11

Pin it



## Anexo T

## Entenda como ocorre a Cirurgia de Troca de Sexo

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 29 DE ABRIL DE 2014

PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO



Em seres humanos, a Cirurgia de Redesignação Sexual (CRS) é o termo para os procedimentos cirúrgicos pelos quais a aparência física de uma pessoa e a função de suas características sexuais são mudadas para aquelas do sexo oposto. É parte do tratamento para a desordem do transtorno de identidade para transgêneros.

No Brasil, a primeira CRS do país foi realizada em 1971 pelo cirurgião Roberto Farina. A polêmica gerada pelo caso o levou a ser condenado de "lesões corporais" pelo Conselho Federal de Medicina. Até 1997, cirurgias de mudança de sexo eram proibidas no Brasil. Pessoas que desejassem passar pela mesma eram obrigadas a recorrer a clínicas clandestinas ou, mais frequentemente, a médicos no exterior. Neste ano, casos confirmados de transexualismo puderam passar a se beneficiar da mesma com a aprovação pelo Conselho Federal de Medicina.

**Como se faz uma cirurgia de mudança de sexo?**

Com exceção: no Brasil, é preciso ter mais de 21 anos e encerrar 24 meses de acompanhamento médico até que a cirurgia seja autorizada - sem contar a fila de 10%. Entenda como são feitas as transições: desde a retirada do pênis até a criação de novos órgãos.

**HOMEM PARA MULHER**

**1 INTERVENÇÃO**  
Com anestesia geral, o cirurgião remove uma porção do testículo, deixando todo o resto dentro do corpo. O restante do testículo é deixado no corpo, mas não é mais funcional. O restante do testículo é deixado no corpo, mas não é mais funcional. O restante do testículo é deixado no corpo, mas não é mais funcional.

**2 VAZIO**  
O espaço onde o testículo estava, agora está vazio. O espaço onde o testículo estava, agora está vazio. O espaço onde o testículo estava, agora está vazio.

**3 CAVIDADE**  
O espaço onde o testículo estava, agora está vazio. O espaço onde o testículo estava, agora está vazio. O espaço onde o testículo estava, agora está vazio.

**MULHER PARA HOMEM**

**1 TESTOSTERONA**  
O hormônio da testosterona é injetado no corpo. O hormônio da testosterona é injetado no corpo. O hormônio da testosterona é injetado no corpo.

**2 CRESCIMENTO**  
O corpo começa a crescer. O corpo começa a crescer. O corpo começa a crescer.

**3 PSICOLOGIA**  
O corpo começa a crescer. O corpo começa a crescer. O corpo começa a crescer.

Cirurgia de Redesignação Sexual (CRS) é o termo para os procedimentos cirúrgicos pelos quais a aparência física de uma pessoa e a função de suas características sexuais são mudadas para aquelas do sexo oposto. Foto: Reprodução/superinteressante

Em animais como o peixe-palhaço, ocorre uma redesignação sexual, incluindo funções reprodutivas, sob circunstâncias especiais. Um cardume de peixes-palhaços é sempre constituído por uma hierarquia com uma fêmea no topo. Quando ela morre, o macho mais dominante muda de sexo e toma o lugar dela.

Confira o Infográfico (livre de censura) da [Superinteressante](#):

## Anexo T - Continuação

**HOMEM → MULHER**

Como se fosse Lego, desmonta-se o pênis original e usam-se as mesmas peças para construir um novo.

**INTERVENÇÃO**

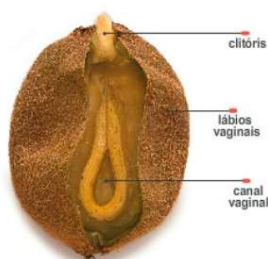
Com anestesia geral, o paciente recebe uma incisão que contorna todo o saco escrotal e o pênis - cuidando para não atingir o aparelho urinário, que será adaptado para que o paciente possa urinar sentado. No final, o corte vai se transformar em uma vagina com profundidade de 12 a 15 cm.

Como se fosse Lego, desmonta-se o pênis original e usam-se as mesmas peças para construir um novo.

**VAZIO**

Os testículos são retirados, para evitar a produção de hormônios masculinos. O tecido cavernoso do pênis também sai, restando apenas a glândula, presa por um fiapo de tecido nervoso, antes responsável pela ereção.

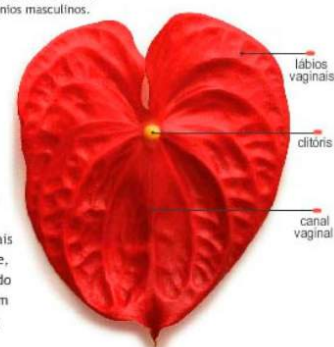
Como se fosse Lego, desmonta-se o pênis original e usam-se as mesmas peças para construir um novo.

**CAVIDADE**

A pele do pênis cobre o canal vaginal, dando sensibilidade à região, e a glândula vira uma espécie de clitóris. Assim, a nova mulher pode até chegar ao orgasmo. Prepúcio e escroto formam os lábios vaginais. Para que o buraco não feche, é preciso usar com frequência um alargadora - ou praticar muito sexo com penetração. "Vinte minutos diários é o mais aconselhável", diz Preecha Tiewtranon, tailandês considerado o papa da troca de sexo.

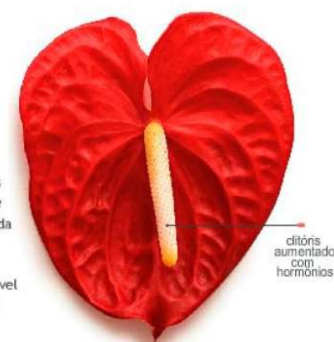
**MULHER → HOMEM**

Bem mais raro que o processo anterior, este se baseia no aumento do clitóris por causa de hormônios masculinos.

**TESTOSTERONA**

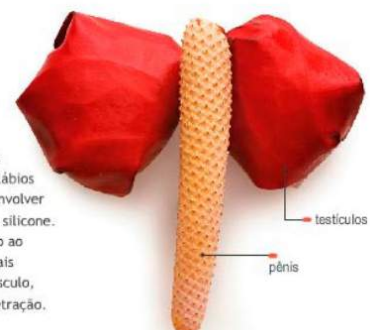
A paciente tem de tomar diariamente 200 mg de testosterona. Os resultados são: fim da menstruação, voz mais grave, mais massa muscular, às vezes calvície, mais pelos e o desenvolvimento do clitóris - que tem a mesma origem embrionária do pênis (só que um cresce e o outro não).

Bem mais raro que o processo anterior, este se baseia no aumento do clitóris por causa de hormônios masculinos.

**CRESCIMENTO**

Quando o clitóris alcança 6 cm, o órgão é "despregado" do púbis para que possa ter autonomia de movimento. A uretra é aumentada com tecido extraído da antiga vagina. "O paciente sai daqui urinando em pé", diz a responsável pelo ambulatório de transexuais do Hospital das Clínicas de São Paulo, Elaine Costa.

Bem mais raro que o processo anterior, este se baseia no aumento do clitóris por causa de hormônios masculinos.

**PSICOLOGIA**

Os testículos são formados com o tecido dos grandes lábios vaginais, que passarão a envolver duas próteses esféricas de silicone. Fica bem parecido. Quanto ao neopênis, o resultado é mais psicológico: além de minúsculo, quase não serve para penetração.

Fonte: MundoHB (Mika da Silva)

## Anexo U

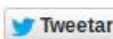
## Como seriam os relacionamentos humanos se nós usássemos rituais de acasalamento dos animais?

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA – 26 DE MARÇO DE 2014

PUBLICADO EM: ANIMAIS, CURIOSIDADES



764



25



6



Embora uma parcela da sociedade se preocupe muito em ditar regras para isso, na natureza os animais apenas seguem seus instintos na hora de encontrar parceiros. O site [humoncomics](#) pensou em como seriam os relacionamentos humanos se nós seguissemos os rituais de acasalamento de algumas espécies de animais e recriou alguns tipos de aproximação entre duas ou mais pessoas de acordo com o comportamento do mundo animal. A tradução para o português é do [Catraca Livre](#). Confira o resultado abaixo.

### Hiena-malhada



Muitos animais invertem os papéis de gênero com os quais estamos acostumados, mas as hienas-malhadas fazem isso ao extremo. As fêmeas são maiores e mais agressivas que os machos. Elas têm pseudo-pênis que também ficam eretos e são maiores do que os dos machos. Mas, como a ereção representa fraqueza, elas se mantêm moles enquanto os machos só ficam eretos para mostrar submissão a suas fêmeas dominadoras.

### Aves-do-paráíso



Os machos são mais coloridos do que as fêmeas e passam boa parte do seu tempo se exibindo por aí, realizando complicadas performances para conquistá-las. As fêmeas escolhem seu parceiro segundo sua aparência e sua desenvoltura, e a competição cria coreografias cada vez mais inovadoras.

## Anexo U - Continuação

### Bonobo



Chimpanzés e bonobos são os primatas mais próximos dos humanos. Mas, enquanto o tamanho grande do chimpanzé conta na hora de descolar uma cópula, na sociedade dos bonobos são as fêmeas menores que escolhem e controlam seus parceiros – usando o sexo. Na verdade, tudo é uma desculpa para o sexo entre bonobos. Se duas fêmeas estão querendo o mesmo macho, elas copulam uma com a outra em vez de lutar por ele. Se duas mães brigam, elas esfregam seus clitóris para fazer as pazes. Se um macho fica agressivo, a fêmea lhe dá uma cópula rápida para tranquilizá-lo. O sexo, aqui, é o mais casual possível e, ao contrário, dos humanos e chimpanzés, os bonobos preferem copular do que pensar em tabus.

### Acará-disco



O acará-disco cuida bem de seus filhos, principalmente o macho. A monogamia é padrão e a fêmea protege os ovos enquanto o macho a protege. Os pais alimentam os filhos com líquidos até eles conseguirem comer comidas sólidas. Depois, os criam. O peixe de estimação ideal para quem crê na família nuclear.

### *Metellina segmentata*

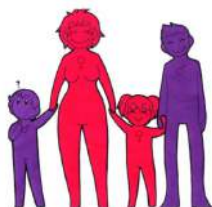


Muitos machos de muitas espécies de aranha têm medo de copular com as fêmeas, devido a sua agressividade. Os da espécie *Metellina segmentata* nem tentam se não tiverem certeza absoluta que elas estão bem tranquilas. Eles se esgueiram sobre elas e cuidadosamente as envolvem com uma teia, numa espécie de bondage selvagem. Assim que o macho acaba o serviço, a fêmea se solta e ele tem que sair correndo para não ser morto.



## Anexo U - Continuação

### Formiga



As rainhas copulam com um pequeno grupo de machos e guardam o esperma deles para usar depois. Deste estoque de esperma saem as operárias e guerreiras para a colônia, todas fêmeas. Se ela escolhe não colocar esperma em um óvulo, nasce um macho. Ou seja, é quase impossível que uma formiga tenha um pai.

### Cavalo-marinho



No mundo dos cavalos-marinhos, as fêmeas têm um pênis carregado de ovos. Elas o inserem nos machos, que ficam grávidos. Acredita-se eles tenham evoluído assim para que o macho protegesse seus filhotes enquanto a fêmea se preocupasse apenas em produzir mais ovos. Eles copulam só uma vez na vida com o parceiro, mas são bem românticos. A fêmea visita o macho grávido todos os dias e encosta nele apenas para passar um tempo juntos.

### Tetraz



Durante o acasalamento dessa ave se exibem para as fêmeas. É comum encontrar dois deles brigando, mas a briga é falsa e serve apenas para que eles exibam suas penas um para o outro e para a fêmea.

## Anexo U - Continuação

### Quiuí



O quiuí é o pássaro que põe o maior ovo (em relação ao seu tamanho) dentre todas as aves. É tão grande que quase ocupa todo o corpo da fêmea e esmaga tanto os órgãos dela que ela quase não consegue respirar ou se mover direito. Depois que ela o põe pra fora, o macho assume e choca até nascer um novo quiuí. Ah, a “gravidez” da fêmea dura de 63 a 92 dias.

### Sagui



Esses macacos podem ter todas as combinações possíveis de famílias. Desde um macho com uma fêmea até onde a imaginação permitir. Mesmo assim, a mais comum é uma fêmea com dois machos. E isso faz sentido porque elas quase sempre geram gêmeos. Os dois companheiros cuidam dela durante a gravidez e, após o nascimento, cuidam cada um de um filhote.

### Lagarto *Uta*



Esse gênero de lagarto tem três tipos diferentes de machos para três táticas diferentes, o de papo azul, o de papo amarelo e o de papo laranja. O laranja é cheio de testosterona e vive para ter o maior território e o maior número de fêmeas possível. O azul é menor e só procura uma fêmea para a vida. O amarelo é pequeno, fisicamente parecido com uma fêmea, e não tem território nem perde muito tempo atrás de fêmeas – acasala com uma ou outra que acabam sendo ignoradas pelos laranjas.

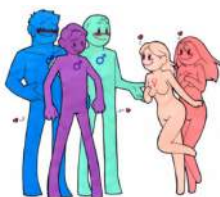
## Anexo U - Continuação

### Sépie



Quando é época de acasalar, a sépie maior e mais forte encontra as melhores pedras para colocar seus ovos. As fêmeas chegam na pedra e conferem se o macho é realmente grande e bolado. Se ela o escolhe, ele a protege para ter certeza que ninguém mais vai ficar interessado. Mas, na verdade, as fêmeas usam os machos grandes para testarem os menores. Se eles conseguirem enganar os grandões (disfarçando-se de mulher, muitas vezes) e roubar as fêmeas, ganham uma cópula.

### Ave Combatente



O combatente é uma ave diferente. Os machos se exibem mais para outros machos do que para as fêmeas e também há três tipos distintos com comportamentos variados. O mais comum é o "territorial", que é grande e agressivo e passa a maior parte do tempo lutando. Há também o "satélite", que também é grande, mas mais colorido e menos agressivo e atrai mais fêmeas (inclusive para o territorial). O "faeder" (forma aberrante masculina) é menor que os outros e parece uma fêmea, tanto que gosta de acasalar com elas e com eles. Pensava-se que ele era confundido com uma fêmea pelos outros machos, mas os cientistas descobriram que eles gostam da presença do faeder, pois sua homossexualidade atrai um número maior ainda de fêmeas – e ele é o campeão de cópulas, afinal.

Fonte: [Catraca Livre](#) e [9GAG](#)



764



25



6



## Anexo V

## Homem X Mulheres: conheça as principais diferenças físicas

POR KARLLA PATRÍCIA - BIÓLOGA - 18 DE DEZEMBRO DE 2011

PUBLICADO EM: CURIOSIDADES, O CORPO HUMANO



204



12



7



*"Dimorfismo sexual" é o termo científico para as diferenças físicas entre machos e fêmeas de uma espécie. Temos muitos exemplos de dimorfismo sexual no mundo animal. Os pavões são um ótimo exemplo: enquanto as fêmeas são sem graça os machos exibem uma plumagem colorida, cada uma mais incrível que a outra. Enquanto isso homens e mulheres são fisicamente mais semelhantes do que diferentes. No entanto, além dos órgãos genitais, há algumas diferenças fundamentais projetadas durante a evolução para cada sexo com o objetivo reprodutivo, principalmente.*

**Peito X seios** → Quando se fala de diferença entre homens e mulheres os seios/peito pode ser uma das primeiras coisas que vem a cabeça. As mulheres são os únicos primatas que possuem os seios salientes, mesmo quando não estão amamentando. A maioria dos cientistas acredita que as estruturas molduradas por gordura funcionam como uma estratégia da evolução atrair e guiar os homens para o sucesso evolutivo. Já os homens, possuem apenas os mamilos, que são estruturas codificadas pelos genes antes mesmo de decidir o sexo.



**Pomo-de-adão X Pescoço liso** → Homens e mulheres possuem uma cartilagem em volta laringe que serve para proteger principalmente as cordas vocais. Nos homens, os pedaços dessa cartilagem se projetam mais, formando o pomo-de-adão que faz com que a voz seja mais grossa. O tom de voz mais forte nos homens por causa da testosterona, em que os níveis são indicadores de qualidade genética e aptidão sexual. Na evolução, as mulheres selecionaram aqueles homens com vozes mais fortes para produzir uma prole saudável.



## Anexo V - Continuação

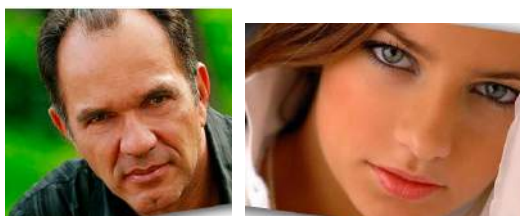
**Peludos X Pele lisa** → Enquanto mulheres tem uma pele lisa com pelos limitados a região genital, alguns homens exibem uma verdadeira cabeleira pelo corpo, inclusive no rosto. Bem, isso também é culpa dos hormônios sexuais (andrógenos). Mais uma vez a mulher selecionou o que considerava mais atraente sexualmente e assim, conforme sugeres os psicólogos evolucionistas, homens barbudos e com pelos pelo corpo tornaram-se predominantes. Esta atração também predominava pois funcionava como um indicativo de maturidade sexual. Por outro lado, os hormônios que desenvolvem os pelos no corpo do homem, também os leva a ficar careca futuramente.



**Músculos X Curvas** → Em geral os homens são mais musculosos que as mulheres. Enquanto o metabolismo masculino queima calorias mais rápido, o feminino tende a converter mais o alimento em gordura. Elas armazenam a gordura extra em seus seios, coxas, nádegas, e como a gordura subcutânea na camada inferior da pele formando a escultura feminina que conhecemos hoje. Mulheres foram planejadas para gerar e parir e por isso tem quadris mais largos e mantem uma gordura extra para sustentar a gravidez. Os homens possuem o benefício de ser o mais forte e ágil possível, tanto em sua busca por alimento, e quando em competição com outros homens.



**Traços fortes X traços delicados** → Quanto mais testosterona um homem tem, mais forte a testa, maçãs do rosto e linha da mandíbula. Enquanto isso, quanto mais estrogênio a mulher tem, mais cheios o rosto e os lábios e maior as sobrancelhas. Assim, os hormônios sexuais controlam as também as características faciais entre macho e fêmea. Essas diferenças também são resultado da seleção natural. Hoje, estudos comprovam que quando as mulheres estão a procura de um parceiro em longo prazo, elas tendem a preferir homens com características mais afeminados, que têm menos testosterona e são susceptíveis de ser parceiros mais fiéis que ajudam no cuidado com o prole.



FONTE